

Ana Ilina Salgado Almeida

# OS CAFÉS DA BAIXA DO PORTO

Materialidade, uso e significado do espaço construído

Orientador: Professor Virgílio Borges Pereira

FAUP 2013





## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Virgílio Borges Pereira por todo o acompanhamento na realização desta dissertação e pelo conhecimento transmitido.

Ao meu pai, António Salgado Almeida, e à minha mãe, Alevtina Ilin, pelo apoio incondicional no meu percurso até aqui.

Ao João Abreu e à Maria Luísa Abreu pela ajuda imprescindível.

A toda a minha família e a todos os meus amigos que me apoiaram, incentivaram e ajudaram, contribuindo cada um à sua maneira para que este trabalho se concretizasse.

Dedico-o à Teresa do Alto, minha avó.



# RESUMO

Um espaço, construído, conta histórias em tempos específicos da sua existência. Na sua construção e nas suas qualidades físicas este é influenciado por um contexto espacial mais vasto, com um carácter socio-cultural particular a um determinado tempo. Uma vez construído, a sua dimensão espacial dá lugar a vivências, contactos sociais, comunicações, transmissão de ideias – o espaço constitui-se como um núcleo de socioculturalidade específica, e que por sua vez se vai reflectir na própria (re)definição do meio envolvente. É o objectivo desta dissertação a compreensão do espaço a partir das relações que se estabelecem entre a sua materialidade e a dimensão extra material que lhe está adjacente e que este comporta.

A partir de uma análise de espaços de *cafés* (e estabelecimentos similares de venda e consumo de bebidas) situados na Baixa portuense - território que manteve de um modo mais constante a presença destes espaços desde a sua emergência na cidade - que pelo seu carácter lúdico - o que permite permanências informais, menos rígidas e por isso mais autênticas na tradução de modos de ser, estar e comunicar - pelo seu carácter semipúblico - facultando tanto uma vasta e variada absorção de públicos como a sua observação e análise de um modo controlado - e pelo seu inegável vínculo com as tendências e mutações culturais, pretende-se, então, entender como os espaços se constroem na procura de resposta a necessidades específicas, de meios e grupos socioculturais particulares e como, enquanto espaços construídos, lhes respondem – que vivências e trocas socioculturais nele, de facto, se processam - e qual o seu papel determinante na (re)definição de um território ou de uma cultura.

Depois de uma compreensão do território de estudo e de uma abordagem sobre a importância do *uso* na arquitectura – conceito que envolve os modos gerais de interacção entre o homem, o domínio sociocultural, e o espaço por este vivido – parte-se para um estudo empírico baseado no levantamento de informações, primeiro à escala territorial e depois, mais pontualmente, dos espaços dos cafés e do seu carácter físico e ambiente humano – para se sistematizarem e analisarem comparativamente no sentido de se entenderem as relações entre os diversos “cafés” com o território e entre si, e de compreender o modo como se ligam as materialidades com as dimensões humanas e que papel possuem estes contentores socioculturais na (re)estruturação do meio em que se encontram.



# ABSTRACT

A built space tells stories in specific times of its existence. In its construction and physical qualities, this space is influenced by a vaster spatial context, with a sociocultural nature particular to a certain time period. Once built, its spatial dimension gives rise to life experiences, social contacts, communications, conveying of ideas; space becomes a nucleus of specific socioculturality, which in turn reflects itself on the very (re)definition of the surrounding environment. This thesis aims at understanding space taking as reference the relations that are established between its materiality and the extra adjoining material dimensions that it encompasses, and how these relations can be found within a particular context.

By analyzing coffee shops (and similar premises used for the sale and consumption of drinks) located in Oporto's downtown (a territory that more continuously has preserved the presence of these spaces since they emerged in the city) that by their recreational nature (allowing informal and less rigid continuities, and thus more authentic in translating ways of being and communicating), by their semipublic nature (providing both a vast and assorted absorption of publics and its observation and analysis in a controlled way), and by their undeniable bond with cultural trends and mutations), the final aim is to understand how spaces are built in order to try to address specific needs of particular sociocultural environments and groups, and how—once built—they answer them (which life experiences and sociocultural exchanges are indeed processed within them), and the relevance of their role in (re)defining a territory or a culture.

After understanding the territory under study, followed by an approach on the importance of **usage** in architecture (a concept that comprises the general modes of interaction between man, sociocultural context and the space in which he lives), there follows an empirical study based on the gathering of information, firstly at the territorial scale and then, more specifically, of the coffee shops spaces and their physical nature and human ambience. This information is then systematized and comparatively analyzed in order to understand the relations between the diverse 'coffee shops' and the territory and among themselves, and also to try to understand how do materialities connect themselves with the human dimensions, and what role do these sociocultural 'containers' play in (re)structuring their environment

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
------------------	---

## 1ª PARTE

CAPÍTULO 1. ARQUITECTURA E USO .....	5
--------------------------------------	---

1.1. PROCESSOS DA RELAÇÃO ENTRE TRANSFORMAÇÃO/CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO, ESPAÇO CONSTRUÍDO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL .....	5
1.2. NOÇÃO DE USO .....	7

CAPÍTULO 2. O CAFÉ COMO ESPAÇO-TEMPO DE ANÁLISE .....	11
---	----

2.1. O CAFÉ COMO LUGAR SOCIAL E CULTURAL POR EXCELÊNCIA, INTERMEDIÁRIO ENTRE OS MEIOS PRIVADO/DOMÉSTICO E PÚBLICO/LABORAL .....	11
---	----

CAPÍTULO 3. COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO .....	15
---	----

3.1. DELIMITAÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE ESTUDO .....	15
3.2. APONTAMENTO HISTÓRICO DA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO E A ORIGEM DOS CAFÉS .....	17

## ESTUDO EMPÍRICO. 2ª PARTE

CAPÍTULO 4. LEVANTAMENTO FUNCIONAL DA BAIXA DO PORTO .....	29
--	----

4.1. METODOLOGIA SOBRE O LEVANTAMENTO FUNCIONAL .....	29
4.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO FUNCIONAL - Caracterização e sistematização de subterritórios .....	32

CAPÍTULO 5. ELEMENTOS ORGANIZADORES DOS ESPAÇOS-TEMPOS .....	39
--	----

5.1. OS ESPAÇOS-TEMPOS INCLUÍDOS NO ESTUDO .....	39
5.2. CARACTERÍSTICAS LEVANTADAS. A importância das convenções na constituição dos espaços .....	40
5.2.1 DA MATERIALIDADE ESPACIAL - Elementos físicos convencionais organizadores do espaço .....	41
5.2.3 DA VIVÊNCIA ESPACIAL - Ambiente humano observável .....	44
5.2.3 O TEMPO .....	50

CAPÍTULO 6. CONCEPTUALIZAÇÃO DOS CAFÉS .....	55
--	----

6.1. SISTEMATIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS, ANÁLISE E CONSTATAÇÕES .....	55
---	----

CAPÍTULO 7. CASOS PARTICULARES E TENDÊNCIAS .....	79
---	----

7.1. O VALOR DA IMAGEM .....	79
7.2. A DESVALORIZAÇÃO DA IMAGEM .....	81
7.3. RELAÇÕES PRÓXIMAS ENTRE O MEIO FÍSICO E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO .....	83
7.4. ESPAÇOS MULTIDISCIPLINARES. Os cafés de funcionalidades múltiplas .....	87
7.5. A PROCURA DOS SIGNOS DO PASSADO .....	89

8. SÍNTESE CONCLUSIVA .....	95
-----------------------------	----

ANEXOS .....	101
--------------	-----

1. FICHAS .....	103
2. PLANTAS. OS CAFÉS. CARACTERÍSTICAS .....	139
3. PLANTAS LEVANTAMENTO FUNCIONAL .....	161
4. NUMERAÇÃO DOS CAFÉS .....	171
5. TABELAS CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS .....	175
6. OUTROS .....	197

BIBLIOGRAFIA .....	207
--------------------	-----

“Já era tarde. Toda a gente saíra do café, excepto um homem de idade (...). Os dois criados que estavam dentro do café sabiam que o velho se encontrava já um pouco tocado e conquanto fosse um bom cliente sabiam também que se o homem se emborrachasse demasiado sairia sem pagar. Por isso mantinham-se de olho alerta. (...)

- (...)Eu sou daqueles que gostam de ficar até tarde no café – disse o criado mais velho. – Com todos aqueles que não têm vontade de ir para a cama. Com todos aqueles que precisam de luz à noite.

- Pois eu quero ir para casa deitar-me.

- Somos de raças diferentes, nós (...) Todas as noites me custa fechar porque pode haver alguém que precise deste café.

- Hombre, há para aí tabernas abertas toda a noite.

- Não estás a compreender. Isto é um café asseado e agradável. Bem iluminado. A luz é muito boa e, além disso, agora há a sombra das árvores.

- Boa noite – disse o criado mais novo.

- Boa noite – retribuiu o outro.

Fechando a luz eléctrica, continuou a falar consigo próprio. «É a luz, claro, mas também é preciso que o lugar seja limpo e agradável. Música não se quer. Claro que não se quer música. Nem se pode estar a um bar com dignidade, embora seja o mais indicado para certas horas. (...) Sorriu-se e entrou num bar, onde se postou diante de uma reluzente máquina de café. (...)

- A luz é bastante forte e agradável, mas o bar não é um sítio recatado – disse o criado.(...)

E saiu. Não gostava nem de bares nem de tabernas. Um café bem iluminado e limpo era outra louça.”

in Ernest Hemingway - *Um Sítio Limpo E Bem Iluminado – A Clean, Well-Lighted Place*



# INTRODUÇÃO

Desde há muito tempo que se precisa do café, pelos mais diversos motivos. Seja pela “procura de refúgio à azáfama da vida quotidiana na cidade, como pausa na vida laboral, escapatória à vida doméstica, procura de convívio, discussões, tertúlias, troca e recolha de informações, pela necessidade de se encontrar um local de trabalho e de estudo alternativo aos espaços domésticos, laborais ou académicos, ou simplesmente como espaço de libertação de responsabilidades, de ócio e festividade” (Ferreira Mendes, 2012). A escolha da frequência dos cafés e similares, nas suas mais variadas subtipologias e nos seus mais variados tempos de funcionamento, prende-se com preferências pessoais, mas também e sobretudo com referências identificáveis com aspectos sociais e culturais. Por outro lado, a sua existência vem a marcar o carácter do espaço mais amplo em que se inserem, nas mesmas dimensões socioculturais e, ciclicamente, nas formas de construção e organização espacial, que se fundamenta nesses aspectos humanos e imateriais.

No Porto, esta prática do consumo de café nos estabelecimentos a esta destinados, e todos os factores sociais e culturais que lhe estão adjacentes, encontra-se enraizada também desde há longos tempos e é, ainda hoje, fortemente integrada nos hábitos quotidianos da população (Borges Pereira, 1995), assim como o seu território se vê influenciado, física, social e culturalmente pela presença destes estabelecimentos.

Partindo destes espaços-tempos peculiares, o presente trabalho propõe-se a explorar a dimensão social e cultural da arquitectura. Para além das questões formais, construtivas ou estéticas, o seu vínculo com a esfera sociocultural é evidente e um dos paradigmas fundadores da disciplina. Interessar-nos-á, então, uma indagação com o objectivo de compreender o processo em que o espaço construído interage com um contexto específico abrangente, físico e sociocultural, enquanto moldado por este e simultaneamente seu reinventor, explorando todo o tipo de espaços construídos que entram aqui em jogo – sejam construções espaciais eruditas, entendidas aqui como aquelas concebidas pelos profissionais da construção espacial (arquitectos e outros profissionais do espaço), sejam as construções de origem popular – as construções vernaculares, anónimas e espontâneas. Se as construções espaciais levadas a cabo pelos profissionais se revelam importantes para o estudo por terem especial atenção em seguir as tendências culturais mais reconhecidas ou mesmo até a preocupação em romper com paradigmas culturais dominantes e explorar novos valores, sejam conceptuais ou estéticos, redefinindo assim os modelos culturais da sociedade em que se inserem, também as construções populares se mostram de grande importância. Nas **construções populares** encontra-se uma autenticidade que pode, por vezes, estar ausente no outro tipo de construções. Hábitos, normas, tradições, convenções, modelos culturais, manifestar-se-

O ESPAÇO  
CONSTRUÍDO  
COMO FOCO DE  
ESTUDO –  
ESPAÇO ERUDITO  
E POPULAR

-ão aqui de um modo mais sincero do que na construção erudita, presa muitas vezes a factores distantes desta autenticidade de resposta a necessidades humanas mais elementares – seja pela afirmação da figura de autor, e do seu individualismo, que sobrepõe as suas aspirações, que muitas vezes são de preocupação puramente estética, seja porque segue os seus próprios modelos culturais e sociais, que se repercutem na composição do espaço, e que poderão estar desfasados dos modelos dos utilizadores a que este se destina. O que nos interessa aqui vai além das qualidades estéticas de um espaço (qualidades que serão sempre discutíveis de qualquer modo, mesmo no seio da arquitectura erudita), e estendem-se para o valor antropológico que este possa conter (Pinson, 2002). Numa legitimação da construção espacial popular, Frank Lloyd Wright veio mesmo a contradizer as equiparações habituais e simplistas entre a arquitectura erudita e a beleza, por um lado, e a arquitectura popular e a mediocridade plástica, por outro. Para ele, o espírito de qualquer coisa, a autenticidade, a verdade, é o essencial, tal como o é a concepção de uma arquitectura susceptível a ser vivida: “*Todas as construções saídas da terra e erigidas sobre a terra são o reflexo do espírito humano e dos seus diferentes entendimentos, vastos ou medíocres*” (Wright, 1953 in Pinson, 2002:31-32). A **arquitectura anónima** poderá ser aquela que mais profundamente se liga à permissividade de vivência espacial e às necessidades mais profundas e naturais dos homens (Pinson, 2002) e é esta vivência do espaço que se pretende compreender neste trabalho.

Neste sentido, a presente dissertação foi dividida em duas partes: uma de base teórica e uma referente a uma investigação empírica.

A primeira parte dirá respeito a uma aproximação aos temas que serão explorados, a uma compreensão do modo de estruturação do território em questão e à importância dos espaços-tempos aqui explorados.

ESTRUTURA DA  
DISSERTAÇÃO

No primeiro capítulo procedeu-se, inicialmente, à compreensão da faculdade do espaço construído como transformador de um território e de uma cultura e, mais adiante, à aproximação do tema do **uso** na arquitectura e da sua utilidade para o desenvolvimento do trabalho, na medida em que sintetiza e permite descortinar a dialética entre a materialidade do espaço construído e as dimensões sociais e culturais que este contém e que dele emanam.

O segundo capítulo refere-se à justificação do café como espaço-tempo privilegiado para a análise pretendida, ao constituir-se como um lugar social e cultural por excelência, intermediário entre os meios privado e doméstico, e o público e laboral (Eleb, Depaule, 2005), seguindo-se de um terceiro que formaliza uma compreensão do território específico da análise – a Baixa do Porto. Aqui pretende-se observar como se vem estruturando o território, do ponto de vista espacial, social e cultural, incidindo sobre a sua história relativamente recente, entre meados do século XVIII, altura das primeiras transformações significativas na Baixa, e os tempos actuais, e como se vão enquadrando as presenças dos cafés ao longo do tempo e do espaço.

A segunda parte do trabalho é reservada ao estudo empírico sobre as formas como se estrutura actualmente o território e sobre os espaços-tempos dos cafés nele presentes. O quarto capítulo continua o tema do capítulo anterior. Trata dos modos como se estrutura o território na actualidade, agora observado a partir de um levantamento funcional do espaço urbano, sistematizado em plantas - instrumentos de análise que permitem descortinar homogeneidades e diferenças, e considerar uma subdivisão territorial no espaço de estudo geral. Após uma breve explicação da metodologia seguida para o estudo dos cafés no seu território, assente em dois momentos – um abrangente de toda a gama de cafés nele situados, e outro referente a uma observação mais pontual de uma selecção de alguns espaços - segue-se num quinto capítulo que sintetiza já parte das informações levantadas através do trabalho de campo, e enumera e explica os elementos convencionais que constituem um espaço de café, assim como os modos convencionais sob os quais se formulam os ambientes humanos nele contidos. Prossegue a dissertação, no sexto capítulo, com as reflexões e sistematizações que foram possibilitadas pelo trabalho de observação mais abrangente e mais directa, organizada consoante as variantes dos espaços existentes na baixa, complementando-se com o sétimo e último capítulo que procura desvendar tendências espaciais e socioculturais, assentes em generalidades ou particularidades observadas.

Por fim, são apontadas algumas conclusões sobre a relação entre a materialidade espacial e as dimensões socioculturais bem sobre o impacto dos espaços-tempos no território, apontando-se a utilidade deste trabalho para a prática da arquitectura e do planeamento do território.

# 1ª PARTE

# CAPÍTULO 1.

## ARQUITECTURA E USO

### 1.1. PROCESSOS DA RELAÇÃO ENTRE TRANSFORMAÇÃO / CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO, ESPAÇO CONSTRUÍDO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

Como se processam, tal como colocaria Amos Rapoport, “os mecanismos que enlaçam o homem e o seu meio físico através de uma inter-relação biunívoca?” (Rapoport, 1978). De que modo estão os aspectos humanos implicados com a configuração dos seus ambientes espaciais, e até que ponto estes, com um dado carácter material, afectam os homens que os erigiram?

De um lado, neste processo, temos os **agentes transformadores/criadores de espaço**, e no presente estudo, se todos os espaços construídos interessam, consideraremos também todos os que possam intervir na transformação/construção espacial – **todos os seres humanos**. Todo e qualquer ser humano possui a capacidade de transformar e criar espaço, e a dada altura da sua existência o concretiza. Como referiu Fernando Távora, “no processo de criação das formas, de organização do espaço, há lugar para todos” e por isso deve ser esse facto aqui considerado (1).

OS AGENTES,  
TRANSFORMADORES  
/ CRIADORES E  
UTILIZADORES DO  
ESPAÇO

Estes agentes intervenientes no espaço – os homens – possuem determinadas características que afectam a forma através da qual os meios construídos ganham existência. Características que estes possuem enquanto seres pertencentes a uma **espécie**, enquanto **indivíduos** e ainda enquanto **seres sociais** e pertencentes a uma dada cultura.

O homem envolve-se na transformação do espaço a partir de actividades e processos mentais mínimos, por forma a responderem às necessidades mais básicas, realmente humanas. Enquanto **seres individuais**, deve considerar-se a sua capacidade sensorial, ou seja, como o homem, enquanto ser activo e explorador dos meios em que se encontra, os percebe sensorialmente e lhes dá um significado. Esta atribuição de significado aos meios que habita, através da percepção, compreensão e interpretação feita pelo homem sensorial, estabelece-se na sua pertença a um grupo particular de indivíduos e não pode, por isso, ser desvinculada de uma certa experiência social – que lhe incute valores particulares, crenças e formas de entender esse mundo (Rapoport, 1978).

---

(1) A este propósito cita-se Fernando Távora (2004:15-19): “(...) a organização do espaço como actividade pertence a todos os homens e não apenas a alguns, o mesmo é que dizer que a organização do espaço é obra de participação de todos os homens, em graus diferentes de intensidade e até de responsabilidade, mas, de qualquer modo, obra de que nenhum homem pode eximir-se.”  
Ainda, sobre as “formas criadas pelo homem”, há a “impossibilidade de distinguir claramente «formas artísticas» de «formas não artísticas»” e “a dificuldade de hierarquizar a importância relativa de tais formas.”

Neste sentido, o homem é um **ser social**: pertence a grupos sociais de variadas dimensões – famílias, instituições, culturas e subculturas. Esta pertença afecta os seus papéis sociais, as suas formas de comunicar, de comportamento em relação a estruturas sociais, às suas hierarquias de valores e também as formas de construir, de utilizar e de transformar espaço (Rapoport, 1978). No centro do processo de construção espacial e de influência sobre o território em que se insere, numa posição intermediária, encontra-se então o **espaço construído** - mediador entre valores simbólicos e esquemas de representação (Pinson, 2002). O **espaço construído** consiste num meio em que se encontram organizados, em interacção e inter-relação, o próprio **espaço** através de elementos físicos configuradores, mas também o **tempo**, a **comunicação** que aí se vem a desenvolver – comunicação entre o espaço material e os homens que o experimentam e comunicação dos homens entre si – e, por conseguinte, **significados**, extraídos desse espaço enquanto “*sistema simbólico, meio de comunicação verbal e não-verbal, que surge como resultado e ao mesmo tempo indicadores de situações e identidades socioculturais*” (Rapoport, 1978).

Na medida em que vai determinar uma organização material, do tempo, da comunicação e de significados, o processo de construção espacial é portanto um **processo cultural**. Resulta da aplicação de uma série de eleições entre várias alternativas, em tentativas de dar expressão à imagem de um meio ideal, baseadas num conjunto de regras, regularidades, relacionadas sistematicamente com uma determinada **cultura** e/ou **subcultura** – sistematizações de crenças ideais e valores, pontos de vista sobre o mundo em geral, aprendidos, transmitidos e partilhados por um grupo de pessoas. Esta noção de grupo cultural, ou subcultural, ultrapassa a noção de grupo social, mais limitada, ainda que as condições sociais possam estar envolvidas de algum modo na definição dos primeiros (Rapoport, 1978).

Por sua vez, estas culturas e subculturas, que determinam modelos, esquemas mentais, “*de um enraizamento de certo modo profundo nos grupos humanos*” (Pinson, 2002), vêm a estruturar, numa dimensão mais utilitária, uma série de práticas quotidianas - os **estilos de vida** – que poderão evoluir e transformar-se de um modo mais acelerado que os modelos culturais, e que, apesar de serem o espelho destes, e de não se lhes oporem nem os perturbarem, poderão ser contudo seus factores de modificação (Pinson, 2002).

Os estilos de vida relacionam portanto esses modelos enraizados com normas de conduta. Consistem em guias de comportamento individual e dos papéis sociais. São manifestos em **habitus**, actos habituais, comportamentos ritualizados, simbólicos, próprios aos indivíduos enquanto pertencentes a grupos, e funcionam como meios de adaptação e interacção no seio desses grupos e nas relações com os meios físicos. Os estilos de vida, e os hábitos que lhes são inerentes, determinam as selecções respeitantes à habitação, à diversão, aos ciclos temporais de actividades, aos modos de relacionamento, preferências diversas na vida quotidiana (Rapoport, 1978) e, portanto, também aos modos de construção de espaço, na medida em que o acto de construir/transformar é ele próprio um acto de selecção, de

entre várias alternativas possíveis, adequado aos esquemas simbólicos do agente transformador, ainda que de um modo nem sempre consciente. Os hábitos, gerados pelos estilos de vida, constituem portanto uma das variáveis essenciais na organização espacial, de qualquer escala, desde o mais pequeno espaço a completos territórios urbanos. E apesar de uma certa constância de elementos e características invariáveis que se prendem às estruturas universais do homem enquanto pertencente a uma espécie, há toda uma multiplicidade de formas de vida e de formas espaciais, e estas variabilidades, tanto dos espaços construídos como dos estilos de vida, interligam-se activamente (Rapoport, 1978).

Ora, estes modos, habituais, de construir/transformar espaço, estão portanto reportados às **formas habituais de vivência espacial** – visam responder, à partida, a determinados modos de **uso do espaço**. Assim, o conceito de uso poderá surgir como o articulador entre esses hábitos resultantes dos modos de vida que encontram a sua origem nas tradições culturais.

O **uso** de um espaço, poderá ser, deste modo, uma chave analítica, um meio válido para se entenderem estes processos que envolvem estilos de vida, sistemas de valores, mentalidades e culturas, ou seja, os processos que envolvem o homem e os seus meios, construídos. O uso do espaço põe em evidência tudo aquilo que entra em jogo nesses processos – relaciona a materialidade espacial com a carga simbólica e significativa que comporta (Rapoport, 1978).

O USO COMO MEIO  
DE ANÁLISE

Se, por um lado, no acto de construir espaço, são tidos em conta certas condicionantes culturais, visando à partida determinadas formas de uso e apropriação espacial, por outro, também, uma vez o espaço construído, as próprias formas de apropriação que ele possibilitará desenvolver, ligadas intrinsecamente a um específico ambiente sociocultural presente num espaço físico, de acordo ou não com os propósitos da sua origem, poderão induzir novas interpretações, novas formas de entendimento dessa nova realidade interna, e que se repercutirão inevitavelmente na reformulação do universo de ideias, no universo cultural global, e portanto, ciclicamente, no universo material.

## 1.2. NOÇÃO DE USO

A noção de **uso** integra duas dimensões fundamentais que se conjugam intrinsecamente: uma dimensão de **utilidade**, por um lado, e as **dimensões simbólicas** desta, por outro. Enquanto apropriação de um espaço, o uso tem em conta a presença activa de um sujeito face a um objecto espacial perante o qual, ou no qual, ele está (Pinson, 2002) e que ganha determinada forma consoante as imagens mentais criadas a partir dos espaços percebidos e dos modelos culturais e subculturais dos indivíduos que os percebem. Esta apropriação do espaço, a presença activa de um sujeito nele, corresponde então a todas



as **actividades** que se podem desenvolver num espaço determinado, desde as mais óbvias e directas, manifestas – as actividades em si e as maneiras específicas de as realizar, ligadas à **utilização** do espaço – às mais complexas e latentes – as actividades secundárias, e os aspectos **simbólicos, ritualizados**, dessas actividades (Rapoport, 1978).

#### USO E UTILIZAÇÃO

Ainda que existam em consonância, partindo uma da outra, uso e utilização não deixam de ser noções distintas. A **utilização** é mecânica e relativa ao espaço funcional adaptado às características mecânicas dos utilizadores. Prende-se com o carácter essencialmente instrumental da prática espacial. Envolve as noções de **finalidade e função**. O termo finalidade é relativo à elaboração do programa e à definição do projecto visando determinadas utilizações que este possa incorporar, e que se prende geralmente com prescrições regulamentares conduzindo a uma normalização espacial. O conceito de função assume perfeitamente o sentido desta racionalidade: a metáfora mecânica ou biológica traduz bem o funcionamento ou o “metabolismo” do espaço construído: uma máquina composta de peças cada uma no seu lugar, articuladas correctamente entre umas e outras gerando um corpo composto de órgãos cada um com o seu papel, e conectados entre si naturalmente – concepção do corpo-máquina. Estes dois conceitos, de finalidade e função, colocam o objecto espacial acima do sujeito ao qual se destina, ao ser manipulado por este. Nestes termos, o espaço tem a faculdade de comandar o sujeito, no qual ele se torna passivo e numa relação de dependência perante as operações ditadas pela máquina (Pinson, 2002). “A função domina o indivíduo que é teoricamente constrangido e a ela submetido. A função é teoricamente estabelecida para uma operação pré-determinante, quase incontornável” (Pinson, 2002).

#### O USO COMO RESPOSTA CULTURAL

Ultrapassando estes conceitos, o uso parte, contudo, desta utilização espacial para reunir um conjunto de qualidades anexas que a acompanham, exprimidas pelas **actividades latentes**, e são estas que mais fortemente se relacionam com os modos como os meios espaciais são **percebidos e interpretados**, tanto na sua dimensão material como imaterial e que se ligam mais fortemente a uma dimensão simbólica e significativa.

A **percepção** do espaço conduz a uma construção de imagens a partir de uma apreensão do meio “real” – uma **interpretação**. Diferentes grupos culturais e socioculturais, ou seja, com estilos de vida distintos, percebem e interpretam de diferentes modos uma mesma situação, dependendo da experiência e passado cultural, das aspirações geradas (Rapoport, 1978).

Há três momentos no processo de percepção e interpretação da experiência espacial. Em primeiro lugar, há uma avaliação através dos sentidos, a parte mais imediata e menos abstracta do processo e em que há uma certa constância, inerente à condição da espécie humana. Há primeiramente uma frequência do objecto estético (o espaço), que permite descobrir o espaço – através da contemplação visual, mas também por outras capacidades sensíveis: pelas “*sensações do tacto, do gosto ou do odor, uma combinação de sentimentos*”



*e emoções*” (Santayana in Pinson, 2002:185-186). Em segundo, há uma avaliação conotada com os ideais – esquemas mentais e de valores, ligados a uma cultura e/ou subcultura. Por último, dá-se a compreensão, que envolve uma avaliação mais pessoal, de afectos e preferências individuais.

O espaço percebido é portanto uma imagem do espaço real, uma distorção, variável consoante o indivíduo e mais constante dentro de um grupo cultural (Rapoport, 1978; Pinson, 2002). Grupos culturais partilham imagens semelhantes do meio em que habitam. Há regularidades e interrelações sistemáticas entre imagens da realidade dentro um grupo (sub) cultural. Um grupo possui uma determinada identidade – com os mesmos ideais, modas, selecções, produções espaciais. As imagens, ou esquemas, de cada grupo, orientam-no a apropriar-se de determinada forma dos meios em que operam – tanto nos que seleccionam e permanecem como nos que constroem/transformam. Simultaneamente, cada organização cultural, na medida em que constrói espaço, influencia na transmissão de imagens particulares. Assim, o **meio percebido e interpretado** tem a capacidade de **influenciar o comportamento**. É espaço de acção, ou seja, actua-se no que se conhece, do modo como se conhece e também, ao mesmo tempo, se constrói a partir do que se conhece. Qualquer conduta depende da imagem – todo o conhecimento subjectivo acumulado pelo indivíduo sobre si e sobre o mundo (Rapoport, 1978).

Espaços percebidos são assim assentamentos, receptáculos de comportamentos (2) e por isso funcionam também, simultaneamente, como indicadores desses comportamentos, resultantes parcialmente das culturas e subculturas e, de outra parte, da configuração/desenho do espaço físico (Rapoport, 1978).

Deste modo, o **uso** surge como uma resposta cultural dos utilizadores do espaço e relaciona-se com características supra mecânicas: psicológicas, sociais, culturais, de personalidade e história pessoal, sensoriais, conscientes ou menos conscientes, resultando de uma soma de práticas, de comportamentos e/ou aspirações que exigem do espaço construído configurações adequadas (volumetria, dimensões, iluminação, organização de elementos fixos e móveis). O uso, mais que a simples utilização, pressupõe um actor no espaço (Pinson, 2002). Não um indivíduo passivo ao qual o espaço é destinado, nem o elemento humano ao qual o espaço impõe uma função, mas um “*produtor de actos repetidos e complexos que colocam o espaço numa situação de acordo, ou mesmo de conflito, com aquele que o pratica*” (Pinson, 2002), e é o que interessa descortinar ao longo deste trabalho, através de uma observação dos espaços-tempos que são os cafés da Baixa do Porto.

---

(2) A este propósito, Rapoport (1978) faz referência aos “behaviour settings”.



# CAPÍTULO 2.

## O CAFÉ COMO ESPAÇO-TEMPO DE ANÁLISE

### 2.1. O CAFÉ COMO LUGAR SOCIAL E CULTURAL POR EXCELÊNCIA, INTERMEDIÁRIO ENTRE OS MEIOS PRIVADO / DOMÉSTICO E PÚBLICO / LABORAL

De entre uma multiplicidade de formas espaciais construídas que respondem a uma igual variabilidade de funcionalidades, finalidades, tipologias, elegemos os espaços destinados à venda e consumo de bebidas (e outros), designados comumente por *cafés*, para o prosseguimento do estudo no sentido proposto.

Se se pretende um entendimento de como se processam as relações entre materialidades espaciais e as dimensões humanas, sociais e culturais, cujo elemento chave para a análise poderá ser encontrado nas formas de uso espacial, estes espaços revelam-se não só de uma importância mas também de utilidade acrescidas em relação a quaisquer outros.

Em primeiro lugar, a sua utilidade revela-se pelo seu carácter intermediário entre o público e o privado, o que permite uma maior permissividade à análise. Os **espaços públicos** – ruas e praças – poderão ser facilmente observados uma vez que não apresentam restrições de acesso e neles se podem certamente descortinar as múltiplas relações entre os aspectos humanos e o seu carácter material. Contudo, e precisamente pela amplitude de possibilidades interactivas entre os habitantes e o espaço, estes revelam-se múltiplos e, nesse sentido, dificultam o exercício de uma análise. De outro modo, também os **espaços privados** – os espaços domésticos - não são facilitadores do estudo. São potencialmente opacos e impenetráveis, o que os torna dificilmente cognoscíveis aos de fora, aos que não os habitam.

ENTRE O PÚBLICO E  
O PRIVADO:  
O SEMIPÚBLICO

Portanto, os espaços dos cafés, semipúblicos, reúnem a possibilidade de observação permanente e próxima, por um lado, e por outro, também esta observação, e posterior sistematização de informação, é facilitada por manterem delimitadas e controladas, espacial e temporalmente, as interações entre os homens e os meios construídos. Não desvinculados da esfera pública, são ainda capazes de absorver a realidade plural dos contextos urbanos em que se encontram inseridos. Deste modo, organizados e restringidos espacialmente, e organizando a dimensão temporal através de horários de abertura aos públicos e de tempos privilegiados de funcionamento, e simultaneamente permeáveis, organizadamente, à multiplicidade cultural e social dos contextos públicos, os cafés resultam em **contentores e observatórios** apurados das relações entre os homens e as materialidades espaciais.

Um outro aspecto revela o interesse analítico destes espaços. A partir de uma mesma base de actividades primárias desenvolvidas - o consumo - paralelamente, os cafés vêm a desencadear uma multiplicidade de actividades simbólicas acrescidas – actividades de lazer comunitário e de conviviabilidade. Com um carácter mais ou menos lúdico, os cafés envolvem um nível emocional acrescido, facultam o desenvolvimento de formas de estar e de uso informal, modos de interacção social mais descontraída e vínculos culturais mais livres e autênticos que os estabelecidos em meios laborais e mais alargados do que nos meios domésticos (Rémy e Voyé, 1974 in Borges Pereira, 1995). Pela informalidade dos contactos sociais, de um modo menos consciente e racionalizado e mais fluido por parte dos agentes no seu desenvolvimento, e pelas trocas de ideias, trocas culturais, mais espontâneas resultantes dessa informalidade, há uma maior autenticidade na tradução das identidades socioculturais. Um dos papéis fundamentais do café é precisamente o de promover encontros. Encontros programados mas também e sobretudo, encontros aleatórios – que se traduz numa aleatoriedade de trocas culturais (Eleb, Depaule, 2005).

Também, pelas trocas culturais facilitadas, os cafés detêm um papel relevante na própria formação das referências socioculturais dos indivíduos. De um modo geral, o café é frequentemente “**terreno de uma construção identitária**. Os estabelecimentos convidam os indivíduos e grupos à descoberta da sua história e da sua cultura, e as suas referências culturais adaptam-se à carga cultural que os cafés comportam” (Eleb, Depaule, 2005:12). Esta faculdade dos cafés torna-os assim espaços de relevância acrescida na função, própria dos espaços construídos em geral, de reconstituição de toda uma dimensão humana cultural mais vasta.

Um outro facto realça ainda a importância dos cafés para a investigação pretendida: o da multiplicidade e diversidade de espaços que correspondem a esta tipologia. A partir de uma vocação comum para o desenvolvimento de actividades básicas, nas quais o consumo do café surge como denominador comum, prática adoptada por um extenso número populacional, integrada no quotidiano de praticamente toda população do contexto territorial e cultural portuense, é possível encontrar uma pluralidade de espaços distintos, com organizações físicas particulares e diferenciadas, uma variabilidade de possibilidades de absorção do contexto sociocultural envolvente e portanto toda uma colecção diversificada de núcleos significativos.

Por todas estas qualidades que pertencem aos cafés, estes constituem-se portanto como fortes núcleos de influência sobre os territórios em que se encontram e as suas dinâmicas. Citando Monique Eleb e Jean-Charles Depaule (2005), estes “participam da variabilidade da paisagem urbana: esteja um café aberto ou fechado, iluminado ou escurecido, vazio ou cheio de gente, isolado ou parte de uma sequência de outros cafés, com esplanada

ou não, as ruas em que se situam, em diferentes horas, dias, estações do ano, vai tendo o seu aspecto alterado” e por estes ditado. “Os cafés marcam e simbolizam o espaço de uma cidade.” Contribuem também para a “revitalização das ruas e bairros, constituindo-se como elementos motores de renovação, a par de outros tipos de comércio como as livrarias, lojas de discos e cinemas.” Simultaneamente, permitem traçar o retrato desses territórios e das suas dinâmicas: através dos cafés pode fazer-se uma leitura dos “ritmos das cidades e dos espaços urbanos, das trajetórias e dos enlances quotidianos”, das preferências e identidades culturais dos indivíduos, “e dos diversos momentos da sua existência”.

São deste modo, os espaços dos cafés, meios privilegiados de observação e de possibilidades acrescidas de sistematização, comparação e diferenciação das características fundamentais que pertencem aos espaços construídos – organizadores de dimensões materiais e temporais, comunicações e significações particulares. “O café é um palco significativo, lugar constituído, construído, elaborado ou a elaborar por cada um”, em que apropriações simbólicas são observáveis a partir dos comportamentos e das organizações espaciais (Eleb, Depaule, 2005:11-25).



# CAPÍTULO 3.

## COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO

### A BAIXA DO PORTO

#### 3.1. DELIMITAÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE ESTUDO

Para o prosseguimento deste estudo foi necessário delimitar um campo de análise.

A cidade contemporânea é composta por uma diversidade de **centralidades**, seja, de **territórios** - porções de espaço sobre os quais são exercidos poderes prático-utilitários e simbólicos. Estes territórios não estão necessariamente conotados com as suas características espaciais - topográficas, geográficas ou toponímicas. Consistem antes em “pólos estruturados por proximidades, similitudes, diferenças ou complementaridades” (Eleb, Depaule, 2005:18) de equipamentos, serviços, funcionalidades, dinâmicas urbanas e apropriações espaciais, de aspectos relativos a memórias colectivas ou a ambientes culturais específicos (Eleb, Depaule, 2005). Os cafés são, por vezes, partes estruturadoras desses territórios. Estes possuem frequentemente, de forma independente ou na dependência de outros equipamentos (por exemplo equipamentos culturais, em que funcionam como anexo ou apêndice destes), um “papel activo”, tanto na dinamização e especificação, como na própria formulação/estruturação dessas centralidades, podendo inserir-se até em “sistemas estratégicos” de formação desses pólos urbanos (Eleb, Depaule, 2005:18-20).

Pretendeu-se, então, fazer incidir a investigação sobre um território específico da cidade do Porto – uma centralidade em que os cafés tivessem uma presença assídua, constante e acentuada e que exercessem até influência suficiente na formulação dessa territorialidade. A escolha, de um modo natural, recaiu sobre a denominada Baixa portuense.

Ainda que não se possa generalizar a Baixa do Porto como uma territorialidade homogénea, e menos ainda rotulá-la de uma “territorialidade de cafés”, indubitavelmente esta é uma área em que se verifica uma presença constante deste tipo de estabelecimentos desde que estes surgiram na cidade, acompanhando evoluções, ainda que também rupturas, ao longo de muitas décadas até aos tempos actuais. Na verdade, e ao longo do levantamento funcional desta área, verificou-se que ela própria é composta de uma multiplicidade de subterritorialidades, em que umas, mais fortemente que outras, têm os cafés como estruturadores e dinamizadores. Ainda assim, pela sua história recente, a Baixa do Porto mostrou-se como a centralidade mais adequada ao estudo – pela diversidade de sub-tipologias dos espaços-tempos de estudo forjada tanto pelo tempo, como pelas pluralidades culturais que neste território convergem e neles se espelham.



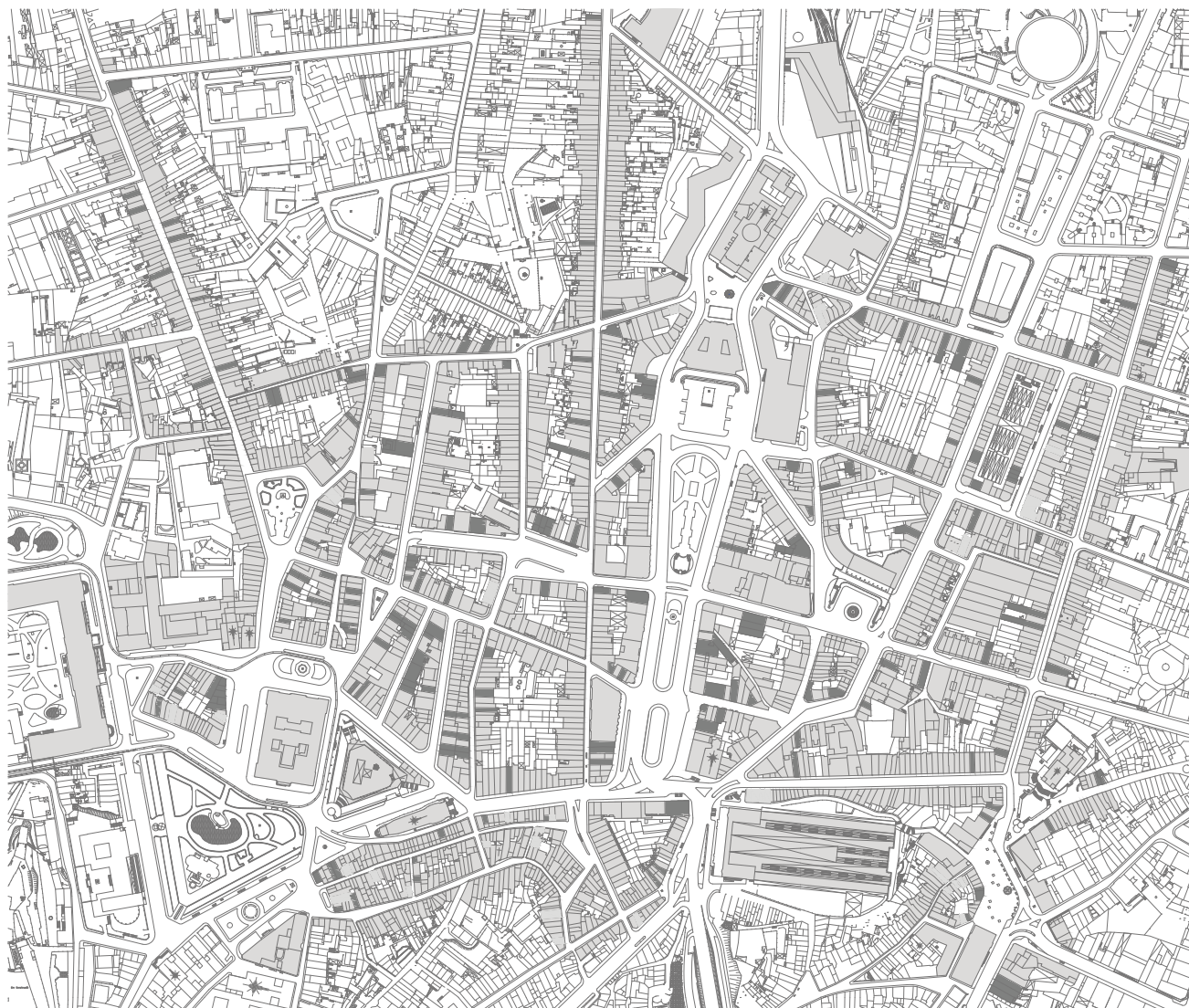


FIG. 1 O TERRITÓRIO DE ESTUDO

A área escolhida – a Baixa do Porto – será aqui compreendida como aquela que se encontra mais contígua à Avenida dos Aliados (Praça da Liberdade). Alcança, a oeste, a Praça Carlos Alberto/Rua de Cedofeita e a Praça “dos Leões” (praça Gomes Teixeira e Praça de Parada Leitão), a Rua de Santa Catarina a leste, a norte a Travessa de Cedofeita, Trindade e Bolhão, e a sul a Rua dos Caldeireiros, a Rua 31 de Janeiro e a Praça da Batalha [fig. 1]. Ainda que a Baixa possa ser compreendida para além destes limites, e principalmente para sul dos Aliados até à zona ribeirinha, foi neste território assim delimitado que principalmente se fixaram, desde a origem, os cafés no Porto, e onde ainda hoje permanecem com maior pujança e importância.



### 3.2. APONTAMENTO HISTÓRICO DA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO E A ORIGEM DOS CAFÉS DE MEADOS DO SÉCULO XVIII ATÉ AOS DIAS DE HOJE

Os estabelecimentos comerciais destinados à venda e consumo de bebidas - primeiramente designados por botequins, dificilmente distinguíveis entre tabernas, cervejarias e casas de pasto, tendo vindo progressivamente a incluir o café no serviço e que lhes veio a dar o nome mais tarde - surgiram na cidade do Porto precisamente nesta área assim delimitada, entre a segunda metade do século XIX e na viragem para o século XX, época que coincidiu com profundas alterações na cidade em termos urbanísticos, em que se passou a afirmar o comércio fixo, anteriormente assente nas vendas ambulantes em feiras e mercados sazonais e/ou semanais, e em que a transposição do centro cívico para esta área, anteriormente focado na parte sul e ribeirinha (Praça da Ribeira e Praça do Infante), teve um papel preponderante (Rio Fernandes, 1997).

#### DOS ALMADAS AOS FINAIS DO SÉCULO XIX

A partir de meados do século XVIII, por impulso do então governador João Almada e Melo, são abertos novos arruamentos e espaços urbanos para norte e para o exterior da cidade intramuros – definida até então pela muralha Fernandina - ligando a cidade com os arredores, melhorando-se os vínculos entre a parte mais baixa da cidade e a nova área de expansão, e qualificando-se esta nova área urbana. Abriram-se as ruas de Cedofeita, do Almada, de Santa Catarina (Bella Princeza) e de Santo Ildefonso – vias de ligação da cidade com exterior – assim como a rua de Santo António (actual 31 de Janeiro) ou a rua Formosa. Iniciaram-se as construções de equipamentos importantes, como o Hospital de Santo António (John Carr, 1770), a Cadeia e Tribunal da Relação (actual Centro Português de Fotografia) ou o primeiro edifício do Teatro de São João (de Vincenzo Mazzoneschi, 1798) na actual Praça da Batalha. Os Paços do Concelho passam a localizar-se na Praça Nova, posterior Praça de D. Pedro IV e actual Praça da Liberdade. Deste modo, esta área passa progressivamente a assumir um maior protagonismo em relação à cidade intramuros. [fig.2]. (Ferrão, 1997; Alves, 1987)

Ao longo dos anos seguintes, a nova malha urbana foi-se, aos poucos construindo, preenchendo e consolidando, observando-se a progressiva deslocação da importância urbana para norte estampada nas plantas de Clarke, de 1933 [fig.3], e na *Planta Topographica da Cidade do Porto* de Joaquim Costa Lima Júnior, de 1839 [fig.4], que se intensifica a partir de meados do século XIX. Surge o Mercado Anjo (no local da actual Praça de Lisboa) e reconfigura-se a Cordoaria, estrutura-se o Largo dos Ferradores (actual Praça de Carlos Alberto), é aberta a Rua de Sá da Bandeira (actual Rua de Sampaio Bruno) e a Praça de D. Pedro IV redefine-se, marcando-se pelo Convento dos Loios e pelo Palácio das Cardosas.

É assim, deste modo, que a área compreendida entre as Praças da Batalha, D. Pedro e Carlos Alberto passa a assumir o protagonismo como centro da vida política, comercial e cultural da cidade do Porto, pertencente até então à zona da Ribeira e ruas das Flores e Mouzinho da Silveira (Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990; Rio Fernandes, 1997; Alves, 1987; Ferrão, 1997).



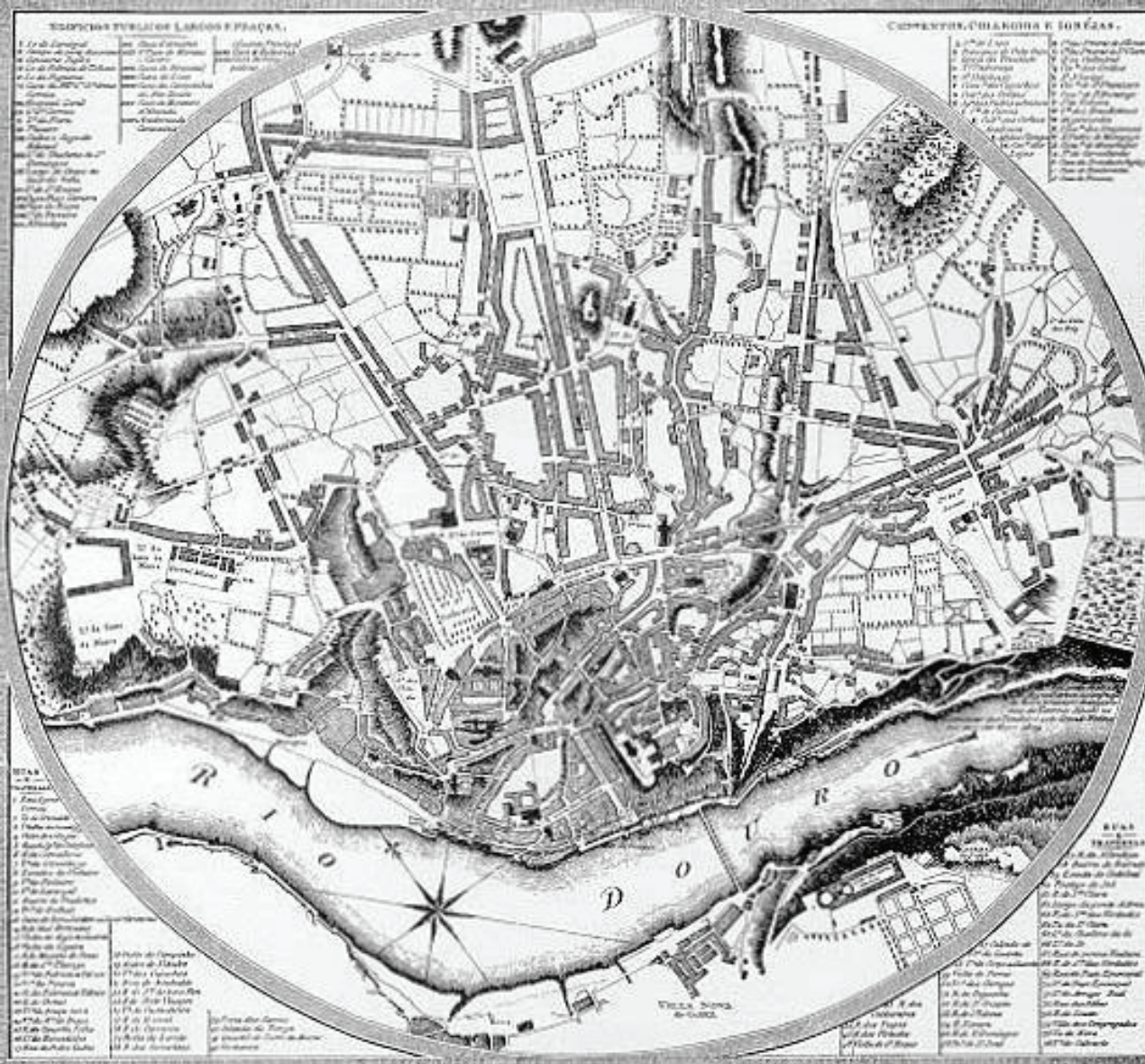


FIG. 2  
PLANTA REDONDA  
DE GEORGE  
BALCKE 1813



FIG. 3  
PLANTA DE  
CLARKE 1833



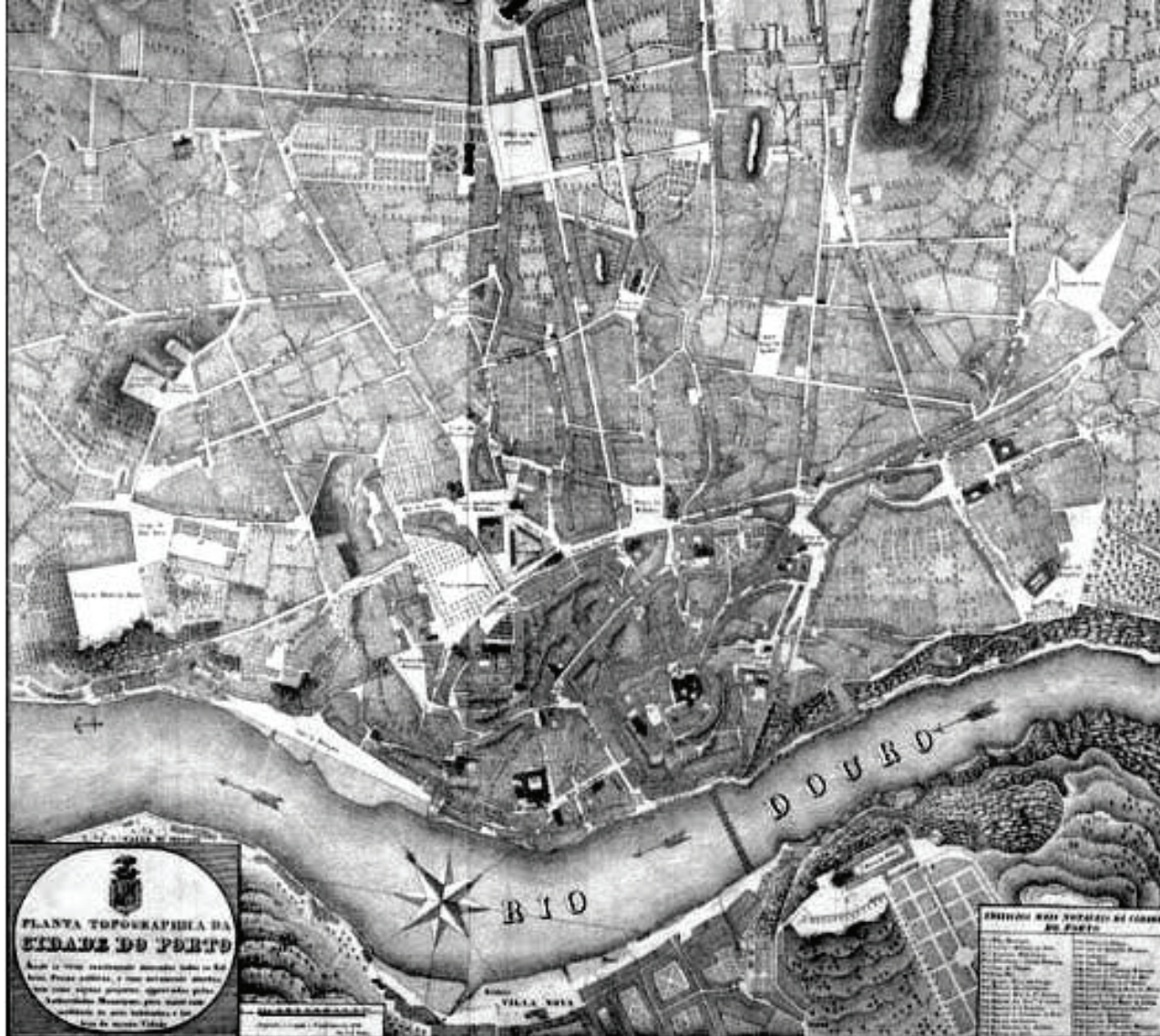


FIG. 4. PLANTA TOPOGRÁFICA DE COSTA LIMA JÚNIOR 1839

## O PRINCÍPIO DO SÉCULO XX – UM RETRATO URBANÍSTICO E SOCIAL

As últimas duas décadas do século XIX e a primeira do século XX, ficaram marcadas por “um notável acréscimo da população residente: em apenas 33 anos, o número de habitantes mais que duplica, passando de 85.256 em 1878 para 191.890 em 1911 (...) no contexto de uma situação em que a repulsão do campo se conjuga com a atractividade que o Porto industrial exerce” (Rio Fernandes, 1997:78). Deste crescimento acelerado da população resultam consideráveis transformações na organização e na própria imagem da cidade – formais, funcionais, sociais e económicas. A fisionomia do Porto do princípio do século XX, de território alargado e consolidado para norte, e já de alguma ocupação à escala do concelho, é já notória na Planta de Ferreira Teles, de 1892 (Tavares, 1992) [fig. 5] ou na planta de 1903, de João José Mendonça Cortes [fig. 6].

Nesta altura, o Porto passa a apresentar-se como uma cidade “*moderna de amplas avenidas, espaçosos squares, pittorescas alamedas, sumptuosas distrações, formidáveis theatros, etc.*” Aqui, o visitante desta época, “*observará o constante vae-vem de uma população irrequieta e activa, em constante labor, sempre tomada de uma febre intensa de trabalho, que a extrema, bem accentuadamente, da população de todas as outras cidades portuguezas*” (1).

(1) Do *Guia do Porto: illustrado/desenhos e direcção literária de Carlos de Magalhães* - Porto: Empreza dos Guies “touriste”, 1910, citado por Helder Pacheco em “Um guia turístico” – *Jornal de Notícias* (24/05/2007). Consultado na web: [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content\\_id=672544](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=672544)





FIG. 5  
PLANTA  
TOPOGRAPHICA  
DE TELES FERREIRA  
1892

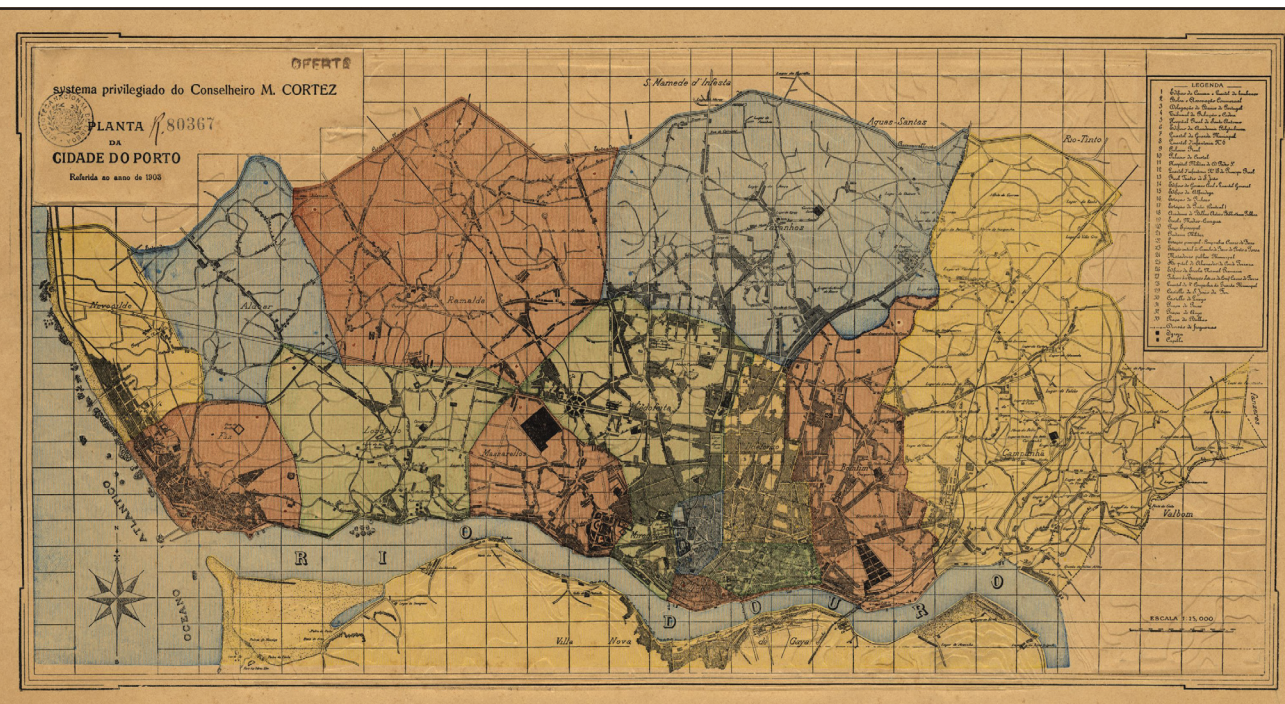


FIG. 6  
PLANTA DE JOSÉ  
MENDONÇA  
CORTES 1903

A par do crescimento populacional, acentua-se o desenvolvimento da rede viária e dos transportes colectivos. Chega à Praça Almeida Garrett o **primeiro comboio**, em 1896, e tem início a construção da Estação Ferroviária de São Bento, projecto de Marques da Silva, constituindo-se também num dos factores que vem a impulsionar o desenvolvimento e a importância desta área citadina. As Ruas de Mouzinho da Silveira e das Flores, que aqui desembocam, são, neste tempo, das artérias que mais intensamente se ocupam de comércio, e indiciam o deslocamento da actividade cívica e comercial da cidade em direcção ao norte, para fora da muralha – para o eixo Este-Oeste, configurado pela rua de Santo António (31 de Janeiro), Praça de D. Pedro IV (Praça da Liberdade) e Clérigos (Rio Fernandes, 1997).

A **Praça de D. Pedro IV**, o núcleo desta nova centralidade concentra importantes equipamentos administrativos, como o edifício da Câmara Municipal (localizada aqui desde 1818), o Convento dos Congregados ou o Palácio das Cardosas, e estabelecimentos comerciais. Esta área urbana torna-se o principal ponto de confluência e distribuição de transportes na cidade – dos primeiros automóveis, dos carros eléctricos, e do comboio de S. Bento, ali próximo - e também como ponto de articulação dos diversos lugares desta zona norte da Baixa, aos quais se vai, progressivamente, estendendo o movimento e a dinâmica urbana (Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990; Rio Fernandes, 1997).

“Comercial, como socialmente, o centro é identificado pela generalidade dos cidadãos com a Praça de D. Pedro, verdadeiro «... termómetro onde o observador lerá com segurança a graduação quotidiana da vida elegante, da vida política, da vida literária, ou da vida boémia», e local de reunião quase obrigatório, no qual se exibem cavaleiros, belas damas e os primeiros automóveis” (Pimentel, 1893 in Rio Fernandes, 1997:87).

É também por agora, numa altura em que a “Baixa do Porto (o eixo em torno da Praça de D. Pedro) está já claramente definida e a sua importância na cidade muito bem marcada” (Rio Fernandes, 1997:87), que surgem os primeiros cafés de requinte na cidade, de inspiração nos cafés parisienses da *Belle Époque*, (Ferreira Mendes, 2012) e o café passa a assumir uma importância crescente para o ambiente sociocultural desta área urbana e desta praça em particular. Constitui-se como ponto de encontro de comerciantes e consumidores, de personalidades ilustres, políticos, pensadores, artistas ou estudantes, local de “*contacto, de troca de ideias, de discussão*”, e o “*centro de toda a vida portuense*” (Pereira, 1914 in Rio Fernandes, 1997:69).

*“Enquanto espaço de encontro, o café é o palco de animadas tertúlias, calorosas discussões, constituindo de igual modo, local privilegiado de trocas comerciais, “de negócios” e nesse sentido era para alguns uma espécie de segundo escritório ou filial do estabelecimento retalhista”* (Correia de Oliveira Guimarães, 1952 in Rio Fernandes, 1997:69). Também profissionais de outras áreas, desde então, procuraram os espaços dos cafés para o desenvolvimento das suas actividades. Artistas, escritores e jornalistas procuravam ali inspirações e informações para as suas obras, e também políticos, que procuravam o contacto com os outros clientes na busca de ideias e projectos. “*O café era ainda - e porventura sobretudo - um espaço de ócio, onde o jogo desempenhava um papel importante. Estavam vulgarizados em praticamente todos (com salão próprio ou não) o bilhar, o dominó, as damas, o xadrez, o quino e os jogos de cartas*” (Correia de Oliveira Guimarães, 1952 in Rio Fernandes, 1997:69).

Abriam as suas portas os cafés **Central**, **Suisso**, **Camanho** e **Chaves**, adjacente ao Hotel Frankfurt. Junto ao palácio das Cardosas, preenchido por comércio, encontrar-se-ia o “Pasmatório dos Loios” ou o “Real Clube dos Encostados”, designação jocosa por que ficou conhecida esta fachada pelos modos como ali se concentravam os homens “discutindo e gozando a animação” da praça (Magalhães Basto, 1932 in Rio Fernandes, 1997). Assim, “*comercial, como socialmente, o centro é identificado pela generalidade dos cidadãos com a Praça de D. Pedro, verdadeiro “... termómetro onde*



*o observador lerá com segurança a graduação quotidiana da vida elegante, da vida política, da vida literária, ou da vida boémia”, e local de reunião quase obrigatório, no qual se exibem cavaleiros, belas damas e os primeiros automóveis”* (Pimentel, 1893 in Rio Fernandes, 1997:87).

Num dos extremos do eixo que compõe a centralidade da “nova” Baixa, encontra-se a **Praça da Batalha**, que se vem a destacar por ser um dos pontos de entrada na cidade e por albergar importantes equipamentos culturais. Aqui encontrar-se-ia o **Teatro de São João**, destruído mais tarde por um incêndio, em 1908, e dando lugar a um novo projectado por Marques da Silva, e o **Salão High-Life**, no qual se realizava a projecção de filmes. O ambiente da Praça era então gerado pela presença de hotéis e pensões que albergavam os visitantes, destacando-se o Grande Hotel da Batalha, o Hotel Universal e o Sul Americano, e influenciado pela cultura e as artes do espectáculo, ao qual se ligavam os cafés que aqui se estabeleceram: o Café Águia de Ouro e o Café Chave de Ouro. (Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990; Gomes, 1993; Dias, Marques, 2002).

A rua de **Santo António (31 de Janeiro)** era “porventura a rua mais elegante do Porto” (Rio Fernandes, 1997:75). Como principal via de ligação entre a Batalha e a Praça de D. Pedro, e como exibicionista de montras e de lojas de produtos de qualidade, tornara-se numa das ruas comerciais de melhor reputação na cidade.

A Rua de Sá da Bandeira, atual Sampaio Bruno, merece especial destaque pela presença do *Theatro Príncipe Real*, e pelo “elevado número de cafés e confeitarias, assim como o de hotéis, entre os quais se contam o Cisne e o Aliança” (Rio Fernandes, 1997:77).

As ruas de Santa Catarina, Formosa, do Bomjardim, e as imediações do Mercado do Bolhão, são outros espaços urbanos que, do lado nascente do território da Baixa vêm proliferar o comércio e as actividades do quotidiano urbano. Chapelarias, ourivesarias, alfaiaterias, bazares, proliferavam por entre confeitarias e cafés nos pisos térreos que os ladeavam e conformavam. A rua de Santa Catarina, em particular, que até então vinha tendo um papel secundário, passa a adquirir uma importância crescente no tecido urbano, até que nos dias de hoje se afirma como a rua comercial por excelência (Rio Fernandes, 1997; Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990).

Do lado oeste, e no extremo do território, assumia crescente importância a área da **Praça dos Voluntários da Rainha (dos Leões), Cordoaria, Praça de Carlos Alberto** e suas imediações. Localizava-se já aqui o complexo da irmandade de Nossa Senhora do Carmo, composto pela igreja e um hospital anexo, o Hospital de Santo António, (John Carr, 1768-69) e a Academia Politécnica no actual edifício da Reitoria da Universidade do Porto. Na actual Praça de Parada Leitão, em 1909, é fundado o Café Ancora d’Ouro, que ali permanece actualmente.

A **Praça de Carlos Alberto** assumia deste lado poente o mesmo papel que o da Batalha – era o ponto de chegada das gentes forasteiras que vinham do norte/litoral, pela **rua de Cedofeita**, e em que se estabeleciam, por isso, hotéis, confeitarias e cafés e ainda uma predominância de estabelecimentos

de venda de equipamentos da pessoa (vestuário e têxteis). Aqui havia “animação e bulício”, sendo um espaço importante de “concentração de botequins, casas de pasto e estalagens” (Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990:45). A rua de Cedofeita mostrava uma multiplicidade entrelaçada de comércios vários.

Entre esta zona e a Praça de D. Pedro, outras espacialidades se tornam marcantes, como o jardim da Cordoaria e a Rua das Carmelitas. Homónimo e adjacente, nasce o bairro constituído pelas recentemente abertas ruas Conde de Vizela, Cândido dos Reis e Galeria de Paris, em 1903, sobre o Convento das Carmelitas aí pré-existente, integradas no plano de Correia Barros de 1881. Hoje este bairro formula uma sub-centralidade assente na presença de cafés novos, bares e clubes nocturnos, que aproveitam os espaços dos dos armazéns que então ali funcionavam - os **Armazéns das Carmelitas** – Fernandes, Matos e C<sup>a</sup>, projecto de Licínio Guimarães (1904), na rua da Galeria de Paris. Também os Armazéns da Capela, de 1904, e o edifício Quatro Estações, de Marques da Silva, de 1905, marcaram o Bairro das Carmelitas na mudança para o século urbanizado. (Marques, Rio Fernandes, Martins, 1990; Rio Fernandes, 1997; Branco, 2009).

A **Rua dos Clérigos**, via de união da área contígua à Cordoaria com a Praça de D. Pedro, “*apresentava uma curiosa e significativa dualidade de características formais, funcionais e, consequentemente, fisionómicas e vocacionais*” (Rio Fernandes, 1997:73-74). A imagem do lado norte da rua era já notoriamente citadina, com “... bazares pródigos de brinquedos; casas de moda de aspecto parisiense; montras de flores e de frutos, apetitosos como pomares minhotos; reclamos luminosos, elegância, urbanismo (...)” (Correia de Oliveira Guimarães, 1954 in Rio Fernandes, 1997:74) enquanto que a sul ladeava-a uma paisagem ainda ruralizada, provinciana. Esta duplicidade da rua refletia-se nos modos da sua ocupação: um lado era frequentado sobretudo pelos “*habitantes da cidade que desejavam salvaguardar a sua sensibilidade de civilizados*” (Rio Fernandes, 1997:74) enquanto que o outro era preferido pelos recém chegados à urbe, vindos dos arredores rurais.

A **rua do Almada** ia sendo progressivamente ocupada por lojas, ainda que na sua metade norte prevalecesse uma ocupação residencial do edificado. Estas, ocupando mais intensamente a parte baixa, contígua à Praça de D. Pedro, eram particularmente e predominantemente oficinas de ferrageiros. Mercarias e drogarias, intercaladas com algumas ourivesarias, dependências bancárias e livrarias, também aqui se iam encontrando.

Era, portanto, aqui, neste eixo repleto de comércio e equipamentos administrativos, financeiros e culturais que se acentuava cada vez mais a presença de comércio de hotelaria, alimentação e bebidas, contando-se com 267 estabelecimentos nesta altura (Rio Fernandes, 1997:86), estendendo-se esta tendência até à actualidade. “*Cafés, cervejarias, confetarias, restaurantes, casas de pasto, hotéis, pensões e hospedarias, continuam a privilegiar uma localização central, de maior acessibilidade e onde é mais intenso o tráfego de peões, logo mais fácil de atrair o potencial cliente para o convívio, a bebida e a comida, ou para pernoitar*” (Rio Fernandes, 1997:86).

## NO DECURSO DO SÉCULO XX, ATÉ AOS DIAS DE HOJE

As décadas seguintes ficaram marcadas por sucessivas transformações, em consequência do modo como a cidade se tinha vindo a estruturar, e incidiram fortemente sobre o centro do território em estudo, que se urbanizava e utilizava de um modo cada vez mais acentuado, levantando um conjunto de problemas e a necessidade de os resolver. Com o desenvolvimento crescente dos transportes urbanos, tanto dos públicos, eléctricos, como dos automóveis, cujo ponto de convergência se encontrava na Praça de D. Pedro, e pela insuficiente resposta às necessidades funcionais e simbólicas da administração municipal que aqui se localizava, surge um plano para a remodelação deste centro cívico, administrativo, financeiro e comercial.

Em resposta a estas necessidades de modernização e de cosmopolitismo da área central, foi decisivo o “Projecto para a Avenida da Cidade” de Barry Parker, cujas obras se iniciaram em 1916, alargando o espaço urbano. Nos anos seguintes procedeu-se a uma série de construções em torno da Avenida que vieram a torná-la naquela que vemos hoje, como os edifícios do Banco de Portugal (Ventura Terra), os edifícios da C.<sup>a</sup> de Seguros A Nacional (Marques da Silva), a Caixa Geral de Depósitos (Porfírio Pardal Monteiro), a sede do jornal “*O Comércio do Porto*” (Rogério de Azevedo), ou o edifício do Banco Espírito Santo (Carlos Mourão), além do edifício dos Paços do Concelho (Correia da Silva).

Noutros pontos da cidade, por volta dos anos 30, nasce o Teatro Rivoli e o Cine-teatro Batalha, mais tarde, em 1947, que vieram a impulsionar a dimensão cultural e sobretudo de uma cultura mais erudita na cidade. Proliferam também os cafés: o **Café Majestic** de João Queiroz (1921), e o **Café Sport** de Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro (1929), na Avenida, o **Café Monumental** de João Queiroz (1930) e na rua Sá da Bandeira **A Brasileira** (originário de 1915 e remodelado em 1930 por Oliveira Ferreira) (Mesquita, Sarmento, Tavares, 2006; Gomes, 1993; Marques, Rio, Fernandes, Martins, 1990).

É de notar, entre a viragem do século XIX para o século XX e nas suas primeiras décadas, os contributos do arquitecto Marques da Silva tanto para a reconfiguração do espaço urbano - através das suas reflexões e propostas para a Avenida da Cidade (ainda que levada a cabo por Barry Parker) com o projecto para a sua Zona IV e na participação da elaboração do Plano de Melhoramentos da Cidade (na governação de Elísio Melo), como também na própria imagem, de monumentalidade, que a Baixa do Porto veio a adquirir com as suas sucessivas construções: a estação de São Bento e respectivo largo, o “novo” Teatro de São João, que reorganizou e monumentalizou a praça da Batalha; o edifício da companhia de seguros “A Nacional” (1919-1924), o prédio Pinto Leite (1922), e a Sede do Jornal de Notícias (1927), que lançaram as directrizes estilísticas e de monumentalidade da recém-aberta Avenida; as marcas na rua de Santa Catarina com os Grandes Armazéns Nascimento (1914) e ainda, no Bairro das Carmelitas, com o Edifício Quatro Estações (1905) e o Palácio Conde de Vizela (1920) (Mesquita, Sarmento, Tavares, 2006).



Entre os anos 50 e 60, dão-se também uma série de intervenções importantes, como a abertura da Rua de Ceuta, projecto de Arménio Losa, que marcou assim no Porto a influências do Movimento Moderno. Aqui vem a localizar-se também nesta altura o café com o mesmo nome da rua. (Barata, Pinto, 2000)

“Os anos 80 assistiram a alterações significativas, enquanto passíveis de indiciar um estágio de exaustão da Baixa tradicional, que parece já acusar de forma cada vez mais visível a concorrência de hipermercados, “shopping centers” e da afirmação de uma nova centralidade na área da Boavista e Campo Alegre, “de grande vitalidade e crescente importância no contexto da cidade e da região”, afirmando-se como “um contraponto face a um centro tradicional que até há bem pouco tempo atrás concentrava quase toda a ocupação funcional da cidade” (Rio Fernandes, 1997:54-55).

Entre esta altura e meados dos anos 2000, a Baixa portuense entra num ciclo contraditório à evolução que se havia feito sentir até aqui, integrado num fenómeno que vinha alcançando, em geral, as cidades europeias, urbanizadas – o abandono e a deterioração dos centros históricos, ao invés de uma crescente ocupação das periferias e de uma composição assente em centralidades múltiplas e dispersas. Neste período a Baixa ficou marcada pela degradação urbana, pela perda de terreno da intensa actividade comercial face aos novos modelos de comércio localizados nas áreas periféricas da cidade, pela “diminuição progressiva do número de residentes e um envelhecimento generalizado da população”, e por uma acrescida desertificação e consequente marginalidade, sobretudo no período nocturno (Sarmiento e Cunha, 2000:11).

Por esta altura surgem aqui também equipamentos de valorização da mobilidade – um dos factores responsáveis pelas novas configurações que adquirem as cidades contemporâneas (2) – tais como o túnel de Ceuta (entre 1996 e 2006), a criação do Metro do Porto (a partir de 2002) que conecta a cidade com a sua área metropolitana, e as suas estações na Baixa, sendo de relevância a Estação da Trindade (2003, arquitecto Eduardo Souto Moura).

Depois de uma fase de declínio do território central do Porto, no âmbito do *Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura*, dá-se início a uma iniciativa de intervenção apontando esta área urbana para um novo sentido evolutivo, e cuja elaboração do Programa de Requalificação da Baixa portuense teve um papel preponderante.

Actualmente, encontramos uma cidade e uma Baixa portuense marcadas pelo fenómeno que se veio a alastrar pela generalidade dos territórios contemporâneos ocidentais – o fenómeno de urbanização – que sintetiza continuidades e rupturas entre a tradição e a modernidade, pautada por uma saturação dos efeitos do capitalismo e do consumo, e pelas marcas físicas e culturais de uma acentuada mobilidade – de pessoas, bens e informações. Entre “o imaginário colectivo, as particularidades

---

(2) A mobilidade - a sua “possibilidade técnica” e “valorização social” - é o factor apontado por Rémy e Voyé (1992) como causa do fenómeno de “urbanização”, estruturador das cidades e sociedades contemporâneas do mundo ocidental, tema desenvolvido em *Cidade – Rumo a uma nova definição?*.

culturais, os mitos, os acontecimentos acumulados na consciência urbana” (Isac, 1994 in Mendes, 2000:17), encontra-se a cidade como um “conjunto de fragmentos muito diversos” (Siza, 1978 in Mendes, 2000:19) marcando-se por ecletismo cultural e subcultural crescente, em que o valor da imagem no quotidiano e a valorização da individualidade tendem a assumir uma importância sem precedentes (3).

Neste contexto, também os cafés encontram as marcas de um modernismo saturado, ou pós-modernismo (4): a sua frequência, as suas configurações e modos de funcionamento vêm sendo alterados e evoluem rapidamente, procurando sempre uma maior atractividade e modos de sobressairer perante a inúmera concorrência (Eleb, Depaule, 2005), acompanhando os impetuosos câmbios socioculturais do presente, e que se pretenderam observar na realização deste trabalho.

- 
- (3) Estes temas são abordados por Rémy e Voyé (1992). Segundo estes autores, os sistemas socioculturais marcados pelo fenómeno contemporâneo de urbanização estruturam-se em torno da valorização da mobilidade, da importância do projecto individual, pela heterogeneidade de elementos de cultura numa mesma espacialidade, pela “prioridade do signo sobre o símbolo” ou da perda da vida colectiva, factores que se repercutem na sua estruturação dos territórios urbanizados.

Do mesmo modo, também as estruturas socioculturais do mundo contemporâneo são abordadas por Savage e Warde (1993). Revendo as perspectivas de Louis Wirth em *Urbanism as a way of life* (1938) e de Georg Simmel em *The metropolis and the mental life* (1903), estes autores abordam os temas da modernidade/pós-modernidade na vida urbana: a individuação em detrimento da colectividade e consequente proliferação de subculturas, o “relevo especial” que ganha o “elemento visual”, “em detrimento da moral”, e a “importância que detêm os *mass media* na vida quotidiana, ou a “intensificação do consumismo” e “o abandono de políticas socialistas”.

- (4) A questão da ruptura ou continuidade entre a modernidade e a pós-modernidade é desenvolvida, também por Savage e Warde (1993), que colocam a “interrogação se vivemos ou não em tempos pós modernos” - debate com “repercussão em muitas disciplinas” e “extremamente flexível”. Numa síntese, segundo os autores, o presente deve entender-se, ao invés de uma pós-modernidade, como o culminar da modernidade, ou uma modernidade tardia.



# 2ª PARTE

## ESTUDO EMPÍRICO: OS CAFÉS DA BAIXA DO PORTO

O processo de investigação, no sentido de se entender como os cafés, enquanto materialidades construídas, funcionam como contentores de co-presenças humanas e núcleos de convergência, formação e transformação cultural, desenvolveu-se em três momentos sucessivos, correspondentes a três níveis de aproximação: um levantamento à escala territorial, um levantamento de características genéricas de todos os casos de estudo e envolvidos no trabalho, e um estudo mais pontual de uma mais reduzida selecção de espaços – paradigmáticos ou excepcionais.

# CAPÍTULO 4.

## LEVANTAMENTO FUNCIONAL DA BAIXA DO PORTO

### 4.1. METODOLOGIA: SOBRE O LEVANTAMENTO FUNCIONAL

Delimitado então o território de estudo, e em continuidade com o propósito de se compreender o território e as modalidades em que se estrutura na actualidade - cuja fisionomia é hoje marcada, fundamentalmente, pelo fenómeno de terciarização - partiu-se para um levantamento funcional do espaço urbano nele incluído.

Com base numa planta do terreno com uma clara definição dos arruamentos, quarteirões e parcelamento dos edifícios que os compõem, observaram-se e anotaram-se todas as funcionalidades correspondentes aos pisos térreos das parcelas edificadas (salvo algumas excepções, em que nos pisos superiores se encontrariam extensões das funcionalidades do rés-do-chão, ou em que se encontravam estabelecimentos de interesse para o estudo). Este levantamento consistiu, no fundo, num levantamento dos estabelecimentos comerciais do território da Baixa, que segundo Rio Fernandes (1997:4), se constituem como dos mais antigos elementos caracterizadores da qualidade urbana das povoações. É através dos quadros do desenvolvimento da “terciarização”, *“seguros retratos vivos pela dinâmica dos processos evolutivos, que se explica e explicam a evolução dos espaços e das suas ocupações urbanas, ao mesmo tempo que justificam e se justificam nas transformações que suscitaram e lhe foram concomitantemente induzidas pela evolução sociológica dos conceitos do viver em sociedade urbana.”*

Com base na grelha de classificação do comércio retalhista na cidade do Porto, do mesmo autor (Rio Fernandes, 1997:275-280), e ainda que com algumas actualizações e alterações – decorrentes do estudo específico que procurámos desenvolver nesta investigação – foi então efectuado um novo levantamento. O levantamento em causa foi realizado ao longo do ano de 2012, tendo sido tipificados todos os estabelecimentos comerciais em função da oferta de cada um, procedendo-se, assim, após duas décadas, a uma actualização do levantamento original de Rio Fernandes. São estas a alimentação, equipamento da pessoa, equipamento da casa, lazer, desporto e cultura, saúde e beleza, combustíveis e materiais de transporte, bazar e variedades, serviços de natureza económica e hotéis e similares e, por fim, os cafés, bares, restaurantes e similares. Acrescentaram-se ainda funcionalidades de natureza não comercial, como os pisos térreos exclusivamente pertencentes à habitação, e edifícios de cariz público e religioso [anexos, p. 200].

Posteriormente, toda a informação foi digitalizada e sistematizada numa planta esquemática, [fig. 1] através de cores distintivas para cada tipologia comercial, seguindo-se as directrizes do estudo levado a cabo por José Alberto Rio Fernandes (1997), que veio a possibilitar uma série de considerações sobre o terreno em questão, actualizando-se e comparando-se, assim, com o seu levantamento de 1991.

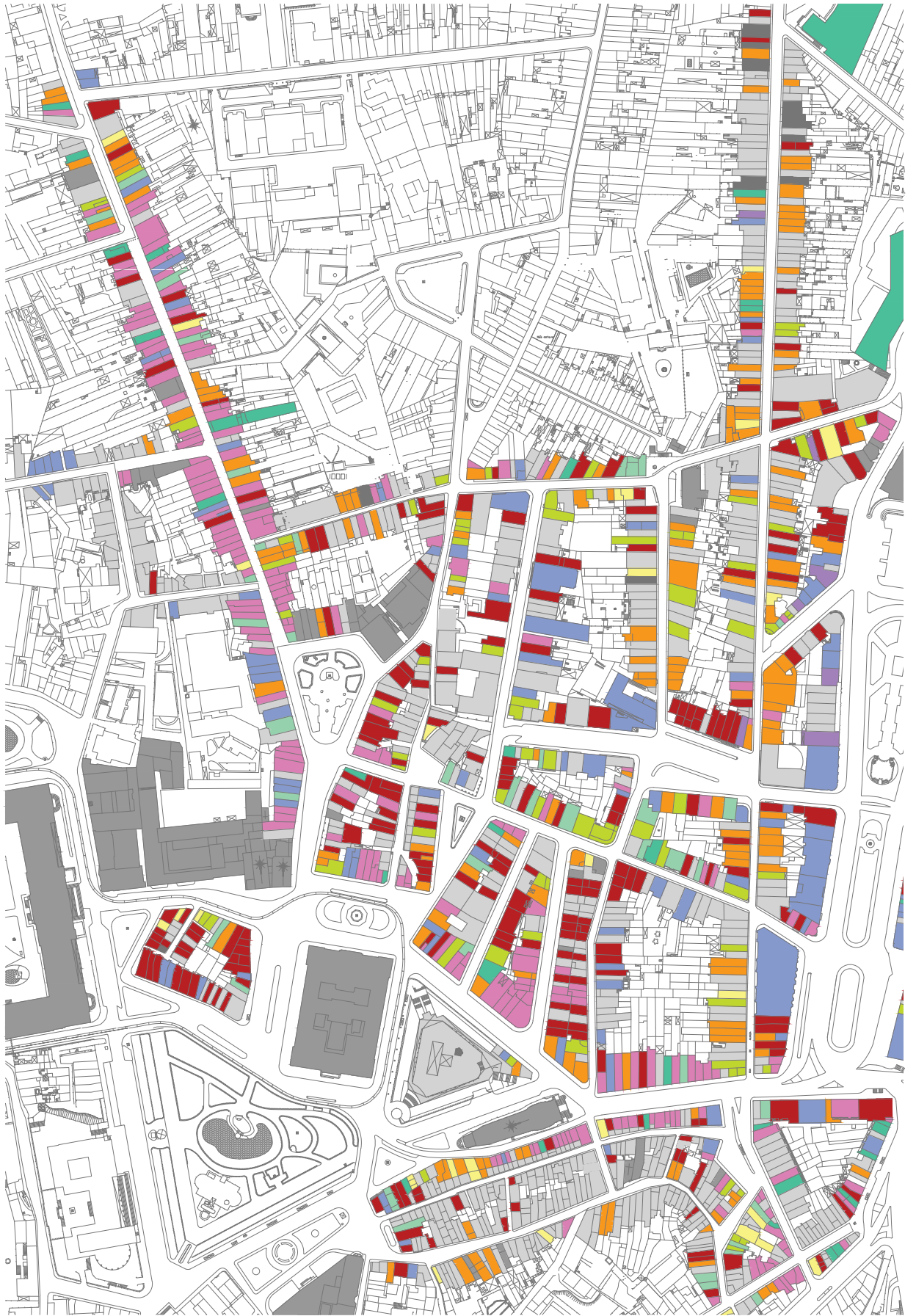


FIG. 1



# OCUPAÇÃO FUNCIONAL DA BAIXA DO PORTO

- do levantamento dos estabelecimentos comerciais realizado em 2012



## 4.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO FUNCIONAL DOS ESPAÇOS - CARACTERIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DE SUBTERRITÓRIOS

À partida, numa apreensão imediata, observa-se uma planta multicromática, que parece integrar, neste território, uma multiplicidade e variedade de funcionalidades dos espaços construídos que nela se encontram – facto que se vinha esboçando já desde os princípios do século XX. Contudo, através de uma observação mais atenta e de uma focagem sobre os espaços referentes a uma tipologia em particular, foram sendo descortinadas algumas diferenças e especificidades sub-territoriais, por uma maior ou menor concentração, dispersão ou quantidade dos diversos tipos de equipamentos comerciais e não comerciais por partes determinadas do terreno, e mais ou menos correspondentes com as de Rio Fernandes (1997) de 1991. Podem-se retirar, assim, algumas ilações significativas da análise qualitativa e quantitativa dos espaços de comércio no território em estudo.

### **Equipamento da Pessoa [anexos, p. 162]:**

À tipologia do Equipamento da Pessoa pertencem os estabelecimentos de venda de vestuário, têxteis, calçado e acessórios, e são dos que, desde cedo, na revolução do comércio da cidade do Porto, foram mais intensamente ocupando os pisos térreos dos edifícios que vieram a conformar a malha urbana da Baixa, sobretudo no eixo a sul, onde se fixaram primeiramente. Hoje, continua a denotar-se a sua persistência, contudo com algumas diferenças.

Apesar de se manter a permanência deste tipo de espaços neste eixo, observa-se que há uma maior ocupação destes nas artérias que limitam este território a Oeste e a Leste: a rua de **Cedofeita** e a **Rua de Santa Catarina**, que partilham, em comum, o facto de serem ruas pedonais. Esta última é ainda a mais preenchida, assim como as ruas que se encontram nas suas imediações. Aqui encontram-se em grande número lojas de pronto-a-vestir e sapatarias, parecendo pouco ter mudado desde os anos 1990. (1)

Todo o espaço urbano que se encontra compreendido entre estas vias de orientação norte-sul, e delimitado a sul pela linha formada pelas ruas das Carmelitas/Clérigos e 31 de Janeiro, mostra claramente uma escassez deste tipo de estabelecimentos em relação aos que se encontram na cintura que o encerra. Quantitativamente, no território comercial geral, esta tipologia impõe-se nitidamente.

### **Equipamento da Casa [anexos, p. 163]:**

A par desta, em termos quantitativos, está a tipologia do Equipamento da Casa, mas que encontra numa distribuição pelo espaço da Baixa de um modo totalmente distinto. De certa forma, os

---

(1) “Santa Catarina apresenta não só uma elevada intensidade de ocupação, como uma significativa concentração das actividades mais características das áreas centrais das cidades, de formas comerciais recentes (como a franquia) e a existência de alguns dos estabelecimentos mais prestigiados das cidades. (...) Todos os conjuntos e praticamente todas as actividades estão aqui representadas, notando-se contudo a especialização no Equipamento da Pessoa (...) como ainda o significativo reforço da representatividade dos serviços de natureza comercial nos andares superiores” que “diminuíram consideravelmente o espaço de habitação (...)” (Rio Fernandes, 1997: 199-200).



estabelecimentos desta tipologia (lojas de móveis, decoração, ferramentas, utensílios maquinarias e equipamentos profissionais) dispersam-se um pouco por todo o espaço, verificando-se, contudo, ainda que ligeiramente, uma maior aglomeração na parte central, no sentido norte-sul e do lado poente dos Aliados – coincidindo em grande parte com a **Rua do Almada**, uma espacialidade peculiar.

Aqui, em 1991, o número de estabelecimentos é elevado “até porque a sua extensão o facultava” (Rio Fernandes, 1997:200), contudo hoje, um par de décadas depois, a realidade aparece distinta. Actualmente muitos dos espaços térreos se encontram vazios de comércio, dos quais grande parte se encontra devoluta, tendência que se manifesta ainda com mais intensidade no troço mais a norte.

Do que aqui funciona, observa-se uma manifesta ligação deste arruamento com o conjunto de estabelecimentos de comércio de Equipamento da Casa. Note-se que nesta rua se fixou primordialmente um grande número de oficinas de ferragens, tradição que parece perpetuar-se pela ainda substancial quantidade de lojas de venda de máquinas, ferramentas, objectos técnicos e de construção ou oficinas :“Açometais – Ferramentas/Parafusos”, “Carli – Borrachas/Plásticos”, “Loja RV – Iluminação e Material Eléctrico”, “D’Almada – Ferragens”, ou a “Sociedade Portuense de Sucatas”.

Daqui resulta uma rua não muito movimentada, utilizada sobretudo para a circulação e deslocamento, cuja faculdade de união entre as zonas norte e sul ainda lhe pertence (antiga ligação da região norte com a cidade), e procurada pontualmente por compradores dos produtos específicos que esta oferece de modo especializado.

Pelo contrário, os eixos que a anterior tipologia mais ocupa (equipamento da pessoa), correspondem às ruas que menos ocupação possuem de lojas de produtos para a casa e para o trabalho.

#### **Lazer, desporto, cultura [anexos, p. 164]:**

A observação mais evidente que se faz da distribuição de comércios direccionados para o lazer, desporto e cultura (lojas especializadas em produtos de apoio à prática desportiva e actividades ao ar livre, e, em maior número, de lojas vocacionadas para a cultura: lojas de arte, música, cinema, fotografia, coleccionismo, livrarias e papelarias) é a de que estes se encontram sobretudo no território a oeste da Avenida dos Aliados, espalhando-se um pouco por todo este espaço, compreendido entre a rua do Almada, Travessa de Cedofeita/ruas da Conceição/Dr. Ricardo Jorge, Clérigos/Carmelitas e Praça de Carlos Alberto, de que fazem parte ruas como a de Ceuta, da Fábrica e suas perpendiculares. Denota-se assim, que esta porção da Baixa possui um significado cultural acrescido em relação ao restante território, e com este se identifica mais fortemente.

#### **Serviços de Natureza Económica [anexos, p. 165]:**

Aqui compreende-se uma vasta gama de estabelecimentos, ligados a serviços e profissões liberais e, em maioria, os bancos e serviços de seguros. Incluíram-se ainda os hotéis e similares, também com um peso considerável.

A localização dos bancos é notoriamente em torno da **Avenida dos Aliados**, ladeando-a de ambos os lados, este e oeste. Estes, na sua maior parte, ocupam espaços de grande dimensão, correspondentes aos edifícios monumentais erigidos após a abertura da avenida, a partir de 1916. A área de destaque destes equipamentos é prolongada para nascente da avenida, fixando-se estes nas ruas **Sá da Bandeira**

e **Bonjardim**, e em torno e nas proximidades da **Praça D. João I**. Hotéis e similares têm uma presença acentuada na Praça da Batalha, continuando a tradição de quando este espaço servira de entrada na cidade, e ainda de modo disperso pelo território urbano (2).

#### **Outros [anexos, pp. 166-168]:**

Em relação a outro tipo de comércios, existem, numa quantidade pouco significativa, os estabelecimentos que pertencem à tipologia da **alimentação** (que compreende mercearias, supermercados ou venda mais especializada de certo tipo de produtos alimentícios e de bebidas), a norte, de localização periférica no território, e a sul, na zona intramuros; os da categoria de **saúde e beleza** (oculistas, lojas de artigos ortopédicos, perfumarias e venda de produtos de beleza) concentrando-se maioritariamente ao longo das ruas de Cedofeita, 31 de Janeiro e Santa Catarina e imediações, acompanhando as suas tendências de acolhimento de lojas ligadas ao equipamento da Pessoa, e ainda os estabelecimentos ligados aos “**Combustíveis e materiais de transporte**” - oficinas e lojas de venda de bicicletas, motos e acessórios e, fundamentalmente, de concessionários de automóveis, surgindo estes principalmente na metade norte da Avenida dos Aliados.

Outros estabelecimentos comerciais não identificados com nenhuma das tipologias apontadas acima (bazares e lojas de venda de produtos muito variados e díspares – geralmente geridos por indivíduos de etnias asiáticas e árabes) encontram-se dispersos um pouco por toda a área, incidindo acima de tudo sobre as ruas de Cedofeita, a norte, na rua 31 de Janeiro, e no quarteirão situado em frente à estação de S. Bento.

#### **Centros Comerciais [anexos, p. 168]:**

A partir das décadas de 80 e 90, o fenómeno das superfícies comerciais de grande dimensão vinha-se alastrando pelos territórios mais periféricos das cidades, e o Porto não foi excepção. Contudo, estes vieram-se a implantar também no área central do Porto e, no território de estudo, encontramos dois casos: o Via Catarina, na Rua de Santa Catarina e, mais recente, o Trindade Domus Gallery, construído na anterior Pedreira da Trindade e inaugurado em 2008. Apesar de este último, voltado em toda a sua extensão para a ala lateral da igreja da Trindade, ser pouco movimentado por esse posicionamento pouco vantajoso na participação da vida de rua, já o centro comercial de Santa Catarina é alvo de grande afluência, conseqüente da agitação de que vive este arruamento. Nesta mesma rua localiza-se ainda um outro complexo comercial, de dimensões mais reduzidas, ocupando longitudinalmente uma parcela do edificado. Também na rua de Cedofeita, equiparável à de Santa Catarina, se encontra uma superfície comercial do género.

#### **Equipamentos não comerciais [anexos, p. 169]:**

Pela Baixa espalham-se, além dos estabelecimentos comerciais, com elevado número ocupacional, alguns equipamentos não destinados ao comércio: equipamentos políticos e administrativos,

---

(2) Em 1991, a Rua de Sá da Bandeira “assume-se igualmente como uma artéria de maior significado e, com aquela [Rua de Santa Catarina] e as perpendiculares a ambas (31 de Janeiro, Passos Manuel, Formosa e Fernandes Tomás designadamente), define um espaço que, a nascente d’a avenida” e d’a praça”, sedia uma parcela significativa dos estabelecimentos situados na “Baixa” (37%) e, sobretudo, dos que oferecem bens e/ou serviços de aquisição geralmente menos frequente e de maior custo unitário” (Rio Fernandes, 1997:200).

estações de transportes ferroviários, estabelecimentos de ensino ou de saúde, equipamentos culturais, edifícios religiosos, associações, sociedades ou sindicatos. Pela imponente destacam-se o edifício dos Paços do Concelho (Correia da Silva, 1920) a igreja e a estação da Trindade, a norte, na Praça D. João I o Teatro Rivoli e mais a sul a estação de São Bento, o Teatro nacional de São João e o edifício dos correios na Batalha, e a oeste a igreja dos Clérigos, o edifício do Centro Português de Fotografia, a Reitoria da Universidade do Porto, o complexo das Carmelitas – igreja e actual quartel da G.N.R. – o Hospital de Santo António e ainda o Teatro de Carlos Alberto. A localização destes equipamentos é geralmente em contiguidade com espaços urbanos vazios de edificado, contribuindo para um carácter próprio de cada praça ou largo que confrontam. Em alguns casos, exercem ainda uma forte influência na vivência do espaço urbano nas suas imediações, como é exemplo a Estação de São Bento e a manifesta influência na agitação da Praça de Almeida Garrett, ou do Teatro Rivoli sobre a Praça de D. João I, em noites de espectáculos, ou pelo contrário, contribuindo para uma maior pacatez, os casos da igreja da Trindade ou os edifícios da Câmara Municipal.

### **Ocupação comercial geral:**

De um modo geral, os estabelecimentos comerciais preenchem quase todo o tecido urbano desta área. Contudo, há alguns pontos da Baixa em que as parcelas edificadas se mostram esvaziadas de comércio. Estas correspondem sobretudo a prédios devolutos, com o rés-do-chão a funcionar exclusivamente como acesso às habitações nos pisos superiores, ou nos quais o rés-do-chão serve ele próprio de habitação, ou porque se encontram simplesmente desaproveitados para a actividade comercial.

A maior ocupação comercial do edificado manifesta-se, portanto, na cintura desenhada pela rua de Cedofeita, praças Carlos Alberto e Gomes Teixeira, ruas das Carmelitas, Clérigos, 31 de Janeiro e Santa Catarina, justificando a grande afluência e movimento de transeuntes, e ainda as bordas da Praça da Liberdade e Avenida dos Aliados. (3)

De ocupação mais escassa encontra-se a rua do Almada, sobretudo no seu extremo norte, e cuja degradação do edificado é o motivo principal, as ruas da Picaria, de José Falcão e de Sá de Noronha (perpendiculares para norte da rua de Ceuta) e, a sul dos Clérigos, no tecido medieval, as Ruas de Trás e dos Caldeireiros, cujos pisos térreos são maioritariamente acessos às habitações (4).

É ainda possível “identificar uma desigual intensidade e qualidade comercial a Este e a Oeste da Avenida dos Aliados e da Praça da Liberdade, em benefício da área oriental da Baixa”, tal como acontecia em 1991 (Fernandes, 1997).

---

(3) Na década de 1990:  
 “A Sul, a Praça da Liberdade constitui um elo de ligação que continua a afirmar-se como um dos mais importantes da cidade e no qual, a Rua 31 de Janeiro continua a marcar-se não só por uma importante intensidade do preenchimento retalhista, como ainda por uma qualidade e especialização que obriga a considerá-la no conjunto restrito das principais artérias comerciais do Porto. Nos Clérigos, a oferta de artigos de uso individual mantém uma representatividade extremamente significativa.

A Rua de Sá da Bandeira “assume-se igualmente como uma artéria de maior significado e, com aquela [Rua de Santa Catarina] e as perpendiculares a ambas (31 de Janeiro, Passos Manuel, Formosa e Fernandes Tomás designadamente), define um espaço que, a nascente d’“a avenida” e d’“a praça”, sedia uma parcela significativa dos estabelecimentos situados na “Baixa” (37%) e, sobretudo, dos que oferecem bens e/ou serviços de aquisição geralmente menos frequente e de maior custo unitário” (Rio Fernandes, 1997:199).

(4) Verificando-se também em 1991: “Para norte da Baixa, verifica-se uma nítida diminuição do significado comercial. E não só as ruas de Almada, Bonjardim, Sá da Bandeira e Santa Catarina perdem importância comercial, como os arruamentos existentes na proximidade revelam uma reduzida presença” de comércio.  
 (Rio Fernandes, 1997:201)

### **Cafés, bares, restaurantes e similares [anexos, p. 170]:**

Por último, observam-se as ocupações dos espaços construídos pelos cafés, bares, restaurantes e similares, e os modos como estes influenciam as dinâmicas dos vários espaços urbanos da Baixa. A sua dispersão pelo território é notória. Não há um único arruamento que não possua um estabelecimento deste género. Toda a espacialidade urbana se vai servindo destes pontualmente. Apesar disto, a cintura referida de maior movimentação não parece dotar-se, relativamente à afluência populacional que apresenta, de uma quantidade de cafés e similares correspondente, distribuindo-se estes maioritariamente para o interior delimitado por este eixo.

Denota-se ainda uma forte presença no quarteirão situado entre a Reitoria da Universidade do Porto e o Hospital de Santo António, cuja ocupação é quase exclusivamente feita por cafés e restaurantes. Os quarteirões a nascente da Praça de Carlos, também se preenchem de um número notável de estabelecimentos deste tipo, assim como o bairro das Carmelitas (principalmente as ruas Galeria de Paris e Cândido dos Reis) fenómeno recente já que, na década de 1990, o estudo de Rio Fernandes (1997) indica que estas vias “continuam a denotar uma relativamente **fraca intensidade de ocupação**”, e constata o “reduzido significado deste bairro” (Rio Fernandes, 1997:201).

Por outro lado, nessa altura, tal como se observa hoje “(...) (parte meridional de Sá da Bandeira, Travessa dos Congregados, Sampaio Bruno e Rua da Fábrica, designadamente), embora participe de uma maior diversificação retalhista, marca-se por uma **concentração de cafés, restaurantes, hotéis e similares** que perpetua uma velha especialização desta área, enquanto centro de convívio e de encontro entre as pessoas e onde os cafés, restaurantes e similares se parecem direccionar actualmente, sobretudo para a significativa procura resultante da acentuada concentração dos postos de trabalho” (Rio Fernandes, 1997:188-189).

Algun paralelismo entre os dois tempos encontra-se também na Praça da Batalha que é, naquela década, “o local de concentração de cafés, restaurantes, hotéis e similares, marcando-se (...) pela presença continuada de duas importantes casas de espectáculos (Cine-Teatro S. João e Cinema Batalha)” (Rio Fernandes, 1997:200), encontrando-se este último actualmente encerrado, desde 2010.

Em face do conhecimento acumulado sobre o contexto territorial em análise, importa compreender o conjunto de processos que se têm vindo a estruturar sobre a realidade dos cafés locais, sendo esse trabalho que procuraremos desenvolver seguidamente.





# CAPÍTULO 5.

## ELEMENTOS ORGANIZADORES DOS ESPAÇOS-TEMPOS

### 5.1. OS ESPAÇOS-TEMPOS INCLUÍDOS NO ESTUDO

Prosseguindo a análise dos cafés da Baixa, importa desenvolver uma observação particularizada da sua configuração. Em primeiro lugar, apontados todos estes estabelecimentos – cafés, bares, restaurantes e similares – e a sua devida localização no território urbano, procedeu-se a uma selecção daqueles que, dentro desta tipologia, mais se adequariam ao estudo e excluindo os que menos interessariam.

À partida, excluíram-se os estabelecimentos exclusivamente direccionados para a restauração – os restaurantes – espaços igualmente interessantes mas que não transmitiriam a ambiência e a ambivalência que detêm os espaços vividos dos cafés. Não foram, contudo, afastados da análise os cafés e similares que porventura se façam acompanhar por um serviço de refeições, funcionalidade que os caracterizara já, aliás, nas suas origens (os botequins).

O QUE SERÁ  
ENTENDIDO  
COMO CAFÉ, E O  
QUE FICARÁ FORA  
DO ESTUDO

A atenção foi dada, assim, a toda a gama de cafés e similares existentes, à excepção dos restaurantes, e a uma variabilidade tão grande quanto possível – às variações nas suas organizações materiais, desde cafés projetados por profissionais da organização de espaço, aos de origem popular, naïf, tradicional. Desde os que se envolvem com as tendências culturais mais actuais, com as modas momentâneas, ligados à cultura “cultivada” ou à popular, ou aos cafés de aparente neutralidade cultural, menos remarcáveis, banais e ligados à quotidianidade. Para facilitar uma sistematização e organização da informação, definiu-se uma série de sub-tipologias, nos quais foram enquadrados os diversos espaços a partir de uma apreensão mais ou menos imediata, e que se foram redefinindo à medida que as características e informações adicionais desses espaços foram recolhidas e sistematizadas. São assim, os espaços de estudo agrupados em torno das seguintes subtipologias principais: **tabernas /tascos, cafés populares, snack-bares, cafés antigos** - que se subdividem por sua vez em cafés antigos renovados, “snackizados”, degradados, ou que combinam mais que uma destas características, **snack-bares novos** (incluindo-se os pertencentes às cadeias de *franchising*), **cafés novos (1), cafés de luxo, bares, e clubs**.

---

(1) Com base na sistematização apontada por Virgílio Borges Pereira (1995:151-176).

A par desta sistematização, foram sendo, portanto, recolhidas diversas **características**, da materialidade espacial e dos ambientes socioculturais dos espaços, que os pudessem definir, diferenciar ou comparar. A informação recolhida foi posteriormente organizada numa tabela em que se tentaram fazer aproximações das características de cada espaço, de modo a permitir a observação de coincidências entre estes e/ou especificidades de cada um. Também os dados levantados foram transpostos para plantas do território, de modo a fazer-se uma leitura de como as diversas particularidades dos espaços se relacionam com o espaço que os contém e as suas localizações específicas.

Esta primeira abordagem empírica, sobre um total de **221 estabelecimentos** (levantados até Janeiro de 2013), consistiu num levantamento genérico, pela grande quantidade de espaços em estudo, das características que vieram a ser, numa última fase em que se seleccionou um número mais limitado de casos de análise, alvo de uma observação mais aproximada e pormenorizada, e em que se puderam encontrar aspectos mais subtis dos modos como os espaços construídos dos cafés se relacionam com as dimensões humanas e com o território e a sociedade em que se encontram.

## 5.2. CARACTERÍSTICAS LEVANTADAS

### A IMPORTÂNCIA DAS CONVENÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS E NO SEU USO

Para a selecção destas características, contou-se com a utilidade das **convenções**. O conceito de convenção pode referir-se tanto à **prática artística** e de concepção espacial como às **práticas sociais** e de utilização e uso dos espaços, directamente relacionadas com os “**costumes**” de uma sociedade – os **hábitos** – e portanto com os seus modelos culturais (Pinson, 2002:89-90).

Referindo-se à **prática artística**, as convenções são um conjunto de “receitas codificadas ou de hábitos interiorizados” (Pinson, 2002:89), que vão sendo mais ou menos permanentes, mas também continuamente em ruptura e renovação. Com desvantagens, é certo, as convenções, ou normas, não deixam de ter uma utilidade na concepção espacial ao relacionar-se com as convenções sociais, permitindo mais facilmente atender aos indivíduos a quem se destinam, ao relacionar-se com as suas normas de comportamento, atitudes próprias dos grupos de indivíduos e portanto um maior controlo social (Pinson, 2002:89-90).

No plano das **práticas sociais**, as convenções constituem-se como elementos de práticas ou de disposições materiais e formais, aceites e partilhadas, que permitem o reconhecimento mútuo no seio de uma dada estrutura social, a partir do momento em que fundam um acordo conveniente, implícita ou explicitamente, uma linguagem comum, condensada, mas que a prática repetida, a reprodução quase invariável, no decorrer do desenvolvimento histórico e na transmissão da memória colectiva (Pinson, 2002:89-90).

As **convenções**, como “conjunto de disposições práticas e de dispositivos materiais sobre os quais há um acordo, uma aceitação, constituem-se como exigências mínimas, básicas, e que permi-



tem ao criador do espaço conformar mais ou menos exactamente esse próprio espaço, nas suas várias dimensões, e no seu carácter funcional e estético”, com uma expectativa mais ou menos generalizada (Pinson, 2002:90).

Portanto, procurou proceder-se ao levantamento dos **elementos convencionais** referentes à produção de uma materialidade espacial, e em particular à produção de espaços físicos de cafés, bem como dos modos convencionais do uso destes espaços, e que se sintetizam na sequência da realização do trabalho de campo, nos parágrafos seguintes.

### 5.2.1. DA MATERIALIDADE ESPACIAL: ELEMENTOS FÍSICOS CONVENCIONAIS ORGANIZADORES DO ESPAÇO

Há, portanto, elementos convencionais organizadores dos cafés e que vêm a influenciar mais ou menos os modos de uso a que estes espaços estão sujeitos. Em primeiro lugar encontra-se a configuração do volume espacial: o seu carácter, forma e tamanho tridimensional, e das superfícies que o delimitam. Entram em jogo as entradas (ligações entre exterior e interior) bem como os modos como se configuram passagens e circulações internas. Aqui têm um papel decisivo os vários elementos que organizam o espaço interno – elementos fixos, semifixos e móveis.

#### O BALCÃO

O **balcão**, elemento comum a praticamente todos os cafés, é um elemento fundamental nas suas organizações espaciais, ainda que as suas formas e dimensões sejam extremamente variáveis de espaço para espaço. Comummente separam a zona de preparação de produtos da zona do seu consumo, que é também frequentemente feita sobre este, funcionando assim como elemento intermediário do serviço. Poderá ter um papel mais ou menos marcante na organização do espaço, marcando-o e fazendo-se notar sobre este ou passar nele despercebido, dependendo da sua dimensão, configuração e posicionamento no espaço geral (Eleb, Depaule, 2005:40). Pela função a que é destinado, de elemento organizador do serviço e separador entre a zona de consumo e de preparação, assume-se como catalisador funcional, mas também como um elemento de grande força simbólica e determinante nos modos como se vão processar as actividades menos mecânicas. Este afecta a distribuição e disposição dos clientes, modos de serviço e atendimento, percursos e paragens dos utilizadores do espaço – clientes e empregados, e como um pólo estruturador das interacções e modos de apropriação mais simbólicos. O consumo ao balcão ou fora deste pode ser determinante para se entenderem as modalidades de consumo praticadas num espaço de café, desde o simples acto de consumir aos modos mais variáveis que estão adjacentes a essa actividade mais pragmática – os tempos de permanência, mais fugaz ou mais pausada, as interacções, proximidades, entre clientes e entre estes e empregados/patrões – podendo determinar, ainda, as intensidades de vivência dentro do espaço: de maior agitação e socialibilidade, à serenidade, isolamento e introspecção.

## ELEMENTOS MÓVEIS:

### MESAS (E CADEIRAS)

As **mesas, e respectivos lugares sentados**, são também elementos importantes. A sua disposição e quantidade em relação à forma e dimensão do espaço é factor relevante na imagem que este transmite, na organização funcional (definindo circulações e/ou sub-áreas particulares) e nos modos de distribuição dos clientes e de vivência. De um modo geral, a forma e tamanho das mesas variam pouco perante a grande variedade de cafés – as formas quadrangulares e redondas, de tamanho reduzido (não ultrapassando um metro de largura ou de raio) são as mais frequentes. A variabilidade encontra-se sobretudo na relação com o espaço em que se inserem e nos modos como vêm a organizar as apropriações espaciais. Por um lado, nos seus **modos de agrupamento**: as mesas, isoladas ou agrupadas de várias maneiras, poderão também agrupar ou segregar os agentes espaciais. A **disposição e localização** das mesas, concentrando-se ou dispersando-se no espaço, situando-se de modos particulares, de proximidades e afastamentos em relação a outros elementos, entrará em jogo nas decisões de escolha dos utilizadores e espelhará, deste modo, as preferências e propósitos do uso espacial: preferências de isolamento ou de exposição, de introspecção ou de sociabilidade, trabalho, estudo ou diversão. A **quantidade**, relativa às dimensões espaciais, é um outro factor que servirá de indicador de como normalmente se faz o uso do café, particularmente no que diz respeito aos tempos de permanência, à intensidade de afluência e às modalidades de consumo.

### OUTROS ELEMENTOS POLARIZADORES

Outros elementos podem surgir no espaço dos cafés e que contribuem igualmente na estruturação dos territórios de co-presença que se vão compondo ao longo dos seus tempos de funcionamento. A **televisão, a máquina de tabaco, máquinas de jogos, bilhares, matraquilhos**, que se encontram vulgarmente em vários espaços, vêm a contribuir tanto para a imagem como para os modos como o espaço é usado (Eleb, Depaule, 2005:40-41). Em casos mais peculiares, como nos cafés destinados a um público mais cultivado, surge por vezes a presença de um **piano** ou de pequenas áreas destinadas a **concertos**. Os que privilegiam a abertura nocturna e promovem a dança como uma das actividades essenciais, possuem geralmente uma zona a esta destinada, assim como a localização de um dispositivo em que se encontram as mesas de mistura de música, reservado ao *disk jockey*, presente também na maior parte dos espaços em que a música é um foco de interesse. Os **quiosques**, com venda de jornais, revistas e tabaco, presentes ou adjacentes a alguns cafés, de acesso interno e/ou pelo exterior, introduzem também sub-territorialidades internas particulares.

## A DIVISÃO DO ESPAÇO – SUB-ESPAÇOS

Frequentemente, um espaço de um café, além de se compor por vários sub-territórios gerados em torno dos elementos polarizadores, também a própria espacialidade se pode dividir em múltiplos sub-espacos, deixando esta de ser um único volume homogéneo (Eleb, Depaule, 2005). As separações entre os vários volumes espaciais que podem conter os cafés, podem ser de vários tipos, mais marcantes ou mais subtis, através de elementos de carácter e importância variável: barreiras físicas de elementos fixos ou semi-fixos, geralmente planos verticais, diferenças nas volumetrias dos próprios sub-espacos – nas dimensões tanto em planimetria como de pés-direitos - diferenças de cota de uns espacos para os outros, disposição e localização de elementos móveis, filtros visuais, bem como as características dos próprios invólucros, das suas linguagens decorativas que podem gerar diferentes ambientes, ou ainda através de diferentes funcionalidades a que os espacos possam estar destinados.

## RELAÇÃO ENTRE INTERIOR E EXTERIOR

A relação com o exterior entra, por um lado, na definição do ambiente vivido na interioridade do café, e por outro, influencia a própria vivência do espaço público envolvente, próximo dos estabelecimentos. O interior, pode, consoante os filtros mais ou menos marcantes da fachada – os modos como esta se configura através de montras, panos de vidro, aberturas pontuais, a abertura ou fechamento e dimensões das portas – ser participativo da vida exterior, que passa para dentro deste observando-se com facilidade, ou voltar-se para si, ignorando o que se passa lá fora. Também a percepção do espaço a partir da rua pode variar. O interior do espaço pode ser mais ou menos visível do exterior, e mais ou menos convidativo a penetrar-se nele. O movimento entre os dois mundos, consoante as suas intensidades e que os elementos separadores (da fachada) condicionam, é também importante na definição tanto da vivência interna como das imediações no exterior.

## ESPLANADA

De modo a proporcionar aos utilizadores a possibilidade acrescida de disfrutarem do espectáculo da rua, e de participarem da vida da rua, muitos dos cafés, dos mais variados tipos, possuem uma área de **esplanada** – uma extensão do café para o exterior (Eleb, Depaule, 2005:42). Este é um sub-espaço transitório entre o mundo interno do café e o externo abrangente, e que absorve parte dos dois mundos, ainda que de modos específicos. Diferencia-se das zonas internas junto às janelas, das “vitrinas”: estas funcionam mais como observatório do mundo externo e participam da interioridade do espaço, enquanto na esplanada, para além da observação, está-se, permanece-se na rua, beneficiando-se, do estabelecimento do café, mais da sua oferta de consumo e dos modos de serviço, e afectando-se menos pela materialidade espacial interna, ainda que indirectamente não seja excluída essa hipótese.

## A IMAGEM DO EXTERIOR: FACHADA, SIGNOS E DENOMINAÇÃO DOS CAFÉS

De um modo mais directo, o aspecto exterior do café – a **fachada** – e a sua **designação**, geralmente aí anunciada, poderão ser indicadores da leitura que se pretende que seja feita do espaço, tanto do seu ambiente físico como do que nele se passa. Estes elementos poderão transmitir à partida, antes de uma incursão na interioridade espacial, e de um modo propositado ou inintencional, o seu carácter significativo e estético, as referências culturais a que está contíguo. O estilo gráfico dos letreiros e das informações publicitárias, as cores e iluminação destes e da restante fachada, os elementos com as suas formas e materiais, compõem uma imagem única que transmite informação sobre o interior projectando-o para a rua. Este signos participam de uma evidência sociocultural e poderão ser um factor decisivo na escolha da sua frequência, consoante os modelos culturais e subculturais adoptados pelos indivíduos. Estes signos externos costumam prolongar-se, em correspondência para o interior espacial (Eleb, Depaule, 2005:44-45). A imagem da fachada pode inserir-se, em consonância, na imagem do edifício em que se implanta o café, passando mais ou menos despercebida, ou configurar-se de modo a sobressair-se, constituindo-se como elemento excepcional na imagem geral, desde a rua.

### LINGUAGENS DECORATIVAS – REFERÊNCIAS ESTÉTICAS

A **linguagem** de um espaço é o modo como o invólucro espacial comunica, fornecendo de um modo mais imediato uma imagem deste – e que tem um papel crucial nas escolhas de frequência. Vários elementos entram na sua composição: os materiais de revestimentos, suas cores (maior sobriedade ou de exaltação cromática), texturas e modos como se conjugam (misturas subtis ou assentes em contrastes), e a iluminação (forte ou amena, e mais ou menos confortável) são os maiores contribuintes para a imagem do espaço. No decurso dos levantamentos efectuados sobre as características dos cafés, verificou-se uma variação de linguagens: descuidadas, popularizadas, naïves e *kitsch*, ou conceptualizadas sob as tendências contemporâneas – racionalistas, ecléticas ou revivalistas – e ainda as que se encontram nos cafés históricos, de linguagens autênticas desenvolvidas no século XX – sobretudo da Arte Nova e Art Déco. Estes aspectos imagéticos prendem-se com as idades dos cafés, de um modo geral, e podem verificar-se algumas correspondências entre eles e os públicos que os ocupam, como se observará no decurso deste trabalho de modo mais detalhado.

### 5.2.2.DA VIVÊNCIA ESPACIAL - AMBIENTE HUMANO OBSERVÁVEL

Os cafés são estações de “co-presenças efémeras de população”, com vínculos socioculturais que podem ser mais ou menos variáveis. Estas coabitações produzem uma “espécie de polifonia no espaço” em tempos específicos em que ocorrem, e que contribuem para ambientes humanos próprios a cada tempo e espaço: calmos e pacatos, propícios ao descanso e introspecção, agitados e alvoroçados, de sobrelocação de ocupantes, de modos de frequência corredia e impetuosa, ou de exaltação festiva (Eleb, Depaule, 2005:43).

## MODOS DE PERMANÊNCIA

Estes ambientes humanos resultam portanto, por um lado, dos modos como passam e permanecem no espaço os seus frequentadores: de modo fugaz, demorado ou intermédio. Os tempos de permanência podem, ainda que seja conveniente atentar a outros factores, estar de acordo com a **escolha do lugar no café** (Eleb, Depaule, 2005:42).

### A ESCOLHA DO LUGAR NO CAFÉ

Seja ao balcão, nas mesas, nas esplanadas, em determinadas zonas do café ou em movimento pendular por estas, o lugar em que se vão posicionando os indivíduos é de grande importância analítica – transmite as suas escolhas, o que pretendem do espaço e o que nele procuram. Pode preferir-se um local calmo ou que promova a sociabilidade, um lugar recatado em que não se queira ser visto, que privilegie a discrição, que funcione como observatório ou até de destaque (Eleb, Depaule, 2005:42). Estas escolhas estarão ligadas a estados de humor momentâneos mas também a preferências relacionadas com os modos de percepção do espaço, e que se ligam a esquemas mentais conotados com as culturas e subculturas.

## MODOS DE AGRUPAMENTO E INTERACÇÃO ENTRE OS USADORES DO ESPAÇO

O facto de os frequentadores estarem acompanhados ou isolados é também importante, tanto para os tempos de permanência como na intensidade e qualidade das relações humanas. Quando dois a dois ou em grupos de maior número pressupõe-se uma maior actividade de sociabilização e à partida isto torna os utilizadores mais demorados. Enquanto utilizadores solitários, o seu tempo de permanência é variável: poderá ser rápido, no caso em que se pretende em exclusivo o consumo, ou mais pausado – ao balcão, por exemplo, enquanto se conversa com os empregados ou patrão que por detrás deste se encontram em serviço, ou a uma mesa enquanto se lê o jornal, se trabalha, estuda, se espera alguém, ou simplesmente se disfruta de um momento a sós ou de uma pausa descansada entre duas quaisquer actividades do quotidiano. Os níveis de interconhecimento e interacção entre os utilizadores em grupo contribuem para a composição da sua atmosfera geral, assim como a **quantidade** de ocupantes, em relação às dimensões do espaço, se constitui influente no retrato do espaço humanizado.

## SEGREGAÇÃO DE PÚBLICOS

Apesar de se caracterizarem por envolverem e estarem abertos a todas as camadas sociais, culturais e subculturais, surgem, ainda assim, cafés direccionados para clientelas preferenciais (Eleb, Depaule, 2005), pertencentes a subculturas específicas: cafés direccionados para as classes mais populares (como os cafés da zona dos Clérigos), para grupos étnicos específicos (café turco e caboverdiano), para homossexuais (o Lusitano), ou para grupos de poder económico mais elevado (as champanherias). Ainda que não segreguem nem impeçam a frequência de quaisquer indivíduo, naturalmente os frequentadores fazem as suas escolhas e preenchem os espaços com que se identificam e os quais pretendem destinar-se.

## OS PÚBLICOS:

### GÉNERO

Se originalmente os cafés se destinavam a uma clientela exclusivamente masculina, hoje a paridade é paradigmática. No entanto, em certos espaços verifica-se ainda uma forte tendência da frequência maioritariamente masculina, que poderá traduzir uma conotação com uma cultura tradicional ainda fortemente enraizada, ou com modalidades de consumo e de actividades secundárias preferenciais do género masculino. O contrário também se verifica. Surgem alguns espaços de preferência feminina, facto que se poderá prender a uma memória colectiva dos Salões-de-chá (historicamente, os espaços alternativos aos cafés de públicos masculinos) e ainda às características materiais e estéticas do espaço, ou aos modos de uso que estes vêm a proporcionar. Nos modos de agrupamento, no que diz respeito à segregação por géneros, duas diferenças ressaltam: é comum que os utilizadores do sexo masculino frequentem os cafés sozinhos, enquanto as mulheres muito raramente se dirigem a estes a não ser acompanhadas. Nos casos pontuais em que os frequentam sozinhas, os lugares escolhidos no espaço são geralmente o que menos destacam a sua presença (Eleb, Depaule, 2005:51) e menos promovem encontros interpessoais – longe do balcão, em zonas mais intimistas – e geralmente o consumo é acompanhado de alguma actividade que ocupe a sua atenção em relação ao espaço – leitura ou operação em computadores.

### IDADES

A **idade** dos utilizadores é também um potencial indicador das referências culturais com que poderão estar conotados os cafés. Certamente, indivíduos de idade mais madura estão culturalmente referenciados de modos distintos dos mais jovens. Na diferença de gerações encontram-se também diferenças de influências culturais referentes a determinadas épocas em que se adquirem e constroem, e que poderão ser muito díspares já que acompanham as rápidas mutações que se fazem sentir nos tempos correntes. Portanto, se um determinado café é preferencialmente escolhido por uns e recusado por outros, será certo que ele estará mais susceptível a determinados quadros culturais que outros. Contudo, a mistura de idades num mesmo café é também um fenómeno recorrente, possuindo, portanto, qualidades significativas transversais a vários grupos subculturais.

### OUTRAS CARACTERÍSTICAS DOS FREQUENTADORES

Outras características dos frequentados dos espaços que compõem o ambiente humanizado são as que se prendem ao seu aspecto visual, sobretudo do **vestuário** – o estilo de vestir, formal ou informal, cuidado ou descuidado, aceite pela sociedade de massas como “normal”, ou mais alternativo. A **formalidade do vestuário** poderá indicar um *status* mais elevado, ou pelo menos uma vontade de pertença a uma classe económica mais elevada, ou, ainda, indicar uma certa ocupação profissional que reivindique o recurso a tal indumentária.

## NÍVEL CULTURAL

Diferentes níveis culturais e subculturais, que não têm necessariamente a ver com aspectos sociais e económicos, pertencem inerentemente aos indivíduos praticantes do espaço, e vão desde os mais popularizantes aos mais eruditos e alternativos, que se encontram também variados nos diversos cenários de interacção (Teixeira Lopes, 2000).

A maior clivagem encontra-se entre uma cultura de massas/baixa cultura/cultura comum ou empírica, e uma cultura de elite/alta cultura/cultura cultivada ou erudita. A primeira resulta de um “controlo das consciências individuais submetidas a uma standardização e uniformização intensas” (Teixeira Lopes, 2000:20). Sintetiza influências locais (tradicionalistas e regionais) e globais, em que os modelos de comportamento dos agentes são servidos pelas “indústrias culturais” fortemente mediatizadas (Teixeira Lopes, 2000). De um modo extremo, podemos ligar este nível cultural a preferências que vão desde os temas incutidos pela televisão genérica (programas de entretenimento, noticiários, telenovelas, jogos de futebol) aos da literatura *light* (2), muito banalizados e de fácil acesso, e ainda, em parte, a graus académicos mais baixos. A fruição da cultura popular tende também a ligar-se a “um carácter acentuadamente lúdico e convivial” (Teixeira Lopes, 2000:37).

Para um nível cultural cultivado, o contributo de uma crescente escolarização foi fundamental. Aqui há uma receptividade a temas mais eruditos, geralmente menos banalizados e mediatizados. A este nível encontram-se, de um lado, consumidores e de outro, produtores de “cultura”, de qualidade, e de “novas visões do mundo” (Teixeira Lopes, 2000:25). O cinema de autor, a arte contemporânea de vanguarda, a literatura (e não a *lighteratura* (3)), a música (sobretudo, clássica, *jazz* e *blues*), a descoberta e conhecimento do mundo e das suas diversas culturas, os temas académicos, a frequência de eventos cultos, visitas de museus, ou os gostos mais refinados no consumo, estão conotados, num extremo, com os agentes identificados com este nível cultural.

Ambos os níveis culturais coexistem, e apesar da clivagem, “as camadas mais favorecidas em termos de capital cultural e escolar, revelam tendências ecléticas de consumo cultural, não deixando de abarcar, na sua fruição, as obras da cultura de massas” (Teixeira Lopes, 2000:24).

De entre os mais jovens e de idades médias, desvenda-se ainda um grande número de pequenas diferenças, conotadas geralmente com subculturas urbanas instituídas nas sociedades ocidentais nos últimos anos, que se vêm tornando globalizantes, e que vão desde as mais populares às mais

---

(2) Literatura Light: literatura ligeira, superficial, sem conteúdo significativo. A este propósito João Teixeira Lopes (2000:47) faz referência ao autor Lichterman (in Andrea Press, 1994), que introduz o conceito de “Thin Culture (cultura ‘ligeira’, ‘superficial’)” para se referir aos manuais de auto-suporte (“como emagrecer”, “como encontrar o grande amor”, etc.) que se constituem como um género “elaborado para um consumo de massas.”

(3) Designação encontrada em PRÍNCIPE, César – *Lyciadas* – “ENTRONIZAÇÃO DA LIGHTERATURA”, Porto, Searadevento, 2008, p.62, que sintetiza os temas “literatura” e “light”. Na mesma edição há ainda um poema intitulado de “CULTURA DE MASSAS (A Rafael Bordalo Pinheiro)”, p.59, que retrata a essência do nível cultural popular que se aponta, e o insere precisamente no contexto do café: “(...) Mora a um passo da TV A dois do Jogo da Bola / Lê A Bola no caFé Lê O Jogo no caFé (...)”.



“alternativas” (4). Estas subculturas juvenis e urbanas ligam-se por vezes ao culto de determinados estilos musicais, desde os mais comerciais/populares – música *pop*, *r&b*, *soul*, *hip hop* ou *house music* – ao *rock*, *metal*, *punk* e *post-punk*. Do culto da música de décadas anteriores – dos anos 60 a 90 (*british pop/rock*, *new wave*, ou *disco*) - aos géneros mais alternativos – derivações dos anteriores: *metal* e *rock progressivo* - *indie* e derivados (*indie rock*, *indie folk*, *indie electrónico*) e sons do panorama electrónico experimental - *drum&bass*, *synthpop*, *electropop*, ou *new rave* - e ainda aos mais eruditos – *jazz*, *contemporary jazz*, ou *blues*. O culto das novas tecnologias, o gosto pela informática, multimédia e a adoração de *gadgets*, são uma tendência crescente na formalização de subculturas mais jovens, assim como o culto das estéticas do passado – do *vintage* e do *retro* – que se espelham muitas das vezes nos modos de vestir, no coleccionismo de objectos antigos (máquinas fotográficas analógicas, *polaroids*, bicicletas clássicas, acessórios de vestuário) e na utilização assídua, por exemplo, do *instagram* (5). O cinema, e as séries televisivas são outros temas que vão definindo as identidades subculturais, mas também os seus graus académicos – há um grande número de jovens licenciados e com graduações superiores – e as ocupações profissionais – surgindo a tendência para as profissões liberais, cada vez mais ligadas às tecnologias e multimédia. À multiplicidade destas subculturas mais jovens corresponde uma multiplicidade de denominações: há os *hipsters*, os *bohemians*, *geeks* e *nerds*, *yuppies*, *queers*, *emos*, *goths*, *skaters* ou *new age hippies* (6).

## TROCAS CULTURAIS

As **trocas e aquisições culturais** que têm lugar nos espaços dos cafés nos seus mais variados níveis, de maior ou menor formalidade, são fundamentais para um entendimento desses contentores materiais de sociabilidade e culturalidade. Há cafés em que estas se prendem unicamente com a conversa e discussão, outros vêem neles desenvolvidas actividades de leitura de livros, jornais, revistas, ou até de estudo e de trabalho. Noutros há interacções mais fortes que vão desde o jogo (cartas, bilhares, dominós) à dança. Podem proporcionar uma oferta cultural que vai desde a mais informal - música ambiente, televisão ou internet - a uma oferta mais formalizada – concertos musicais, performances variadas, exposições, debates e reuniões literárias, leituras de poesia, ou lançamentos de livros - e ainda indentificar-se com uma cultura de cariz popular ou mais cultivada, ou alternativa.

- 
- (4) Savage e Warde (1993:109-111) fazem referência à proliferação de subculturas nas sociedades urbanas contemporâneas, revelando a “condição heterogénea da vida urbana – mas sem que tal queira dizer anómica, impessoal, sem constrangimentos ou sem referências” e afirmando que a “pura variedade de subculturas (...) pode ser encontrada em qualquer cidade (...)”.
  - (5) Aplicação que permite, a partir de smartphones, o registo fotográfico e o tratamento da imagem com filtros que lhe imprimem a estética das fotografias antigas.
  - (6) A referência a estas subculturas juvenis é levantada communmente em sítios da internet – meio global e globalizante, integrado e bastante utilizado pelos próprios indivíduos subculturais. Podem encontrar-se descritas em:  
<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/UsefulNotes/Subcultures>, ou em:  
[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_subcultures](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_subcultures)



## MODOS DE SERVIÇO E CARACTERÍSTICAS DOS SERVENTES

Os **modos de serviço**, a par dos modos de consumo, são relevantes no entendimento das proximidades entre os clientes e o “pessoal da casa” e da intensidade de frequência de um determinado café – ocasional ou habitual.

O serviço aos clientes é feito ou directamente através do balcão, ou atendendo às mesas e esplanada, ou dos dois modos. De entre os que servem distinguem-se os patrões dos empregados, homens ou mulheres. Dependendo dos cafés, sobretudo nos de maior solenidade e em alguns cafés históricos renovados, os empregados são facilmente identificáveis pelo uso de um uniforme, e denota-se por vezes uma harmonização entre o vestuário profissional e a estética do café. Noutros casos, em espaços mais informais, sobretudo nos cafés populares e nos conotados a subculturas mais alternativas, apesar da ausência de um vestuário uniformizante, pode verificar-se também um certo acordo com o carácter significativo e imagético do café.

## RELAÇÕES ENTRE EMPREGADOS/PATRÕES E CLIENTES

As **relações interpessoais entre empregados/patrões e clientes** encontram-se a vários níveis. Podem ser impessoais e estritamente profissionais, de interconhecimento e até mesmo a um nível de familiaridade e amizade. Um nível elevado de conhecimento mútuo surge no caso de os clientes se tornarem habituais, o que torna dedutível que há uma forte correspondência entre o café e as referências culturais do indivíduo que o frequenta. Contudo, ainda que a relação entre uns e outros seja impessoal, não significa que não haja este acordo entre o utilizador e o café frequentado. Essa relação é apenas menos perceptível a partir deste ponto de vista analítico.

## AMBIENTE SONORO

A música e a sua amplitude, o tom das conversações e outros **sons** participam na composição do **ambiente geral** do café. Os sons dos objectos técnicos, de preparação de produtos a servir (máquinas de café e moinhos, fogões, torradeiras, máquinas de cerveja e refrigerantes de pressão), assim como o de outros aparelhos - televisões, máquinas de jogos ou de tabaco – combinam-se conferindo a cada espaço um ambiente sonoro específico (Eleb, Depaule, 2005).

A **música** seleccionada para o ambiente de um café (nos casos em que a há) será, e quase sempre é, um indicador do tipo de clientela que o frequenta. O fundo sonoro é, regra geral, um dos elementos de atracção ou rejeição de um espaço, não só pela qualidade musical mas também pela sua intensidade e nível de volume. Por vezes a rejeição de um espaço prende-se com o tom elevado do som que não permite aos frequentadores conversarem (Eleb, Depaule, 2005). Noutros casos pretende-se precisamente ouvir, disfrutar, dançar ao som de música em alto volume, como no caso dos cafés e bares nocturnos.

### 5.2.3. O TEMPO

Paralelamente a estes parâmetros, “o modo como os espaços organizam a sua dimensão temporal – os horários de abertura, os dias privilegiados de trabalho” (Borges Pereira, 1995:5), são um factor importante na sua conceptualização e na distinção entre uns e outros. O tempo é o denominador que acompanha os modos de consumo, de sociabilidade e de uso que se desenvolvem nos estabelecimentos. Há espaços que acolhem o público ao longo das horas do dia (ao pequeno-almoço, almoço, lanche ou jantar, segundo os tempos padronizados de consumo) e outros que privilegiam a permeabilidade pública nocturna. Há ainda aqueles que se deparam com os vários horários e que vêem o seu uso e os seus públicos alterados consoante os vários tempos. Os dias úteis e o fim-de-semana são também segregados, privilegiados ou negligenciados consoante os vários espaços. Este factor temporal não só se constitui como estruturador das particularidades sociais e de apropriação de cada café, como vem também a ter repercussões nos próprios ritmos do território urbano.

RITMOS DA BAIXA Analisando os tempos de funcionamento dos diversos espaços de cafés, pode fazer-se uma leitura da organização temporal da Baixa portuense [Fig.1].

A área a nascente da Avenida dos Aliados, e a norte da rua Passos Manuel, nas imediações da praça D. João I, Trindade e Bolhão, é de vivência exclusivamente **diurna**. Outras zonas como a Praça da Batalha, a parte meridional da Rua Sá da Bandeira e até mesmo, de algum modo, a própria Avenida dos Aliados, são terrenos urbanos que privilegiam o movimento citadino durante o dia, assim como as ruas comerciais por excelência de Santa Catarina e Cedofeita nas quais os estabelecimentos dos cafés não se impõem, encontrando-se nelas antes em serviço de apoio ao comércio especializado no equipamento da pessoa.

Num extremo oposto, tanto do território como dos tempos de actividade, o lado oeste é marcado pela vitalidade urbana **nocturna**, que se acentua ainda mais aos fins-de-semana. Estes horários nocturnos de abertura são adoptados por quase toda a totalidade dos espaços correspondentes às subtipologias dos cafés novos, bares e clubs – de fixação muito recente, quase todos, nesta área urbana, anteriormente localizados em áreas exteriores à Baixa (sobretudo na zona industrial, na freguesia periférica de Ramalde). Contudo nem todos os espaços de abertura nocturna correspondem a esta categoria, como é o caso do café **Âncora d’Ouro (Piolho) [nº149]**, existente aqui já desde há longos anos, e que juntamente com outros de carácter distinto dos anteriores, constituem um núcleo importante de dinamismo nocturno na praça de Parada Leitão e imediações.

Estas áreas, entre a praça de Parada Leitão, “dos Leões” e o bairro das Carmelitas, vêem-se assim fortemente influenciadas pelos horários alargados dos cafés aqui presentes, que lhes concedem uma agitação nocturna de grande intensidade, sem que contudo se percam as dinâmicas durante o dia. Por um lado, porque permanecem aqui os cafés de funcionamento exclusivamente diurno (na sua grande maioria os snack-bares e confeitarias,

que também impõem a sua presença nesta porção territorial) e, por outro, mesmo muitos dos que privilegiam a abertura à noite, também vão abrindo portas horas antes, sobretudo à tarde e ao fim-da-tarde.

Mas não só o espaço público vem a ser influenciado por este fenómeno novo, como também os próprios estabelecimentos de cafés que aqui existiam precedentemente vêm a adaptar a sua actividade com a temporalidade tardia aqui imposta. São disto exemplo a pastelaria de conotações brasileiras **Itaipu [nº114]**, aberta durante o dia como também à noite. De duas frentes, a que se volta para a Praça Guilherme Gomes Fernandes funciona exclusivamente no período diurno, com serviço de pastelaria e batidos de fruta, e a outra, aberta para a rua da Galeria de Paris, num piso inferior, apesar de funcionar nas mesmas horas, frequenta-se preferencialmente nas noites, sobretudo ao fim-de-semana. Nesta parte o serviço é semelhante ao outro, mas complementa-se de bebidas alcoólicas – caipirinhas de frutos variados - e apresenta-se com uma configuração física distinta (**Ver ficha em anexo, p. 126**).

Há ainda os casos dos snack-bares **Tamisa [nº108]** (rua de Ceuta) com serviço de pastelaria noite adentro, **Olival [nº228]** (rua da fábrica) e do café popular **Pontual [nº14]** (rua do Almada), e ainda dos cafés históricos **Aviz [nº32]** e **Ceuta [nº23]** abertos até mais tarde à sexta-feira e ao sábado. Alguns espaços de funcionamento nocturno verificam-se, também, em número menos significativo e com um carácter diferente dos anteriores, do lado contrário da Avenida dos Aliados. São principalmente os Clubs de grandes dimensões.

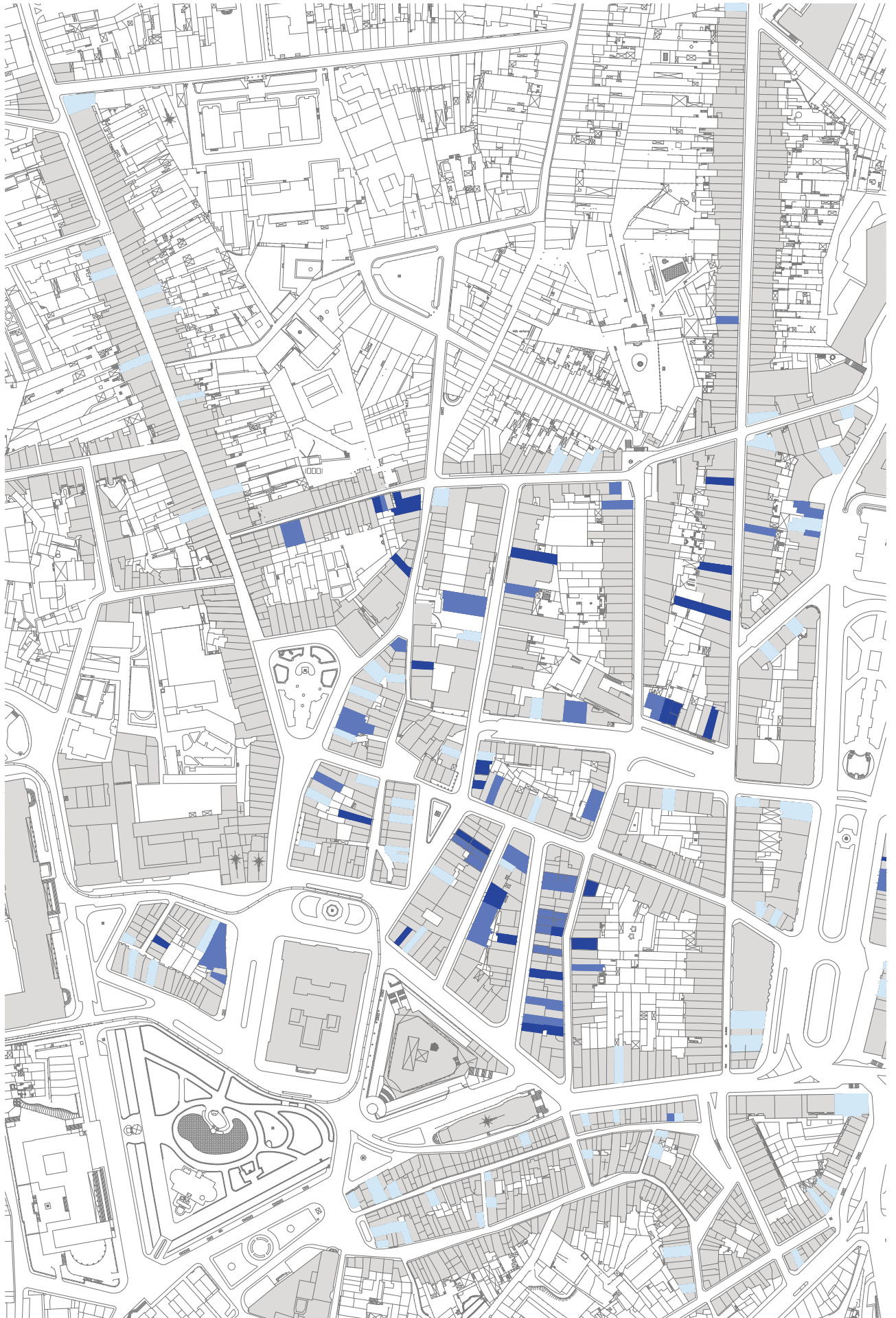
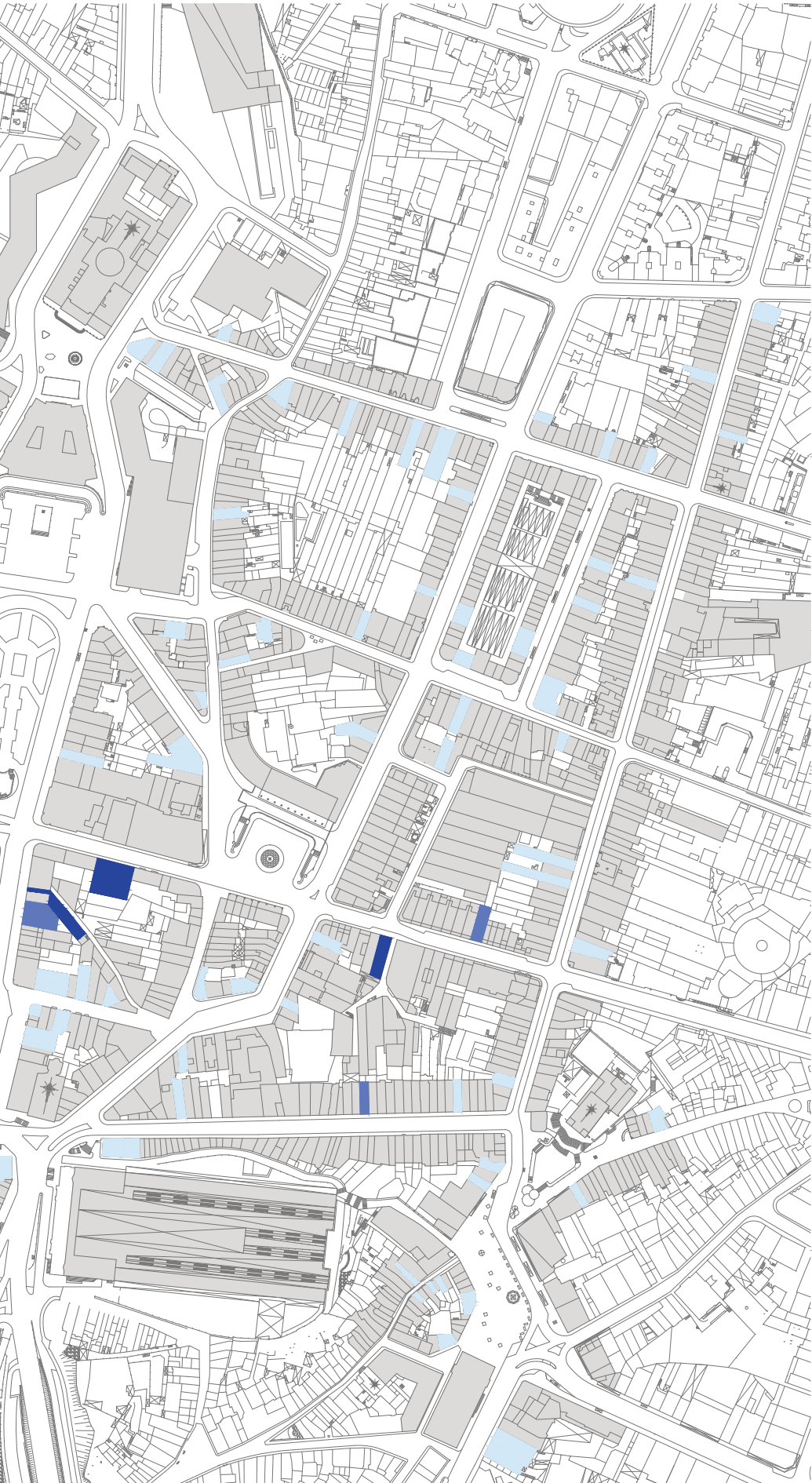


FIG. 1



# ORGANIZAÇÃO DOS RITMOS

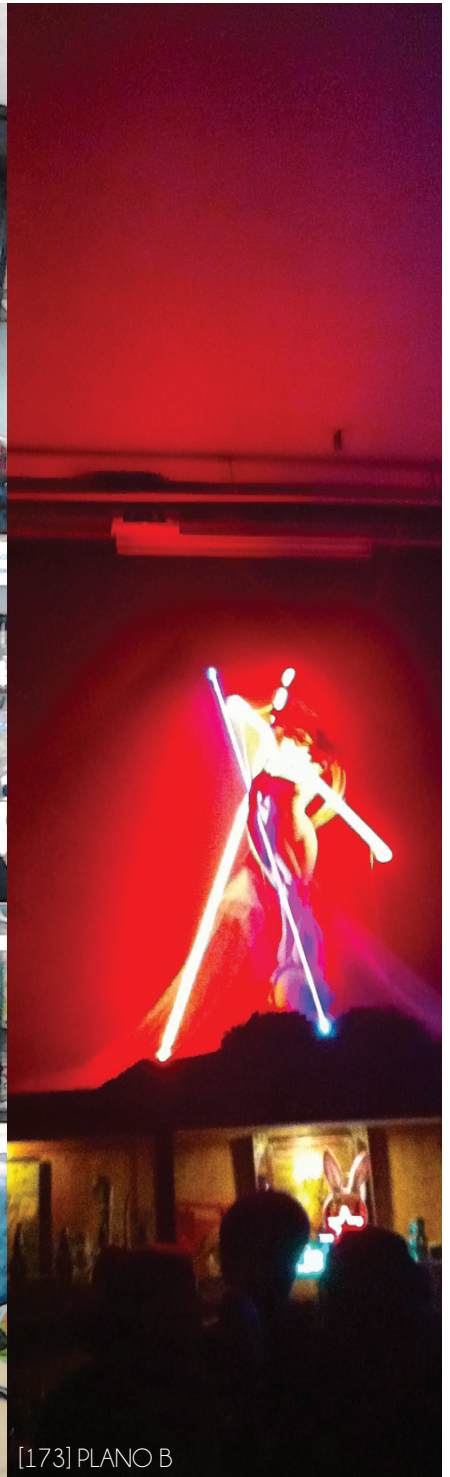


HORARIO DE FUNCIONAMENTO

- DIA
- DIA | NOITE
- NOITE



[50] AS SOGRAS



[173] PLANO B



# CAPÍTULO 6.

## CONCEPTUALIZAÇÃO DOS CAFÉS

### 6.1. SISTEMATIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS, ANÁLISE E CONSTATAÇÕES

Na primeira abordagem de envolvimento de um maior número de espaços de estudo, estas características levantadas foram portanto resumidas e metodizadas do seguinte modo, por forma a facilitar a recolha de informação:

#### a) da materialidade espacial:

- configuração geral do espaço: **dimensão** em planta (pequeno, menos de 100 m<sup>2</sup>, médio, entre 100 e 200 m<sup>2</sup>, e grande, acima dos 200 m<sup>2</sup>), **forma da planta** (centrada, longitudinal, ou outra/irregular), **volume** (pé-direito baixo, médio ou alto, em proporção com a dimensão em planta), **unidade ou divisão espacial** (espaço único ou dividido, em plano, em altura, ou ambos);

- **elementos semi-fixos**: balcão, forma e presença no espaço (marcante ou não marcante), e quantidade de mesas (poucas, algumas ou muitas);

- ambiente e **linguagens** decorativas: materiais predominantes (tradicionais, mistos ou sintéticos), cuidado na decoração (cuidada, razoável ou não cuidada) e linguagem decorativa, estado de conservação (novo, razoável ou degradado), cor (sóbrio ou cromático), luz (claro/aberto ou escuro/encerrado) e data aproximada das últimas transformações.

- **relação com o exterior**: diálogo com a rua (abertura ou encerramento), fachada (inserida, sobressaliente, despercebida), presença ou ausência de esplanada.

#### b) do ambiente humano, sociocultural:

- características genéricas dos **utilizadores** do espaço: grupo etário predominante (jovem, de idade média, envelhecido ou indiferenciado), classe trabalhadora e socioeconómica aparente (não instruídos, estudantes, trabalhadores e indivíduos com instrução, grupo económico médio/alto, reformados e indiferenciados);

- **modos de consumo** e apropriação do espaço: produtos consumidos (café/chá/infusões, pastelaria/petiscos/snacks, refeições ligeiras, e bebidas alcoólicas), tempos de permanência (pendular, estacionada, ou ambos), relações entre clientes (individualismo, interconhecimento ou ambos), relações entre clientes e empregados/patrões (taylorizada, ritualizada, ou ambas), **trocas culturais** (poucas, convívio, informais e formais), e **nível cultural** (cultura de massas, cultura erudita, ou ambas/indiferenciadas).

c) **do tempo**: horários de funcionamento e horários privilegiados, de maior afluência de clientes – diurno, nocturno, ou ambos, à semana e ao fim-de-semana.

Foram elaborados instrumentos de análise através da organização das informações recolhidas em tabela e plantas, em que se inseriram os dados levantados separadamente consoante as características a que se referem, e posteriormente, partiu-se para uma complementação da informação assente numa observação mais directa e aproximada de alguns dos espaços, cuja escolha incidiu, em parte, sobre um ou mais espaços paradigmáticos de cada uma das sub-tipologias em estudo, e sobre outros que se salientaram por alguma particularidade de interesse (1). Neles procurou-se, através de uma presença mais prolongada e de modo mais atento, apontar as características enumeradas no capítulo anterior, referentes à materialidade espacial e aos ambientes humanos, socioculturais, e atendendo aos tempos de funcionamento dos estabelecimentos, bem como aos tempos da observação. Esta observação mais pontual foi realizada entre Janeiro e Maio de 2013, e incluem-se nelas os seguintes estabelecimentos (organizados por tempos e subtipologias):

**a)** tempos de abertura: durante o dia (semana e fim-de-semana):

- snack-bares: **Império, Mengos, Muralhas do Olival, Tupi e Flor de São Bento;**
- cafés populares/snack-bares: **Portas do Olival;**
- cafés populares: **As Sogras;**
- snack-bares novos: **Low-cost.come;**
- tabernas/tascos: **Casa do Vitória e Gazela;**
- cafés históricos (pouco transformados): **Magestic e Guarany;**
- cafés históricos (transformados/degradados): **Progresso, Chave d'Ouro, Confeitaria do Bolhão e Capitólio;**
- cafés históricos (multinacionais): **Mc Donalds** (ex Café Imperial) e **Il Caffé di Roma** (ex Café Brasileira);
- cafés novos: **Leitaria da Quinta do Paço (2) e Batalha;**

**b)** tempos de abertura: dia (semana) e dia e noite (fim-de-semana): **Aviz e Itaipu;**

**c)** tempos de abertura: dia e noite (semana) e dia e noite (fim-de-semana):

- cafés populares, cafés históricos e snack-bares: **Ceuta, Ancora D'Ouro/Piolho e Espaço 77**
- cafés novos: **Galerias de Paris, Portotónico e Candelabro**

**d)** tempos de abertura: noite (semana) e noite (fim-de-semana):

- cafés, bares, clubs: **Rádio, Museu d'avó, É prá Poncha e Plano B. (3)**

A partir da conjugação de todas as informações, pôde assim traçar-se um retrato sobre os cafés da Baixa do Porto. Em primeiro lugar, verifica-se uma composição assente numa multiplicidade de subtipologias que, contudo, se apresentam de modo mais ou menos agrupado pelo espaço e definindo uma série de subterritorialidades. [Fig.1]

(1) Ver tabelas, p. 175, e plantas esquemáticas, p. 139, em anexos.

(2) Este estabelecimento está incluído na categoria de cafés novos. No entanto, a Leitaria da Quinta do Paço é uma instituição que funciona desde 1920, dedicada originalmente à produção de leite e seus derivados. Ao longo dos tempos veio a funcionar em vários pontos da cidade, encontrando-se agora, desde 2012, num espaço novo e totalmente remodelado na Praça Guilherme Gomes Fernandes, mantendo apenas a memória no nome e no fabrico artesanal de pastelaria (segundo as receitas originais).

(3) Sobre a metodologia de observação e organização das informações levantadas, ver em anexos, p. 199.

## TABERNAS E TASCOS

### TERRITORIALIDADES DAS TABERNAS E TASCOS

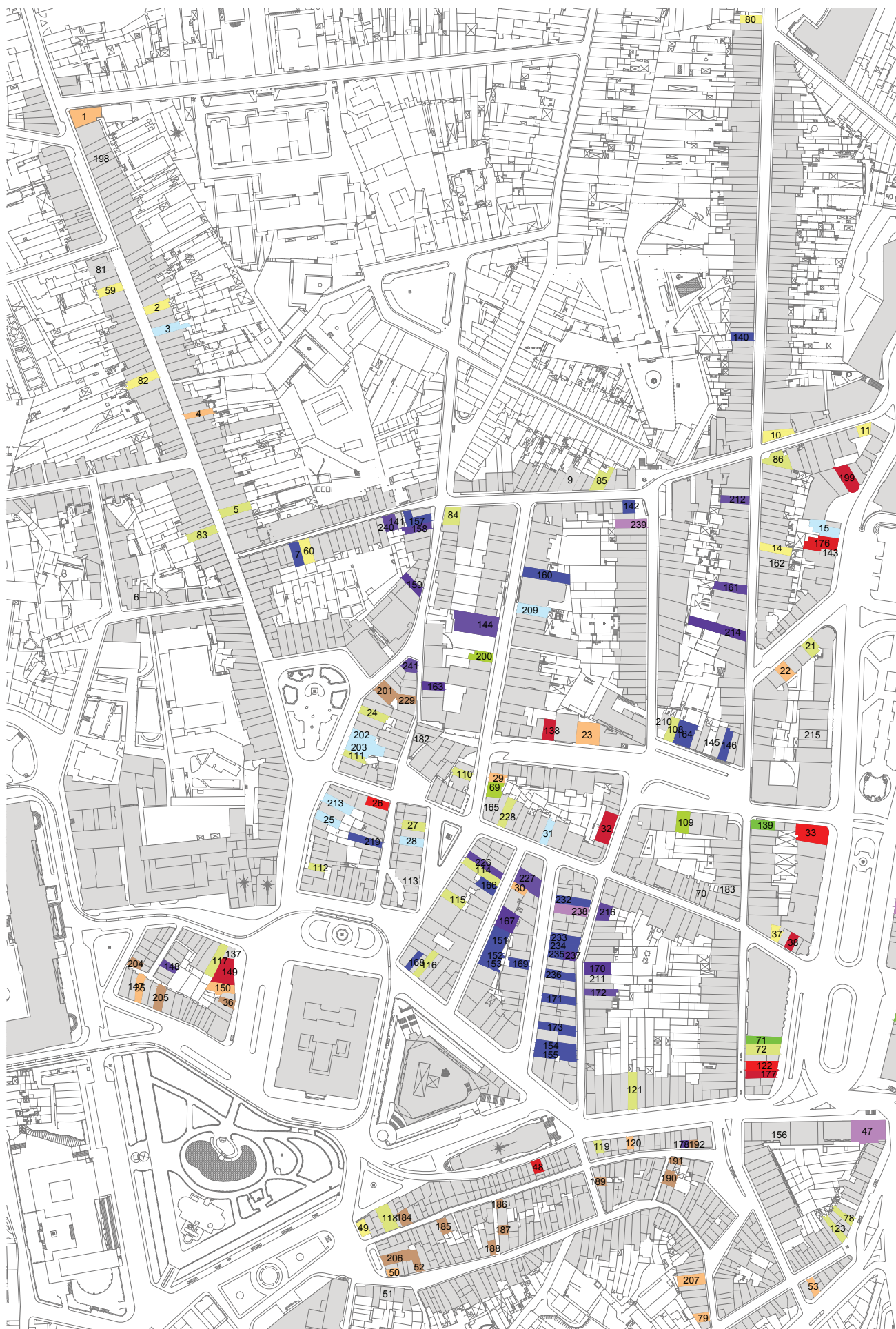
De um modo evidente ressalta uma concentração de **tabernas e tascos**, e alguns cafés populares, nos quarteirões a sul da rua dos Clérigos, no antigo tecido intramuros. Esta subtipologia, de tabernas e tascos, impõe-se ainda noutros três núcleos, todos numa localização periférica do território da investigação: imediatamente a norte da Estação de São Bento (nas traseiras da rua 31 de Janeiro), na Batalha (nas traseiras dos quarteirões que ladeiam a praça), no quarteirão situado entre a Reitoria da U.P. e o Hospital de Santo António, principalmente, e ainda na proximidade da Praça Carlos Alberto e na Travessa das Liceiras (que rasga um pequeno quarteirão contíguo à Trindade).

### CARACTERÍSTICAS COMUNS – POSSIBILIDADE GENÉRICA ACENTUADA

De entre todas as subtipologias, esta é que mais evidentemente mostra coincidências de características físicas e vivenciais entre os espaços que lhe pertencem. Denota-se, desde logo, uma conformidade das datas aparentes das suas últimas transformações, que não ultrapassam, de um modo geral, os anos 90 – são dos que há mais tempo parecem manter-se intactos no que diz respeito a remodelações e restauros. Disto resulta que, em comum, apresentem um estado de conservação mais ou menos degradado. Observa-se ainda um escasso cuidado nos aspectos decorativos, bem como a predominância de uma linguagem popular, *kitsch* e/ou tradicional, em que os materiais empregues são sobretudo os tradicionais (madeiras, azulejos, pedra). As dimensões espaciais são comumente reduzidas em planta (até 100 m<sup>2</sup>) e de elevada altimetria, tendo em conta a relação dos pés-direitos com a dimensão planimétrica. A sua forma privilegiada, sobretudo no núcleo das ruas de Trás e Caldeireiros, é a centrada, ainda que na Batalha, o parcelamento do edificado imponha a longitudinalidade nas plantas, perpendicularmente às ruelas. A divisão do espaço interno não é frequente, surgindo apenas em alguns casos em que os tascos se fazem acompanhar de restaurante, e para o qual possuem uma área autónoma de refeições (como é o exemplo a **Casa Meia Lua [nº193]** na Batalha, ou a **Casa Expresso [nº201]** na Praça Carlos Alberto). Os ambientes são geralmente escuros, ainda que a relação entre o interior e o exterior seja acentuada, e que as entradas e a fachada dos estabelecimentos passe despercebida por estar totalmente integrada na imagem geral da rua. Os letreiros que os anunciam são muito discretos e muitas vezes até inexistentes, como acontece nas ruas traseiras aos Clérigos.

O **balcão** é um elemento que claramente marca o interior dos espaços, impondo-se sobre as reduzidas dimensões, e as mesas encontram-se neles de modo muito pontual, o que justifica as proximidades nos modos de relacionamento dos seus ocupantes, de interconhecimento entre os clientes e de ritualização entre clientes e patrão (a figura que em comum se destaca no que diz respeito ao serviço, em detrimento de empregados), que acontecem “forçosamente” em torno do balcão de serviço.

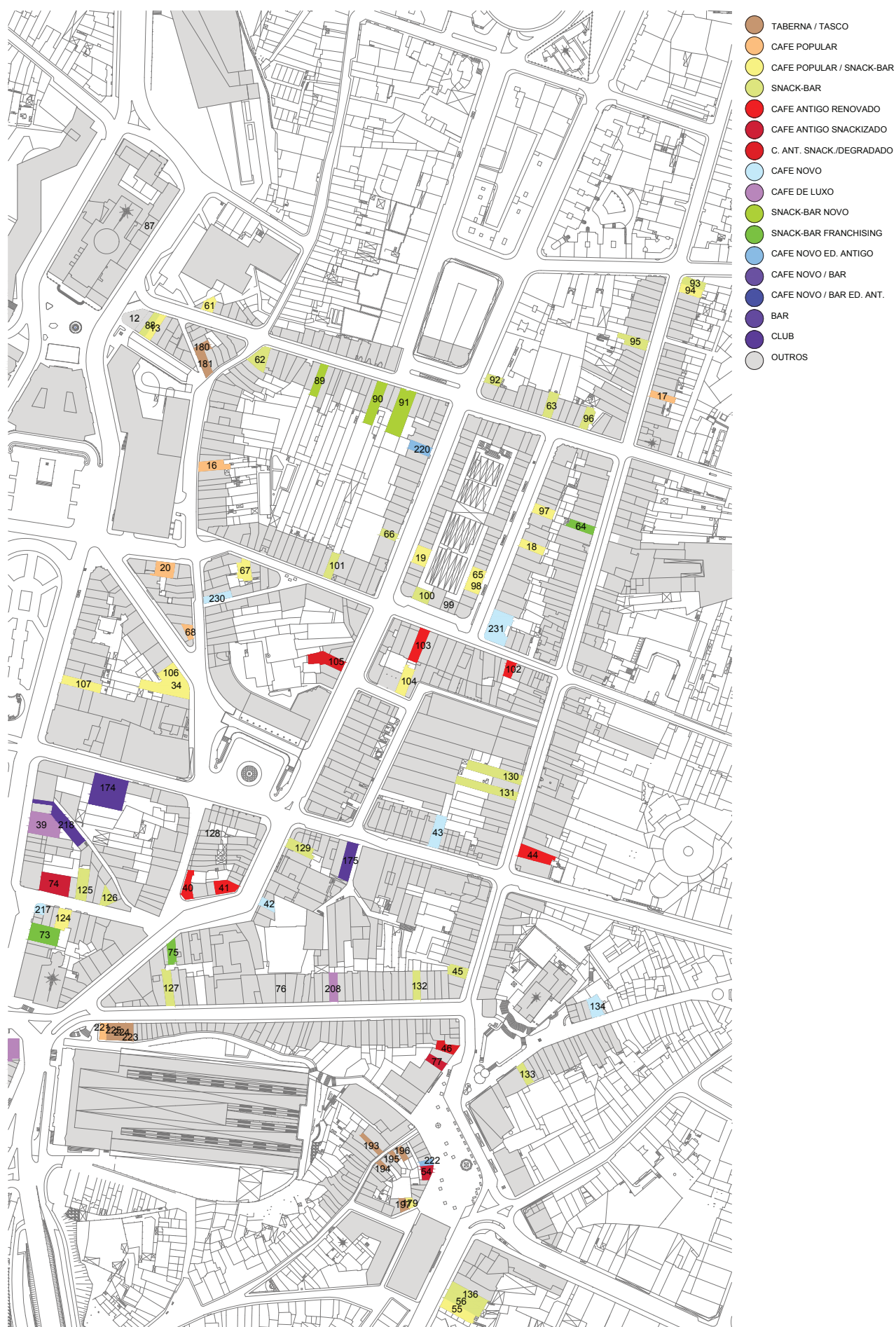
Os seus frequentadores são sobretudo habituais (o que gera também as proximidades referidas), residentes próximos dos estabelecimentos (principalmente nos núcleos de trás dos Clérigos e Batalha), detentores de idades já avançadas – reformados - e de um nível cultural popular. E se há estabelecimen-





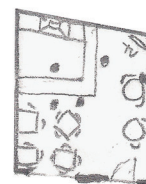
# OS CAFÉS DA BAIXA

## SISTEMATIZAÇÃO POR SUBTIPOLOGIAS



tos em que ainda se encontra uma segregação de géneros e a primazia do masculino, é, precisamente, nos estabelecimentos desta categoria.

As trocas culturais prendem-se geralmente com o convívio, acompanhado por vezes da visualização de televisão, em que a transmissão de jogos de futebol se assume como tema recorrente e se constitui como mote principal das discussões, e ainda, por vezes, de jogos de cartas. Os tempos de passagem pelo espaço vão desde os mais pendulares, apenas para a toma do café, às mais estacionadas, e acontecem durante a tarde, final de tarde e princípio da noite. Um outro aspecto paradigmático destes espaços, consequente do destacado serviço ao balcão em detrimento ao das mesas, de quantidade reduzida, é um forte relacionamento com o exterior: os ocupantes vão-se distribuindo entre o balcão, o(s) vão(s) de entrada e o exterior exíguo a esta, observando a vida da rua, e participando de algum modo nela, facto que se deve também pela comum dimensão espacial reduzida, que aproxima de certa forma o próprio balcão da entrada, que está muitas vezes de face voltada para esta. Café, bebidas alcoólicas (cerveja, aperitivos e digestivos) e petiscos tradicionais são dos produtos mais oferecidos e consumidos nestes estabelecimentos, preferidos pelo público masculino.



Na **Casa do Vitória do Porto [nº185]** estas características espaciais são exemplarmente manifestas. De dimensões muito reduzidas, apresenta uma planta ligeiramente rectangular, mais próxima da centrada, sem divisões, e um pé-direito alto em relação à área reduzida. Na fachada, despercebida por entre o casario, uma pequena placa metálica anuncia o nome do estabelecimento, e uma porta permanentemente aberta dá acesso ao interior, que apesar de ser permeável à luz que entra pela porta, bem como por uma janela que a ladeia, e permanece como um espaço escurecido. A luz natural insuficiente é, aliás, comum ao próprio espaço da rua, estreita e apertada pelos edificios altos que a conformam, iluminando-se o interior artificialmente com luz branca e pouco confortável. O pavimento é revestido de azulejo branco e cinza, e as paredes, até cerca de 50cm, são pintadas de negro, e rematadas por cima e por baixo com faixas de madeira. Acima deste lambrim as paredes são e simples e pintadas de branco. Claramente as preocupações estéticas não estão aqui presentes.

Adiante da entrada o espaço é desimpedido de obstáculos e acede-se quase directamente ao balcão, em L, ocupando o canto contrário à entrada e cerca de um quarto do espaço total. Um reduzido número de mesas posiciona-se nos pontos mais periféricos desta curta circulação, entre a entrada e o elemento protagonista do espaço.



[185] CASA DO VITÓRIA



Encontram-se aqui quatro pessoas no seu interior, bem como o funcionário/patrão atrás do balcão, e o interconhecimento entre todos é marcante. Dos quatro clientes, três são homens de idade avançada que circundam o balcão e bebem cerveja, enquanto conversam com o proprietário. Além destes está apenas uma senhora reformada. São clientes habituais e residentes próximos que cultivam o bairrismo da freguesia da Vitória (de onde vem o nome do estabelecimento, numa conjugação com o símbolo do homónimo Vitória de Guimarães, clube desportivo). Uma televisão está ligada e transmite um jogo de futebol num canal desportivo, formulando o tema de conversa entre os homens e o funcionário. A nossa incursão no interior do espaço causou alguma estranheza e curiosidade por parte dos clientes e do proprietário – não é comum a entrada de clientes desconhecidos. (4)

## CAFÉS POPULARES E SNACK-BARES

### TERRITORIALIDADE DOS CAFÉS POPULARES E SNACK-BARES

Uma outra área do território geral encontra-se marcada, quase exclusivamente, por estabelecimentos ligados às sub-tipologias dos **cafés populares e snack-bares**. É a área que se encontra a nascente da Avenida dos Aliados, e principalmente nas imediações do Mercado do Bolhão, nos quarteirões que o ladeiam a este e a oeste, bem como os que contornam a Praça D. João I. Também na rua comercial de Cedofeita são os cafés deste tipo que se destacam. Na rua de Santa Catarina os cafés populares do tipo “snackizante” representam-se aqui em maior percentagem, no entanto, verifica-se a presença importante de um café histórico – o Majestic – e a presença de franchising.

Além disto, uma grande presença deste tipo de cafés de carácter popular e de snack-bar faz-se sentir um pouco por todo o terreno, e igualmente do lado poente da Avenida, dispersos e intercalados com cafés de outras tipologias. São estes que de modo mais constante se impõem pelo território da Baixa, em geral.

### CARACTERÍSTICAS DOS SNACK-BARES

Nesta categoria de snack-bar estão incluídos os estabelecimentos designados comumente de cafetarias e confeitarias (também conotadas com a denominação de pastelarias, padarias, salões de chá, ou *lanchonetes*) e os propriamente auto-intitulados de snack-bares, e que se complementam muitas das vezes com restaurantes, quando há um serviço de refeições – as “diárias”.

Apresentam-se de várias dimensões, contudo, na sua maioria, são espaços médios/grandes (100 a 200 m<sup>2</sup>, e acima dos 200 m<sup>2</sup>). Os de dimensões mais reduzidas estão mais próximos da sub-tipologia do café popular – estabelecida pelas suas características entre os snack-bares e as tabernas/tascos – e ainda dos cafés populares “snackizados”, mais próximos do snack-bar. De uma forma mais comum ocupam parcelas edificadas de planta longitudinal, perpendicular à linha de fachada.

---

(4) A partir da observação efectuada num dia útil, entre as 18.00h e as 19.00h. Ver ficha [CASA DO VITÓRIA DO PORTO] em anexos, p. 106.

A função primordial a que se destinam prende-se, acima do convívio ou de quaisquer outras trocas culturais, com o serviço de comida – pastelaria, snacks e refeições rápidas – e de cafetaria, e a própria configuração espacial prende-se com essa finalidade e preocupação principais: o despacho rápido e eficaz dos produtos de consumo, resultante de uma grande afluência de clientes a que estão sujeitos, principalmente na hora das refeições (pequenos-almoços, almoços e lanches) na medida em que servem de apoio às gentes que vêm trabalhar para esta área urbana, ou que aqui se deslocam para usufruir do comércio e de outros serviços.

Apresentam-se geralmente como espaços indivisos, e sob formas planimétricas longitudinais, perpendicularmente à rua, pelas quais fazem escoar o público. Deste modo, encontra-se quase sempre um longo balcão que corre desde a área da entrada até ao extremo contrário, ladeando um corredor de circulação, desimpedido de obstáculos. O balcão, pela sua grande extensão pressupõe muitas das vezes subdivisões reservadas a funcionalidades distintas: uma parte reservada à caixa da pagamento, geralmente no princípio do interior espacial, seguindo-se de uma vitrina com a oferta de produtos e destinada aos pedidos imediatos. Por vezes, há também, mais longe da entrada, uma porção em que se situam bancos altos para o consumo, rápido, ao balcão, ou simplesmente uma área de balcão opaco destinados aos serviços sobre este. Defronte deste e do corredor de circulação, longitudinal, vão-se posicionando as mesas, em grande número - tantas quantas o espaço puder albergar. É o que acontece na **Pastelaria Mengos [nº130]**, que podemos tomar como modelo para este tipo de espaços, que vai sendo mais ou menos constante. Aqui, a composição espacial prima pela funcionalidade, dividindo-se o espaço em quatro eixos longitudinais: área de preparação e serviço, balcão, circulação e mesas.

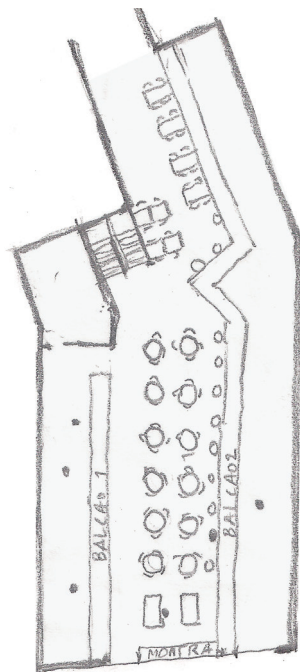
À direita da entrada, parte um longo balcão que flui quase até ao fundo do espaço. Este balcão é transparente, mostrando os produtos de pastelaria para o consumo, e mantém-se assim quase até ao fim, exceptuando-se um troço reservado às máquinas – de café, refrigerantes e cerveja de pressão, e de sumos naturais. Após a entrada, uma pequena área desimpedida sucede-se, seguida depois pelo espaço longitudinal desimpedido que ladeia o balcão e, entre este e a parede contrária duas filas de mesas quadrangulares pequenas, dispõem-se no mesmo sentido - uma central, e outra ao longo da parede.

Há ainda um caso que vai mais longe, em reposta à fluidez pretendida: a **Confeitaria Império [nº91] (5)**, em que se localizam, defronte da entrada, dois pequenos balcões adicionais, paralelos e no sentido longitudinal, destinados apenas aos pagamentos, e em que se distribuem, não um, mas dois balcões, ao longo das duas paredes mais longas que conformam o espaço. Um, em inox, contém vitrinas com a pastelaria e snacks que o estabelecimento vende. O outro, revestido a madeira, destina-se a serviço de refeições ligeiras (pratos do dia e snacks quentes), que funciona sobretudo à hora das refeições. Entre ambos distribuem-se duas filas de pequenas mesas redondas.

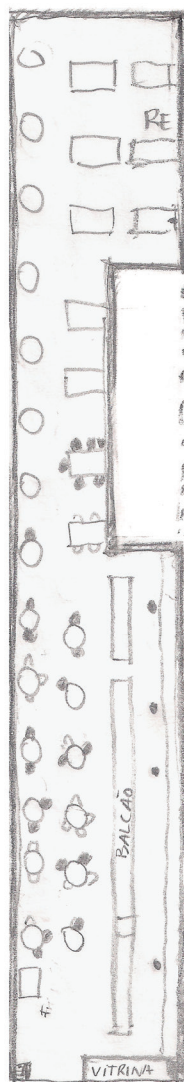
As linguagens decorativas destes espaços reflectem a preocupação funcional em detrimento do seu cuidado, reservado mais a uma boa iluminação artificial e a um elevado grau de salubridade. Contu-

---

(5) Ver ficha [IMPÉRIO] em anexos, p. 108.



[31] IMPÉRIO



[130] MENGOS



do, de modo a compensar-se o despojamento do espaço relacionado com a funcionalidade imposta, surgem algumas preocupações com a imagem, e resultam delas, comumente, atitudes mais ou menos *kitsch* nas remodelações e redecorações, com conjugações de elementos ornamentais de várias influências, e por vezes um tanto naïves na procura de uma sofisticação, de adaptação do estilo decorativo a uma “modernização” ou “contemporaneidade” estilística que parece fazer-se sentir no meio actual, levadas a cabo pelos proprietários dos estabelecimentos, leigos no assunto. Resulta daqui um certo “modernismo popular” estético, em que são conjugados materiais tradicionais com sintéticos muitas vezes de qualidade duvidosa (como revestimentos de imitação de materiais) e em combinações pouco premeditadas. É de notar, aliás, que na maior parte dos estabelecimentos desta categoria se procederam a remodelações entre os anos 2000 e 2010, nesta procura de se adaptarem à “modernidade”.

Na pastelaria **Mengos** o espaço é bem iluminado artificialmente, com uma luz quente e confortável. A parede em que se encosta uma das filas de mesas é rebocada e lisa, pintada de bege. Um lambrim até 1 metro de altura reveste-a, em madeira, terminando num friso de quadrados de pedra calcária. Alguns painéis com fotos a preto e branco alusivos à cidade do Porto pendem nesta parede. O pavimento é revestido de lajetas quadrangulares de granito azul polido. O tecto é mais complexo que os restantes planos que conformam o espaço. Sobre o balcão, rebaixa-se ligeiramente, através de um volume rematado por um friso, em que estão embutidas lâmpadas circulares de luz branca, iluminando melhor esta área. Do outro lado, sobre as mesas junto à parede, um outro volume semelhante se rebaixa, mas em vez se incrustam aqui objectos de iluminação, estão antes vitrais no palmo lateral – que procuram imitar o estilo da Arte Nova, com motivos vegetalistas em tons de verde, amarelo, branco e cinza. Entre estes frisos e o tecto mais alto ao centro, lâmpadas de luz vermelha escondem-se numa reentrância que percorre a longitudinalidade do espaço. As mesas possuem tampo de PVC em imitação de granito, numas de forma circular noutras quadrangular, e de tamanho pequeno (60 cm, de lado e diâmetro). As cadeiras são de estrutura de alumínio lacado a verde-escuro e com assento revestido e almofadado em napa, da mesma cor. A sua

linguagem resulta portanto numa composição e marcada por uma conjugação sobreposta de elementos (os revestimentos e cores, a luz vermelha nas reentrâncias do tecto, os elementos móveis – mesas e cadeiras - e os vitrais).

Pela procura de expedição rápida do consumo, as relações entre os empregados (geralmente em número plural e com competências próprias – uns atrás do balcão, tanto na preparação como no serviço, outros servindo às mesas, e outros recebendo os pagamentos) e os clientes é sobretudo *taylorizada*, e um tanto impessoal, ainda que sempre atenciosa. É adoptado até, muito frequentemente, o sistema de apontamento dos produtos consumidos em cartão electrónico, a ser apresentado à saída, a outro funcionário, com o qual se trata do pagamento (6).

Na **Mengos** há quatro funcionários que estão por detrás do balcão, cada um com um serviço específico – bebidas, cafés, preparação de comida. Um outro faz o atendimento às mesas. Entre empregados e clientes a relação não é próxima – apenas de serviço. É estritamente profissional e a preocupação principal é o serviço rápido e eficaz.

Os consumos são de uma permanência estacionada relativa – relacionam-se directamente com o tempo necessário ao consumo - e que de um modo geral não deixa de ser oscilatória entre vários ocupantes.

As actividades extra-consumo são quase inexistentes, como se observa na **Mengos**. Aqui o que interessa é o consumo por si só - alguns fazem-no com mais tempo, nas mesas e acompanhados, enquanto conversam, e outros mais rápido, ou sozinhos nas mesas ou ao balcão. De qualquer forma, não é muito o tempo que se permanece aqui, mesmo em conversa. Apenas um dos clientes está aqui há mais tempo, operando um computador enquanto lancha (7).

Apesar de as trocas culturais passarem aqui para segundo plano, estes espaços apresentam-se com ambientes humanos bastante interessantes – pela mistura de gentes que ocorre num determinado espaço e a uma determinada hora – todos frequentam estes espaços, de várias idades, géneros, grupos e níveis subculturais, pois a todos tocam as necessidades básicas a que estes espaços pretendem acudir – e pela azáfama e agitação resultante da constante e contínua rotatividade de públicos, que recria, juntamente com os sons frenéticos de preparação de comidas e bebidas, ambientes sonoros peculiares e alvoroçados.

A relação com o exterior é peculiar: por um lado é pretendida uma relação com este, que se prende sobretudo com a permissividade e facilidade de entrada do público para o interior. Poderá a fachada não se impor sobre o alçado da rua, no entanto o próprio interior é chamativo. Por outro, de dentro do

---

(6) Borges Pereira (1995:13-14) faz referência à “taylorização deste relacionamento [entre empregados/proprietários e clientes no snack-bar], reduzindo o cliente-frequentador à condição de mero utilizador de um serviço de quem se espera um consumo efectuado no mínimo tempo (...)”, no “prolongamento de uma lógica calculista”, de “um uso marcadamente funcional” do espaço.

(7) A partir da observação efectuada num dia de semana, entre as 18.00h e as 19.00h. Ver ficha [MENGOS] em anexos, p. 104.

espaço, que se prolonga contrariamente à entrada, o ponto de ligação com o exterior, não se participa muito da vida de rua. O interior volta-se para si próprio e faz esquecer o que está lá fora, ainda que visualmente se possa apreender a rua.

Na **Mengos** a entrada é feita por uma porta ampla, aberta permanentemente, do lado esquerdo, contudo, junto à fachada envidraçada, no interior, uma montra com produtos de pastelaria expostos corta de certo modo a relação visual entre o espaço interno e o exterior. A relação entre o interior e o exterior é evidente sobretudo em termos de movimentação: a porta permanece aberta, incentivando os movimentos pendulares entre o dentro e o fora (onde se encontra uma esplanada). Do interior, apesar do filtro visual da montra, sente-se ainda alguma relação com a rua de Santa Catarina ao ver-se o movimento constante de pessoas em andamento. Contudo, a vivência do espaço é mais voltada para a sua interioridade, acentuada no fundo do espaço, contrariamente à rua, mais recuado e recatado do exterior, e já não alcançado pelo balcão que afunila a área dianteira.

#### *CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS POPULARES ENTRE AS DUAS SUBTIPOLOGIAS ACIMA DESCRITAS*

Entre os tascos e tabernas e os cafés do tipo snack-bar, situam-se os ainda tradicionalistas cafés populares. Estes partilham de características intermédias entre uns e outros, tanto na organização e aspecto espacial como nos modos de apropriação. Entre estes – os populares – e os snack-bares, há ainda aqueles que encaixam de um modo mais evidente o carácter de ambos, e cuja distinção entre uns e outros é bastante ténue. São os cafés populares “snackizados” que, originalmente de carácter tradicional, foram sendo marcados pelo fenómeno do snack-bar.

As dimensões dos cafés populares variam, no entanto, vão-se reduzindo à medida que se afastam do carácter “snackizante” e se aproximam dos tascos e tabernas. Quanto aos modos como os espaços se configuram e organizam, surge uma certa dificuldade de generalização. Espalhados por todo o território da Baixa, as suas formas planimétricas vão-se adaptando às condições do tecido construído em que se inserem.

Entre o café popular e o snack-bar, situa-se a **Pastelaria Tupi [nº129]** cuja forma e organização funcional se aproxima do segundo mas com uma particularidade que ao mesmo tempo dele o distancia. De planta rectangular, de dimensão média (100 a 200m<sup>2</sup>), com o sentido longitudinal perpendicular à rua, possui um balcão comprido, que se estende desde a entrada (a meio da fachada) até ao fundo do espaço, marcando-o. Este apresenta-se, num primeiro troço, como montra de produtos de pastelaria e onde se efectuam serviços rápidos, de compras para levar para fora. Contudo, na área mais próxima da entrada surge um elemento que vem a modificar o espaço e o vem a afastar do snack-bar, constituído por eixos longitudinais - um estreitamento resultante de uma caixa de escadas de acesso a habitações nos pisos superiores do mesmo prédio. Deste elemento resultam duas espacialidades, a primeira, estreita, relacionada com o exterior e para compras para fora. Após este, o balcão, altera-se, torna-se opaco e é acompanhado de bancos altos giratórios até ao outro extremo. O espaço volta a abrir-se e resulta, pelo



obstáculo físico, mais centrado e mais uno, no qual se situam, numa maior proximidade com o troço do balcão que ali passa, uma série de mesas, que é aqui em menor número que no snack-bar.

Mais próximo do tasco é o café popular **As Sogras** [nº50], localizado nas proximidades do núcleo das tabernas/tascos das traseiras dos Clérigos, aberto para o Campo dos Mártires da Pátria (antigo Campo do Olival). De planta mais centrada que longitudinal, tem uma área muito reduzida (cerca de 30m<sup>2</sup>). O interior organiza-se por uma curta circulação, quase directa, entre a entrada (à esquerda da fachada feita através de uma porta permanentemente aberta) e um balcão transversal que ocupa todo o lado contrário a esta. No espaço restante entre a circulação e a parede da esquerda amontoam-se uma máquina de tabaco, uma arca de gelados e uma mesa pequena, apertada entre estes elementos e o balcão. Apenas mais três pequenas mesas ocupam o restante espaço do lado direito, apertadas também pela redução espacial, que estrutura uma proximidade entre todos os elementos e ocupantes do espaço.

O estado de conservação e os cuidados decorativos destes espaços são razoáveis, nem muito renovados nem muito degradados, e a linguagem estética é popularizante: verifica-se aqui, tal como nos snack-bares, uma tendência para o *kitsch*. Para este aspecto contribuem os múltiplos elementos gráficos de que se revestem, sobretudo **cartazes e autocolantes**, sobre os vidros das fachadas e espalhados pelo interior, de publicidade aos mais variados produtos de marcas nacionais e multinacionais, o que acontece também de certo modo nos snack-bares, mas menos nas tabernas e tascos em que predominam as vendas de produtos regionais e caseiros.

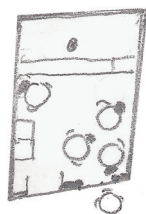
A **Pastelaria Tupi** [nº129] ilustra bem a linguagem comum aos estabelecimentos entre estas subtipologias. Os revestimentos do invólucro espacial são, em grande parte, em azulejo, nas paredes e pavimento, de quadrados lisos ou desenhados, e numa hegemonia cromática de tons verde-água, claro e escuro, que se completa com o mesmo tom dos tampo das mesas, de PVC em imitação de pedra. O tecto reveste-se de madeiras envernizadas e um lambrim, numa das paredes, de placas de aglomerado de pedra, de tons cinza e o mesmo verde-água. Do tecto pendem laranjas, dentro de sacos em rede, assim como se penduram folhas A4 plastificadas, com publi-



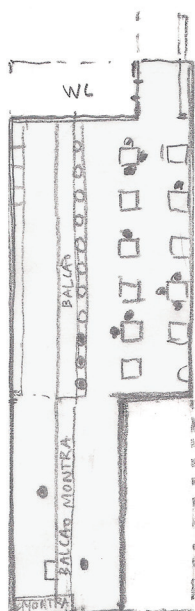
[50] AS SOGRAS



cidade a produtos – sobretudo aos sumos de laranja e às promoções da semana. Na parede defronte do balão penduram-se três grandes espelhos de forma rectângular com os cantos recortados e com molduras douradas, concedendo alguma amplitude espacial.



[50] AS SOGRAS



[129] TUPI



No café **As Sogras [nº50]** a linguagem popularizante é também evidente e resultante tanto dos materiais dos revestimentos como da reunião confusa de uma grande quantidade de objectos. A uma das paredes prende-se uma vitrina repleta de elementos tradicionais e velharias sem utilidade (lamparinas de óleo, jarros, bonecos de barro). O balcão é encimado por uma réplica de um telhado tradicional, do qual pendem também coisas do género, e ainda, sobre este, amontoam-se muitas outras, quase não dando margem de serviço. A toda a volta as paredes são revestidas, até a uma altura de 1,50m, de azulejo tradicional em tons de azul, semelhantes aos que forram as fachadas exteriores e acima do lambrim de reboco pintado de branco, tal como o tecto, enquanto o pavimento se forra de azulejo em imitação de granito. Tal como as tabernas/tascos, e apesar da abertura da porta, o espaço interior é escuro.

Os modos de serviço são mais personalizados e próximos que o dos snack-bares - há ainda uma ritualização no atendimento e algum interconhecimento entre os clientes - e uma maior predisposição do espaço para o convívio, ao afastarem-se do frenesim consumista próprio do snack-bar e de uma menor lotação, ainda que não se possam comparar com o sentimento de bairrismo que se encontra nas tabernas. De qualquer forma, os níveis de proximidade variam bastante consoante os casos específicos.

Na **Tupi** encontram-se alguns clientes habituais e uma proximidade entre estes e os “da casa”. Três mulheres encontram-se sentadas a uma mesa, de várias idades – uma jovem e as outras mais velhas – bem vestidas, penteadas e maquilhadas. Falam de religião: ”todas as religiões, não... porque só existe uma, que é a fé”, diz a mais jovem para as outras duas. O senhor que as atende pergunta se desta vez não veio o miúdo. “Até à próxima”, diz ele quando elas abandonam o espaço. Com clientes mais ocasionais, este empregado assume a profissão, não descurando a simpatia e a vontade de encetar uma proximidade. A um casal de jovens turistas brasileiros explica a confecção do molho da francesinha especial que estes

provam pela primeira vez, e fala-lhes do país que visitam: “O Algarve é mais quente” – diz. Ao balcão sentam-se dois homens que conversam acesamente com o patrão, interferindo por vezes o senhor que serve às mesas. Fala-se de futebol, do treinador do Chaves e do João Pinto do Benfica que “ ‘tá teso, o da Marisa, que ganhava dez mil euros... Agora já não é da Marisa que ela já deve ter outro. Ela não pára. Eu não aprecio homens, mas se eu fosse mulher não andava com aquele homem nem por dinheiro!”

O convívio e as conversas, sobre temas populares, entre alguns clientes e empregados e patrão, e também entre os clientes, quando em grupos (pequenos -de dois ou de três), é assim, marcante. Há quem venha desacompanhado e, nestes casos, o consumo é pouco demorado, sendo aliás o único objectivo – o de consumir - sem interacções ou actividades de leitura ou de trabalho (8).

No café **As Sogras [nº50]**, o interconhecimento e a proximidade são ainda maiores, tanto entre os clientes como para com a patroa - uma senhora de idade que está atrás do balcão e que vai servindo às mesas e a uma pequena esplanada no exterior. Os clientes são **habituais e habitantes de perto**. Poucos são aqueles que aqui vêm ocasionalmente, limitando-se sobretudo ao espaço da esplanada. Contudo, no caso das incursões ao interior do café (como no nosso caso) o tratamento, tanto da parte dos habituais que aqui se encontram como da funcionária, procura ser de alguma aproximação. A propósito de uma fotografia tirada ao espaço e na qual é incluída uma senhora sentada a uma mesa, a empregada refere, num tom amigável, que “ela canta bem, essa! Canta muito bem!”. Não deixam, no entanto, os “de fora”, de suscitar alguma curiosidade.

Dentro, não há mesas livres. Contudo, os lugares sentados não estão totalmente ocupados – há cadeiras vazias, sendo cada mesa ocupada apenas por uma pessoa, que se mantém próxima das outras pela estritura espacial. Uma televisão está ligada, sobre o balcão, e vai sendo alvo das atenções e formulando temas de conversa.

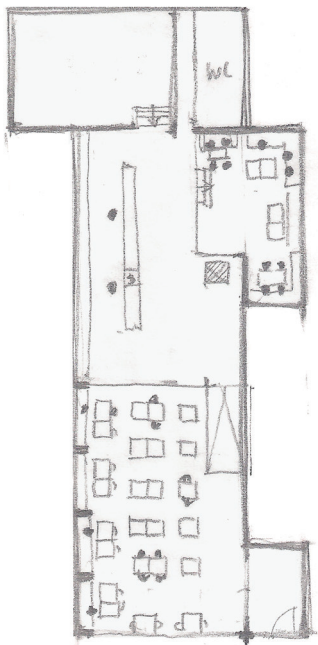
A relação entre interior e o exterior imediato é acentuada. Ainda que a fachada seja encerrada, há uma presença constante de gente na transição. O vão da porta, sempre aberta, é o local escolhido de permanência de alguns clientes, que daqui observam o espaço público, cumprimentando inclusive os vizinhos que passam na rua, ao mesmo tempo que interagem com a população que se encontra no interior, enquanto bebem cerveja e fumam um cigarro. Aqui vão-se cruzando os clientes, conhecidos, que entram ou saem e cumprimentam os que barram a passagem (9).

O público principal ainda que seja de alguma variabilidade, sobretudo nos cafés mais “snackizados”, é tendencialmente formado por ocupantes de idades médias e um tanto avançadas, identificados com uma cultura popularizante. No caso do café **As Sogras [nº50]** este é, além disso, maioritariamente masculino, apesar de alguma presença de mulheres, poucas, que serão conhecidas da funcionária. A leitura do jornal e uma televisão ligada e indutora dos temas de conversa são também, como se constata, ocorrências frequentes.

---

(8) A partir da observação realizada num dia útil, a partir das 18.00h. Ver ficha [TUPI] em anexos, p. 106.

(9) A partir da observação realizada num dia útil, a partir das 17.00h. Ver ficha [AS SOGRAS] em anexos, p. 105.



[15] LOW-COST. COME



## RAMIFICAÇÕES – OS SNACK-BARES NOVOS E SNACK-BARES DE FRANQUIA

Encontram-se também na Baixa, ainda que num número não muito significativo, uma série de espaços que continuam e reformulam, de algum modo, o conceito de snack-bar. São os snack-bares novos ligados sobretudo a marcas de franquia. Levam ao extremo a impessoalidade e a taylorização do serviço ao adoptarem o sistema de *self-service*, ainda que em termos espaciais não se possa traçar um retrato genérico. São exemplo o **Mc Donalds [nº73] (10)**, na Avenida dos Aliados (que é um caso específico por funcionar no espaço de um extinto café histórico), a **C<sup>a</sup> das Sandes [nº64]** na rua de Santa Catarina, ou a **Subway [nº75]** em Sá da Bandeira, pertencentes a marcas de *franchising*. São geralmente alvo de procura de um público mais jovem, de subculturas indiferenciadas, e funcionam quase sempre em espaços renovados e cuidados, que ao contrário dos snack-bares de estética popularizante, contam com a intervenção de profissionais organizadores do espaço e do aspecto visual – arquitectos, designers, e designers de interiores, obedecendo muitas vezes a uma linha estética própria da marca.

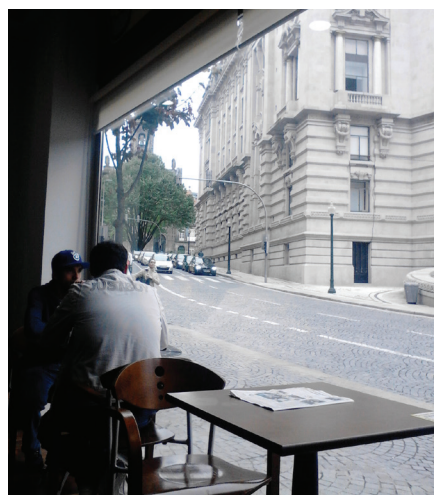
Recentemente, de franquia nacional, instalou-se na Praça General Humberto Delgado (topo dos Aliados) o **Low-cost.come [nº15]**, que introduzindo um conceito novo de refeições ligeiras a baixo custo, como o nome indica, explora ao máximo a taylorização do serviço.

De planta rectangular, de grandes dimensões, o espaço do **Low-cost.come [nº15]** é subdividido em três principais (e um outro, nas traseiras de menor uso), em continuidade, sem cortes físicos ou visuais acentuados, mas distinguidos por diferentes cotas, organizações espaciais e funcionalidades. Dois destes correspondem a duas zonas de consumo: uma maior, junto à fachada, de cota mais baixa, que contém um grande número de **mesas** e em que o consumo é mais apressado e de maior concentração de clientes individuais, e um menor, mais remoto, de cota mais elevada conferindo-lhe um de pé-direito mais baixo (já que o tecto é unitário), resultando assim mais intimista e de maior confortabilidade, tanto em termos espaciais como pelos elementos móveis que aí se encontram – o



número de mesas reduz-se e as cadeiras são substituídas por sofás encostados no seu perímetro. Observam-se aqui os consumos mais pausados e efectuados por grupos maiores.

Um terceiro espaço, intermédio aos outros dois, corresponde à área de serviço, despojada de quaisquer elementos móveis, contendo apenas um balcão. Aqui é organizado um circuito que encaminha os utilizadores para este, onde é feita a escolha dos produtos, o pagamento, e posterior distribuição para as zonas de consumo. Um autocolante nas mesas previne os clientes de que devem dirigir-se a esta zona para se servirem, pois não há serviço às mesas. No acto do serviço, que pretende ser fluido pelo balcão, o contacto com os empregados é muito breve e impessoal. Estes limitam-se a servir de um modo quase automático. Neste estabelecimento encontra-se assim uma grande autonomia entre o serviço e o consumo, e entre os praticantes de ambas actividades – funcionários e consumidores - e que se espelha precisamente na organização espacial – na distinção e autonomia entre os espaços com os diferentes fins funcionais (11).



[15] LOW-COST. COME

## OS CAFÉS ANTIGOS

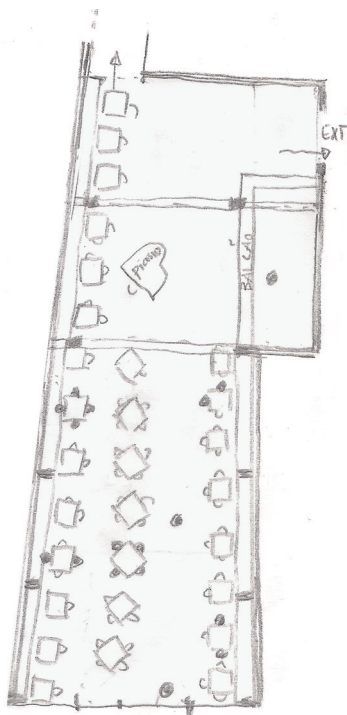
### TERRITORIALIDADE NÃO DEMARCADA - PERTENCENTES A TODA A BAIXA

Uma outra subtipologia relevante no território da Baixa é, sem dúvida, aquela a que pertencem os cafés históricos, que, como foi referido anteriormente, se vieram a fixar aqui desde meados do século XVIII até meados do século XX, ainda que os primeiros se tenham extinguido paulatinamente, à medida que se transformava o tecido urbano e principalmente o da Avenida dos Aliados, dando lugar a outros pouco depois da sua abertura. Estes cafés não encontram áreas próprias de localização, encontrando-se por todo o espaço da baixa, que foi sendo, no princípio e até meados de 1900, urbanizada e ocupada comercialmente num todo. Nesta tipologia encontra-se, contudo, um escasso número de exemplares que, ao longo da passagem do tempo, foram afectados pelas mais variadas transformações. Sistematizam-se, consoante os modos como os

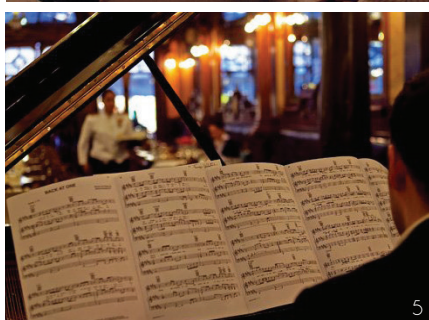
[44] MAJESTIC



(11) No Low-cost.come os públicos são rotativos e até diferenciados (todos aproveitam os custos reduzidos dos produtos) resultando o ambiente humano numa constante mutação. Há algumas interações entre alguns grupos pré-constituídos, mas, sobretudo, as frequências prendem-se com preocupações exclusivas de consumo. A partir da observação realizada num dia útil, a partir das 18.30h. Ver ficha [LOW-COST.COME] em anexos, p. 110.



[44] MAJESTIC



encontramos hoje, em cafés históricos renovados – submetidos a obras de remodelação de intensidade e qualidade variáveis – cafés históricos degradados – que não sofreram intervenções de requalificação, que a estas se sujeitaram há algum tempo, ou que se foram requalificados, o terão sido de modos impróprios - e os cafés históricos “snackizados” – assolados pelo fenómeno da proliferação do snack-bar.

## CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS ANTIGOS

Cada espaço desta subtipologia, por sua vez ramificada, constitui-se como um caso único e de comparabilidade difícil, apresentando características distintas, bem como diferentes horários de abertura, sendo um dos poucos denominadores comuns o seu valor histórico e de memória colectiva, preservado de melhor modo nuns que noutros. De entre os que funcionam exclusivamente durante o dia, e destes os que foram sendo snackizados, encontram-se o **Via Garrett** [nº 199], o **Embaixador** [nº74], e a **Cervejaria Sá Reis** [nº177] nos Aliados, e o **Java** [nº54] na Batalha. De certo modo degradados, ou a necessitar de reabilitação, alguns deles também já rendidos ao carácter de snack-bar, encontram-se o **Capitólio** [nº176], nos Aliados, e o **Chave d'Ouro** [nº46] na Batalha. De entre os renovados, salientam-se o **Progresso** [nº26], ainda que com transformações profundas, o **Guarany** [nº 33] e o **Majestic** [nº44], cujas renovações procuraram respeitar a fisionomia original. De funcionamento diurno e nocturno, destacam-se o café **Aviz** [nº32], um pouco “snackizado” mas ainda detentor de valor histórico, o café **Ceuta** [nº23], com as marcas do modernismo dos anos 50, e o **Âncora d'Ouro (Piolho)** [nº149], que se constitui um pólo dinamizador da área em que se situa, na imediação da Praça dos Leões.

Os cafés **Guarany** [nº33] e **Majestic** [nº44], de entre os renovados, partilham de uma grande amplitude espacial, tanto planimétrica como volumétrica e um elevado número de mesas, dispostas de modo regrado, procurando manter e configuração original, mas também a suas linguagens através de um grande cuidado na conjugação estética de todos os elementos, fixos e móveis. No caso do Majestic, aberto em 1921, projectado então pelo arquitecto João Queirós, e situado no edifício Armazéns Nascimento, da

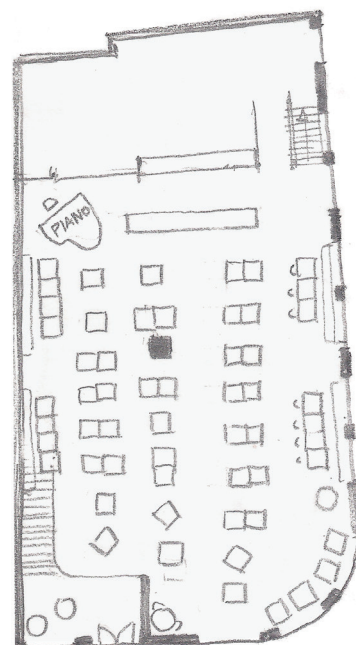


autoria de Marques da Silva, perpetua-se a Arte Nova e o tema da *Belle Époque* da vida boémia parisiense (Ferreira Mendes, 2012). No caso do Guarany, de 1933, subsiste uma mesma elegância e requinte clássico, mas de tratamento mais estilizado, apontando já para um racionalismo moderno que ia emergindo, menos rebuscado que o anterior e pautado por uma maior amplitude, luminosidade e leveza.

Os **balcões**, tanto num café como no outro, são simples e discretos, passando quase despercebidos, apontando assim o exclusivo serviço às mesas, realizado por empregados de vestuário cuidado e formal, que atendem os clientes de bandeja e com modos cordiais e ritualizados, que, pela formalidade, se distanciam na relação com os servidos. A mesma formalidade e requinte é transposta para a própria apresentação dos produtos servidos. A um dos funcionários é ainda reservada a função de receber e encaminhar o público à entrada do estabelecimento, aumentando o ambiente formal destes espaços.

Uma oferta cultural formalizada em torno de exposições de arte, projecções de filmes e espectáculos musicais – as noites de fado e de música cubana (realizadas periodicamente no Guarany, onde um piano permanece com esse fim e faz perpetuar o estatuto original de *café-concerto*), ou os recitais de poesia, e o lançamento de livros no Majestic, procuram perpetuar na actualidade, a vivência dos cafés enquanto, outrora, lugares de tertúlia e de trocas culturais mais eruditas, eleitos, “*ao longo dos anos, por escritores, artistas e estudantes das Belas Artes, filósofos, escritores, intelectuais, boémios, personalidades ligadas às artes do espectáculo*” (Ferreira Mendes, 2012).

Apesar dessa preocupação, grande parte do público destes cafés resulta da curiosidade sobre o valor histórico que estes possuem na cidade, encontrando-se bastante frequentados por turistas, nacionais mas principalmente estrangeiros. Também pelo elevado custo dos produtos de consumo, que corresponde ao requinte do serviço e do espaço, o público reflecte a pertença a um estatuto financeiro acima da média (12).



[33] GUARANY



(12) Ver fichas sobre os cafés antigos em anexos: [CAPITÓLIO] p. 109, [CHAVE D'OURO] p. 135, [PROGRESSO] p. 118, [GUARANY] p.123, [MAJESTIC] p. 120, [IL CAFFÉ DI ROMA], p. 134, [MC DONALD'S], p. 131, [AVIZ] p. 114, [CEUTA] p. 113, e [ÂNCORA D'OURO (PIOLHO)] p.124.



## CAFÉS NOVOS BARES E CLUBS

### TERRITORIALIDADE DOS CAFÉS NOVOS, BARES E CLUBS – CONJUGADA COM A PRESENÇA DE SNACK-BARES

A zona de maior incidência de cafés novos, bares, clubs e similares está claramente definida a poente da Avenida dos Aliados. Salvo algumas excepções (no caso do bar **Pherrugem [nº157]** e do **Pipa Velha [nº158]**), a sua localização nesta área do Porto, e da Baixa especificamente, é um fenómeno recente, tendo-se iniciado em meados dos anos 2000 e intensificando precisamente no período da realização deste trabalho, a partir de 2010. Curiosamente, parte da área em que incidem, para norte da rua de Ceuta, é também a área do território mais intensamente ocupada por comércios ligados à cultura, artes e lazer. Contudo, a sua proliferação mais efusiva e desenfreada, verifica-se no bairro das Carmelitas, que, por volta dos anos 90, se encontrava marcado por uma desocupação dos seus outrora armazéns de tecidos (Fernandes, 1997).

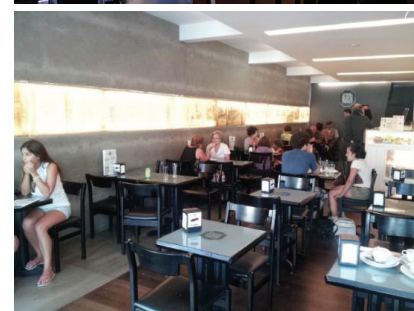
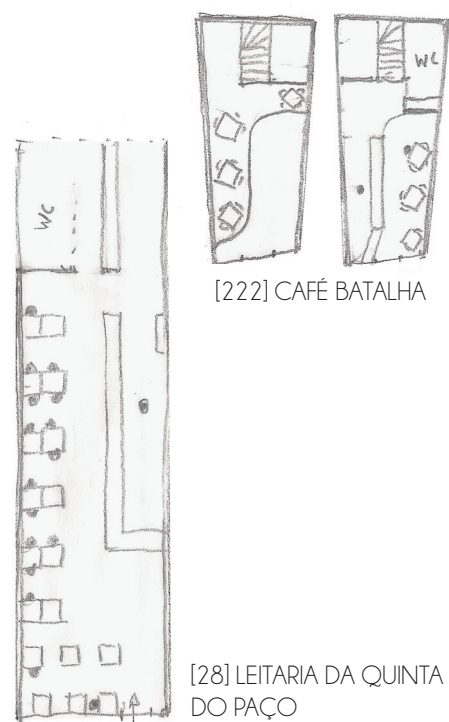
### CAFÉS NOVOS EXCLUSIVAMENTE DIURNOS

De entre os cafés novos há os que funcionam apenas no período diurno, facto que os vem a distinguir, não só pelo horário de funcionamento como também pelo carácter, dos cafés novos que prolongam a abertura para as horas da noite. Há uma concentração considerável nos quarteirões que ladeiam a nascente a praça de Carlos Alberto, voltados para esta e para o lado contrário (para a praça Guilherme Gomes Fernandes). São, como indica a designação, cafés novos, de abertura recente (entre 2000 e 2010 e sobretudo depois deste ano). Exceptuando os de grande dimensão como o **Astória [nº47]** (situado entre os cafés de luxo), e o **Delta Q [nº231]** (explorado pela marca de café Delta), os cafés novos diurnos são geralmente médios e pequenos nas suas plantas. A sua organização espacial e a sua imagem são bastante cuidadas, encontrando-se envolvidos profissionais na sua concepção, e exploram linguagens contemporâneas que vão desde o minimalismo e racionalismo moderno, como os casos da **Leitaria da Quinta do Paço [nº28]**, o **Moustache [nº213]**, o **Segafredo [nº217]**, ou do **Café Batalha [nº222]**, à conjugação destes com tradicionalismos e revivalismos historicistas, por vezes ligados ao facto de se situarem em edifícios históricos e em que ressurgem os movimentos do século XX – Art Déco e Arte Nova, ou de tendências neo-classicistas e neo-barroquistas - muitas vezes de definições ténues entre umas e outras. São exemplos **Il Caffé di Roma [nº40]**, que continua mais ou menos a estética do anterior café que ali funcionou – A Brasileira, de 1903, com remodelações dos anos 30 sob a linguagem da Arte Nova – o **Astória [nº47]**, situado no Palácio das Cardosas onde outrora funcionou um outro Astória (1932 a 1972), mas que nada tinha a ver com o actual, que sintetiza agora o contemporâneo com influências clássicas e barrocas, que se prendem sobretudo com questões de modas actuais do design de interiores; o **Innamoratti [nº230]**, que explora também a tendência linguística dos neologismos, neste caso de influências renascentistas e barrocas, ou da **Casa Christina [nº220]** que busca o tradicionalismo regional e o integra numa ambiência contemporânea.

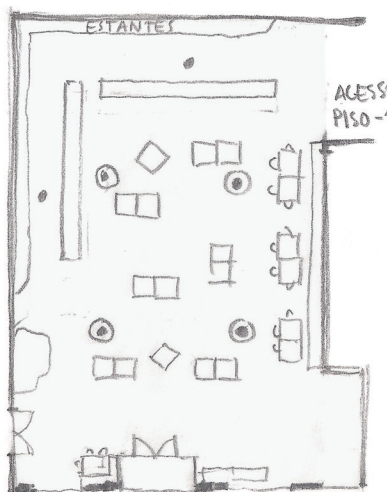
A unidade espacial observa-se na generalidade dos espaços, apesar de surgir em alguns a presença de mezzanine. Já as próprias organizações internas são variadas, não se podendo descortinar um padrão. O número de mesas é, contudo, mais ou menos constante, surgindo estas não em demasia nem insuficientemente, facto que se prende com os modos como se pretende que o consumo seja efectuado. Este quer-se estacionado e pausado, diferente do agitado e rotativo dos snack-bares, privilegiando-se a tranquilidade, a descontração e o *lounge*, em que, muitas das vezes, a ambiência musical – *lounge music* e *chill out* – contribui para esse mesmo ambiente sereno e de descanso. A conversa, e por vezes o trabalho, a leitura e o estudo, são das actividades que aqui se desenvolvem a par do consumo. A abertura dos cafés para a rua é notória, possuindo frequentemente esplanadas que são fluentemente utilizadas nos meses mais quentes, ou nos dias mais amenos em qualquer altura do ano, e onde prima a mesma ambiência de relaxe. Os públicos no geral são variados nas idades e nos níveis culturais, contudo, verifica-se, ainda assim, uma maior afluência de jovens, estudantes, recém-graduados e trabalhadores com instrução académica. De idade mais avançada e com poder económico mais elevado, encontramos o público frequentador dos novos cafés de luxo, como o já referido Astória ou o Casal Caffé Lounge [nº39] na Avenida – espaços de requinte e de ambiente *chic*. Curiosamente, no **Delta Q [nº231]** verifica-se um público maioritariamente feminino, parecendo reavivar-se de certo modo o “salão-de-chá”, que outrora terá sido o espaço eleito pelas senhoras, enquanto os homens ocupavam os cafés (13).

### CAFÉS NOVOS DIURNOS E NOCTURNOS E BARES

Pouco diferenciados, encontramos os cafés novos que funcionam tanto durante o dia como se prolongam também para o horário da noite, e os que funcionam exclusivamente nas horas nocturnas, optando-se pela denominação de *bares*, que apesar desta pequena diferença nos tempos de funcionamento, apresentam características próximas dos primeiros.



(13) Ver fichas em anexos: [LEITARIA DA QUINTA DO PAÇO] p. 122, e [CAFÉ BATALHA] p. 136.



[151] GALERIAS DE PARIS



As diferenças mais significativas em termos espaciais – com dimensões e organizações funcionais diversas – prendem-se sobretudo pela quantidade de mesas, em maior número na subtipologia dos cafés novos, mais próximos daqueles que funcionam exclusivamente de dia, como os casos do café **Galerias de Paris** [nº151], da **Casa do Livro** [nº166] ou do **Era uma vez em Paris** [nº227], e em número mais reduzido nos bares, que se aproximam já aos *clubs*, privilegiando áreas desimpedidas de obstáculos para dar lugar à dança e a circulações mais impetuosas, como acontece no **Radio Bar** [nº164], na **Tendinha dos Clérigos** [nº170] ou no **Plano B** [nº173], apesar de este, dividido em dois pisos, possuir no primeiro uma organização funcional mais próxima da do café *lounge*, estando o piso inferior reservado ao *club*.

É de salientar a concentração destes espaços no bairro das Carmelitas, no qual, alguns deles, preenchem o “*edifício comercial na Rua da Galeria que nunca foi coberta, onde se instalaram os Armazéns das Carmelitas - Fernandes, Matos & Ca.*” Edifício cuja “*arquitetura transparece alguma monumentalidade na escala urbana e reserva uma surpresa estrutural no interior, com um amplo espaço dominado por colunas em ferro, de bases vegetalistas, fustes marmoreados, capitéis e decorativas consolas apoiando na estrutura do tecto, que derrama luz de geométricos candeeiros*” (Branco, 2009).

Desta ligação com os edifícios históricos que estes estabelecimentos, na sua maioria preenchem, e de uma certa moda que foi surgindo nos últimos tempos, resultam comumente linguagens espaciais que mantêm o ambiente de outros tempos, num revivalismo sintetizado com atitudes contemporâneas e minimalistas, resultando daqui imagens de um certo ecletismo. Encontram-se influências desde décadas do século passado, geralmente presas aos temas do *vintage* (anos 20 a 50) e ao *retro* (anos 70 a 90), que se espelham em objectos, materiais utilizados e signos gráficos. O **Era uma vez em Paris** e o **Galerias de Paris** são bons exemplos. Fora desta tendência encontram-se aqueles que se marcam por uma exaltação do design contemporâneo e do *styling*, como no caso do **É prá poncha** [nº226], e ainda os que se imprimem de uma imagem refinada e de requinte, *chic*, como o **Bubbles Vanity** [nº238], destinados a um público que procura uma correspondência com esse mesmo



ambiente, que é muitas das vezes de classe económica média-alta. A luz ténue ou mesmo quase a sua ausência, é uma característica ambiental constante.

A abertura para a rua é representativa destes espaços e o movimento pendular entre o interior e o exterior é constante, resultando um grande dinamismo do espaço público que os envolve. Estes são por vezes, inclusive, acompanhados de esplanadas que acentuam essa vivacidade exterior.

A dimensão cultural nestes espaços é significativa. As trocas e a oferta cultural são de vários níveis, formais e informais, cruzados muitas vezes num mesmo espaço – desde a leitura e o estudo sobretudo nos horários diurnos, a exposições de arte, performances, e ambientes musicais que incluem música permanente, com presença de *Dj's* e mesmo concertos. Alguns destes espaços promovem até eventos culturais fora de portas – como o Mercadinho dos Clérigos impulsionado pelo **Plano B [nº173]**.

O público é maioritariamente jovem, desde estudantes a jovens trabalhadores, identificando-se, muitas vezes, a conotação destes espaços com subculturas alternativas (14).

## CLUBS

Os Clubs são geralmente de grandes dimensões e tal como os bares são de abertura exclusivamente nocturna. Contudo, possuem um carácter distinto: estes não acentuam a ligação entre o interior e o exterior, condicionada por uma admissão controlada de um público que se direcciona para estes estabelecimentos propositada e premeditadamente, já com o intuito de permanência prolongada e exclusivamente no seu interior, ao contrário do que acontece com os cafés e bares na zona das Carmelitas e na lateral norte da rua de Ceuta, principalmente, em que há um constante movimento pendular entre o interior e a rua, e portanto, pelo seu carácter não exercem a mesma influência sobre o espaço público que os anteriores. A única forma com que afectam o exterior é através das filas que por vezes se formam pelos grupos que esperam a entrada. São os casos do **Boulevard [nº218]** (Aliados), **Vila Porto [nº174]** e **Pitch [nº175]** (ambos na rua Passos Manuel).



[164] RADIO BAR



[175] PITCH

(14) Ver fichas em anexos: [GALERIAS DE PARIS] p. 127, [MUSEU D'AVÓ] p. 137, [CANDELABRO] p. 128, [PLANO B] p. 132, e [RADIO BAR] p. 129.







- 
- (1) Sobre a importância do signo no quotidiano, João Teixeira Lopes (2000), citando Welsch, fala de um “boom” estético em que se encontra, por um lado, o “desejo de conferir um carácter artístico ao quotidiano, e por outro, “favorece-se uma nova constelação de valores assente no desejo e no entretenimento.”
- (2) Segundo Teixeira Lopes (2000), citando Diana Crane, 1992, “os processos de formação das identidades ligam-se cada vez mais ao simbólico e ao estético: “Os objectos materiais adquirem uma maior importância como marcadores subtis de identificação com códigos simbólicos”.

# CAPÍTULO 7.

## CASOS PARTICULARES E TENDÊNCIAS

### 7.1. O VALOR DA IMAGEM O SIGNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Uma tendência marcante, que afecta sobretudo os cafés novos e bares, é a importância da imagem – a forma de comunicação mais imediata do espaço através da sua linguagem estilística – posicionando-se acima das preocupações de ordem espacial – e que se constitui como um fenómeno comum na sociedade contemporânea global. Esta valorização e banalização dos signos visuais, imprime-se nos espaços destes cafés, através de um *styling*, que os torna apelativos e atractivos a públicos específicos, consoante a “pele” que vestem.

O caso do bar **É prá Poncha [nº226]** traduz bem essas preocupações. Uma grande atenção é dada ao design contemporâneo na constituição da sua imagem. Este procura benfeitorizar-se e adquirir personalidade através de aplicações formais e de iluminação. Uma série de placas de material compósito lacado de branco, recortadas de formas onduladas, prendem-se no tecto, transversalmente e ao longo do seu comprimento, criando uma espécie de túnel orgânico, e entre as quais estão colocadas lâmpadas de LED que vão alternando as cores, vivas, mudando a ambiência cromática ao longo do tempo. Um balcão que se prolonga desde a entrada até a uma grande profundidade do espaço adquire, através de um material ligeiramente translúcido, uma forma irregular e sinuosa, composta de diagonais, que se ilumina desde o interior. O espectáculo visual é notável e funciona como chamariz de uma clientela jovem, que incorpora mais fortemente os valores da importância da imagem (1).

Noutros casos ainda, denota-se que através da linguagem de que se revestem, conseguem ser alvo de preferências que se prendem não tanto a uma diferenciação cultural (generalista) ou consoante grupos etários, mas de entre grupos subculturais jovens específicos, e que funcionam precisamente como meios de afirmação, ou mesmo de construção das identidades subculturais (2).

É o caso do **Café Candelabro [nº142]**, situado no gaveto entre a Rua da Picaria e a Rua da Conceição, cuja frequência traduz muitas vezes uma procura de pertença e integração a uma dada subcultura, alternativa, de cariz *hipster* (3), ainda que essa pertença seja real, conseguida, ou apenas desejada/imaginada (4).

(3) Segundo o urban dictionary (web: <http://www.urbandictionary.com>), a subcultura *hipster* compreende homens e mulheres entre os 20 e os 30 anos de idade, que valorizam as ideias independentes e o intelecto, as contraculturas e ideologias políticas progressistas, apreciam as artes, a criatividade e o género musical indie-rock. Valorizam o sentido estético e a originalidade, que se espelha numa distinta sensibilidade para a moda, sendo frequente o vestuário inspirado no vintage e a roupa em segunda mão. Têm geralmente formação académica, muitas vezes ligada às artes ou às ciências.

(4) “No café, existe a possibilidade de abandonar uma parte de si próprio, para se escolher uma outra imagem, mais próxima de uma ligada às representações ideais de si. O café é um “vestiário simbólico” em que cada um se desvincula da sua personalidade social para adoptar uma outra” (Bouard, 1992 in Eleb, Depaule, 2005:242).

RELAÇÕES ENTRE  
LINGUAGEM DO  
ESPAÇO E MODOS  
DE APROPRIAÇÃO,

FORMAS  
(SUB)CULTURAIS  
PRESENTES – O  
ESPAÇO COMO  
MEIO DE  
AFIRMAÇÃO DE  
IDENTIDADE  
PESSOAL



De planta quadrangular e de dimensão reduzida, apresenta duas fachadas de pedra, uma rasgada por amplas janelas, de caixilharia e gradeamento em ferro, e outra por uma porta e duas grandes montras que a enquadram, em madeira de cortes simples, pintadas de cinza escuro e encimadas por vitrais, artesanais, de vidro fosco e amarelo.

No interior, o espaço e a linguagem apresentam-se bastante cuidados, seguindo uma linha contemporânea e racional conjugada por materiais tradicionais. Tanto estes como as cores (em que predominam o cinza-escuro/negro e cinza claro) estão em uniformidade. Esta racionalidade contrasta com o restante conteúdo. Várias estantes e vitrinas, assim como na montra da fachada, são preenchidas de livros antigos, em segunda mão, gastos e multicolores, em várias línguas e sobre os mais variados assuntos, intercalados por alguns discos de vinil.

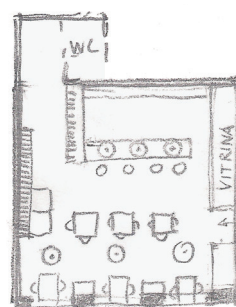
É este o tema do Candelabro - literaturas alternativas e ecléticas, direccionadas para o cinema e para a música, salientando-se livros com imagens do Bruce Lee e títulos como “Kung Fu – Karaté”, “Laurel et Hardy”, “Le Cinéma Russe et Soviétique”, “Manuel de Oliveira” ou “Cinema Today”.

A música ambiente não passa despercebida e enquadra-se nesta identidade cultural – ouve-se “Songs for Silverman” de Ben Folds, que se liga ao género indie-alternativo, bem como temas de outros tempos, esquecidos e que se tornam novamente de culto.

Estes contrastes na linguagem do espaço e dos temas, seguem as tendências estéticas das subculturas dos jovens que o frequentam (ou dos que as procuram incorporar) que fazem um culto tanto à modernidade como aos ecletismos e revivalismos (o *retro* e o *vin-tage*) e à cultura cultivada (nem sempre conotada aos indivíduos).

O próprio empregado (um apenas) relaciona estas referências com o modo de vestir: informal, eclético e revivalista, ao envergar uma t-shirt gasta e alusiva ao *heavy metal* de outros tempos, estampada com o “Festival de metal de 1987”. Também o público se faz notar pela preocupação com o aspecto visual, ligado a revivalismos e ao fora do comum.

Além disto, as trocas culturais são acentuadas pelo convívio e discussão de ideias entre os utilizadores, e os temas recorrentes são precisamente sobre actualidade da cultura, das artes, da música - uma rapariga relata a um grupo amigo sobre a vida cultural e

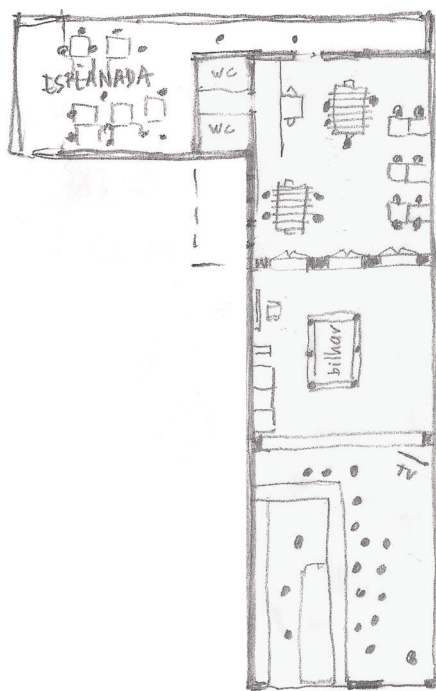


142. CANDELABRO



de lazer do Porto, “mais desenvolvido a nível de cafés, bares, espaços de lazer, mas ainda não muito desenvolvido culturalmente” - ou ainda o empreendedorismo (em que se discutem ideias de negócios). Para alguns ainda, este é também espaço de trabalho, de estudo, de leitura ou de escrita, durante as horas da tarde (5).

## 7.2. A DESVALORIZAÇÃO DA IMAGEM



60. ESPAÇO 77



Por outro lado, há também os espaços que desvalorizam a importância da aparência, mas que são intensamente vividos, como acontece no **Espaço 77 [nº60]**, na Travessa de Cedofeita.

De planta rectangular, bastante comprida e estreita, situa-se perpendicularmente à Travessa de Cedofeita e divide-se em três momentos interiores, **transitórios entre duas exterioridades** que lhe pertencem – o espaço da rua e uma esplanada nas traseiras. O interior próximo da rua contém o **balcão**, que corre longitudinalmente do lado esquerdo da entrada, em torno do qual se concentram os clientes, pedindo e consumindo cervejas e outras bebidas alcoólicas, e snacks, enquanto conversam, e cujas permanências se vão alternando, pendularmente, com as permanências na rua. O **segundo espaço**, em continuidade do primeiro, é reservado aos **jogos**: aqui encontra-se um bilhar e uma consola de jogos virtuais ligada a uma televisão, além de outros elementos descontextualizados e pertencentes às funções de serviço - três frigoríficos de bebidas, com portas de vidro e com os logótipos de marcas nacionais, e ainda uma torre de grades de cerveja empilhadas. Numa última área encontram-se as **mesas**, que não são muitas: apenas quatro, nas laterais, dando passagem para a porta traseira com saída para a esplanada, e permitindo ao centro, a localização de duas mesas de matraquilhos.

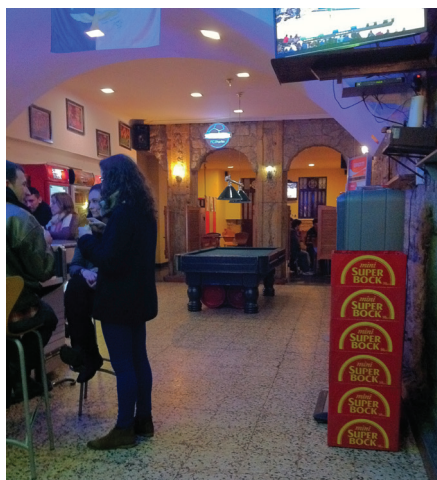
Em todos os espaços a linguagem é bastante popular, descuidada e degradada, resultante de uma combinação de paredes de pedra com rebocos areados e texturados, pintados de ocre e cinza, em que se incrusta mais facilmente a sujidade; de tectos falsos em placas quadrangulares, brancas e sujas, de fibra de vidro, com cartazes publicitários de aspecto gráfico desleixado anunciando a venda de bebidas baratas – sangrias, cerveja em balde, cervejas minis a 50 cêntimos. Os pavimentos revestem-se, consoante as zonas, de

(5) Ver ficha [CANDELABRO] em anexos, p. 128.



diferente tipos e cores de tijoleiras e azulejos, que se sujam de pegadas de lama e água resultantes dos movimentos fora/dentro, e de cerveja entornada. O pé-direito é um pouco alto e retira conforto ao espaço, facto que se acentua pelas lâmpadas fluorescentes de luz branca que o iluminam. Elementos soltos de preocupações de enquadramento pendem nas paredes: um logótipo em relevo de madeira de uma marca de cerveja, reproduções de pinturas naturalistas emolduradas e desfasadas umas das outras, cartazes alusivos à venda de “baldes de cerveja”, um exaustor ou uma prateleira velha de madeira sobre a qual não pousa nada. São elementos em que ninguém repara, e que nem estão ali para serem notados. Foram-se colocando ao longo do tempo e sem grandes propósitos, assim como se configura todo o espaço: fazendo-se por sobreposições de elementos, sem preocupações estéticas.

Mais do que para ser observado, este espaço é intensamente usado. Nele se consomem bebidas, sobretudo, e convive-se exaltadamente. É um autêntico espaço de recreio para estudantes jovens, em que grupos conhecidos interagem fortemente, assim como aleatoriamente se cruzam e aproximam desconhecidos nos movimentos contínuos entre uns espaços e outros, entre a rua e a esplanada – dois extremos que dão mote às circulações pela interioridade. O movimento aqui não falta e as pausas, o sentar para consumir, nunca são muito prolongadas. Entre o fora e o dentro, alguns permanecem sentados, outros sentam-se um pouco e depois levantam-se. As mesas vão sendo substituídas por novos utilizadores à medida que passam minutos escassos, nas quais se vão amontoando garrafas de cerveja já esvaziadas. O uso dos matraquilhos dá origem a uma confusão sonora - gargalhadas são soltas além dos sons provenientes do ferro a bater nas bolas e das bolas a baterem nas madeiras. O barulho impõe-se e insere-se na agitação das circulações e das actividades desenvolvidas, de interacção e de jogo. Cadeiras são arrastadas e bolas passam aos saltos por entre estas e rolam por cima das mesas. A porta do fundo, aberta apesar do frio, vai batendo com a corrente de ar. A esta confusão junta-se ainda a música proveniente de colunas presas às paredes, que soltam *hits* da música de dança mais comercial e latina. Assim se faz um uso exorbitante deste espaço, movimentado entre duas realidades externas, de muitas interacções, e contudo, pouco apelativo visualmente (6).

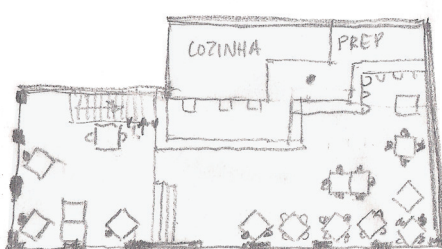


(6) Ver ficha [ESPAÇO 77] em anexos, p. 116.

### 7.3. RELAÇÕES PRÓXIMAS ENTRE O MEIO FÍSICO E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO

Há espaços que pela sua organização espacial têm, de um modo mais evidente, repercussões nas formas de apropriação, comprovando uma *atitude probabilista* (24) dos efeitos do meio construído sobre os modos de uso, em que este oferece possibilidades de escolha, ainda que não as determine totalmente.

De entre os vários casos de estudo, destacam-se três em que, de um modo mais evidente, as configurações do seu espaço vêm a determinar mais provavelmente os modos do seu uso.



26. PROGRESSO

Um dos casos é o **Café Progresso [nº26]**, café histórico renovado, situado no gaveto entre a rua Actor João Guedes e a rua de Sá Noronha, que à parte da sua linguagem estilística, resultante de remodelações efectuadas entre 2003 e 2005, sintetizando uma estética reportada aos anos vinte e à contemporaneidade, encerra uma configuração espacial que induz fortemente as suas formas de uso.

O espaço é subdividido por duas cotas distintas: uma mais baixa, correspondente com a entrada para o café, mais ou menos a meio do lado maior da sua planta rectangular, e que acompanha a cota da rua que desce no sentido da praça Carlos Alberto. Em frente à entrada e transversalmente, encontra-se o balcão, em forma de U largo, ao qual acresce um outro mais pequeno, para a direita de quem entra. Para a esquerda, três degraus ascendentes dão acesso a um espaço mais pequeno (mais ou menos um quarto do espaço total) que se encontra no gaveto e a um desnível de cerca de meio metro em relação ao primeiro (daqui tem-se acesso a umas escadas para um nível inferior, onde estão os quartos-de banho, e umas escadas mais largas, de tiro, que dão acesso a uma outra espacialidade num piso superior, destinada a refeições).



13



14

No espaço de cota mais baixa, o pé-direito resulta alto, já que o tecto é unitário, e aqui encontram-se a maior parte das mesas, quadradas e pequenas. Estão dispostas na diagonal ao longo da parede perfurada de aberturas, e preenchendo o restante espaço até ao balcão. Não são, contudo, em demasia. Na cota superior, a lógica é a mesma – ao longo das aberturas e internamente, apesar de o espaço ser mais apertado, em parte pelo acesso às escadas.

- (7) Rapoport (1978) enunciando três perspectivas/atitudes da geografia cultural estabelece um paralelismo útil e de interesse ao desenho urbano:
- a perspectiva determinista, em que o meio físico determina o comportamento humano;
  - a possibilista, em que o meio físico contém limitações e promove possibilidades de escolha baseadas em critérios culturais;
  - a probabilista, em que o meio físico oferece possibilidades de escolha, sem a determinar totalmente (algumas escolhas são mais prováveis que outras segundo um meio físico concreto).

A relação com o exterior não é muito forte, apesar das muitas aberturas – uma série ritmada de portas encaixilhadas de alto a baixo, e o espaço, acaba por se voltar para o seu interior, e os seus ocupantes uns para os outros ou para as suas actividades. Ao invés de uma abertura contínua, a série de aberturas pontuais não permite uma leitura integral da rua que ali passa. Aquelas aberturas, pela sua caixilharia marcante, recortam a imagem do mundo exterior, e as ombreiras largas dificultam também o observatório da rua, que assim se vai vendo aos pedaços, entre tantos filtros. Também as mesas não estão posicionadas para que se usufrua ao máximo das janelas.

A área de cota mais baixa, próxima do balcão onde, por detrás, se encontra um empregado, é a de maior concentração de utilizadores. Estes são clientes envelhecidos, que vêm em grupo e em grupos grandes, ou então isolados, juntando-se aos grupos que já cá estão – são conhecidos uns dos outros e clientes habituais – tratam-se pelo nome entre si, tendo também estabelecida uma relação de proximidade com o empregado, que conhece já os seus hábitos de consumo: “Ó senhor Joaquim, não quer um queque? Não, hoje não. Só quero café”. “Vá pela sombrinha, cuidado com o sol”, diz para um dos reformados que está de saída, e um “até amanhã ou até segunda-feira se Deus quiser” a um grupo de mulheres reformadas que se vão embora também. Entram entretanto outros homens de idades avançadas e bem vestidos, que cumprimentam os outros que já cá estão, sentados, e aos quais se juntam. Por forma a manterem-se próximos juntam as mesas que aqui se encontram. Trocam entre si alguns comentários jocosos.

Por outro lado, o espaço de cota mais alta é o preferido dos que vêm a solo, dos clientes mais esporádicos, dos que preferem o recato e a discrição, e dos mais novos - um homem, de meia-idade com uma pasta de couro e sobretudo cinza, lê o jornal numa mesa mais remota deste sub-espço, enquanto uma jovem estrangeira, noutra mesa daqui opera um tablet. Um casal de turistas espanhóis e outro casal jovem sentam-se também nesta área que proporciona mais intimidade e recolhimento, e menor exposição visual aos que se encontram abaixo, e aonde o barulho do tom de voz elevado dos grupos seniores não chega tão intensamente.

A música ambiente, calma (Bossa Nova), é recortada em baixo – lugar dos grandes agrupamentos e do convívio dos mais velhos - pelo barulho das vozes, mas tranquiliza o espaço de cima, em que se lê, livros e jornais, ou se navega na internet, enquanto se consome.

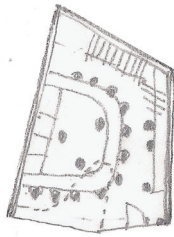
Há aqui uma clara distinção entre um espaço e o outro e nota-se uma grande influência da organização espacial nessa ocorrência. A maior amplitude espacial, planimétrica e volumétrica e a proximidade com o balcão vem a formular escolhas e modos de apropriação do espaço distintos dos que o espaço superior incute, pelo afastamento, físico e visual da área do balcão e resultante actividade, e pela volumetria mais reduzida e intimista (8).

No Snack-bar **Gazela [nº179]** (ainda que a denominação não o faça corresponder com a sub-tipologia do snack-bar comum, apenas pelo facto se servir snacks e pela rapidez dos consumos e fluidez dos públicos, muito afluentes às horas das refeições), o espaço materializa-se de um modo muito específico que configura fortemente o seu uso.

---

(8) A partir da observação realizada num dia útil, a partir das 18.00h. Ver ficha [PROGRESSO] em anexos, p. 118.





179. GAZELA



Localizado na Batalha, constitui-se como um espaço de dimensões reduzidas e de planta centrada. A entrada é feita do lado direito da sua fachada, e a esta segue-se um estreito espaço desimpedido, ao longo de uma das paredes, do lado direito, com uma pequena prateleira que a percorre. Este pequeno corredor destina-se aos clientes que esperam um lugar ao balcão, enquanto bebem cerveja. À esquerda deste pequeno corredor, toda a área do pequeno café é preenchida pelo balcão, em U, cujas extremidades se prendem à outra parede lateral. Este circunscreve a área de preparação, que ocupa grande parte do espaço geral, e na qual se encontram três funcionários – homens, de idades médias e envelhecidos, e com o seu nome apontado na lapela – que se dedicam às suas funções numa grande agitação de modo a responderem à grande afluência de clientes. Apesar da confusão aparente que se gera naquele espaço apertado, no qual se movimentam, se cruzam e quase chocam entre si, os homens laboram ali, ainda que atarefados, de um modo bastante organizado – atendendo bem quais às suas funções específicas. Ao redor do balcão, dispõem-se portanto os clientes (de características muito díspares), que preenchem a totalidade dos bancos circundantes nas horas mais movimentadas e dali observam o rebuliço da preparação dos produtos que se lhes destinam. Cercados pelos clientes, e numa grande proximidade com estes gerada pela organização espacial, os funcionários, apesar da azáfama, não conseguem distanciar-se nas relações com os clientes, resultando esta de grande proximidade. A proximidade e cercania espacial são, assim, transpostas, e impostas, para uma proximidade nas relações humanas. Geram-se conversas informais entre empregados e clientes, mesmo com os mais ocasionais, sobre os mais diversos assuntos – desde os motes lançados pela televisão, aos produzidos por curiosidades, de ambos os lados, e aos mais insignificantes: “Ontem entraram quatro estrangeiros. Um dinamarquês, uma americana, um inglês e o outro não sei... Entraram ao fecho e comeram sete cachorros” - diz um dos empregados. Nestas conversas por tudo e por nada intrometem-se outros clientes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros, mas que participam, mesmo que involuntariamente, naquele hemisfério fogoso e de grande intensidade de sociabilidade (9).

(9) A partir da observação realizada num dia útil, entre as 20.00h e as 21.00h.



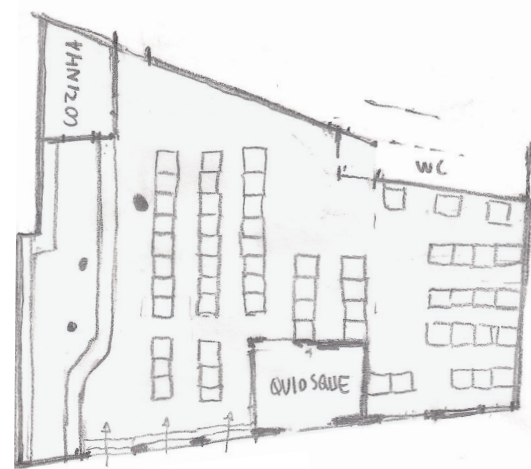
O café **Âncora d'Ouro (Piolho)** [nº149] é também um bom exemplo de como se processam as ligações de uma configuração espacial própria e os modos de apropriação e interacção por ela produzidos ou induzidos.

De espaço de planta centrada, mais ou menos quadrangular, e de grande dimensão, apresenta uma **linguagem** um pouco austera, sem grandes ornamentações.

Contudo, mais que pelo invólucro, pelos seus materiais de revestimento frios, pelos jogos de espelhos ou pelas placas académicas pendentes nas paredes, o espaço é principalmente marcado pela grande quantidade de mesas de madeira que estão presentes, e pelas pessoas que as povoam e que se multiplicam nos reflexos das superfícies espelhadas. Visualmente, é esta povoação e multiplicação de público que se impõe no espaço (que acontece no horário privilegiado – o nocturno) e é maioritariamente composto de jovens/estudantes.

Em madeira escura, quadradas e rectangulares, as mesas têm já alguma idade (assim como as cadeiras, do mesmo material e de assento forrado a cabedal castanho e gasto, preso com tachas metálicas). Estes elementos estão gastos de tanto servirem. As mesas estão riscadas, arranhadas e inscritas com nomes, desenhos, nomes de faculdades e dizeres sem sentido. Mas a marca que imprimem ao espaço não se prende com as suas características materiais e de aspecto. Tem mais a ver com a sua disposição no espaço, peculiar. Estas não se encontram pelo espaço distribuídas isoladamente, são antes agrupadas em linhas, umas maiores, aí de umas dez seguidas e outras (no espaço recatado) em mais pequenas, de duas ou três. Este agrupamento dos elementos móveis dá origem a usos e apropriações do espaço muito próprios. Dispostas assim, em continuidade, as mesas são ocupadas por vários grupos, distintos e sem afinidades à partida, que pela proximidade provocada por essa disposição, têm aumentadas as probabilidades de interacção entre si, e possibilidades de interconhecimento aleatório, além da intensificação das interacções entre os grupos pré-definidos.

No horário nocturno, em que o público se multiplica e escolhe por todas as partes – pelo balcão, pelo exterior contíguo à entrada ou mesmo mais afastado, e pelas mesas, quase sempre sobrelotadas - as possibilidades de contactos são aumentadas. Aí, o próprio exterior acaba por passar despercebido, ao dar-se importância e atenção



149. ÂNCORA D'OURO (PIOLHO)



ao convívio que se efectua em torno destes elementos - entre quem está dentro, ao que se passa dentro, e com quem se está dentro.

Por isto, acima do consumo, o espaço do Piolho é frequentado sobretudo pelo convívio/diversão, que se faz acompanhar de cerveja e outras bebidas que ajudam ao ânimo. Não há música e as interações voltam-se para si próprias, resultando acesas, e o barulho que delas provém é o que marca o ambiente sonoro (10).

#### 7.4. ESPAÇOS MULTIDISCIPLINARES OS CAFÉS DE FUNCIONALIDADES MÚLTIPLAS

Se originalmente a função principal do café terá sido o de servir a bebida, hoje encontram-se, sob esta designação, múltiplos espaços com outras funções anexas: juntam-se aos cafés restaurantes, galerias de arte e espaços de exposições diversas, espaços de concertos e outras performances, espaços de debate e intervenção cultural, livrarias, espaços de dança, lojas de roupa, de música ou outros produtos (Eleb, Depaule, 2005).



Nestes espaços, em que encontramos muito mais que um café, a dimensão cultural é, portanto, bastante acentuada. Contamos com o exemplo do **Plano B [nº173]**, que se constitui como um verdadeiro *cluster* cultural, impulsionador e renovador de cultura, sobretudo no que diz respeito às tendências musicais, mais alternativas.

Constituído por múltiplos espaços, o Plano B possui um café (correspondente à subtipologia do café novo) e uma galeria de arte no piso superior, e num inferior (mais próximo da tipologia do *Club*) subdivide-se em três espaços principais, de entre os quais dois correspondem a duas salas de espectáculos distintas: a Sala Cubo – destinada a *sets* de *DJ's*, por onde têm passado dos mais vanguardistas no panorama internacional da música electrónica (como Jamie XX, Todd Terje, BlackStrobe ou XXYXX) – e a Sala Palco – destinada a concertos de grupos instrumentais, ligados aos géneros e variações do *rock* e do *indie* (por onde passaram nomes como Nite Jewel ou The Oh Sees).

As áreas de café, bar e galeria (os dois espaços do piso superior, lounge e café, e o bar do piso inferior) têm preocupações estéticas mais elevadas, conjugando uma **linguagem** contemporânea, de despojamento minimalista, com elementos ecléticos e revivalistas, desde o *vintage* ao *kitsch*, propositado, aproximando-se do burlesco.



(10) A partir das observações realizadas num dia útil, a partir das 18.00h, e a partir das 00.30h. Ver ficha [CAFÉ ÂNCORA D'OURO (PIOLHO)] em anexos, p. 124.

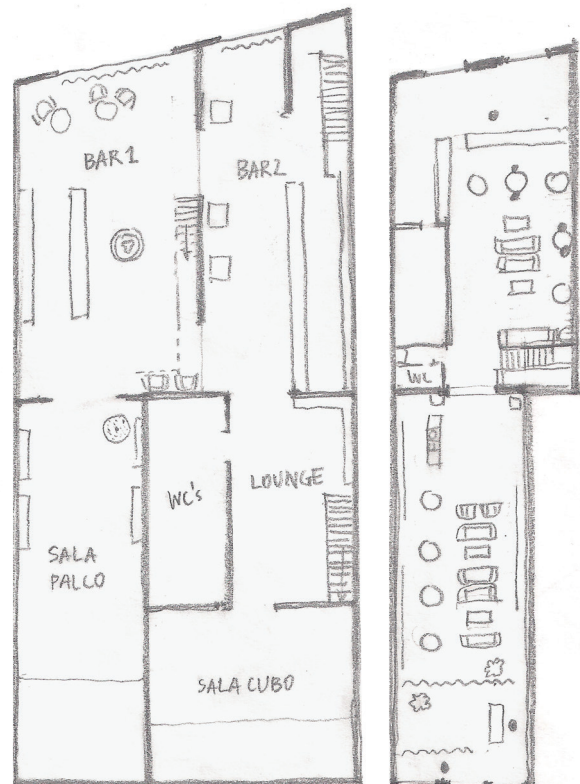


Conjugam-se candeeiros antigos com candelabros de design contemporâneo, vasos com japoneiras, bolas de espelhos pendentes do tecto e grandes cortinados em veludo. Espelhos de molduras douradas preenchem as paredes que se pintam de branco ou verde-escuro, no piso superior, onde prevalecem os sofás como dispositivos móveis, ou de bordeaux no espaço do bar, no piso abaixo, em que se encontra um balcão em madeira negra, com uma pequena vitrina repleta de objectos antigos. Um armário por detrás deste é preenchido por uma imagem religiosa entre garrafas de bebidas alcoólicas. Sobre este pousam três estatuetas de figuras femininas, segurando cada uma delas lâmpadas de néon – de luz vermelha, negra e azul ciano. Daqui (e da pouca iluminação escondida no armário) provém toda a iluminação do espaço – muito ténue e multicolor, tal como nos restantes espaços.

O centro é marcado pela presença de uma fonte de pedra, de aspecto barroco, representando também uma figura feminina. Além da fonte, este espaço é desimpedido de obstáculos. A disposição dos elementos móveis é aqui distribuída pela periferia do espaço, dando lugar às permanências de público mais movimentadas, ao contrário dos outros acima, mais vocacionados para permanências estacionadas e, ainda que as suas linguagens se assemelhem, tornam-se por isto diferenciados.

Daqui faz-se a ligação com os restantes espaços, reservados aos espectáculos (além de um bar secundário que se interpõe entre este espaço e a Sala Cubo) unindo-os e estabelecendo-se como ponto de reabastecimento de bebidas, de transição entre uma sala e outra, de encontro e de permanência um pouco mais pausada.

Já as salas de espectáculos diferenciam-se bastante em termos de linguagem, prendendo-se os invólucros exclusivamente à cor negra e o despojamento de elementos móveis ou decorativos é acentuado, privilegiando-se um espaço com preocupações exclusivas de albergar um público vasto. A iluminação é ainda mais insuficiente, prendendo-se com luz intermitente ou em movimento e incidindo principalmente sobre os animadores musicais. Nelas assiste-se a uma concentração em massa de utilizadores activos ao som da música, que aqui se impõe acima de tudo o resto, sobrelotando-se aos fins-de-semana e sobretudo em noites de espectáculos.



173. PLANO B (-1)

173. PLANO B (0)



17



18



19

Com múltiplos espaços, mais ou menos diferenciados e vocacionados para vários tipos de apropriações, desde as mais pausadas (durante as noites semanais a afluência de público é reduzida e o carácter de café-galeria sobrepõe-se) às mais activas, de festividade e alvoroço.

Pelo cruzamento das modalidades de uso que proporciona, pelos eventos que promove (alguns inclusive fora de portas, como o Mercadinho dos Clérigos (11)) e pelas linguagens de que se reveste, o Plano B consolida-se, assim, como um importante núcleo de afirmação e de formação de identidades subculturais mais alternativas, que se reflectem por sua vez no panorâma cultural mais globalizante (12).

## 7.5. A PROCURA DOS SIGNOS DO PASSADO

Uma tendência comum, tanto nos espaços remodelados como nos constituídos de raiz, tem sido, como se observa, a inscrição de signos do passado, combinados com linhas estilísticas contemporâneas, na procura de ambientes *retro* e/ou *kitsch*. Uma outra tendência é a “folclorização do espaço (semântica e formal) em que se procuram inscrever referências do tradicional” (Eleb Depaule, 2005:36) na imagem do espaço e em todos os elementos que a compõem, bem como na própria oferta de produtos de consumo.

Mas não só no próprio espaço se imprime essa procura de signos de outros tempos. Estes constituem-se antes como respostas às procuras dos utilizadores destes signos que, tendentemente, se ligam a questões de subculturalidade.

O NOVO CULTO  
DAS ORIGENS  
POPULARES E  
TRADICIONAIS

Esta procura reflecte-se, portanto, de igual modo nas escolhas por parte destes utilizadores de espaços em que estes signos se encontram de modos mais autênticos, e não apenas dos espaços que os inserem, agora, na actualidade.

A procura do popular e do tradicional parece incorporar-se nos novos valores de alguns grupos subculturais mais alternativos e jovens, como se denota na frequência de espaços mais popularizantes como por exemplo do Snack-bar **Gazela [nº179]** cujas linguagens espaciais e produtos servidos se identificam com esse carácter.

Também se verifica uma crescente frequência, também dos mais jovens, de cafés históricos, sobretudo dos cafés populares dos anos 50 (não de grande requinte) como o **Café Ceuta [nº23]** e o **Café Aviz [nº32]**, e que estará ligada à tendência do culto do *vintage*, em que se procura compensar um certo pseudo-saudosimo do culto do “café original”.

---

(11) Mercadinho dos Clérigos: mercado de rua mensal (que acontece desde 2007 na Rua Cândido dos Reis), “onde poderão ser encontradas todo o tipo de peças de autor (artesanato urbano, objectos decorativos, gastronomia, antiguidades, produtos biológicos, flores, etc.). O espaço público é dinamizado com momentos de animação, música ou performances, com o objectivo de envolver os agentes culturais, atrair o público e revitalizar a área envolvente. Se o tempo não permitir, o mercado realizar-se-á no interior do Plano B.” Da web: <http://www.portoturismo.pt>. Mais informações em <http://planobporto.net>.

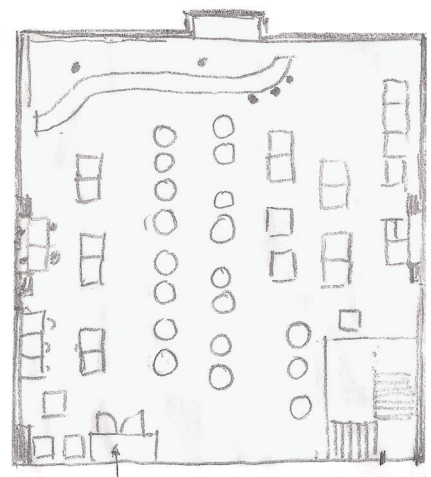
(12) A partir das observações realizadas num dia útil, a partir da 1.00h, e num sábado (noite de evento: John Talabot DJ Set – Abril 2013) a partir das 2.00h. Ver ficha [PLANO B] em anexos, p. 132.



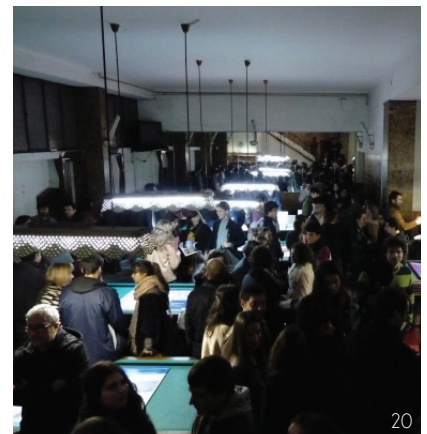
De planta quadrangular, unitária, o **Café Ceuta [nº23]** segue os valores do modernismo dos anos 50 - das formas racionais, geométricas e a assimétricas. Uma fachada envidraçada corre ao longo de todo o plano que ladeia a rua e, do lado contrário e paralelo, posiciona-se o **balcão**, com a mesma extensão. Do lado da entrada, mas desfasadas à direita, umas escadas dão acesso a um piso inferior onde se encontra um grande salão com mesas de bilhar, semelhante ao de cima. O piso superior, principal, preenche-se, na totalidade, pelas mesas e cadeiras, de madeira já gasta. Aqui o pé-direito é muito alto. Contudo, o espaço é marcado pela horizontalidade através de uma divisão no tratamento dos planos verticais. Abaixo corresponde-lhes a horizontal fachada envidraçada e os revestimentos de espelhos e de painéis de aglomerado de mármore (da cor da cortiça). Acima corre um friso de painéis de vidro fosco, sendo em partes gravado de desenhos alusivos à conquista de Ceuta (em 1415), com caravelas, fortalezas, homens e tesouros representados. A linguagem espacial resulta de uma estetização moderna (através das formas dos anos 50) e de uma certa popularização referente a essa época.

Alguns dos clientes são neste café assíduos e conhecem tanto o empregado que serve às mesas como o patrão que se encontra por detrás do balcão, como o caso de três clientes, homens de idades média/envelhecida que permanecem sentados ao longo deste, enquanto consomem café e mantêm uma conversa prolongada com o proprietário. O funcionário que atende os pedidos dos que se sentam às mesas interage também pontualmente com algum cliente conhecido. Segue-se aqui o princípio do café popular, em que o público que se destaca é o masculino e mais envelhecido.

Contudo, ao mesmo tempo, observa-se a presença de públicos mais jovens – a uma das mesas mais periféricas, dois grupos de três/quatro pessoas, jovens estudantes ou trabalhadores de ambos os géneros, reúnem sobre algum trabalho, académico ou profissional, que abandonam pouco depois para conviverem mais informalmente enquanto bebem cervejas. Observam-se ainda utilizadores que adoptam actividades mais introspectivas (de isolamento e leitura), que enquadrar-se-ão num nível cultural menos popular e mais erudito. O café tem sido também escolhido por artistas como espaço de exibição artística mais ou menos informal, como o projecto de ilustração “troca-se por arte”, palco de realização de performances teatrais, ou de iniciativas ligadas à arquitectura (13).



23. CEUTA



20



21



Além disto, o próprio café promove, regularmente, eventos culturais como concertos de jazz, género musical integrado comumente num nível cultural erudito, mas que tende também a ser assimilado por algumas subculturas mais jovens, marcadas pelo gosto pelo eclético, que envolve aquilo que é diferente e, precisamente, a valorização do intelecto e da *cultura cultivada* (Teixeira Lopes, 2000).

Assim, o Café Ceuta é permeável a uma diversidade de ambientes humanos, desde o mais popularizante formado por uma clientela mais envelhecida, conotada com uma cultura de massas e privilegiando o convívio sobretudo com os “da casa”, aproximando o estabelecimento do café popular, a um ambiente mais culto, e ainda pautado por públicos jovens de subculturas alternativas.

Do mesmo modo se verificam as copresenças de vários níveis culturais e faixas etárias no **Café Aviz [nº32]**. Fundado em 1956, e projectado para funcionar como café (por Júlio de Brito em 1940, juntamente com o edifício em que se insere), ainda que tenha sido sucessivamente transformado e adulterado (pela substituição de materiais e elementos semi-fixos e móveis) mantém ainda reminiscências do antigo café popular: a imagem da fachada e o grafismo do letreiro, uma organização funcional ainda relacionada com a do passado, alguns elementos decorativos, revestimentos e formas, geométricas e de inclinações Art Déco, e que o ligam ainda a memórias da presença de intelectuais, artistas, escritores, ao lugar das tertúlias e das “conversas de café”, ou da leitura, da escrita, estudo, reflexão – da “vida de café” que parece ter-se vindo a perder ao longo dos tempos.

Além dos públicos populares e mais envelhecidos que aqui se encontram, com o mesmo tipo de interconhecimento entre clientes, proprietário e empregados que se verificam no Café Ceuta, e que se concentram e dispõem sobretudo ao balcão ou nas mesas centrais mais próximas deste enquanto conversam, vêem televisão ou lêem o jornal, é possível ainda observar a frequência de outros, que, em

- (13) “Troca-se por arte é um projecto de divulgação da cidade e dos seus artistas, em colaboração com os proprietários das lojas de comércio tradicional da cidade invicta”, cujas montras, inscritas de ilustrações, “se transformam-se em galeria aberta”. ([http://trocaseporarte.blogspot.pt/2011/05/pandora-complexa-cafe-ceuta\\_25.html](http://trocaseporarte.blogspot.pt/2011/05/pandora-complexa-cafe-ceuta_25.html)). O Café Ceuta foi também palco do Festival SET, Semana das Escolas de Teatro (<http://esmae-ipp.pt/comunicacao/wp-content/uploads/2013/07/ProgramaSet2013.pdf>), e lugar escolhido para o lançamento da revista de arquitectura “Index Newspaper” em Janeiro de 2012. (<http://www.indexnewspaper.info/>).

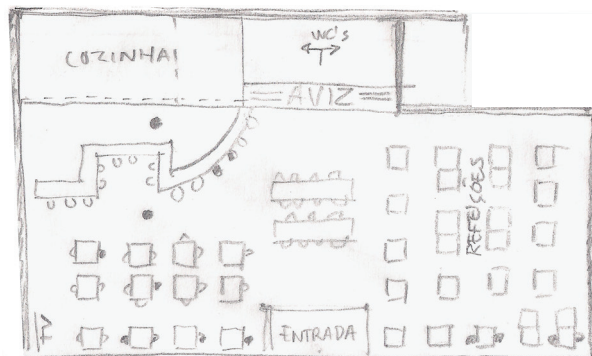


parte pelas tendências subculturais de enaltecimento do intelecto (32) e do saudosismo, procuram reavivar o ambiente “intelectual do café”, ao mesmo tempo que revalorizam o popular, sem contudo se identificarem com a cultura de massas.

O espaço, de fachada larga e aberta de envidraçados para a rua (ainda que as caixilharias tenham sido substituídas), perpetua a relação original entre o interior do café e o exterior. Junto dos janelões, aos quais se encostam algumas mesas dispostas em fila, e de aspecto popular (em PVC de imitação dos revestimentos graníticos dos lambris e do balcão, em tons negro e salmão), observa-se todo o movimento da rua, das gentes a passar, e é dos locais interiores preferenciais daqueles que menos se integram num nível cultural popularizante e dos mais jovens (que se encontram também, por vezes, na esplanada).

Num dos tempos de observação, observa-se a uma dessas mesas, próximas do envidraçado, um cliente (na faixa etária dos 30 anos) sozinho, que consome um snack quente enquanto espera um amigo que entretanto se vem a juntar a ele. Passam a consumir cerveja e a debater sobre projectos ligados à área de multimédia, trocando ideias sobre a produção de maquetas para a realização de filmagens. Uma outra é ocupada por um casal jovem. Noutros dias, a partir de uma observação do exterior, foi possível encontrar a presença de outros clientes, também de faixas etárias mais jovens junto à fachada, ora em grupos, pequenos (de duas pessoas sobretudo), ora isolados, em leitura ou em estudo.

O público é aqui novamente variado, mas numa alternância entre extremos, ao contrário do que acontece nos snack-bares, em que as variações de frequentadores são mais sucessivas. Aqui se encontram, de um lado, os mais envelhecidos, populares, reformados e possivelmente residentes próximos da área em que se encontra o café, e de outro os mais jovens e de cultura alternativa, que tendem a frequentar estes cafés, populares e transportadores de memória e tradição, como uma forma de culto.



32. AVIZ



25



26



27



28

(14) Savage e Warde (1993:114), fazem referência à cultura metropolitana e urbana de Simmel (1950), que salienta a “intelectualidade como uma característica própria ao habitante urbano e contemporâneo”.





## 8. SÍNTESE CONCLUSIVA

## 8.1. DA RELAÇÃO ENTRE A MATERIALIDADE ESPACIAL E AS DIMENSÕES ANTROPOLÓGICAS

A observação do café como “uma terceira interioridade, situada entre o trabalho e o meio doméstico, que alberga as permanências entre esses dois momentos e lugares do quotidiano dos indivíduos”, materializador do “lugar de sociabilidade, de aprendizagem, de transmissão”, de “interacções pessoais por excelência” (Eleb, Depaule, 2005:241-243), permitiu constatar de que modo a organização espacial, a linguagem de que se reveste e o ambiente físico resultante, alberga e condiciona uma dimensão sociocultural que o completa inerentemente.

Alguns casos mostram evidentemente uma ligação entre as suas **linguagens** – a pele de que se revestem e de percepção mais imediata por parte dos utilizadores – e as pertenças ou desejos de pertença a determinadas **estruturas culturais e subculturais**. Ligados a escolhas mais conscientes, verificaram-se estas proximidades (entre linguagens e identidades (sub)culturais) em alguns cafés de permeabilidade a públicos preferencialmente jovens – os casos dos cafés novos e bares de abertura mais recente como o **Plano B [nº173]** ou o **Candelabro [nº142]**, de importância acrescida na própria formulação dessas identidades, muito ligadas aos valores estéticos. Mas também, e de modos mais involuntários, se verificam aproximações entre uma dada imagem espacial e a permeabilidade a públicos específicos. São os casos dos cafés populares, tabernas e tascos que fazem denotar uma conformidade entre públicos que se identificam com bases culturais mais popularizantes, que em detrimento dos valores visuais, de importância decrescida, privilegiam os contactos pessoais e de proximidade, e que se imprimem desses valores através de linguagens que se desligam da importância da imagem e cujas configurações espaciais vêm a estruturar sociabilidades de grau elevado.

Desta perspectiva, da configuração espacial *per se*, verificaram-se duas tendências principais, e contraditórias. A do espaço ligado a preocupações de funcionalidade e pragmatismo, de valorização acrescida do desenvolvimento das actividades primárias do consumo, e a do espaço que promove, pelo contrário, um uso mais ligado às dimensões paralelas a esse consumo – da sociabilidade. Nos extremos encontram-se, assim, de um lado, os snack-bares, organizados por eixos utilitários de distribuição de públicos, com finalidades de escoamento do consumo de modos rápidos e controlados (área de preparação, balcão, circulação e mesas) e do outro as tabernas e tascos, e alguns cafés populares, de organização física mais centrada e de promoção das proximidades tanto entre os frequentadores, como entre estes e o pessoal “da casa”.

Alguns casos específicos levantaram ainda possibilidades de se descortinar até que ponto configurações espaciais específicas poderiam induzir, mais ou menos fortemente, modalidades particulares de apropriação e uso do espaço, reproduzidas, contudo, em modalidades mais ou menos inconscientes por parte dos utilizadores. Foram os casos mais evidentes do Snack-bar **Gazela [nº179]**, de sociabilidade ditada pela configuração em torno do balcão, do **Espaço 77 [nº60]**, de movimento e pendularidade, num interior subdividido, proporcionado por duas extremidades exteriores e induzindo o cruzamento de públicos e a exaltação, do café Âncora d’Ouro (Piolho) [nº149], pela disposição dos elementos móveis, indutora de proximidades aleatórias, ou do café **Progresso [nº26]**, em que através de duas con-

figurações distintas num mesmo espaço se puderam verificar duas formas distintas e correspondentes com a espacialidade de estruturação de públicos diferente e de diferentes sociabilidades.

Tal como a grande diversidade e disparidade de casos de estudo com que nos deparámos, também os modos como se processam as dialéticas entre a materialidade e a socioculturalidade se observaram múltiplos e distintos. Contudo, em caso algum se terá presenciado uma clivagem entre ambas as dimensões. De modos mais evidentes ou mais subtis, de maior ou menor indução do carácter físico sobre as formas de apropriação do espaço, de maior ou menor importância na formação, com referências culturais e subculturais, de maior ou menor consonância com estas referências, privilegiando o utilitarismo ou a socialização, os vínculos entre a materialidade e as suas dimensões humanas estão sempre presentes.

## 8.2. DO IMPACTO DOS ESPAÇOS-TEMPOS NO TERRITÓRIO (FÍSICO, SOCIAL E CULTURAL)

A presença dos cafés num território urbano serve, por um lado, de apoio às actividades aí desenvolvidas. No entanto, mais do que como acompanhamento das vivências urbanas, estes espaços detêm a faculdade de estruturar e organizar essas dinâmicas e constituem-se precisamente como “indicadores dos “esquemas urbanos” pessoais – dos modos como os habitantes constroem os seus territórios, e como organizam os espaços e os tempos das suas permanências na cidade” (Eleb, Depaule, 2005:247).

Na análise dos cafés no território específico da Baixa do Porto, foi possível descortinar de que modos estes contribuem para a sua estruturação, através da reformulação ou da manutenção de sub-territorialidades e centralidades, bem como nas suas organizações temporais.

Vemos, por um lado, estruturados os ritmos: consoante os tempos de abertura, observa-se um território dividido que privilegia, a nascente, as actividades diurnas, ligadas ao comércio e às quais os cafés servem de suporte, mantendo assim uma constância que se faz sentir desde há longas décadas nesta área urbana, e pelo contrário, ainda que se observe a mesma actividade durante o dia a poente, a proliferação recente de cafés novos e bares veio a reestruturar as dinâmicas deste lado da Avenida dos Aliados, de acrescido e privilegiado uso nocturno e com uma mobilização de públicos maioritariamente jovens.

Este fenómeno contemporâneo veio a contribuir fortemente para a revitalização do espaço público desta área urbana, e em particular, de modo mais incisivo, da área correspondente ao bairro das Carmelitas (desocupada e desvitalizada num passado recente (Fernandes, 1997)). Aqui nasceu, de facto, uma **“centralidade formada em torno de cafés”**, que, em conjunto, **“possuem uma função central e exercem um poder de atracção muito além do seu ambiente imediato”** (Eleb, Depaule, 2005:247). Além disto, pela grande influência que detêm na vida nocturna deste núcleo, vieram a afectar até, além do espaço público, outros espaços semi-públicos de carácter próximo localizados aqui *a priori*, induzindo-os a adaptarem os seus horários à nova temporalidade.

Mas outras áreas da Baixa são afectadas igualmente pela presença de cafés, como acontece na Travessa de Cedofeita, com alguns cafés de abertura diurna mas também e preferencialmente nocturna, de entre os quais o **Espaço 77 [nº60]** possui uma influência marcante sobre o espaço da rua, repleto de gente e animação durante as horas da noite.

Por outro lado, não só se sentem as marcas destes cafés na estruturação dos ritmos e das dinâmicas do território, como também se veio a gerar uma atracção de públicos mais vastos, que não se prendem mais apenas com os habitantes do Porto, mas alargam-se agora a um território mais abrangente – o regional. E ainda, e na medida em que alguns destes espaços exercem o poder de formar identidades, assiste-se também a uma proliferação da presença de públicos novos, jovens e sobretudo alternativos, dando origem a uma diversidade acrescida de utilizadores urbanos.

Outras áreas urbanas perpetuam, pelo contrário, a sua relação com uma cultura popular, de valorização da vizinhança e de estabilidade de públicos socioculturais, aspectos que tendem a ser abolidos com a crescente urbanização das cidades de um modo global. Nas ruas de Trás e dos Caldeireiros, por exemplo, subsiste este bairrismo que se espelha plenamente na amostra de cafés (sobretudo tabernas e tascos) que se encontram aqui.

A história da cidade prevalece ainda pelas marcas de alguns cafés históricos, que procuram fazer continuar os papéis que detiveram outrora, de espaços de formação e de práticas relacionadas com uma cultura mais erudita – os espaços de artistas, intelectuais, escritores e políticos, de tertúlias e trocas de ideias, ao promoverem eventos culturais desse cariz, ainda que não de modo tão pujante como nos tempos idos.

Assim, entre a modernidade (ou pós-modernidade) e a tradição, situam-se os cafés da Baixa do Porto, marcando-a por sua vez, pela sua presença, com estas noções, e a todos aqueles que por aqui passam.

### 8.3. DA UTILIDADE DESTAS OBSERVAÇÕES PARA A PRÁTICA DA ARQUITECTURA E DO PLANEAMENTO DOS TERRITÓRIOS

Esta análise dos cafés no contexto territorial da Baixa do Porto, na procura de uma compreensão dos modos específicos como se conceptualizam, material e humanamente, e como estruturam o território em que se inserem, prendeu-se, para além disso, com a preocupação em entender como os espaços construídos, em geral, relacionam as duas dimensões, físicas e imateriais, e qual a importância desta relação na concepção espacial – a prática original da arquitectura.

Segundo Daniel Pinson (2002), “um espaço construído não pode ser abstraído dos contextos espaciais reais em que se insere, das pessoas concretas que envolve, e dos modos de vida praticados”, facto que se vem a constatar com as observações efectuadas. Uma vez que a arquitectura parte daquilo que é espaço construído, a prática da sua concepção não se pode desvincular deste valor antropológico e simbólico que lhe é inerente. Para este autor, “a necessidade de o arquitecto formular um conhecimento exacto, científico até, da esfera social para a concepção espacial, constitui um imperativo”, e que “durante muito tempo, este ter-se-á prendido a uma espontaneidade sociológica, na medida em que aceitara respeitar as convenções, ou os imperativos da sua moral”.



Assim, os organizadores e criadores de espaço, “devem ter em conta, sempre, o pensamento sobre o que se encontra entre o espaço e o seu uso, e consecutivamente sobre as práticas dos grupos sociais para os quais pretendem construir”, sendo necessário insistir no “sentido de observação e do detalhe” (Pinson, 2002). Se se pretende construir espaço, é necessário conhecimento profundo do que é o espaço construído – espaço percebido e lugar de vivência – assim como dos seus contextos envolventes.

Cada espaço que se venha a construir irá, de um modo ou outro, apontar histórias ao longo da sua existência e daqueles que o vão habitar, e por isso deve ser criado a partir de uma profunda conexão com as bases culturais de cada lugar e dos seus protagonistas, que são, no fundo, em qualquer sociedade, as dimensões humanas de relacionamento e comunicação. É este o valor e o papel da arquitectura e que se procurou levantar com este trabalho partindo da conceptualização dos cafés da Baixa do Porto.





# ANEXOS

1. FICHAS. REGISTOS DA OBSERVAÇÃO DIRECTA .....	103
2. PLANTAS. OS CAFÉS. CARACTERÍSTICAS .....	139
3. PLANTAS. LEVANTAMENTO FUNCIONAL .....	161
4. NUMERAÇÃO DOS CAFÉS .....	171
5. TABELAS. CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS .....	175
6. OUTROS .....	197





MENGOS .....	104
AS SOGRAS .....	105
CASA DO VITÓRIA DO PORTO .....	106
TUPI .....	106
IMPÉRIO .....	108
CAPITÓLIO .....	109
LOW-COST.COME .....	110
CONFEITARIA DO BOLHÃO .....	111
CEUTA .....	113
AVIZ .....	114
ESPAÇO 77 .....	116
GAZELA .....	117
PROGRESSO .....	118
MAJESTIC .....	120
LEITARIA DA QUINTA DO PAÇO .....	122
GUARANY .....	123
ÂNCORA D'OURO (PIOLHO) .....	124
ITAIPIÚ .....	126
GALERIAS DE PARIS .....	127
CANDELABRO .....	128
RADIO BAR .....	129
MC DONALDS .....	131
PLANO B .....	132
IL CAFFÉ DI ROMA .....	134
CHAVE D'OURO .....	135
BATALHA .....	136
MUSEU D'AVÓ .....	137

# 1. FICHAS

## REGISTOS DA OBSERVAÇÃO DIRECTA

# MENGOS

**Localização:** Rua de Santa Catarina

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** 1978

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 18:00h – 19:00h - dia útil

**Tipo de serviço:** cafetaria, pastelaria, refeições

**Info web:** <http://www.mengos.pt/>



## Da materialidade espacial:

A sua planta é rectangular, alongada e estreita, perpendicular à rua.

Junto à fachada envidraçada, no interior, uma mostra com produtos de pastelaria expostos corta de certo modo a relação visual entre o espaço interno e o exterior. A entrada é feita por uma porta ampla, aberta permanentemente, do lado esquerdo.

À direita da entrada parte um longo **balcão** que flui quase até ao fundo do espaço. Este balcão é transparente, mostrando os produtos de pastelaria para o consumo. Na parede que está por detrás deste, uma grande quantidade de estantes desordenadas contêm também produtos para venda: garrafas de bebidas alcoólicas, chocolates, pastéis. A última extremidade do balcão reserva-se às máquinas – de café, refrigerantes e cerveja de pressão, e de sumos naturais.

Após a entrada, uma pequena área desimpedida sucede-se, seguida depois pelo espaço longitudinal ao longo do qual se dispõem duas filas de mesas quadrangulares pequenas, uma central, a uma certa distância do balcão, formando um corredor de circulação, e outra ao longo de uma das paredes.

O **pé-direito** é relativamente baixo, em relação à dimensão do espaço, tornando-o acolhedor, intimista. O espaço é bem iluminado artificialmente, com uma luz quente e confortável. A parede em que se encosta uma das filas de mesas é rebocada e lisa, pintada de bege. Um lambrim até um metro de altura reveste-a, em madeira, terminando num friso de quadrados de pedra calcária. Alguns painéis com fotos a preto e branco alusivos à cidade do Porto pendem nesta parede. O chão é revestido de lajetas quadrangulares de granito azul polido.

O tecto é mais complexo que os restantes planos que conformam o espaço. Sobre o balcão rebaixa-se ligeiramente através de um volume rematado por um friso, em que se embutem lâmpadas circulares de luz branca, iluminando melhor a área do serviço. Do outro lado, sobre as mesas junto à parede, um outro volume semelhante se rebaixa, mas em vez se incrustarem aqui objectos de iluminação, estão antes vitrais – que procuram o estilo da Arte Nova, com motivos vegetalistas em tons de verde, amarelo, branco e cinza. Entre estes frisos e o tecto mais alto ao centro, lâmpadas de luz vermelha escondem-se numa reentrância que percorre a longitudinalidade do espaço.

As **mesas**, de tampo em PVC em imitação de granito, são de forma circular e quadrangular, e de tamanho pequeno (cerca de 60 cm). As cadeiras são de estrutura de alumínio lacado a verde-escuro e com assento revestido a napa, da mesma cor.

A **linguagem** do espaço resulta vulgar e popularizada, observando-se algum descuido na composição e conjugação dos elementos, de carácter kitsch (os revestimentos e cores, a luz vermelha nas reentrâncias do tecto, os elementos móveis – mesas e cadeiras – e os vitrais).

A composição espacial prima pela funcionalidade, dividindo-se o espaço em quatro eixos longitudinais: área de preparação e serviço, balcão, circulação e mesas.

## Relação com o exterior.

A relação entre o interior e o exterior é forte em termos de movimentação: a porta permanece aberta, incentivando os movimentos pendulares entre o dentro e o fora, onde se encontra uma esplanada. Do interior, apesar do filtro visual da mostra sente-se ainda alguma relação com a rua de Santa Catarina e do seu movimento. Contudo, a vivência do espaço é mais voltada para a sua interioridade.

O fundo do espaço, contrariamente à rua, mais recuado e recatado do exterior, e já não alcançado pelo balcão que afunila a área dianteira, destina-se ao consumo de refeições ligeiras.

## Do ambiente humanizado:

**Modos de serviço:** maioritariamente o serviço é efectuado à mesa, havendo também algum ao balcão. Há quatro funcionários que estão por detrás deste, cada um com um serviço específico – bebidas, cafés, preparação de comida. Um outro empregado faz o atendimento às mesas.

**Relações entre empregados e clientes:** relação não próxima – apenas de serviço. Estritamente profissional e a preocupação principal é o serviço rápido e eficaz.

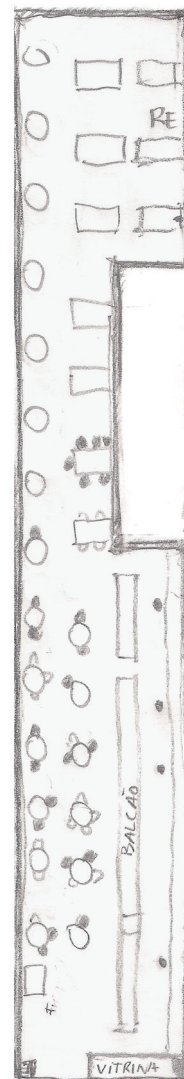
**Modos de estar (actividades extra-consumo):** quase nenhuma – local de consumo – alguma conversa enquanto se consome, no caso de frequentadores em grupo. Um dos clientes opera um computador enquanto lancha.

**Distribuição/número de utilizadores do espaço:** maioritariamente os clientes distribuem-se pelas duas fileiras de mesas no espaço dianteiro (indiferenciadamente junto à parede ou na fila ao centro). Quase todas as mesas estão preenchidas. Os grupos maiores situam-se nas mesas da área traseira, até onde não chega o balcão, e por isso mais aberto, no qual se situam as mesas maiores (o dobro das da frente) e destinadas às refeições. Alguns utilizadores fazem os pedidos e consumo ao balcão, e sobretudo na parte perto da entrada. Solicitam os mesmos produtos que se consomem nas mesas.

**Tempos de permanência:** aqui o que interessa é consumo – alguns fazem-no com mais tempo, nas mesas e acompanhados, outros mais rápido, ou sozinhos nas mesas ou ao balcão. De qualquer forma, não é muito o tempo que se permanece aqui, mesmo em conversa.

**Modos de agrupamento:** um grupo de mais de duas pessoas (na zona traseira onde se retém há algum tempo) alguns grupos de dois, e outros desacompanhados.

**Características genéricas dos utilizadores do espaço:** jovens, médios e idosos – há utilizadores de várias idades e de grupos culturais diversos, aparentemente.



30. MENGOS

# AS SOGRAS

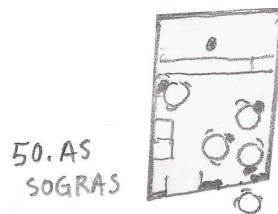
**Localização:** Campo dos Mártires da Pátria (antigo Campo do Olival)

**Horário:** dia/dia

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 17.00h - quarta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, pastelaria, cervejaria.



## Da materialidade espacial:

Espaço de dimensão muito reduzida, de planta quadrangular.

Situa-se num cunhal entre o Campo dos Mártires da Pátria e a Rua dos Caldeiros, mas apenas uma das fachadas se abre para o exterior, para o lado da praça. Duas portas simétricas, em caixilharia tradicional de madeira pintada a vermelho, se posicionam nesta fachada, reservando-se a entrada à porta da esquerda, que se faz depois de dois degraus que unem as cotas da rua, mais baixa, e a do espaço interno.

No interior, junto à parede esquerda que segue depois da entrada, amontoam-se uma máquina de tabaco, uma arca de gelados e uma pequena mesa com duas cadeiras, apertada contra o balcão que surge logo após, transversalmente, ocupando todo o lado contrário à entrada. Nesta parede, sobre as máquinas, coloca-se uma vitrina repleta de objectos tradicionais e velharias (lamparinas de óleo, jarros, bonecos de barro). A toda a volta as paredes são revestidas, até a uma altura de 1,50m, de azulejo tradicional aos quadrados e em tons de azul, semelhantes aos que forram as fachadas exteriores. Entre a porta da fachada do lado direito (encerrada) e o balcão do fundo situam-se três pequenas **mesas** apertadas pelo espaço reduzido. O **balcão** é encimado por uma réplica de um telhado tradicional, do qual pendem objectos variados, e ainda, sobre este, amontoam-se muitos outros, quase não dando margem de serviço.

Em relação à reduzida dimensão do espaço, o pé-direito é normal. O tecto é rebocado e pintado de branco, assim como as paredes acima do lambrim de azulejos. No pavimento o revestimento é de azulejo em imitação de granito.

Apesar da abertura da porta o espaço interior é escuro.

## Do ambiente humanizado:

O vão da porta, permanentemente aberta, é o local escolhido de permanência de alguns homens, idosos, que daqui observam o espaço público e ao mesmo tempo interagem com a população que se encontra no interior, enquanto bebem cerveja e

fumam um cigarro. Vão-se cruzando aqui outros clientes, também envelhecidos, que entram ou saem e cumprimentam os que barram a passagem. O interconhecimento entre os clientes e a patroa, uma senhora de idade que está atrás do balcão e vai servindo às mesas a uma pequena esplanada, é marcante. Na maioria, os clientes são habituais e habitantes de perto. Poucos são aqueles que aqui vêm ocasionalmente, e nesse caso, (como no nosso caso) o tratamento, tanto da parte dos habituais que aqui se encontram como da funcionária, procura ser de familiaridade. Todos se dirigem aos “forasteiros” como se fossem da casa (a propósito de uma fotografia tirada ao espaço e na qual é incluída uma senhora sentada a uma mesa, a empregada refere, num tom amigável, que “ela canta bem, essa! Canta muito bem!”).

Dentro, não há mesas livres. Contudo, os lugares sentados não estão totalmente ocupados – há cadeiras vazias, sendo cada mesa ocupada apenas por uma pessoa, que se mantém próxima das outras pela estrutura espacial. Uma televisão está ligada, sobre o balcão, e vai sendo alvo das atenções e formulando temas de conversa.

A relação entre interior e exterior imediato é acentuada. Ainda que a fachada seja encerrada, há uma presença constante de gente na transição. Uma pequena mesa encosta-se à fachada do lado de fora, e vai-se utilizando também numa alternância com as permanências no interior.

O público compõe-se sobretudo homens, mas também de algumas/poucas mulheres (que serão conhecidas da funcionária). As idades são avançadas, ainda que surjam alguns clientes um pouco mais novos. São habitantes das redondezas que vão cumprimentando inclusive (os que estão à porta) os vizinhos que passam na rua. Tanto fora como dentro as relações são de grande familiaridade (todos se conhecem) e de proximidade, acentuada internamente pela pequenez do espaço. Os consumos prendem-se com a cerveja (barata) entre os homens, e a cafetaria, preferida pelas senhoras.

Os “de fora” são, contudo, também bem-vindos, ainda que a sua frequência seja rara (sobretudo limitada à esplanada) e suscite até uma certa curiosidade aos habituais, nas incursões ao interior do espaço.



# CASA DO VITÓRIA DO PORTO

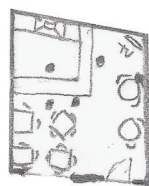
**Localização:** Rua dos Caldeiros

**Horário:** dia/dia

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 18:00h - quinta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, cervejaria, petiscos.



185. CASA DO  
VITÓRIA



## Da materialidade espacial:

Espaço muito pequeno, de planta centrada.

A fachada é composta por uma janela larga, com caixilharia reticulada de madeira cinza, e por uma porta permanentemente aberta, do lado direito.

Dentro, em frente à porta, o espaço é desimpedido de obstáculos, e é ladeado à direita por duas mesas que se encostam à parede.

No lado esquerdo, defronte da janela, posicionam-se as restantes mesas – quatro, de tampo quadrangular em PVC e em imitação de granito – e depois destas, no mesmo alinhamento da janela, encontra-se o balcão, em L, ocupando ao canto um quarto do espaço total.

O pavimento é revestido a azulejo quadrangular branco e cinza. As paredes, até cerca de 50 cm, são pintadas de negro e rematadas acima e abaixo por faixas de madeira. Acima deste lambrim as paredes são brancas e lisas.

O pé-direito é alto, em relação com a redução das dimensões planimétricas. Apesar da abertura da janela e da porta, o espaço é escurecido. A luz natural insuficiente é comum ao próprio espaço da rua, estreita e apertada pelos edifícios altos que a conformam. O interior ilumina-se

artificialmente com lâmpadas circulares embutidas no tecto falso, de luz branca e pouco confortável. No geral, não há preocupações estéticas. O espaço é pouco cuidado neste sentido.

## Do ambiente humanizado:

O elemento protagonista é balcão, pela sua funcionalidade, e ao qual se encostam a maioria dos clientes. As mesas, pelo contrário, têm pouco uso.

Encontram-se quatro pessoas no seu interior, e ainda o funcionário/patrão atrás do balcão. O interconhecimento entre todos é marcante. Dos quatro clientes, três, homens de idade avançada, circundam o balcão e bebem cerveja enquanto conversam com o proprietário. Apenas mais uma senhora reformada se encontra aqui. São clientes habituais e residentes próximos, que cultivam o bairrismo da freguesia da Vitória (de onde vem o nome que se conjuga com o símbolo do homónimo Vitória de Guimarães, clube desportivo).

A nossa incursão causou alguma estranheza e curiosidade por parte dos clientes e do proprietário. Uma televisão está ligada e transmite um canal desportivo, formulando o tema de conversa – o futebol. Além da cerveja são servidos alguns petiscos.

# TUPI

**Localização:** Rua Sá da Bandeira (Praça D. João I)

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** 1987

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 18:00h – quinta-feira

**Tipo de serviço:** pastelaria, snack-bar, refeições.

**Info web:** pastelariatupi.wordpress.com

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, de dimensão média (100 a 200m<sup>2</sup>), com o sentido longitudinal perpendicular à rua. A entrada é feita a meio da fachada, envidraçada e com montra, através de uma porta também envidraçada. À sua direita, no interior, surge um negativo espacial: uma caixa de escadas que dá acesso às habitações nos pisos superiores do prédio “rouba” uma parte do espaço contíguo à entrada, estreitando-o ligeiramente. À esquerda desta e no alinhamento da montra estende-se um balcão, comprido, contínuo, acompanhando a longitudinalidade do espaço até ao fundo, marcando-o, e apresenta-se, num primeiro troço, como montra de produtos de pastelaria e onde se efectuam serviços rápidos, de compras para levar para fora.

Após o estreitamento à entrada, o espaço volta a abrir, e a partir daí o balcão altera-se, mantendo a mesma configuração até ao fim, no outro extremo. Aqui apresenta um tampo de madeira e uma superfície vertical revestida a mármore polido branco, acinzentado com o tempo, e é ladeado no seu comprimento por dois degraus (com o mesmo revestimento de mármore). Sobre o primeiro degrau prende-se uma fila de bancos giratórios, cujos apoios, fixos no degrau, são tubos em inox, sobre os quais se apoia o assento, no mesmo material e com um pequeno encosto, e de assento almofadado e forrado a couro de cor castanha, natural. Estes permanecem aqui, o balcão e os acessórios (degraus e bancos), desde a origem do estabelecimento.

No lado contrário, e após a caixa de escadas do prédio, estendem-se longitudinalmente duas filas de mesas pequenas, quadrangulares (60 por 60 cm), de tampo em PVC em imitação de pedra, de tom verde-água claro. As cadeiras são em inox com assento de napa sintética verde-água escuro.

O tecto é forrado com ripas de madeira envernizada com algum brilho, com juntas largas, e posicionadas na diagonal em relação à ortogonalidade do espaço, em três momentos de direcções contrárias, formando um desenho em ziguezague. Sobre o balcão, seguindo o seu desenho, há um



rebaixamento do tecto através de uma forma volumétrica que imita a de uma viga, e se reveste com a mesma madeira. O pavimento é revestido com pequenos quadrados de azulejo liso, de tom bege.

Por detrás do balcão, a superfície da parede forra-se também com azulejos, quadrados, desenhados com formas orgânicas verde-água claro (ao qual condizem os tampos das mesas) que formam, de quatro em quatro, um padrão floral.

Há ainda uma zona de grelhadores, sobre os quais a parede se forra de inox, e algumas prateleiras, numa parte com vários produtos (pastilhas elásticas, ovos de chocolate, sacos de café) e noutra reservadas a caixas e pratos com laranjas. Há também laranjas a pender do tecto, dentro de sacos em rede, assim como pendem folhas A4 plastificadas, com publicidade a produtos – sobretudo aos sumos de laranja e às promoções da semana (“sumo de laranja e croissant com fiambre – 2.00 euros”).

Ao fundo do espaço, contrário à entrada, a parede reveste-se de azulejos diferentes, com relevo, formando um padrão diferente e em verde-escuro. Aqui surge uma abertura que dá acesso à zona das casas-de-banho – pintada e forrada a azulejos verde-água (tal como no resto do espaço, mas de uma monocromia ainda mais exagerada).

A parede à qual se encostam as mesas é revestida por um lambrim de placas de aglomerado de pedra, de tons cinza e verde-água escuro) e acima disso (mais ou menos a 1,20 m) azulejos rectangulares lisos, em tons brancos e verde água-claro, contudo diferentes da defronte, e sobre os quais estão pendurados três grandes espelhos em forma rectangular com os cantos recortados e com molduras douradas, e que concedem alguma amplitude espacial. O pé-direito é normal, nem alto nem baixo.

Por detrás da caixa de escadas, do lado das mesas e aberto para o espaço, há um pequeno lavatório com espelho, que parece ter pouco uso, e uma porta que dá acesso a um pequeno espaço de arrumos debaixo das escadas, em madeira lacada também de verde-água.

A iluminação é adequada. O espaço está bem iluminado mas não excessivamente, com um tom de luz ameno, através de lâmpadas circulares embutidas no tecto.

#### Relação com o exterior:

O espaço convida a entrar. No entanto, o interior, na zona de mesas, não participa do exterior – a caixa de escadas corta de certo modo a ligação e torna este espaço recatado. Só na zona situada em torno da primeira parte do balcão (em mostra), onde se efectuam serviços rápidos e/ou para fora, é que há uma relação mais forte entre o interior e a rua.

#### Do ambiente humanizado:

O balcão dianteiro é destinado a vendas para fora (de produtos de padaria e pastelaria). Na segunda parte do balcão, com bancos adjacentes, o consumo é similar ao das mesas, mas relaciona-se mais com consumos rápidos (tomar café). Nas mesas é mais pausado - lancha-se nas calmas, sobretudo quando se vem acompanhado. Três a quatro empregados, e ainda o patrão, encontram-se ao serviço atrás do balcão e um funcionário de já alguma idade atende aos clientes que se sentam nas mesas.

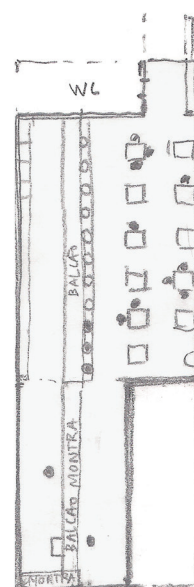
Verificam-se alguns clientes habituais e uma proximidade entre estes e os “da casa”. Três mulheres encontram-se sentadas a uma mesa, de várias idades – uma jovem e as outras mais velhas – bem vestidas, penteadas e maquilhadas. Falam de religião: “todas as religiões, não... porque só existe uma, que é a fé”, diz a mais jovem para as outras duas. O senhor que as atende pergunta se desta vez não veio o miúdo. “Até à próxima”, diz ele quando elas abandonam o espaço. Com clientes ocasionais, este empregado assume a profissão não descurando a simpatia e a vontade de encetar uma proximidade. A um casal de jovens turistas brasileiros explica a confecção do molho da francesinha especial que estes provam pela primeira vez, e fala-lhes do país que visitam: “O Algarve é mais quente” – diz.

Ao balcão sentam-se dois homens que conversam acesamente com o patrão, in-

terferindo por vezes o senhor que serve às mesas. Fala-se de futebol, do treinador do Chaves e do João Pinto do Benfica que “tá teso, o da Marisa, que ganhava dez mil euros... Agora já não é da Marisa que ela já deve ter outro. Ela não pára. Eu não aprecio homens, mas se eu fosse mulher não andava com aquele homem nem por dinheiro!” Entretanto duas senhoras reformadas, de casaco desportivo, abandonam o espaço.

O convívio é marcante pelas conversas, sobre temas populares, entre alguns clientes e empregados e patrão. Entre os clientes, quando em grupos (pequenos -de dois ou de três pessoas) também se conversa. Há quem venha desacompanhado, e nestes casos o consumo é pouco demorado, sendo aliás o único objectivo o de consumir - sem interações ou actividades de leitura ou de trabalho.

No intervalo de tempo de observação, o café manteve sempre um movimento de permanências de clientes, que nunca chegaram a lotar o espaço. Quem o ocupa são sobretudo gentes populares, e de entre estes os reformados e população de meia idade, de ambos os géneros. Alguns jovens vão aparecendo, passando discretamente pelo espaço, e por vezes turistas.



129. TUPI

# IMPÉRIO

**Localização:** Rua Fernandes Tomás

**Horário:** dia/dia

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 16:30h – quinta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, confeitaria, pastelaria, snack-bar.



## Da materialidade espacial:

A sua planta é rectangular, com o sentido longitudinal perpendicular à rua, e de área de grande dimensão (acima dos 200m<sup>2</sup>). Constitui-se por um espaço principal, o maior, reservado aos clientes, e por um outro espaço que surge após uma torção dos planos que configuram lateralmente o espaço geral, também de grande área, nas traseiras, encerrado e destinado, provavelmente, à realização de eventos.

A entrada faz-se pelo lado esquerdo da fachada, totalmente envidraçada e sem caixilharia, à qual se junta uma montra de vidro que expõe alguns dos produtos para venda, tematicamente alusivos à Páscoa. Um pouco adiante situam-se dois pequenos balcões com uma caixa de pagamento cada um, apesar de estar apenas uma a funcionar no momento. Em horas de maior afluência (ao almoço) estarão as duas em funcionamento.

Alinhado com a entrada surge um extenso **balcão** que acompanha grande parte da profundidade do espaço. Reveste-se em inox e contém montras com a oferta de produtos de pastelaria. A fachada, na parte que ladeia o espaço que fica por detrás do balcão, é encerrada. À frente deste o espaço é desimpedido, em continuidade com a entrada, gerando um corredor de circulação longo, que se estende até a uma escada que dá acesso a um piso superior, de área igual, destinado a refeições e em que se encontram as casas-de-banho.

Um **segundo balcão** (inactivo no tempo de observação) situa-se defronte do primeiro, seguindo a fachada a mesma lógica, e continuando este ainda mais que o outro para o interior do espaço. Reveste-se de madeira e destina-se ao serviço de refeições ligeiras (pratos do dia e snacks quentes) funcionando à hora das refeições (almoço).

Entre os dois balcões situam-se duas filas de **mesas** pequenas e circulares de madeira avermelhada e escura. Numa área mais recuada da entrada, próxima da extremidade do balcão inactivo, encontra-se ainda uma série de mesas quadrangulares de inox, agrupadas duas a duas.

O **pé-direito** não é muito alto em relação à dimensão espacial.

As **paredes**, que coincidem praticamente com as paredes traseiras dos balcões, revestem-se de inox, de algumas prateleiras no mesmo material, e de placas de granito negro polido.

O **pavimento** é revestido por lajes de aglomerado de pedras calcárias, em tom bege alaranjado. O tecto apresenta-se dividido em dois planos no sentido longitudinal, por uma linha em ziguezague composta por três diagonais, e em que se incrusta a iluminação. Um dos planos é pintado a azul petróleo e o outro a amarelo ocre, e neles estão também incrustadas lâmpadas circulares. A iluminação não é muito forte, de tom amarelado, mesmo sobre o espaço de trabalho.

A linguagem do espaço não tem um carácter muito vincado, prendendo-se mais com preocupações funcionais que estéticas. Contudo, o ambiente do espaço não deixa de ser agradável - pela iluminação, amena e quente, acolhedora, e pelo pé-direito, de altimetria equilibrada e confortável.

## Relação com o exterior.

Apesar de a fachada ser envidraçada, a luz natural quase não chega ao interior, profundo, não sendo suficiente para iluminar toda a imensidão do espaço. A relação interior/exterior acaba também por ser ténue (pelos elementos/filtros que se encontram junto à entrada: montra e móveis de exposição de produtos) e porque o espaço, pela sua grande dimensão acaba por se voltar para si próprio.

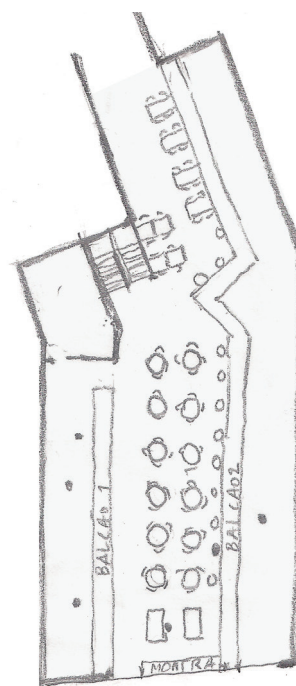
## Do ambiente humanizado:

Uma senhora serve às mesas, sobre as quais coloca um cartão para o cliente proceder ao posterior pagamento na caixa junto à saída (sistema prático e controlável por forma a responder à muita afluência de consumidores). Apesar do atendimento simpático da empregada, o serviço aos clientes é realizado do modo mais rápido possível (para dar vazão à grande lotação do espaço) e por isso não resulta de grande proximidade.

A oferta cultural é praticamente inexistente. Não há música, apenas uma televisão minúscula que passa completamente ignorada na imensidão e agitação no espaço, provocada pelos consumos pendulares e rotativos da clientela. Das actividades que se realizam a par do consumo, surge apenas algum convívio que se determina pelos tempos que o consumo leva a efectuar-se. Não há leitura de jornais, nem estudo, nem trabalho. Este é estritamente um espaço de

consumo, e isso é tudo o que aqui importa, tanto para quem vem como para quem aqui trabalha.

Os clientes distribuem-se maioritariamente pelas mesas centrais, e alguns (os que consomem ainda refeições – pratos combinados) pelas situadas na área traseira, na extremidade do balcão que se encontrava inactivo, mas que começa entretanto a funcionar. Vão-se juntando a este, de pé alguns clientes e o atendimento passa a acentuar-se aqui, e para onde passam dois/três empregados atarefados anteriormente no balcão da frente. A este balcão estão adjacentes bancos altos por forma a fazer-se algum do consumo aqui. A um deles senta-se um senhor, sozinho, que consome um prato rápido, de costas voltadas para o espaço. As mesas centrais vão sendo totalmente preenchidas, no pico da hora do lanche, por clientes isolados (duas senhoras, um senhor de idade e um jovem) ou agrupados dois a dois (duas senhoras, um casal idoso, um casal jovem de turistas, dois casais de meia-idade). Os públicos são variados mas prendem-se, no momento, com gente de faixa etária mais avançada. Os grupos de maior número sentam-se nas mesas traseiras - um de quatro homens reformados e outro só de mulheres reformadas (cinco) que falam alto.



91. IMPÉRIO



# CAPITÓLIO

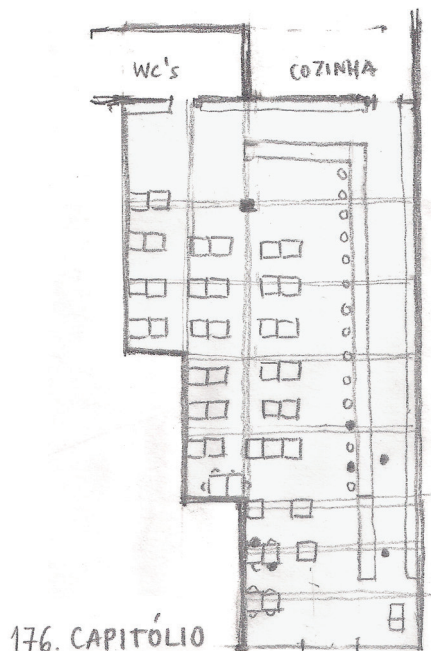
**Localização:** Avenida dos Aliados

**Horário:** dia/dia

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 16:00h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** snack-bar, cervejaria, cafetaria.



176. CAPITÓLIO

## Da materialidade espacial:

Espaço de grande dimensão, de planta rectangular, mais estreita junto à entrada, alargando-se pouco depois (cerca de 3m) dando lugar a um amplo salão.

A fachada é envidraçada, quase totalmente. É por pouco que não preenche toda a superfície. A entrada é feita a meio desta, através de uma grande porta de vidro que lhe ocupa um terço, com caixilharia de ferro pintado a verde-escuro por fora, e cinza por dentro. No vidro colam-se inúmeros papéis/cartazes com os produtos vendidos: snacks e hipóteses de combinação com bebidas, menus e respectivos preços.

O pé-direito é muito alto (com cerca de seis metros).

À direita, após a entrada, situa-se um pequeno balcão com uma caixa registadora de lotarias e jogos de sorte. À esquerda, a parede que aperta o espaço reveste-se de espelhos acima de um lambrim de madeira pintada a castanho com várias camadas de tinta.

À direita, depois da caixa dos jogos, nasce um longo **balcão** que se estende até à extremidade contrária do espaço, onde dobra L. A primeira parte deste balcão, que coincide com o estreitamento espacial à entrada, contém uma montra com produtos e a seguinte torna-se opaca – com uma base e tampo em inox, revestindo-se o restante a madeira escurificada com desenhos geométricos. Atrás do balcão, na parte dianteira, a parede reveste-se de espelhos, e por sua vez de um móvel de madeira em que se in-



crustam máquinas (de café, de pagamento, de sumos) e de uma montra frigorífica com “SOBREMESAS”. Depois, toda a parede é revestida por uma faixa de inox até ao fundo, onde se encontram outras máquinas de preparação de comida e uma cozinha encerrada. Acima as paredes são pintadas de cinzento.

Da mesma cor é o tecto, que mantém todas as vigas (grandes e salientes) expostas, que conferem ritmo ao espaço. Dispõem-se transversalmente e em grande número, até meio, numa métrica mais ou menos regular, surgindo depois, mais ao fundo, duas vigas longitudinais. Das vigas pendem candeeiros de luz branca, um pouco por todo o lado, sobre todo o espaço. Ao fundo, longe da fachada, aonde a luz natural não chega, iluminam o espaço não muito fortemente e de modo pouco confortável.

O pavimento é em marmorite, em quadrados grandes de tons bordeaux e branco.

Ao longo do balcão estende-se uma longa série de **bancos altos, fixos**, de base em inox e assento em madeira escura – o mesmo material das restantes mesas e cadeiras do café.

As **mesas**, quadradas, estendem-se por todo o lado (para o lado contrário do balcão e depois de um corredor que se lhe associa) em séries regradas.

Todos os elementos e revestimentos prendem-se com questões de limpeza e funcionalidade, e concedem ao espaço um aspecto industrial, um pouco frio, lembrando uma grande cantina.

## Relação com o exterior:

A relação com o exterior é forte junto à entrada e mais ou menos até meio da profundidade espacial, em que o espaço é naturalmente bem iluminado. Pelo grande envidraçado da fachada vê-se o movimento da rua e da pequena esplanada, e além disso a porta mantém-se permanentemente aberta.

## Do ambiente humanizado:

O serviço faz-se tanto ao balcão como às mesas, por dois funcionários: um senhor e uma senhora de meia-idade. Com o público, em geral, a sua relação é estritamente profissional. Contudo, surgem alguns clientes habituais – homens que consomem ao balcão – com quem o funcionário vai conversando. Um grupo de quatro reformados permanece numa das mesas quadradas durante muito tempo (talvez passem aqui a tarde toda) mas pouco consomem – alguns cafés e água – e passam o tempo a conversar uns com os outros, ou a ler o jornal. Apenas um casal sénior ocupa outra das mesas, lanchando com poucas conversas. Uma televisão passa um jogo de futebol, mas pouco lhe ligam os clientes por agora. A meio da tarde o espaço vai-se mantendo assim, pouco lotado, entrando por vezes gente que passa no balcão e rapidamente se vai embora, outros comprem tabaco ou registam o Euromilhões. São sobretudo homens os que aqui entram, e envelhecidos, apesar de haver alguns turistas na esplanada.





# LOW-COST.COME pastelaria e padaria – preços a baixo custo

**Localização:** Avenida dos Aliados (Praça General Humberto Delgado)

**Horário:** dia/dia (6:30h às 20:00h)

**Fundação:** 2012 (no Porto)

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 18:30h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** padaria, pastelaria, cafetaria, snack-bar, refeições ligeiras.

**Info web:** <http://www.low-cost.com.pt/>

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, de grandes dimensões, com um estreitamento junto à entrada, alargando-se depois na parte traseira (em simetria ao espaço do Capitólio).

A fachada é constituída por um enviaçado único, de caixilharia de linhas simples, ocupando toda a sua largura e quase a totalidade da altura, encimado por um plano horizontal reservado ao letreiro que anuncia o nome e o propósito do estabelecimento (Low-cost.come – restauração a baixo custo).

A entrada é feita do lado direito deste enviaçado, através de uma antecâmara (de cerca de 2m<sup>2</sup> de área) independente e desfasada do alinhamento com o espaço interno. Uma porta de vidro dá-lhe acesso e duas outras, no mesmo material, se abrem à esquerda, permitindo o ingresso no interior. Aí, o espaço subdivide-se em três, em continuidade (sem cortes físicos ou visuais acentuados) mas distintos. O primeiro contém o maior número de **mesas**, que são em grande quantidade. Junto ao janelão da fachada encostam-se duas, pequenas e quadradas, com duas cadeiras paralelas cada. À parede lateral esquerda são fixados sofás, que servem de assento a uma série de quatro mesas rectangulares, de encosto alto e forradas de tecido cinza escuro. Os quatro sítios de estar são separados uns dos outros por pilastras largas que os desligam visualmente. Acima dos encostos dos sofás, a parede é preenchida por uma moldura larga em madeira que contém fotografias a cores de vários pontos do Porto histórico, iluminadas pelo interior. Sobre os sofás, e à largura das pilastras, o tecto é rebaixado, formando nichos e conferindo conforto a quem se senta aqui. O centro espacial preenche-se com as restantes mesas, ora rectangulares, ora quadradas, mais ou menos alinhadas com as laterais.

À parede junto à entrada, logo a seguir a esta, encosta-se um móvel preto com caixotes do lixo e prateleiras para depositar os tabuleiros usados, encimado por um painel grande em que se lê: “Obrigado por ajudar o ambiente – Deixe aqui o seu tabuleiro”. Acima, um televisor de ecrã LCD está ligado a um canal de música, que ambienta musicalmente o espaço, sem contudo, o som se impor fortemente.

No seguimento da parede surge uma rampa com cerca de 2,5m de comprimento e 50cm de desnível, que dá acesso a um segundo espaço de cota mais alta.

Uma guarda que a segue (em vidro e inox) dobra para a esquerda e faz a separação entre os dois espaços de cotas distintas. A parede que ladeia a rampa reveste-se de um enorme **espelho** que a ocupa quase totalmente e amplia o espaço geral. Este é bem visível quase de todo o lado, sobretudo do primeiro espaço, e corta de certo modo a profundidade espacial, dando largura e ao mesmo tempo irregularizando-o, ao distorcer os limites regulares do invólucro espacial.

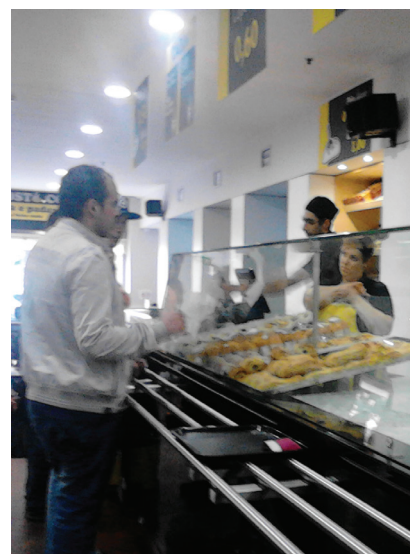
No **segundo espaço** encontra-se o balcão de serviço, do lado esquerdo. Em continuidade com a rampa, a área é desimpedida conduzindo a circulação para a parte traseira do balcão, onde tem início o circuito de *self-service*, que se desenvolve daí para a parte dianteira do balcão, onde por fim é efectuado o pagamento, e se prossegue a deslocação para a área das mesas onde é realizado o consumo.

O **balcão** é, contudo, em relação à grande dimensão do espaço, um pouco pequeno na sua extensão. Ainda assim, o serviço é fluido e rápido e não permite a acumulação de público ao longo deste elemento. Por detrás encontram-se três funcionários que se dedicam com rapidez e eficácia às tarefas de servir os produtos escolhidos pelos clientes.

Defronte do balcão, e após a circulação que lhe dá acesso, surge um outro espaço, de cota ainda mais alta, ao qual se acede por umas pequenas escadas, paralelas ao elemento de serviço. Esta é uma área de consumo mais íntima, preenchida no seu perímetro por sofás com mesas rectangulares adjacentes (excepto do lado da guarda, junto ao desnível). Destina-se a consumos mais demorados, por grupos maiores, que se fazem acompanhados de maior convivialidade que no primeiro espaço, mais baixo, em que o consumo é mais acelerado e preferido pelos grupos de menos pessoas e pelos clientes desacompanhados.

Apesar de este terceiro espaço se encontrar mais recôndito em relação ao da entrada (por se situar numa reentrância espacial) os três espaços surgem em continuidade. Os elementos separadores constituem-se apenas pelos desníveis e guardas, não interferindo na continuidade visual entre uns e outros.

O tecto é o mesmo para todos eles, unificando-os, e ao mesmo tempo condicionando e diferenciando os pés-direitos de cada um, mais alto no espaço junto à entrada, de consumos mais fugazes, e apertando



o terceiro espaço, intimista e de consumo mais pausado.

Há ainda alguns espaços adicionais na zona mais profunda, como o acesso às casas-de-banho, e um outro espaço de estar pouco utilizado (a uma cota novamente baixa e desfasado dos anteriores).

# CONFEITARIA DO BOLHÃO

O pavimento é revestido de madeira escura e as paredes e tectos são rebocados e brancos. A linguagem resulta limpa, funcional, simples. O espaço é naturalmente bem iluminado, junto à fachada envidraçada de grande dimensão e sem filtros. Através do janelão observa-se o mundo exterior, imediatamente ali e entrando de modo imediato para o espaço.

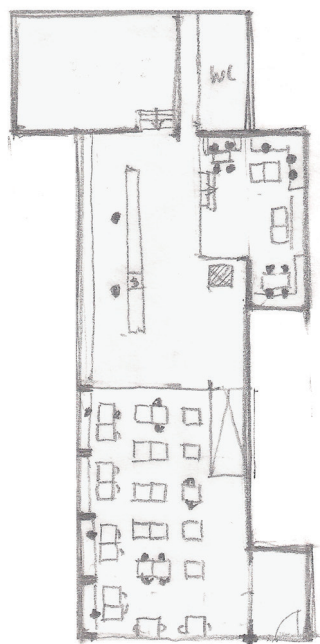
Na espacialidade mais profunda recorre-se à luz artificial (de lâmpadas circulares de luz branca incrustadas no tecto).

## Do ambiente humanizado:

O serviço é exclusivamente em *self-service* – extremamente taylorizado, assim como a interação entre os empregados e os clientes, em que prima a rapidez de escoamento de produtos de consumo.

Entre os clientes há por vezes interacção (quando em grupos) enquanto se consome, ainda que a principal actividade seja o próprio consumo. Há clientes que aproveitam também o espaço e o tempo de consumo para trabalhar (uma rapariga opera um computador durante algum tempo). Junto à fachada, nas mesas mais pequenas, concentram-se sobretudo os utilizadores desacompanhados, que se demoram pouco tempo, e junto à parede, os que permanecem mais tempo (em grupo ou individuais), lendo o jornal, trabalhando/estudando, ou conversando. As mesas centrais ocupam-se de grupos que consomem também rapidamente, enquanto no espaço mais recôndito, em frente ao balcão, se situam os grupos que aqui mais tempo se prolongam.

O espaço nunca se encontra vazio e está sempre em mutação de públicos. Vai sendo rotativa e pendularmente permeável a públicos diversos (jovens, adultos, idosos, turistas, eruditos ou populares, que aproveitam os custos reduzidos dos produtos).



15. LOW-COST.COME

**Localização:** Rua Formosa, imediações do Bolhão (em frente à porta sul do Mercado)

**Horário:** dia/dia

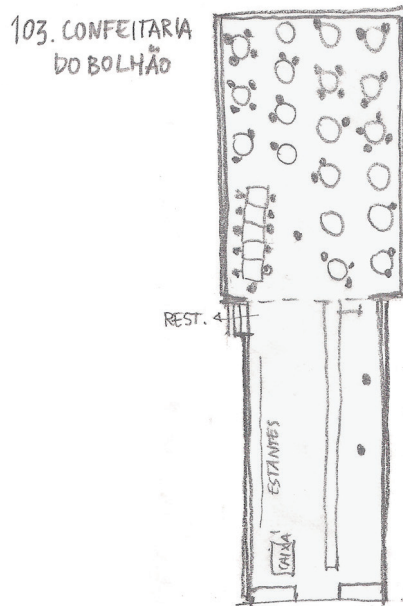
**Fundação:** 1896

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 17:30h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, confeitaria, pastelaria.

**Info web:** <http://www.confeitariadobolhao.com/>



## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular perpendicular à rua. A sua entrada encontra-se em frente a uma das entradas do Mercado do Bolhão.

A fachada sobressai do conjunto edificado, mantendo a linguagem estilística original, e encimada por um grande letreiro com o nome do estabelecimento - "Confeitaria do Bolhão" - com o mesmo estilo no grafismo. Envidraçada, apresenta uma montra com produtos de pastelaria, entre outros, numa composição de várias caixas de vidro sobrepostas.

A entrada é feita por uma abertura a meio da fachada, entre duas montras simétricas. A planta rectangular subdivide-se em dois espaços, um dianteiro e outro posterior, surgindo mais ou menos a meio do seu comprimento total. O primeiro, próximo da entrada, contém o balcão (à direita de quem entra, e posicionado-se um pouco sobre o espaço contíguo à porta) que se distribui no sentido longitudinal até ao fim desta primeira zona, marcando-a fortemente. Pouco mais se encontra aqui além do elemento de serviço, que contém visíveis os produtos para consumo – uma grande variedade de pastelaria. A parede por detrás deste é forrada com estantes de madeira, que contém também produtos, revestindo-se de espelhos a superfície por detrás destas. A parede lateral do lado contrário é quase na totalidade forrada também a estantes de madeira, fechadas com vidro, que contém também produtos mas

não de consumo no estabelecimento – produtos para levar (vinhos do Porto, licores, chocolates).

A parede que medeia com a rua, do lado de dentro (correspondendo ao letreiro exterior) possui um friso de ferro (verde) e de vidro, com motivos vegetalistas.

O pé-direito é muito alto. As paredes, altas, são revestidas, na proximidade com o tecto, por um pano contínuo, horizontal, de espelhos quadrangulares.

O tecto é simples, liso e branco, e entre este e as paredes corre uma sanca pintada de verde escuro e claro. Na parede contrária ao balcão, quase no limite do espaço dianteiro, está uma porta em gradeamento de ferro trabalhado com um padrão vegetalista, que dá acesso ao restaurante num piso inferior.

No segundo espaço, com a mesma dimensão do primeiro e com o mesmo pé-direito, muito alto, localizam-se as mesas, pequenas e circulares, em tampo de mármore branco, que preenchem toda a área e onde é realizado o consumo (quase inexistente ao balcão). Aqui a linguagem estilística é mais elaborada, cruzando-se a linguagem original com alguma popularização estética.

Cada uma das três paredes que encerram este espaço reveste-se por três linhas verticais de espelhos quadrangulares, intercalados por pilastras. A presença destes espelhos, em todos os planos, multiplica e fragmenta o espaço e os que o ocupam, ao reflectirem-se uns nos outros, conferindo uma amplitude muito maior do que a real. O espaço aumenta significativamente, tornando-se quase infinito. Além disso encontra-se lotado de gente, e a sensação é a de que se está num enorme salão repleto de centenas de pessoas, multiplicadas pelo jogo de reflexos.

O pavimento é revestido de lajes quadrangulares de aglomerado de pedras de tons cinza. O tecto possui aqui o mesmo tratamento do espaço anterior. Nele (tanto numa área como noutra) incrustam-se lâmpadas fluorescentes brancas que iluminam fortemente o espaço, tornando-o um pouco desconfortável até, em conjugação com o altura do pé-direito.

## Relação com o exterior:

Apesar de a porta estar permanentemente aberta, o espaço destinado ao consumo é demasiado interno e afastado para se relacionar com a rua. Na zona do balcão, pelo contrário, o relacionamento é





marcante, tanto em termos de visibilidade (apesar das montras e dos objectos que aqui estão como filtros, a porta é larga e mantém-se aberta), como em termos de movimentação de clientes - há um constante vaivém de gente que entra e pede ao balcão produtos para levar.

#### **Do ambiente humanizado:**

O serviço ao balcão é quase exclusivamente destinado a vendas para fora, de serviço muito rápido. O consumo é feito sobretudo nas mesas, às quais atendem um senhor e uma rapariga jovem, de modos despachados. Há muita gente e o serviço tem que ser rápido e portanto não há grande proximidade entre os empregados e os clientes. Já entre estes, convive-se, na permanência na área de trás. Não há contudo lugar para leituras ou estudo, pois o espaço resulta, da grande afluência de gente e dos tons elevados conversas numerosas entre vários grupos, muito desassossegado e barulhento. O sossego e a introspecção não coexistem aqui. A iluminação, forte, contribui também para o ambiente frenético, agitado, não conferindo calma e intimismo. Uma televisão, no meio da confusão, é totalmente ignorada.

Clientes desacompanhados são quase inexistentes no tempo da observação. Grande parte dos frequentadores encontram-se agrupados: dois a dois (senhoras e casais de meia idade ou idosos), em grupos de três ou quatro de várias idades, e ainda em grupos maiores - como um grupo de uma dúzia de pessoas que veio aqui celebrar um aniversário. O público é portanto variado: turistas, jovens, envelhecidos e intermédios, de nível cultural popular, sobretudo.





# CEUTA

**Localização:** Rua de Ceuta

**Horário:** dia/dia-noite

**Fundação:** 1953

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 18:30h, dia útil

**Tipo de serviço:** cafetaria, cervejaria, snack-bar.

**Info web:** pt-pt.facebook.com/cafeceuta

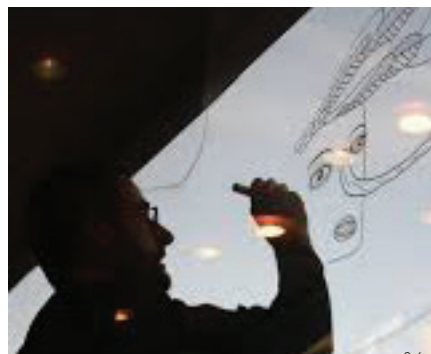
**Intervenientes no espaço:**

Arquitectura: Carlos Neves.

Painéis: António Coelho de Figueiredo.



35



36

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta quadrangular, unitário.

A fachada é quase totalmente envidraçada. No entanto o vidro é cromado, escurecido, dificultando a visibilidade do exterior para o interior, e desligando, de certo modo, a interioridade da rua – o mundo interior constitui-se um mundo à parte. A entrada é feita, não ao centro, mas ligeiramente à esquerda da fachada, e apesar de o espaço formalmente ser bastante geométrico e regrado, é despojado da simetria – seguindo os valores do modernismo dos anos 50, da forma racional, geométrica e assimétrica.

Do lado contrário da fachada, paralelo a esta, encontra-se um **balcão** transversal que dobra, em L, e continua pela parede lateral, do lado da entrada. Apesar da sua grande dimensão, este não se impõe sobre o espaço, de grande área.

O pé-direito é muito alto. Contudo, a altura do espaço é dividida por dois momentos – um, mais baixo, corresponde a dois terços da altura total, e outro, mais elevado, corresponde ao terço restante. Estas duas horizontalidades apresentam tratamentos distintos. No mais baixo, correspondente com a fachada de vidro, os restantes planos verticais são revestidos a

espelhos e/ou painéis quadrangulares de aglomerado de mármore (da cor da cortiça). Na horizontalidade mais alta, nas paredes paralelas à rua (dianteira e traseira) correm em continuidade uma série de painéis rectangulares de vidro fosco e texturado, com caixilharia de ferro pintada a bordeaux, de estética industrial. Nas paredes laterais surgem painéis de vidro fosco, em que são gravados desenhos alusivos à conquista de Ceuta (1415), com caravelas, fortalezas, homens e tesouros.

O tecto branco, muito acima do plano do pavimento, que se encontra um pouco degradado – sujo e envelhecido – é perfurado por padrão de aberturas circulares em que se incrustam as lâmpadas que iluminam, tenuemente, o espaço.

As mesas e cadeiras, de madeira já gasta (parecem pertencer ao espaço desde a sua origem), ocupam a sua totalidade – as mais pequenas, circulares, concentram-se sobretudo na área à direita da entrada, e as maiores, rectangulares (agrupadas, cobertas de toalha de papel com talheres e destinadas às refeições) posicionam-se em duas mais à esquerda e ao longo da parede, desde a fachada até ao fundo. Junto a esta posicionam-se ainda algumas mesas, mas não são, contudo, muito utilizadas.

À direita de quem entra, e junto à fachada – no ponto mais remoto do balcão – encontram-se as escadas que dão acesso a um piso inferior, em que se localizam as casas-de-banho e um grande salão, semelhante ao de cima, com as mesmas dimensões planimétricas mas com um pé-direito um pouco mais baixo, e que contém mesas de bilhar.

A linguagem espacial resulta de uma estetização moderna (através das formas dos anos 50) e de uma certa popularização referente a essa época (pelos revestimentos – espelhos, painéis que parecem imitar a cortiça, marmorite no pavimento – em tons bege e branco, intercalados em grandes rectangulos e separados por juntas metálicas).

## Do ambiente humanizado:

O serviço é efectuado tanto às mesas como ao balcão.

Alguns dos clientes são assíduos e conhecem tanto o empregado que serve, atencioso, às mesas, como o patrão, que se encontra por detrás do balcão. Um outro funcionário que se encontra também aqui

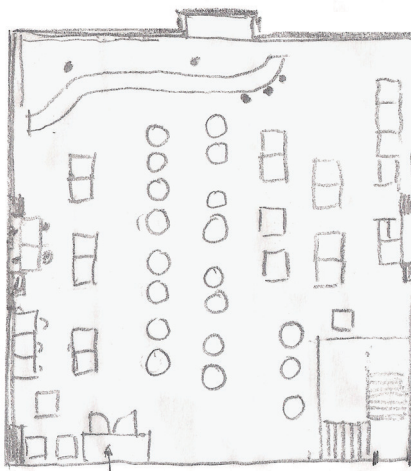
dedica-se principalmente às suas tarefas e interage menos com o público.

Três clientes (homens de idade média/envelhecida) estão sentados ao balcão. Consomem café e mantêm uma conversa prolongada com o patrão. O funcionário, que atende os pedidos dos que se sentam às mesas, cumprimenta e fala com um cliente conhecido acabado de chegar e que se sentou numa das mesas centrais.

Ao longo da parede (onde estão as mesas de refeições, e porque as mesas são maiores e ainda não é hora de jantar) encontram-se dois grupos de três/quatro pessoas (jovens/médios) que discutem em torno de um computador – parecem reunir sobre algum trabalho académico, que abandonam pouco depois para conviverem mais informalmente enquanto bebem cerveja. Nas mesas pequenas, junto à guarda das escadas que dão acesso ao piso inferior, encontram-se dois homens, cada um na sua mesa. Um deles opera um computador, enquanto o outro se dedica à leitura e à escrita num pequeno bloco. Um outro cliente desacompanhado, jovem, senta-se a uma mesa do centro, sem consumir (é conhecido de um dos empregados), enquanto uma senhora, de idade média, lancha também numa das mesas centrais.

A clientela é, portanto, um pouco diversificada, que vai desde a mais jovem à mais envelhecida, e de cultura mais popularizante, que privilegia o convívio sobretudo com os “da casa” ou mais erudita, dedicada ao estudo e à leitura. Uma televisão encontra-se neste café, mas parece, no entanto, manter-se ignorada pelos frequentadores.

23. CEUTA





# AVIZ

**Localização:** Rua do Aviz

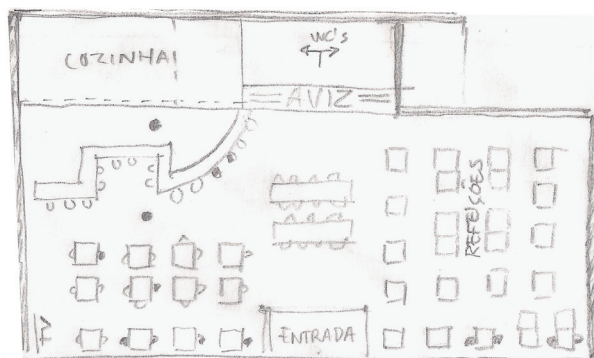
**Horário:** dia/noite (segunda a quarta-feira: 7.30h - 24.00h. Quinta: 7.30h - 1.00h. Sexta-feira e sábado: 7.30 - 2.00h)

**Fundação:** 1940 (data de construção do edifício e do espaço do café, por Júlio de Brito) fundação apontada para 1956.

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 17:45h - dia útil

**Tipo de serviço:** cafetaria, cervejaria, snack-bar.



32. AVIZ



37



38



39

## Da materialidade espacial:

Espaço original enquanto café, contudo, sucessivamente transformado. Apesar das transformações, sobretudo a substituição de materiais e alguns elementos organizadores do espaço, a organização espacial e funcional mantém-se.

De **planta** rectangular, que se estende, longitudinal e paralelamente à rua, para a qual abre grandes envidraçados, apresenta-se como um espaço de amplas dimensões. A **entrada** localiza-se ao centro da fachada envidraçada. Após a porta, em vidro, segue-se uma pequena antecâmara que se posiciona, já, no espaço interior. Este

elemento central divide funcionalmente o espaço em dois, simétricos, que apesar disso mantêm uma continuidade espacial e visual um com o outro.

O espaço à esquerda da entrada, onde está o **balcão**, destina-se sobretudo aos serviços de cafetaria e cervejaria, enquanto o outro, distanciando-se deste, funciona principalmente como zona de refeições. Defronte da entrada, no lado contrário a esta, surge ainda uma pequena área distinta, de cota mais baixa que a do espaço geral, acompanhando o pé-direito desse desnível. Este espaço surge como pré-acesso aos quartos-de-banho, distribuindo, para cada um dos lados, as entradas para o feminino e o masculino. Sobre este espaço, num plano que resulta do rebaixamento do tecto, situa-se um grande **letreiro** em material metalizado e dourado, pertencente ao espaço original do café, e onde se escreve "AVIZ".

A zona de refeições está a uma cota ligeiramente mais elevada (diferença de um degrau de cerca de 20 cm) indicando a distinção desta área em relação ao outro espaço (contíguo à entrada e à sua esquerda) e conferindo-lhe, em relação às outras, maior recato.

O **balcão** ocupa menos de um quarto de todo o espaço interior. Apesar disso, mantém alguma importância neste. Apresenta uma forma (em planta) irregular. A partir do centro do espaço, apresenta-se primeiro em forma de meio arco, quebrando-se em seguida por uma reentrância, e terminando em L até à parede.

O **pé-direito** é equilibrado, com cerca de quatro metros, reduzindo-se apenas sobre o **balcão**, encimado por um friso que segue a sua forma irregular.

As **aberturas envidraçadas** estendem-se por todo o plano vertical da fachada, desde a cota dos tampos das mesas até ao tecto. As caixilharias já não são as originais. São agora em alumínio lacado de castanho-escuro.

Um **lambrim** em pedra polida, em tons negro e salmão, rematado por um pequeno friso de madeira envernizada, percorre os planos verticais. Acima, as paredes revestem-se até ao tecto de reboco liso e pintado de branco. O **balcão**, que se ergue até à altura do lambrim, reveste-se no mesmo material que este, cobrindo-se com um tampo em granito rosado, material que reveste igualmente a **parede por detrás** deste elemento.



O **pavimento** é revestido de quadrados de pedra polida em tom bege, dispostos na diagonal em relação à planta rectangular do espaço. Na área de refeições, na parede contrária à que ladeia a rua, e em quase toda a sua superfície, encontra-se um grande **painel de azulejos** tradicionais de padrão azul e branco.

As **mesas** são em PVC imitando os revestimentos graníticos dos lambris e do balcão. Ao centro, em frente à entrada, estão dispostas duas filas de mesas pequenas, unidas em linha, com pouca ou nenhuma utilização. Na zona de refeições a disposição destes elementos é distinta – as mesas dispõem-se separadamente, ocupando tanto o espaço junto às janelas, em fila, como o espaço central desta área. A sua ocupação também é reduzida. As **cadeiras** são vulgares, em madeira. Rodeando o balcão está uma série de **bancos altos** em bambu, gastos com o uso e o passar do tempo.

Apesar do pouco cuidado decorativo, o espaço mantém uma certa peculiaridade e interesse. Mantém vestígios do espaço original, que se denotam tanto através da organização/configuração espacial como por alguns elementos decorativos – o friso no tecto sobre o balcão, que segue a sua forma e se trabalha geometricamente e ao modo art déco.

O ambiente cromático resulta sóbrio e do contraste entre tons escuros – a nível inferior, no lambrim e no balcão – com tons claros, daí para cima.

A **iluminação artificial** não é muito acentuada, o que confere ao espaço um ambiente intimista e acolhedor. Durante o dia, a **luz natural** entra pelos amplos envidraçados tornando o espaço bem iluminado.

Também através dos janelões se observa todo o movimento da rua, das gentes a passar, quase como que se participando nela, e, inversamente, também o interior próximo à fachada é visualmente perceptível.

#### Do ambiente humanizado:

Há serviço ao balcão, serviço às mesas e serviço de esplanada. Maioritariamente os clientes dispõem-se nas mesas da esquerda (em relação à entrada), apesar de alguns clientes se servirem ao balcão. Na

esplanada poucos clientes se encontram (condições meteorológicas pouco favoráveis). Três empregados, do sexo masculino, permanecem atrás do balcão e vão servindo os clientes que aqui se chegam. Uma empregada, jovem, encarrega-se do serviço às mesas, enquanto na caixa registadora permanece um trabalhador que trata da parte financeira (talvez o patrão). Há ainda na cozinha, longe da vista dos clientes, um número incógnito de empregados que confeccionam as refeições e os snacks.

A empregada responsável pelo atendimento às mesas trata os clientes com simpatia e procura sempre alguma proximidade. Com alguns dos clientes, já conhecidos na casa, há um acrescido à vontade na relação (com uma cliente, jovem, e conhecida da empregada, vai trocando conversas de vez em quando), e apesar de não haver interconhecimento entre os clientes esporádicos e a empregada, há sempre uma tentativa de aproximação da sua parte.

Os empregados que permanecem atrás do balcão, mais reservados, mantêm-se sobretudo numa postura de vigilância (em parte pela calma pontual no trabalho que lhes está reservado) e quando servem, fazem-no de modo mais ou menos automático. Envergam os três uma farda negra e elegante.

As **actividades extra-consumo** prendem-se com o convívio (conversa), a leitura (de jornais principalmente), e a visualização de televisão.

Dois jovens, sentados à janela, trocam ideias sobre a produção de maquetas para a realização de filmagens. Senhores de idade lêem jornais diários. A televisão está ligada no canal de música VH1, apesar de o som estar num nível baixo, quase não se ouvindo.

Tal como o espaço se divide funcionalmente em dois, também a sua ocupação é feita de dois modos distintos. No lado esquerdo (em relação à entrada) encontram-se as mesas pequenas para o serviço de cafetaria, e no direito localizam-se as mesas destinadas a refeições mais prolongadas.

O primeiro espaço, mais ocupado, subdivide-se por sua vez em três áreas com particularidades distintas: uma junto ao plano envidraçado, do lado da rua, com mesas dispostas em fila, outra ao centro, com duas filas de mesas, em paralelo

com a fila junto às janelas, e ainda outra contígua ao balcão. Junto às janelas concentram-se os clientes mais jovens – um jovem adulto de cerca de 30 anos, sozinho, consome uma francesinha enquanto espera um amigo, na mesma faixa etária, que entretanto se vem juntar a ele. A partir daqui consomem cerveja e discutem sobre projectos *freelance* ligados à área de multimédia. Noutra mesa está um outro casal jovem que conversa. Numa das mesas centrais, perto da parede lateral esquerda e de costas voltadas para a amplitude do espaço, um senhor, sénior, sozinho, permanece aqui durante tempo alargado enquanto lê calmamente um jornal. Outros dois senhores, de idade, ocupam outra mesa desta zona, mais central, e conversam enquanto tomam café e lancham. Ainda noutra mesa central se encontra outro solitário, de alguma idade, também dedicado à leitura do jornal. Ao balcão, dois homens, de idades médias e vestidos de modo formal, consomem cerveja enquanto conversam lado a lado. Tanto nas mesas periféricas (junto às janelas) como nas centrais, a permanência é prolongada. Permanece-se aqui calmamente enquanto se conversa ou se lê. Os grupos são pequenos: ou se está só, ou dois a dois. Ao balcão a passagem é mais rápida e há uma menor afluência de clientela.

Após as 19:00h sucede uma ligeira rotatividade de clientela. Parte dos clientes que ocupam as mesas centrais e as mesas junto à janela da área do lado do balcão abandonam o estabelecimento e entram em cena novos ocupantes: dois jovens (estudantes?) ocupam uma das mesas centrais do espaço anteriormente mais preenchido, e um grupo de quatro mulheres, duas jovens e duas com idades mais avançadas vêm ocupar as mesas em fila, centrais, posicionadas em frente à entrada do café.

O público é, assim, variado: compõe-se desde os mais novos aos mais velhos frequentadores, de cultura mais erudita ou mais popular. Os clientes que consomem ao balcão vestem-se formalmente, de fato e gravata. Aparentam falar de negócios. Serão colegas e trabalho e farão talvez uma pausa na vida laboral, ou descontraiem depois do dia de trabalho. Os dois jovens junto à janela aparentam ser jovens profissionais, ligados às artes multimédia, de aparência *hipster*. Os clientes mais velhos serão reformados e possivelmente residentes próximos da área em que se encontra o café.



# ESPAÇO 77

**Localização:** Travessa de Cedofeita

**Horário:** dia/noite – dia/noite

**Fundação:** 1977

**Funcionamento privilegiado:** noite (quartas-feiras, sextas e sábados)

**Tempo da observação:** 1:00h – quarta-feira.

**Tipo de serviço:** cafetaria, pastelaria.

**Info web:** <https://pt-pt.facebook.com/Espaco77>



Espaço de planta rectangular, comprida e estreita, perpendicular à rua.

A fachada encontra-se inserida no contexto edificado em que se insere o café.

Uma porta aberta permanentemente e uma grande janela à sua esquerda, da largura do espaço que se encontra por detrás do balcão, deixa observar-se, de fora, o movimento dos trabalhadores que aí se encontram. A entrada faz-se pelo lado direito.

O espaço interior apresenta três momentos, cada um com a sua funcionalidade.

O primeiro, após a entrada – contém o **balcão** que corre longitudinalmente no lado esquerdo para quem entra, apertando o espaço destinado aos clientes que resulta num corredor, conformado por este e pela parede. Ao longo da maior parte do balcão não há bancos – situam-se apenas alguns na sua extremidade, mais para o interior. Ao balcão, em torno do qual se concentram os clientes, servem-se cervejas e outras bebidas alcoólicas e snacks, (folhados, empadas, pizzas...) com grande despacho (estima-se que seja vendida uma cerveja

mini a cada 22 segundos (1)) e parte dos consumos são aqui efectuados, enquanto se conversa – tanto os grupos de clientes entre si como entre estes e os empregados da casa.

Contudo, há ainda um outro espaço que antecede os internos e que pertence na mesma medida ao Espaço 77 – o espaço da rua. As permanências ao balcão e as permanências na rua vão-se intercalando através de uma pendularidade entre um e outro. Fora bebe-se e come-se o que se pediu dentro, enquanto se conversa e se fuma.

A linguagem é bastante popular e um tanto descuidada, resultante de uma combinação de paredes de pedra, tectos falsos em placas quadrangulares brancas e sujas de fibra de vidro, e de cartazes publicitários de aspecto gráfico descuidado que anunciam a venda de bebidas baratas – sangrias, cerveja em balde, cervejas minis a 50 cêntimos. O pé-direito é um pouco alto, ainda que se reduza sobre o balcão, não conferindo confortabilidade ao espaço, facto que se acentua pelas lâmpadas



fluorescentes de luz branca que o iluminam. Uma televisão ignorada está colocada a um canto sobre a porta de entrada.

Entre este primeiro espaço e um segundo, mais interior, encontra-se uma abóbada rebatida que faz a separação. Aqui encontra-se um bilhar, ao centro, e do lado esquerdo, de quem circula para o interior do espaço, uma consola de jogos virtuais ligada a uma televisão. Nessa parede a que se encosta a televisão encontram-se encostados também três frigoríficos de bebidas, com portas de vidro e com os logótipos de marcas nacionais das bebidas neles imprimidos, e ainda uma torre de grades de cerveja. Aqui, no momento da observação, não permanece ninguém. Este espaço destina-se exclusivamente às actividades de jogo (bilhar e jogos virtuais) e à circulação, efectuada em seguimento do corredor da primeira zona, para o terceiro espaço, mais remoto da rua.

Um plano de pedra recortado por três passagens, encimadas cada uma por um arco de volta perfeita, e às quais se prendem portas de madeira do tipo *saloon*, fazem a separação entre uma zona e outra.

Nesta última área encontram-se as mesas, que não são muitas: apenas quatro, rectangulares, três ao longo da parede lateral direita e uma no lado contrário. Mais ao centro estão duas mesas de **matraquilhos** e o restante espaço é desimpedido para passagem e concentração de gente em pé.

A iluminação, tal como no espaço dianteiro, é feita através de luzes fluorescentes brancas, ainda que de intensidade mais fraca e à qual se mistura uma luz amarelada. A iluminação é, de resto, no espaço geral, confusa e desconfortável.

Os pavimentos revestem-se, consoante as zonas, de diferente tipos e cores de tijoleiras e azulejos, que se sujam de pegadas de lama e água resultantes dos movimentos fora/dentro, e de cerveja entornada.

As paredes tanto mostram a pedra que as constitui como se encontram rebocadas e pintadas de ocre e cinza, com acabamento areado/texturado, incrustando-se facilmente nelas a sujidade, e sobre as quais pendem alguns elementos soltos de preocupações de enquadramento: um símbolo da marca **SUPERBOCK** em relevo de madeira, três reproduções de pinturas, desfasadas umas das outras e emolduradas com madeira escura, cartazes alusivos à venda de baldes de cerveja, um exaustor e, ao lado deste, uma prateleira velha de madeira sobre a qual não pousa nada.





## GAZELA

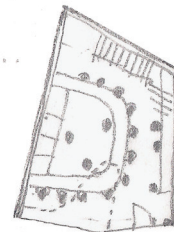
**Localização:** Travessa de Cimo de Vila/Batalha

**Horário:** dia/dia

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 20:00h – dia útil

**Tipo de serviço:** snack-bar, cervejaria.



179. GAZELA



Denomina-se de snack-bar Gazela. No entanto este café não se enquadra na sub-tipologia do snack-bar comum. As únicas conotações residem no facto de aí se servirem snacks (é famoso pelos “cachorrinhos da Batalha”) e pela rapidez dos consumos e fluidez do público, muito afluente nas horas de refeições.

Constitui-se como um espaço de dimensões reduzidas e de planta centrada.

A entrada é feita do lado direito da fachada, seguindo-se um estreito espaço desimpedido, ao longo de uma das paredes, do lado direito, com uma pequena prateleira que a percorre. É um pequeno corredor destinado aos clientes que esperam um lugar ao balcão, enquanto bebem cerveja. À esquerda deste corredor, toda a área do pequeno café é preenchida pelo balcão, em U, cujas extremidades se prendem à outra parede lateral. Este circunscreve uma área de preparação, que ocupa grande parte do espaço geral, e na qual se encontram três funcionários – homens, de idades médias e envelhecidos, e com o seu nome apontado



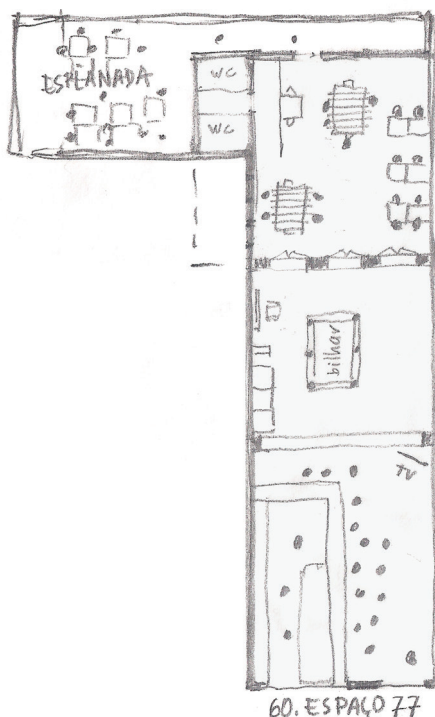
São **elementos** em que ninguém repara, e que nem estão ali para serem notados. Foram-se colocando ali ao longo do tempo e sem grandes propósitos, assim como se configura todo o espaço: foi-se fazendo por sobreposições de elementos sem grandes preocupações estéticas.

Assim, mais do que para ser observado, todo este espaço foi-se realizando para ser vivido e à medida que foi sendo vivido, adaptando-se às apropriações. Nele se consomem bebidas, sobretudo, e convive-se intensa e exaltadamente. É um **autêntico espaço de recreio**: uma das mesas de matraquilhos é utilizada por três jovens. A uma das mesas um rapaz e uma rapariga conversam, e a eles se vêm a juntar mais tarde um grupo de quatro amigos. Numa outra mesa, vazia, pousam uma dezena de garrafas de cerveja já esvaziadas, enquanto outra é ocupada por um jovem que opera um computador. Na parede traseira uma porta dá acesso ainda a um outro espaço adicional, exterior, no qual se encontra uma esplanada. Apesar do frio a porta permanece aberta, batendo fortemente de vez em quando por causa da corrente de ar.

**Movimento** não falta neste espaço. Por aqui circulam jovens estudantes de uma zona para a outra, entre a rua e a esplanada na parte de trás. O barulho impõe-se e insere-se na agitação das circulações e das actividades desenvolvidas, de interacção e de jogo. Gargalhadas são soltas dos matraquilhos que produzem por sua vez o seu próprio som - do ferro a bater nas bolas e das bolas a baterem nas madeiras. Cadeiras são arrastadas e bolas passam aos saltos por entre estas e rolam por cima das mesas. À confusão sonora junta-se ainda a música proveniente de colunas presas às paredes, que soltam *hits* da música de dança mais comercial e latina.

Entre os movimentos pendulares entre o fora e o dentro, alguns permanecem sentados, outros sentam-se um pouco e depois levantam-se. As mesas vão sendo substituídas por novos utilizadores à medida que passam minutos escassos. Uns falam francês. São estudantes Erasmus. São de resto estudantes que fazem uso do espaço.

Segundo o proprietário do Espaço 77, “60 por cento dos estudantes são universitários. Temos muitos estudantes espanhóis, italianos, polacos, letões. Trabalhamos muito com estudantes estrangeiros, mas também com muitos portugueses. Os dias mais fortes são as quartas-feiras, sextas e sábados” ((1) Henrique Rebelo em: <http://p3.publico.pt/vicios/gula/3295/espaco-77-tem-recorde-nacional-de-venda-de-minis>).



60. ESPAÇO 77



# PROGRESSO

**Localização:** Rua Actor João Guedes

**Horário:** diurno (sexta-feira e sábado até às 2:00h)

**Fundação:** 1899 (obras de remodelação em 2005)

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 18:00h - dia útil

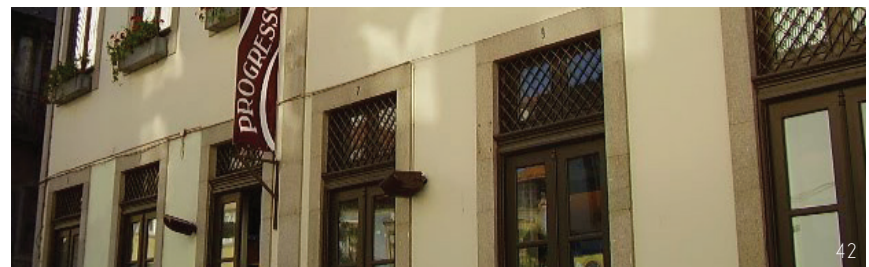
**Tipo de serviço:** cafetaria, snack-bar, refeições ligeiras

**Info web:** <http://www.cafeprogresso.net/>



na lapela – que se dedicam às suas funções numa grande agitação de modo a responderem à grande afluência de clientes.

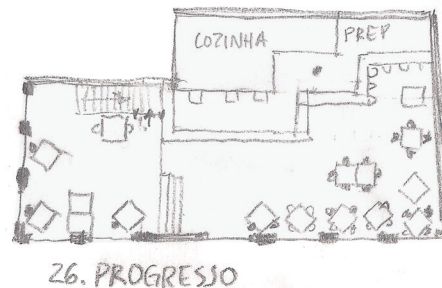
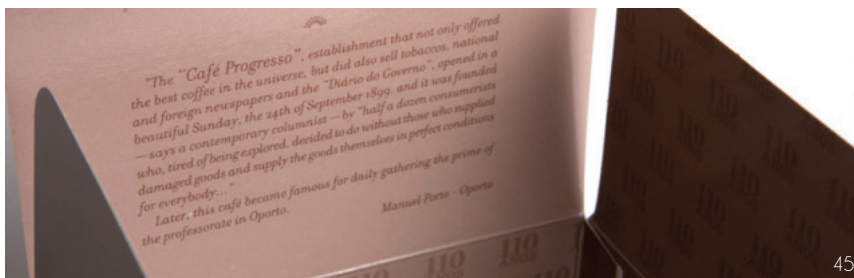
Apesar da confusão aparente que se gera naquele espaço apertado, no qual se movimentam, se cruzam e quase chocam entre si, os homens laboram ali, ainda que atarefados, de um modo bastante organizado – atendendo bem às suas funções específicas. Ao redor do balcão, dispõem-se portanto os clientes (de características muito díspares), que preenchem a totalidade dos bancos circundantes nas horas mais movimentadas, e dali observam o rebuliço da preparação dos produtos que se lhes destinam. Cercados pelos clientes, e numa grande proximidade com estes, os funcionários, apesar da azáfama, não conseguem deixar de se relacionarem com estes. Geram-se conversas informais entre empregados e clientes, mesmo com os mais ocasionais, sobre os mais diversos assuntos – desde os motes lançados pela televisão, os produzidos por curiosidades, de ambos os lados, aos mais insignificantes: “Ontem entraram quatro estrangeiros. Um dinamarquês, uma americana, um inglês e o outro não sei... Entraram ao fecho e comeram sete cachorros” - disse um dos empregados para quem o ouvisse.



## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, ocupando um gaveto. O seu lado longitudinal estende-se ao longo da rua Actor João Guedes, que vai ter à Praça Carlos Alberto. A entrada é feita mais ou menos a meio deste lado maior, paralelo à rua, e passa despercebida para quem vem de fora, por entre as várias aberturas ritmadas da fachada - uma série de portas envidraçadas, de caixilharia de madeira pintada de negro, todas iguais, incluindo a porta da entrada, que se diferencia apenas por ter um puxador.

No interior, em frente à entrada e transversalmente, encontra-se o balcão, em forma de U largo, ao qual acresce um outro mais pequeno, do lado direito, em que se encontram três clientes sentados. O espaço é subdividido por duas cotas distintas. Uma, mais baixa, corresponde com a entrada e acompanha a cota da rua. À esquerda desta primeira área, três degraus ascendentes dão acesso a um espaço mais



pequeno (mais ou menos um quarto do espaço total) que se encontra no gaveto e a um desnível de cerca de meio metro em relação ao primeiro. Daqui tem-se acesso ainda a umas escadas para um nível inferior, onde estão os quartos-de-banho, e a umas escadas mais largas, de tiro, de aspecto minimalista e com guarda de vidro, que dão acesso a uma outra espacialidade, num piso superior – destinado ao consumo de refeições.

O espaço em geral foi sucessivamente remodelado ao longo dos tempos da sua existência, encontrando-se agora bastante cuidado, tentando perpetuar os traços estilísticos dos anos 20, época áurea deste café, (através da estilização e do requinte) inseridos numa linguagem contemporânea racionalista.

No espaço de cota mais baixa, o pé-direito resulta alto, já que o tecto é unitário para todo o espaço. Este, de reboco liso e pintado de branco, é marcado por um ritmo de quatro reentrâncias rectangulares, de onde pendem dois grandes candeeiros em cada uma (dois paralelepípedos com duas camadas de tecido, um mais claro que outro, e com padrão aos quadrados). Estes elementos semi-fixos, aparentemente insignificantes, marcam, porém, o espaço, conferindo-lhe ritmo e unidade, perdida um pouco pela diferença de cotas. Sobre o balcão, o pé-direito baixa ligeiramente, e entre este tecto e o outro há uma fenda onde se esconde a restante iluminação artificial, além dos candeeiros. O efeito geral é uma linha de luz, horizontal, que acompanha a longitudinalidade do espaço que está à cota baixa. Sobre o balcão, algumas luzes circulares iluminam tenuemente o local de trabalho.

As paredes, no geral, são regulares, lisas e brancas. O balcão e outros elementos (pontuais), bem como a parede que ladeia a escada para o piso superior, são revestidas a madeira escura, quase negra, dando um toque de requinte e contraste com o branco. As paredes que medeiam com a rua, são, como a fachada indica, recortadas por um ritmo de aberturas (portas de alto a baixo, de caixilharia de madeira negra e com portadas pintadas de branco, encostadas às ombreiras).

Os tons predominantes são o preto e o branco (de alusão aos anos 20), o castanho-escuro das madeiras (no pavimen-

to - flutuante de cor de nogueira - e nas mesas e cadeiras, já antigas, de assento de couro com gravuras em relevo), da imagem iluminada (do interior) com grãos de café que reveste o balcão principal, e dos candeeiros. Um pequeno apontamento de bordeaux existe na parede atrás do balcão - numas pequenas prateleiras que sustentam, individualmente, algumas garrafas de vinho do Porto.

No espaço de cota baixa encontram-se a maior parte das mesas, quadradas e pequenas, e a maior parte dos clientes distribui-se nelas. Estão dispostas na diagonal ao longo da parede perfurada de aberturas. Outras preenchem o restante espaço mais interno. Na cota superior, a lógica é a mesma – ao longo das aberturas e internamente, apesar de o espaço ser mais apertado, em parte pelo acesso às escadas, tanto para o piso superior como para o inferior.

#### Relação com o exterior.

A relação com as ruas envolventes não é, apesar das muitas aberturas, muito forte. O espaço acaba por se voltar para o seu interior, e os seus ocupantes uns para os outros. Ao invés de uma abertura contínua, a série de aberturas pontuais não permite uma leitura integral da rua que ali passa. Também as mesas não estão posicionadas para que se usufrua ao máximo das janelas. Além disso, estas, pela sua caixilharia pesada, recortam a imagem do mundo exterior, e as ombreiras largas dificultam também o observatório do espaço público, que assim se vai vendo aos pedaços, entre tantos filtros.

#### Do ambiente humanizado:

Um empregado prepara os produtos de consumo atrás do balcão, enquanto uma rapariga serve às mesas.

Alguns dos clientes (sobretudo os reformados) são clientes habituais – tratam-se pelo nome, tanto empregados como clientes, e os funcionários conhecem já os hábitos de consumo: “ó senhor Joaquim, não quer um queque? Não, hoje não. Só quero café”. “Vá pela sombrinha, cuidado com o sol”, diz um empregado para um dos reformados que se vai embora, e um “até amanhã ou até segunda-feira se Deus quiser” a um grupo de mulheres reformadas que estão de saída também. Entram entre-tanto outros homens de idades avançadas,

que cumprimentam outros que já cá estão, sentados, e aos quais se juntam. Dirigem alguns comentários jocosos uns aos outros.

Os clientes mais jovens são mais esporádicos, e as suas relações com “os da casa” são diferentes, mais distantes.

Os clientes mais velhos vêm sobretudo em grupo e em grupos grandes, ou então vêm isolados e juntam-se aos grupos que no café já se encontram – são conhecidos uns dos outros, e ocupam as mesas do piso mais baixo, perto do balcão e inclusive ao longo deste. Vêm bem vestidos, tanto os homens como as mulheres. Encontra-se também aqui um grupo de jovens, estudantes, que se reúne em torno de um computador com acesso à Internet. Estes vêm cá já com os seus grupos definidos anteriormente. Este espaço de cota mais baixa é o de maior concentração de clientes e dos grupos mais ou menos grandes, constituídos pelos mais velhos, com a excepção dos estudantes, que por forma a manterem-se próximos juntam as pequenas mesas que aqui se encontram.

O espaço de cota mais alta parece ser o preferido dos que vêm a solo e dos que preferem o recato e a discrição, e pelos mais novos - um homem, de meia-idade com uma pasta de couro e sobretudo cinza, lê o jornal numa mesa mais remota deste sub-espaço, enquanto uma jovem estrangeira, noutra mesa daqui, opera um tablet. Um casal de turistas espanhóis e outro casal jovem sentam-se também nesta área que proporciona mais intimidade e recolhimento, menor exposição visual aos que se encontram abaixo, e aonde o barulho do tom de voz elevado dos grupos seniores não chega tão intensamente. Há música ambiente, calma (Bossa Nova), que se recorta, em baixo – lugar do convívio - pelo barulho das vozes, mas que tranquiliza o espaço de cima. Aqui lê-se, livros e jornais, e navega-se na internet.

Há no Progresso uma clara distinção entre um espaço e o outro e nota-se uma grande influência da organização espacial nessa ocorrência. A maior amplitude espacial, planimétrica e volumétrica e a proximidade com o balcão vem a formular escolhas e modos de apropriação do espaço distintos dos que o espaço superior incute, pelo afastamento, físico e visual da área do balcão e resultante actividade, e pela volumetria mais reduzida e intimista.



# MAJESTIC

**Localização:** Rua de Santa Catarina, 112

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** 17 de Dezembro de 1921. (nome original: Café Elite. Designa-se “Majestic” a partir de 31 de Julho de 1922).

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 17:30 / 20:00h - dias úteis

**Tipo de serviço:** cafetaria, restaurante.

**Info web:** <http://www.cafemajestic.com>



## Das origens do espaço:

**Arquitectos envolvidos na (re)construção do espaço:** Arquitecto João Queirós. Edifício Armazéns Nascimento (1914): Arquitecto Marques da Silva.

Originalmente designado como “Café Elite” pelo seu carácter luxuoso e aristocrático. Altera-se para “Café Majestic” (31 de Julho de 1922) correspondendo melhor ao espírito da clientela que passa a frequentá-lo – nome de reminiscências francesas reportado à vida boémia parisiense.

Definido como “café tertúlia” - local eleito, ao longo dos anos, por escritores, artistas e estudantes das Belas-Artes, filósofos, escritores, intelectuais, boémios, personalidades ligadas às artes do espectáculo. Personalidades que frequentaram o espaço: aviador e almirante Gago Coutinho, actriz Beatriz Costa, Júlio Resende, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Teixeira de Mello, José Régio, António Nobre, “os quatro vintes” (grupo de quatro estudantes da FBAUP que terminaram o curso com 20 valores – Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues).

Possuía um pequeno espaço para espectáculos musicais, por onde passaram alguns dos mais prestigiados músicos nacionais e internacionais.

De 1960 a 1980 entra em fase de degradação.

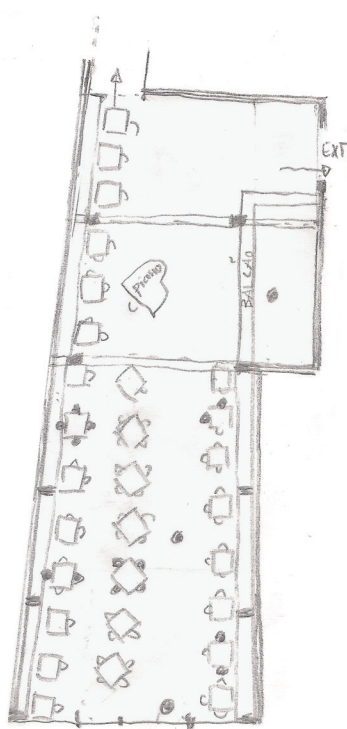
Em 24 de Janeiro de 1983 é decretado como Imóvel de Interesse Público. (Da carta redigida ao Instituto Português do Património Cultural, 25 de Junho de 1981: “(...) Para além da sua arquitectura e decoração de interiores, salienta-se o significado que este tipo de estabelecimentos adquirem com o tempo, como ponto de referência numa determinada artéria, e a cuja destruição assistimos frequentemente, contribuindo assim para uma profunda modificação da imagem e vivência numa cidade.”)

O novo proprietário, Agostinho Barrias, procede a obras de remodelação (entre setembro de 1992 e julho de 1994). O café vive agora uma nova fase, de renovada animação, com recitais de poesia, concertos de piano, exposições de pintura, lançamento de livros, entre outras actividades culturais, mantidas até à actualidade. (fontes: FERREIRA MENDES, Nuno Fernando (2012) – *Cafés Históricos do Porto – Na demanda de um Opulento Património Ignoto*. 2º Ciclo de Estudos de História da Arte Portuguesa. Orientação de: Professor Doutor Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro. Porto, FLUP).

## Da materialidade espacial:

O café localiza-se no rés-do-chão de um edifício de três pisos (projectado pelo arquitecto Marques da Silva, 1914).

A **fachada** é em mármore, ornamentada com grinaldas vegetalistas e figuras fantásticas (mascarões e meninos). A entrada é encimada por um frontão circular, rematado com um friso em que está um medalhão com as iniciais do nome do café: C.M.





48

Uma grande porta envidraçada marca-a e dá acesso ao espaço interior. Este portal é ladeado por duas portas menores, envidraçadas. Todas as portas são emolduradas por caixilharia de madeira, em tom natural, trabalhadas com ornamentos de estilo Arte Nova.

### Espaço interior:

Planta rectangular perpendicular à rua. O espaço principal corresponde a uma grande ala central, de **pé-direito** muito alto – cerca de 5/6 metros. Ao fundo, surge um segundo espaço, em continuidade com o primeiro, segregando-se deste pela presença de um **pórtico** constituído por duas colunas, encimadas por um arco quebrado emoldurado com madeira e preenchido por um plano de vidro, com semelhanças ao do portal da entrada. As **colunas** são de mármore de cor verde, encimadas por capitéis coríntios dourados.

Há ainda um terceiro espaço que surge na mesma lógica do anterior em relação ao espaço próximo da entrada, de continuidade e separação por um mesmo pórtico (colunas e arco).

No **primeiro espaço** encontram-se a maior parte das **mesas**. Três filas de mesas, pequenas e quadrangulares, dispõem-se aqui, paralelamente entre si e perpendicularmente à fachada. Duas filas seguem próximas às paredes laterais, às quais se incrustam sofás contínuos, em cabedal negro, e que servem de assento de um dos lados das mesas. A fila restante dispõe-se ao centro, longitudinalmente.

As **mesas** integram-se na estética do espaço, com base em madeira trabalhada e tampos em mármore branco.

Do tecto pendem grandes lustres. Numa fila central, no sentido longitudinal, dispõem-se três grandes candeeiros rebuscados, e noutras duas filas, ao longo das paredes laterais, outros três candeeiros menores se dispõem em cada.

A **partir do segundo espaço**, a forma da planta, rectangular e regular do espaço anterior, vem a sofrer uma ligeira alteração. Uma ampliação espacial surge do lado direito (em relação à entrada) após o arco que divide os dois espaços, o primeiro e o segundo. Em profundidade, este espaço corresponde a um terço do espaço anterior. Aqui, acostado ao lado direito, situa-se um pequeno balcão, que dentro da amplitude espacial passa quase despercebido. O seu lado exterior está alinhado pela parede



49

lateral direita do espaço anterior. No lado esquerdo encontra-se um piano, e segue, junto à parede, a mesma lógica de assentos estofados e uma fila de mesas, tal como no espaço anterior.

O **terceiro** e último espaço é semelhante, nas dimensões, ao segundo, tanto em profundidade como em largura (com a reentrância do lado direito). O balcão termina dobrando em L, onde começa o terceiro espaço. O lado esquerdo segue a lógica dos dois espaços anteriores, e o direito concede ainda a passagem para um novo espaço, exterior, onde se localiza uma esplanada.

A linguagem decorativa é a da Arte Nova, do Porto dos anos 20 – período da “Belle Époque”. Apesar de nesta altura já se começarem a sentir as influências de um racionalismo moderno nas artes e na arquitectura, o Majestic foi ainda concebido ao gosto do “fin de siècle” (Ferreira Mendes, 2012).

Todo o espaço mantém actualmente os traços originais, conservados após o restauro na década de 90.

O **pavimento** reveste-se de pedra polida em tons negro e branco.

As **paredes** laterais, perpendiculares à rua e encerrando longitudinalmente o espaço, até a uma cota de cerca de 1,20m forram-se de sofás, contínuos, em cabedal negro e sobre o qual estão gravados motivos vegetalistas. Estes planos verticais são ainda, cada um, subdivididos por duas colunas encastradas que, de certa forma cortam também a continuidade dos assentos estofados. Os três planos resultantes desta subdivisão, acima dos assentos, são revestidos por três painéis de espelhos (correspondentes a cada plano) emoldurados por madeira ornada e quase em continuidade entre si, interrompidos apenas pelas pilstras. Entre os painéis de espelhos e o tecto há uma distância equivalente à que se encontra entre o chão e o limite superior dos assentos (1,20m) e que permanece apenas rebocada. As **pilstras, de madeira**, compõem-se por uma base esculpida e terminam, cada uma, com altos relevos de duas figuras infantis, dispostas lado a lado, encimadas por mascarões.

O tecto trabalha-se com frisos de formas geométricas e motivos vegetalistas e orgânicos. Predominam aqui os tons salmão, branco e ouro.

O **balcão**, de linhas simples e discreto, como que pretendesse ser invisível/imper-



ceptível, é um elemento recente.

No geral, este espaço é bastante requintado e de grande riqueza visual pela cuidada ornamentação. A iluminação é amena, o que torna o espaço agradável e acolhedor, apesar do seu pé-direito muito alto.

### Relação com o exterior.

Apesar dos grandes envidraçados da entrada e de possuir uma esplanada no exterior, o espaço apresenta algum fechamento em relação à rua. Por um lado, este alheamento ao exterior deve-se por o espaço se estender perpendicularmente à rua, contrariamente a esta, e pela disposição das suas mesas no interior, no mesmo sentido. Por outro lado, a grande abertura envidraçada da fachada é emoldurada por pesadas caixilharias de madeira, retalhando as vidraças através de um rectilado que forma filtros visuais. O espaço volta-se assim para dentro, afastando-se do contexto exterior, do qual se autonomiza, existindo independentemente deste, e solicitando para si toda a atribuição de importância.

### Do ambiente humanizado:

O serviço é feito às mesas exclusivamente. Três empregados dedicam-se a funções específicas. Junto à entrada, no interior, permanece um empregado com a função de abrir a porta aos clientes. Veste fato e gravata. Pergunta-nos se queremos jantar. “Não. Queremos só café”, e por isso podemos dispor das mesas que não têm toalha.

A interacção dos empregados com os clientes não é próxima. Contudo há uma ritualização/formalidade nos modos de atendimento.

A clientela é em grande parte composta por turistas e/ou utilizadores de idades mais avançadas, apesar de se observar alguma diversidade.

Nas mesas reservadas ao jantar estão duas mulheres de meia-idade que terminam a sobremesa e bebem vinho de copos largos. Numa outra mesa senta-se um casal de turistas a quem é entregue o menu. Nas mesas reservadas ao serviço de cafetaria (no lado em que nos encontramos) dois grupos distintos de turistas tomam café e tiram fotografias – um de duas jovens que falam inglês e um outro, de seis pessoas, mais velhas, também estrangeiras.

Numa tarde de um outro dia (por volta das 17.30h) o espaço encontrar-se-ia lotado de gente, e grande parte da clientela mantinha-se composta de turistas.



# LEITARIA DA QUINTA DO PAÇO

**LOCALIZAÇÃO:** Praça Guilherme Gomes Fernandes

**HORÁRIO:** dia/dia

**FUNDAÇÃO:** 1920 (data da fundação da leitaria, que se localizava noutro ponto da cidade).

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da Observação:** 19:00h - quinta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, pastelaria.

**INFO WEB:** <http://leitariaquintadopaco.pt/pt>

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, longitudinal, perpendicular à fachada. A entrada é feita do lado direito desta, totalmente envidraçada e depurada de caixilharia. Um **balcão** em U, alongado, surge pouco depois da entrada e estende-se até ao fundo, marcando o espaço. As **mesas** distribuem-se em dois momentos: num primeiro estão aglomeradas junto ao envidraçado da fachada – entre a entrada e o início do balcão, e depois ao longo da parede contrária a este, comprida, até ao fundo. O pé-direito é normal em relação à dimensão da planta.

A linguagem decorativa e as formas do invólucro são marcadas pela simplicidade. A maior complexidade encontra-se no tecto, que apresenta duas séries ritmadas de reentrâncias ao longo de cada uma das paredes longitudinais, que correspondem ao atravessamento de vigas transversais, surgindo de dois em dois metros. Ao centro, o tecto é rebaixado através de um plano falso, branco, liso e contínuo, pontualmente rasgado por linhas transversais onde se incrusta iluminação.

Os materiais são novos. O espaço sofreu uma remodelação contemporânea, ainda que mantenha, muito pontualmente, traços do tradicional, como as paredes de meação de pedra que se apresentam pontualmente visíveis.

Do lado contrário ao balcão, a parede reveste-se de painéis de aglomerado de madeira e cimento (viroc), sem tratamento, cinza. Acima de cerca de 1,50 m, uma faixa inteira e contínua, horizontal, com 50cm de altura, rasga o plano cinzento da parede estendendo-se por toda a sua extensão. Nesta faixa estão colocadas, em continuidade, fotografias a preto e branco referentes à leitaria da Quinta do Paço em tempos idos, iluminadas por dentro.

No lado do balcão, entre a entrada e este, a lógica do revestimento da parede é a mesma: em painéis viroc. No entanto, em vez da faixa de fotografias, à mesma altura, um negativo deixa ver a parede de meação de pedra. O balcão é alto e reveste-se de um ripado de madeira na vertical, pintado de branco. A faixa da parte dianteira da parede prolonga-se para a que se posiciona atrás do balcão, em continuidade, mas fecha-se aqui com um vidro fosco. No pano

de vidro da fachada está colado um grande vinil, com uma linha gráfica revivalista dos anos 20, estilizada, que anuncia, para o exterior, o nome do café. No lado de dentro, uma grande imagem com um *éclair* anuncia a especialidade da casa, seguida da expressão “The Oporto’s Café”.

As mesas identificam-se com o design contemporâneo, assim como as cadeiras, em madeira pintada de preto e com tampo em vidro fosco, no qual se imprime o mesmo logótipo do exterior da fachada.

A iluminação artificial, e em conjugação com a natural, é confortável, nem excessiva nem demasiado intimista.

## Relação com o exterior.

Apesar do grande envidraçado da fachada, sem caixilharias ou filtros visuais (apenas o vinil), apenas as mesas (poucas), que se encontram mais próximas desta, estabelecem uma relação mais franca com o exterior. As restantes, em corredor até ao fundo do espaço, permitem sobretudo o usufruto do espaço interno em que se encontram. Do exterior, a entrada é convidativa.

## Do ambiente humanizado:

O serviço é efectuado às mesas por um único empregado, que labora também por detrás do balcão. Os outros funcionários encontram-se na cozinha – um espaço encerrado em continuidade com o balcão, sem contacto visual com a área destinada aos clientes. A relação entre o empregado e os clientes é distante. Não há qualquer tipo de interconhecimento entre um e outros.

Os clientes ocupam quase todo o espaço que lhes é destinado – distribuem-se de igual modo, uniformemente e indiferencialmente por todo o espaço e pelas mesas, já que não há lugares sentados ao longo do balcão, nem se efectuam pedidos sobre este. No momento da observação quase todo o espaço está lotado. Ainda assim, as mesas menos preferenciais são as que se encontram internamente (afastadas do vidro).

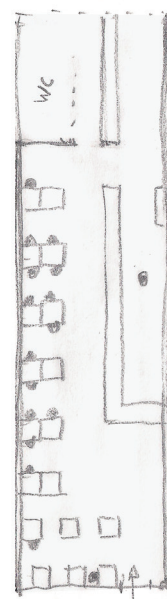
No exterior há uma esplanada que se encontra, contudo, neste momento, vazia, já que as condições meteorológicas não estão favoráveis à sua utilização. Nos dias mais amenos a sua frequência é bastante acentuada.

A par do consumo, as actividades prendem-se sobretudo com o convívio (aquando se agrupam os clientes, dois a dois ou em grupos ligeiramente maiores), e com a leitura do jornal (como o caso de um cliente isolado).

O café é frequentado por alguns jovens, muitos clientes na faixa etária dos trinta/quarenta anos, e ainda por alguns reformados, ainda que muito poucos. No geral são trabalhadores de diversas áreas, estudantes ou reformados.

O espaço é ainda preenchido por música ambiente, aleatória, pronunciada por uma frequência de rádio que passa *hits* comerciais do momento (*30-Seconds-to-Mars*, música brasileira...).

Apesar de o espaço se apresentar com uma linguagem contemporânea e apelativa, este não é contudo um espaço de carácter muito marcante – como se denota pelo seu público, generalista e variado, de referências culturais abrangentes e vagas.



28. LEITARIA DA QUINTA DO PAÇO



# GUARANY

**Localização:** Avenida dos Aliados

**Horário:** dia/dia

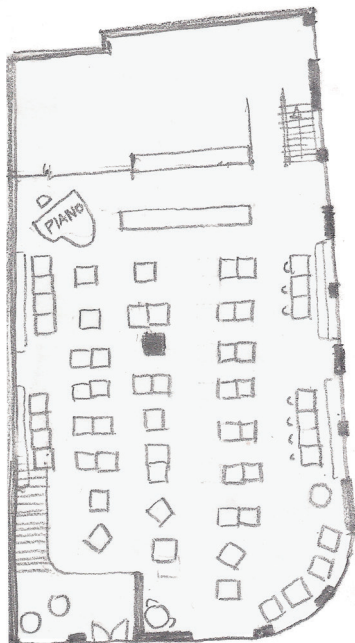
**Fundação:** 1933

**Funcionamento privilegiado:** tarde/jantar

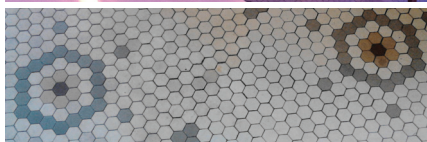
**Tempo da observação:** 18:00h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, restaurante.

**Info web:** <http://www.cafeguarany.com/pt/>



33. GUARANY



## Da materialidade espacial:

Espaço amplo de planta ligeiramente rectangular. Situa-se no gaveto entre a Avenida dos Aliados (para a qual se volta o lado menor) e o princípio da Rua de Ceuta. A entrada é feita pelo lado menor, face aos Aliados, através de duas portas abertas. As aberturas marcam toda a fachada, de modo ritmado, de ambos os lados. Do lado dos Aliados, as aberturas coincidem com a cota da rua, o que proporciona a passagem entre o interior e o exterior, enquanto do outro a altura das janelas diminui progressivamente, acompanhando o declive ascendente da rua de Ceuta, de duas em duas janelas. As caixilharias são de ferro, elegantes, pintadas a preto.

As superfícies interiores revestem-se maioritariamente de mármore polido, em tom bege. Uma destas superfícies apresenta duas grandes pinturas que representam “Os senhores da Amazônia”, de Graça Moraes, que ocupam dois quartos desta parede dividida em quatro, por subtilezas pilas-tras. Espelhos rectangulares agrupados em painéis revestem as restantes porções. O pavimento é em mosaico hidráulico, com padrão de pequenos hexágonos brancos, cinza, ocre e bordeaux.

O pé-direito é alto mas equilibra-se com a amplitude do espaço. O próprio espaço caracteriza-se por isso: pela amplitude, abertura, luminosidade natural, leveza, confortabilidade. No tecto salientam-se as vigas, cruzadas, formando reentrâncias quadradas em que se colocam lâmpadas de halógeno de luz amena. Um pilar central, quadrangular, reveste-se de espelhos e torna-se invisível no espaço.

Contrariamente à entrada posiciona-se o balcão, pouco proeminente - passa até despercebido no espaço e não se destina a ser usado. Todo o serviço é feito às mesas. Reveste-se de painéis madeira e tampo de mármore. Atrás deste está embutido um armário de linhas simples e com espelhos no fundo, no qual se expõem bebidas alcoólicas. Perto encontra-se um piano negro, que terá uso nas noites de espectáculos musicais promovidas pelo estabelecimento, e ainda uma tela em que se projecta um filme (sem som) com imagens de Portugal. A restante superfície por detrás do balcão é semelhante à lateral, encerrada, de mármore e espelhos, que contribuem para um ambiente iluminado, limpo, clássico e requintado.

As **mesas** estão distribuídas por todo o interior do espaço, de modo regrado. São muitas, quadradas e pequenas, com tampo de mármore e de base trabalhada de madeira e inox. As cadeiras são pequenas, de madeira envernizada. Algumas mesas estão arranjadas para refeições, não seguindo uma regra estrita na posição no espaço, ainda que as que se destinem à toma exclusiva de café se coloquem principalmente junto à entrada.

## Relação com o exterior.

A relação visual com o exterior é forte. Quase de modo contínuo o mundo exterior entra para dentro, ainda que filtrado de um modo especial pelo café. É um exterior que existe pelo Guarany, absorvido de um modo especial por este e experimentado no seu interior na particularidade que este torna possível.

## Do ambiente humanizado:

O atendimento é feito exclusivamente às mesas por empregados formalmente vestidos que servem de bandeja. Um funcionário permanece junto à entrada e dedica-se exclusivamente a indicar os lugares aos clientes que chegam. Estes são tratados de modo bastante cordial mas ao mesmo tempo distante, estritamente profissional, por quaisquer dos funcionários. Atrás do balcão encontra-se uma empregada, jovem, de camisa e gravata, que prepara as bebidas. Todos os empregados são jovens e de aparência cuidada.

As trocas culturais prendem-se com o convívio/conversa, exposições de arte, projecções de filmes e concertos realizados periodicamente – as noites de fado e de música cubana.

Os clientes dispõem-se sobretudo nas mesas periféricas, junto às janelas próximas da fachada. Alguns são turistas – casais e grupos grandes (de idades média/envelhecida) – que jantam cedo ou degustam vinho branco. Um grupo grande de mulheres reformadas junta-se perto das janelas da rua de Ceuta, tomando chá sobre uma mesa repleta de bules, enquanto um senhor solitário, também de alguma idade, toma um café numa mesa junto ao pilar espelhado. Alguns dos frequentadores pertencerão a grupos economicamente favorecidos, a avaliar pelo preço do estabelecimento.



# ÂNCORA D'OURO (PIOLHO)

**Localização:** Praça de Parada Leitão

**Horário:** dia/noite

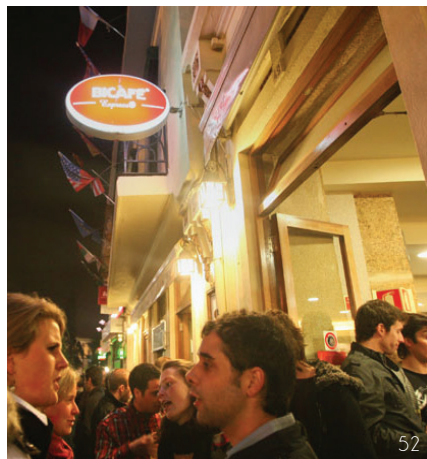
**Fundação:** 1909

**Funcionamento privilegiado:** tarde/noite

**Tempo da observação:** 18:00h – quinta-feira / 00:30h – quinta-feira.

**Tipo de serviço:** grande versatilidade – cafeteria, snack-bar, cervejaria e bar (dependendo da hora e da procura variada dos clientes).

**Info web:** <http://www.cafepiolho.com/>



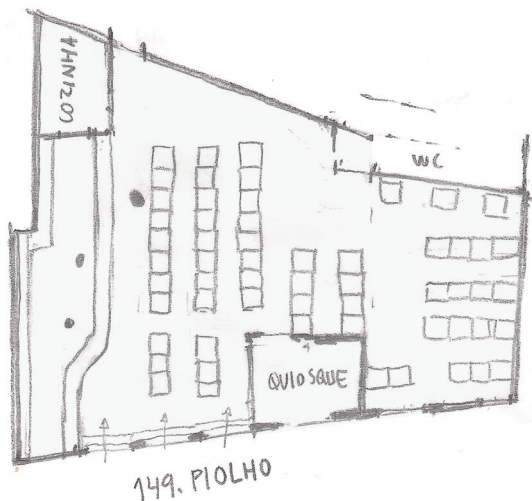
Ao fundo, onde o balcão termina, surge um espaço encerrado correspondente à cozinha, com duas janelas passa-pratos. Este volume, que rouba espaço à zona do balcão, é revestido por granito polido, igual ao do pavimento, mas que ali mal se vê pela quantidade de quadros de ementas, papéis com avisos e placas honoríficas que pendem nele. Estes elementos - inscrições alusivas à vida estudantil universitária - estão espalhados um pouco por todas as paredes do café. Nestas placas pode ler-se: "Há 25 anos a cumprir as utopias e os ideais de Abel Salazar. Corino de Andrade e Nuno Grande. CURSO DE MEDICINA. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da U.P., Hospital Geral de Santo António. 1980-1986". "Louvor a Ciências. Ó Ciências! Ó Ciências! Eu nunca te esquecerei. Cantando na Cientuna, sempre te recordarei. Dos quinze anos que passaram / Desde o dia em que nasci / Ficam no Piolho gravadas / As histórias que vivi. Novembro 2006, Tuna feminina de Ciências do Porto".

A entrada para as casas-de-banho é controlada por um separador em madeira com forma de proa de barco e ao qual se prende uma âncora dourada (a Âncora d'Ouro).

O pé-direito é relativamente baixo em relação à grande dimensão planimétrica.

No tecto, branco e liso, percebe-se a subdivisão entre o espaço maior e o espaço menor, mais recatado. Há sobre cada um destes espaços uma reentrância no tecto, mais ou menos com a mesma forma destes, e que por sua vez possuem reentrâncias laterais em que estão embutidas, e invisíveis, lâmpadas fluorescentes de luz amarelada que iluminam indirectamente o espaço. Apenas no espaço maior e sobre o balcão se incrustam lâmpadas de luz branca – poucas – por isso a iluminação artificial geral resulta muito amena, acolhedora, quente. Do tecto pende uma ventoinha velha e dourada.

A toda a volta do espaço, as paredes revestem-se, até aos 1,20 metros de altura, de um mármore branco/beije bastante polido e brilhante. Acima, uma faixa de 5 cm em pedra negra polida faz o remate. Sobre isto e com uma altura de cerca de 1 metro, corre uma fila de espelhos, que conferem ao espaço uma maior amplitude, e alguma confusão na sua leitura: ao se reflectirem uns sobre os outros, em vários planos, perde-se a noção do invólucro espacial. Os seus limites resultam pouco definidos, e juntamente com outros elementos presen-



## Da materialidade espacial:

Espaço de planta mais ou menos centrada, de grande dimensão.

A fachada apresenta um comprimento considerável e é trespassada por uma série de seis aberturas com caixilharia de madeira. O acesso ao interior é feito pelas três aberturas mais à esquerda na fachada, onde coincide a cota da praça com a cota do estabelecimento. A quarta, à direita das da entrada, corresponde à janela do pequeno quiosque que se encontra no interior, e cobre-se de revistas e jornais.

Perpendicularmente à rua, e logo à esquerda da entrada, um longo balcão vai estender-se até ao fundo. No lado contrário a este elemento surge uma área ligeiramente distinta do espaço geral, mais recatada e mais reduzida na sua dimensão planimétrica, apertada pela presença do volume que encerra as casas de banho, e pelo quiosque, junto à fachada, em madeira igual à da caixilharia, e que se abre para dentro do café

mostrando jornais, revistas e tabaco. Este espaço encontra-se ligeiramente enterrado - a cota desta área está mais baixa que a da rua, o que contribui para o seu maior recolhimento.

O balcão, um pouco alto, reveste-se de granito polido, na porção próxima à fachada e, depois de cerca de 4 metros, em contraplacado forrado de folha de madeira escura, até ao fundo. O tampo é todo ele contínuo e em granito.

No centro do espaço situa-se uma coluna grossa revestida com um relevo floral metalizado e dourado, e com um capitel peculiar – um cruzamento de volumes (paralelepípedos) aos quais se sobrepõem pedaços de capitais de ordens clássicas, e aos quais se juntam ainda focos de luz circulares.

Por detrás do balcão, encontram-se duas séries de máquinas de cerveja de pressão e uma confusão de elementos – produtos de café, prateleiras com copos de vidro de formatos diversos, cartazes com imagens de bebidas alcoólicas e gelados.



tes aqui, o espaço parece tornar-se bastante irregular. Além deste efeito, multiplica ainda as pessoas presentes, que, já sendo muitas, passam a ser ainda mais para lá dos planos das paredes.

Algumas estantes, já antigas, de madeira, com vitrina, ora se vão embutindo nas paredes, ora se encostam nelas, formando também confusão e irregularidade visual.

A linguagem resultante é, no geral, um pouco austera, sem grandes ornamentações, exceptuando-se a pontual coluna dourada de motivos vegetalistas. Nota-se a passagem do tempo - o espaço foi sendo gasto pelo uso exaustivo ao longo dos anos em que este café tem funcionado, em que foi e tem sido vivido.

Não é, contudo, o invólucro nem os seus revestimentos frios que marcam o ambiente deste espaço. Este é muito mais caracterizado pela grande quantidade de mesas de madeira que estão presentes, e além delas, pelas pessoas que as povoam e que se multiplicam pelos espelhos. Visualmente, é isto que se impõe, quando se observa o espaço interno do Piolho.

Em madeira escura, quadradas e retangulares, as mesas têm já alguma idade, assim como as cadeiras, do mesmo material e com um assento forrado a cabedal castanho e gasto, preso com tachas metálicas. Estes móveis estão gastos de tanto servirem, mas no entanto permanecem robustos e parece que ainda vão servir por muito tempo. As mesas estão riscadas, arranhadas e inscritas com nomes, desenhos, designações de faculdades e dizeres sem sentido. A sua disposição é, além disto, muito peculiar: não se encontram espalhadas isoladamente, tentam antes, o máximo possível, agruparem-se em linhas, umas maiores (de cerca de dez mesas) e outras, no espaço mais recatado, em mais pequenas (de duas ou três).

#### **Relação com o exterior.**

Na zona maior há uma grande relação entre interior e exterior. As três portas permanecem abertas e há um grande movimento entre fora e dentro, sobretudo à noite, em que há uma grande afluência ao balcão, enquanto todas as mesas estão completamente lotadas, resultando em pedido de bebidas e consumo no exterior. No espaço recatado, a relação é menor. Apesar das janelas não se presta muita atenção ao mundo da rua, até porque estas não são de grande dimensão e encontram-se acima do

nível dos ocupantes.

Para quem está nas mesas mais centrais, também o exterior acaba por passar despercebido ao dar-se importância e atenção ao convívio que se efectua aqui, entre quem está dentro, atentando-se ao que se passa dentro, e com quem se está dentro.

#### **Do ambiente humanizado:**

Durante a tarde predomina o serviço às mesas, feito por dois empregados vestidos formalmente de camisa branca e colete preto. Algum serviço faz-se também ao balcão, por detrás do qual se encontram outros dois funcionários, também fardados, juntamente com um outro vestido informalmente que será o patrão. À noite, hora de grande afluência de público, o serviço faz-se principalmente ao balcão, ainda que as mesas estejam quase sempre sobrelotadas.

Os funcionários para com os clientes mantêm uma relação maioritariamente profissional. Pontualmente surgem alguns clientes mais conhecidos do pessoal da casa mas, de um modo geral, a relação é muito impessoal e distante, resultante da grande afluência e variabilidade de público.

Da peculiar disposição e agrupamento de mesas resulta um uso e apropriação também próprios: os frequentadores usam-nas como numa cantina - grupos diferentes e desconhecidos podem acabar por se sentarem juntos, numa mesma fila, o que aumenta as probabilidades de interacção entre os clientes, possibilidades de inter-conhecimento e encontros aleatórios.

Este espaço, acima do consumo, frequenta-se pelo convívio. Há duas televisões na parede que passam, sem som, programas de entretenimento e são completamente ignoradas. Durante a tarde há ainda quem venha, isoladamente, ler - livros e jornais (uma senhora idosa e um senhor também de idade dedicam-se à leitura), quem trabalhe ao computador (um jovem adulto), ou quem converse tranquilamente enquanto lancha. Mas mais que tudo, e principalmente no horário nocturno, o público frequenta o Piolho principalmente pelo convívio/diversão, que se faz acompanhar de cerveja e outras bebidas que ajudam ao ânimo. Não há música. As interacções são acesas e o barulho que delas provém é intenso e é ele que marca o ambiente sonoro e visual do espaço.

Dependendo das horas, as concentrações de frequentadores acontecem de mo-

dos ligeiramente distintos. Durante a tarde estes distribuem-se pelas mesas internas, um pouco por todo o lado, em grupos pequenos, de duas/três pessoas. Os que vêm desacompanhados escolhem sobretudo o espaço mais recatado.

À noite o público multiplica-se e escoar por todas as partes - pelo balcão, pelas mesas, e pelo exterior contíguo à entrada, ou mesmo mais afastado dela. No interior as mesas ficam completamente lotadas. Dispostas em filas, vão-se ocupando por vários grupos, distintos e sem afinidades à partida, que pela proximidade provocada pela disposição desses elementos móveis, acabam por interagir entre si. A disposição das mesas deste modo, e o facto de a interioridade do espaço se voltar para dentro, são factores indutores e impulsionadores de interacção.

Ao balcão, faz-se fila para pedir. Uma barreira humana invisibiliza o espaço que está por detrás. Esta disposição prolongada "forçosamente" ao balcão é também impulsionadora de interacções entre os frequentadores. A rua, junto à porta ou mais longe, é também espaço privilegiado de permanência e de convívio - uma extensão do espaço interior onde já não cabe mais ninguém, e que lhe pertence de certo modo. Pode inclusivamente dizer-se que se vai ao Piolho e não se passar sequer das portas para dentro. Nesta extensão externa do café encontra-se ainda uma esplanada coberta, onde a afluência e os modos de permanência são semelhantes.

Os públicos variam, mas são maioritariamente os jovens, ou jovens adultos (sobretudo à noite) que caracterizam o ambiente humano do café. Durante a tarde há uma maior versatilidade: um homem meia-idade senta-se sozinho a uma mesa do canto do espaço mais recatado, enquanto noutra mesa conversam duas jovens estudantes trajadas. Noutra fila de mesas, um grupo de meia dúzia de espanhóis (jovens) bebem caipirinhas. Um homem lê livros enquanto espera um jovem que se vem a juntar a ele. Noutros pontos, um grupo de dois casais jovens de espanhóis, uma senhora de idade que lê o jornal, duas raparigas que bebem cerveja e conversam, e um casal de meia-idade que lancha calmamente.

Encontra-se aqui um público de vários níveis culturais, mais populares ou eruditos, de várias idades e ocupações. Estudantes e professores, turistas, jovens e idosos coabitam no Piolho no horário da tarde.



# ITAIPU

**Localização:** Praça Guilherme Gomes Fernandes / Rua Galeria de Paris

**Horário:** dia/noite

**Funcionamento privilegiado:** manhã / tarde / noite (sobretudo ao fim de semana)

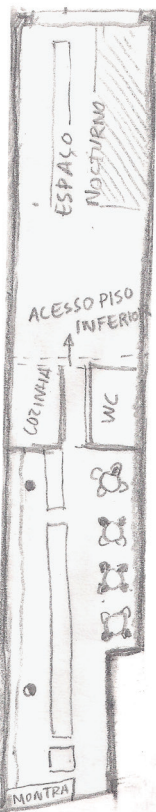
**Tempo da observação:** 18:30h – Quarta-feira / 00:30h – sexta-feira

**Tipo de serviço:** Pastelaria/Confeitaria/ Bar (à noite, para a Rua Galerias de Paris)

**Info web:** <https://www.facebook.com/pastelaria.itaipunoporto>



RUA GALERIAS  
PARIS



114. ITAIPU

## Da observação durante a tarde num dia útil, no espaço de funcionamento diurno – Praça Guilherme Gomes Fernandes:

“Todas as sextas e sábados à noite estamos abertos na Rua Galerias de Paris com a nova imagem, conforto, serviço diferenciado e com os nossos produtos de fabrico próprio!”

“Há 20 anos que a ITAIPU está no Porto, fabricando produtos de qualidade aos seus clientes.”

“A noite das caipirinhas de maracujá, abacaxi, kiwi, morango e outras frutas à escolha, são as nossas especialidades.” – lê-se no ecrã que vai passando informação sobre o estabelecimento.

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, perpendicular à rua.

A entrada é feita pelo lado direito da fachada (envidraçada, com montra de produtos).

Um **balcão** em vidro corre do lado esquerdo até à outra extremidade do espaço, e apresenta, em dois andares, os produtos de pastelaria que vende, visualmente apelativos.

No princípio do espaço, entre o balcão e a parede lateral direita forma-se um corredor muito estreito pela presença de uma caixa de escadas de acesso às habitações no mesmo prédio. Mais ou menos a meio, a área ganha uma maior amplitude através de um alargamento para a direita em que se localizam quatro mesas circulares. Por detrás da caixa de escadas uma porta cinza que dá acesso a um pequeno espaço de arrumos, e na parede do fundo, contrária à fachada, uma abertura dá acesso às casas-de-banho e a uma porta com escadas para um piso inferior.

Por detrás do balcão estão as máquinas de preparação dos produtos e lava-loiças, e a parede reveste-se de placas de pedra calcária polida, à qual se prendem prateleiras de vidro onde se expõem outros produtos.

O pé-direito é normal, nem alto nem baixo, e o tecto branco e simples, apenas com um rebaixamento sobre a área do balcão.

A iluminação é feita com lâmpadas circulares embutidas no tecto que iluminam bem o espaço mas de modo confortável. O pavimento é revestido a placas quadrangulares de granito polido, que reveste igual-

mente as paredes até 1,20 de altura. Acima deste lambrim a parede é rebocada e pintada de amarelo/ocre muito claro. O invólucro do espaço pretende ser o mais subtil e discreto possível, não sendo apelativo pela sua imagem. Todo o protagonismo pertence aqui aos produtos multicolores expostos no balcão/montra de vidro.

## Relação com o exterior.

Há uma forte relação entre o interior e o exterior (porta permanentemente aberta) sobretudo para quem vem fazer consumo rápido ao balcão. Atrás, esta relação não se estabelece, até porque o contacto visual é interceptado pelo volume da caixa de escadas.

## Do ambiente humanizado:

O atendimento tanto é feito ao balcão, sobretudo na parte da frente e para fora, como também se efectua o serviço às mesas. Uma empregada dedica-se a esta tarefa enquanto, atrás do balcão, uma outra empregada e um senhor com alguma idade - o patrão - preparam os produtos de consumo e atendem alguns dos clientes.

Os funcionários relacionam-se com os clientes de modo atencioso mas estritamente profissional.

A preocupação principal aqui envolve-se com o consumo, que se faz, por vezes, acompanhar de algum convívio (quando os frequentadores vêm em grupos, ainda que de poucas pessoas - de dois e três elementos).

## Espaço de funcionamento nocturno - rua Galerias de Paris:

A Pastelaria Itaipu possui um segundo espaço, de funcionamento nocturno, num piso inferior que se abre para a rua Galeria de Paris. Aqui, o serviço e os produtos, a linguagem espacial e o ambiente humanizado são distintos do espaço anteriormente descrito. Este é de área reduzida e ocupa uma planta em L. Ouve-se música latina e brasileira, ritmada. São os jovens que se apropriam do espaço e se distribuem pelo balcão, no exterior junto à fachada e num espaço mais recuado em que se encontram mesas (poucas pela dimensão reduzida do espaço). O ambiente é animado com conversas exaltadas, acompanhadas de alguma dança ao som de música. Bebem-se caipirinhas de várias frutas – frutas do dia, da Pastelaria Itaipu.

# GALERIAS DE PARIS

**Localização:** Rua Galerias de Paris

**Horário:** dia/noite

**Funcionamento privilegiado:** tarde/noite

**Tempo da observação:** 00:00h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** bar (e restaurante).

**Info web:**

[www.facebook.com/restaurantegaleriadeparis](http://www.facebook.com/restaurantegaleriadeparis)



## Da materialidade espacial:

Espaço de planta quadrangular, regular e de média dimensão.

A fachada, larga, está enquadrada na linguagem de todo o edificado da rua, onde funcionaram, em tempos, armazéns de tecidos. É composta por grandes enviaçados, que equivalem quase totalmente à altura do pé-direito interior, alto, e com caixilharia pesada de ferro, pintada de castanho caramelo. Por cima da caixilharia, simplificada no interior e trabalhada por fora com motivos vegetalistas, encontra-se uma caixa de estores em tom verde-escuro, que são comuns a toda a rua, guardando os estabelecimentos nos tempos de encerramento.

A entrada é feita mais ou menos a meio da fachada. Um vestíbulo em madeira trabalhada e vidro fosco texturado, sobrepõe-se no espaço interior e faz a transição entre a rua e o café.

Defronte da entrada, paralelo à rua, situa-se um **grande balcão** que ocupa toda a extensão deste lado do café. De madeira trabalhada com motivos geométricos (rectângulos verticais e horizontais) é ligeiramente mais baixo que os comuns aos estabelecimentos de cafés.

Do lado esquerdo, encontra-se um **outro balcão**, menos proeminente e ainda mais baixo, e formalmente mais simplificado. No interior do espaço, e em consonância com a sua configuração, erguem-se quatro colunas elegantes de ferro, com funções estruturais, e esteticamente cuidadas: com uma base trabalhada de forma subtil, um fuste pintado a cor de salmão, e acabando num capitel em forma de palmeira, da cor do ferro e em dourado.

O interior é preenchido com **mesas quadrangulares** pequenas, por vezes agrupadas duas a duas, e discretas, não tendo grande protagonismo no espaço (tampas em mármore branco/cinza, subtil, e bases de ferro). O protagonismo pertence antes aos planos verticais que conformam o espaço. Estas paredes (por detrás dos dois balcões) estão forradas com grandes armários em madeira de grande altura (correspondente quase à totalidade da altura da parede), com estantes encerradas por vidro. A maior parte da iluminação, ténue, encontra-se nestas estantes, para além de dois minúsculos e insignificantes candelabros pendentes do tecto, ao centro. Os escaparates estão repletos de objectos de vários feitios, cores e utilidades. O tema comum com que se prendem é o *vintage* e as antiguidades – telefones antigos, bonecas de porcelana, miniaturas de carrinhos, autocarros e camiões, robots de brincar, balanças tradicionais, estatuetas de músicos de jazz, rádios antigos, frascos e garrafas de vidro, réplicas de barcos à vela, caixinhas de biscoitos de alumínio, máquinas de costura, aquecedores, cartazes publicitários, acordeões.

A luz, à noite (tempo privilegiado), é muito ténue, permanecendo o espaço quase às escuras, e os elementos ecléticos que preenchem as grandes estantes sobressaem.

Na parede esquerda está ainda pendurada a carroçaria de um carro (Volkswagen Carocha). Ao lado deste uma porta alta que abre em duas folhas dá acesso a uma área privada.

Na parede restante, a da direita, está também uma estante, menos importante, não iluminada e mais pequena, com o mesmo tipo de objectos. Abaixo desta encosta-se um banco contínuo de madeira, ao qual se encostam três grupos de duas mesas. No canto situado entre esta parede e a do balcão principal, há uma abertura que dá acesso a umas escadas que levam às casas de banho, no piso inferior.

O pavimento permanece inalterado desde a origem – em tábuas toscas, irregulares e gastas, e colocadas de modo pouco preciso.

## Relação com o exterior:

O interior e o exterior mantêm uma relação dual. Por um lado, ambos os espaços são segregados um do outro pelo filtro na entrada - o vestíbulo. Por outro, em dias de afluência, há sempre um movimento contínuo de gente entre o café e a rua.

Apesar disto, os mundos distintos não se fundem: o exterior não se liga ao interior e vice-versa. Estando-se num espaço, não se participa do outro, apesar da pendularidade constante.

## Do ambiente humanizado:

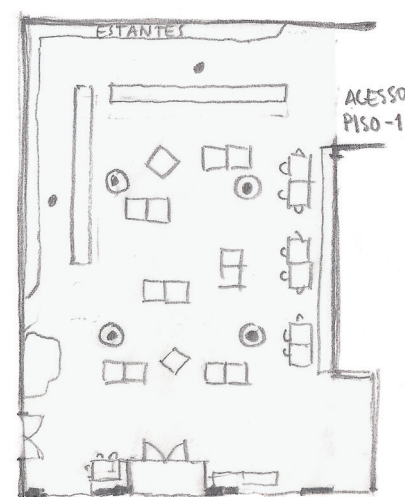
O atendimento é feito exclusivamente ao balcão (no horário em que o estabelecimento funciona como bar, pois este é também, noutras horas, restaurante). As relações dos empregados (jovens raparigas) com os clientes não é próxima, é estritamente profissional.

O ambiente geral resulta do convívio tranquilo entre os grupos frequentadores e de música ambiente (num nível não muito elevado, permitindo mais facilmente as conversas) e ligada a géneros correntes e temas conhecidos (como êxitos dos Queen, por exemplo).

Os utilizadores distribuem-se um pouco por todas as mesas, contudo, está permanentemente lotada a área de mesas que se encosta ao banco contínuo, junto à parede do lado direito.

No tempo de observação, noite de quarta-feira, o espaço não está completamente lotado apesar de ter, ainda assim, bastante afluência, sobretudo na hora de um espectáculo de artes circenses que teve aqui lugar: um *Cat Show*.

Os clientes vêm agrupados (casais ou grupos maiores - seis a dez pessoas). Não há quem venha desacompanhado. As conversas, descontraídas, possibilitadas em parte pela música ligeira, acompanham o consumo que sobretudo jovens, trabalhadores ou estudantes, aqui realizam.



151. GALERIAS DE PARIS



# CANDELABRO

**Localização:** Rua da Conceição, Rua da Picaria

**Horário:** dia/noite

**Fundação:** 2009

**Funcionamento privilegiado:** tarde, noite

**Tempo da observação:** 18:30h e 23:30h – 5ª feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, bar.

**Info web:** <http://cafecandelabro.blogspot.pt/>



## Da materialidade espacial:

Espaço de planta quadrangular, muito regular, de dimensão reduzida.

Situa-se num gaveto, com um dos lados voltados para a Rua da Picaria, e outro, por onde se faz a entrada, para a Rua da Conceição.

Ambas as fachadas são rasgadas por amplas janelas, que vão desde o chão até ao tecto. No lado voltado para a Rua da Picaria, em que se forma um pequeno largo pelo recuo do edifica-



do em que se encontra o café, são três as aberturas, iguais, intercaladas pela pedra que sustém a fachada do edifício. A caixilharia é feita em ferro, com um gradeamento em grelha aos quadrados. No interior, ao lado de cada uma destas janelas, situam-se mesas pequenas, quadradas, com duas cadeiras cada, paralelas à abertura. No lado da entrada, toda a fachada é rasgada, não sendo intercalada pelas pedras de sustentação.

Aqui, a **entrada** é descentrada e ladeada por dois mostruários de larguras diferentes, em madeira pintada de cinza escuro e encimados por vitrais, de vidro artesanal, fosco e amarelo.

Ao lado direito de quem entra, ligeiramente recuado do alinhamento da porta, está o **balcão**, alto e revestido de tábuas largas de madeira ao alto e ao qual se encostam quatro bancos altos, em madeira e almofada verde-escura. Na parede por detrás deste, acima das máquinas de preparação de bebidas e comidas ligeiras, estão três prateleiras de madeira com exposição de vinhos e outras bebidas alcoólicas.

O **balcão** é paralelo à fachada voltada para o largo, e ocupa quase todo este lado contrário, não chegando, contudo, ao fundo. Pouco antes deixa livre um espaço de passagem para a zona das casas-de-banho, separando-se desta por um móvel alto, castanho-escuro, que não chega ao tecto. O **pé-direito** é alto, em relação à reduzida dimensão do espaço.

A parede contrária, defronte da entrada, contém uma estante posicionada acima da altura da vista e forra-a até ao tecto, em cinza escuro e com portas em vidro, e à qual se prende um alto escadote. Ambas as paredes, contrárias às fachadas são pintadas de cinza-escuro.

Sobre o balcão pendem três grandes candeeiros em cone, de chapa metálica e pintados de cinza-escuro. Sobre a pedra que entremeia os janelões da fachada voltada para o largo, encostam-se estantes e vitrinas da mesma largura dos pilares, posicionadas a uma cota alta. Abaixo, pequenas mesas estão colocadas também à medida. O interior do espaço é preenchido por três mesas quadradas, entre as janelas e o balcão, em fila paralela. Ao fundo, contrariamente à entrada, três mesas se encostam à parede. Estes elementos – **mesas e cadeiras** – seguem a linguagem estética do espaço (tampões de madeira como o do balcão e base de ferro, cadeiras estofadas de cabedal branco) e encontram-se um pouco gastos. Parecem ser de segunda mão. As

mesas centrais recebem grupos maiores que as próximas das janelas (de mais que duas pessoas), assim como as do fundo.

O pavimento reveste-se de azulejos quadrados compostos num xadrez oblíquo de verde-escuro e branco. Na parte mais próxima do tecto, alto, um tubo largo, pintado a cinza escuro serve de conduta para extracção e renovação de ar (aqui pode-se fumar).

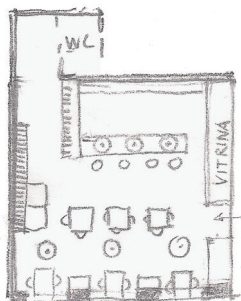
Nas vitrines e estantes que vão preenchendo o espaço, bem como nas da entrada, expõem-se sobretudo livros gastos, em segunda mão, antigos e em várias línguas (francês, português, inglês) e sobre os mais variados assuntos. É este o tema do Candelabro - literaturas e leituras alternativas direccionadas para o cinema e a música (exemplos: um livro com o Bruce Lee na capa, do seu tempo, intitulado de “KungFu – Karaté”, “Laurel et Hardy”, “Le Cinéma Russe et Soviétique”, “Manuel de Oliveira”, “Cinema Today”, etc). Há ainda alguns discos vinil por entre os livros.

O espaço e a linguagem apresentam-se bastante cuidados e seguem uma linha contemporânea racionalista – há uma unidade nos tons e materiais, sendo predominantes as cores cinza-escuro/negro e o cinza claro - que contrastam com os objectos literários antigos, gastos e multicolores. Este contraste parece acompanhar as tendências estéticas das subculturas jovens actuais, que fazem um culto tanto à modernidade como aos ecletismos e revivalismos (o *retro* e o *vintage*) e à cultura cultivada (não necessariamente incorporada nos indivíduos), procurando formular e responder a essas identidades.

Apesar de os tons predominantes serem escuros, pelas grandes aberturas o espaço durante o dia é bastante iluminado naturalmente (a luz artificial não está no momento a funcionar). Ao contrário, à noite, o espaço torna-se bastante escuro e intimista. A iluminação artificial é bastante ténue.

## Relação com o exterior.

A relação com o exterior é franca, mas dá-se apenas neste sentido: do interior para o exterior, funcionando o café como um observatório da rua. Mesmo as mesas interiores mais afastadas da fachada, pela proximidade gerada pela reduzida dimensão do espaço, têm grande contacto visual com o mundo externo. De fora a relação é diferente. O interior é dificilmente visível



142. CANDELABRO

e perceptível, e não é muito convidativa a entrada por se desconhecer à partida o que se passa dentro. No exterior encontra-se ainda uma pequena esplanada com algum uso.

#### Do ambiente humanizado:

Até às 22:00h o serviço é feito às mesas, depois desta hora a afluência de público aumenta e apenas há atendimento ao balcão. Durante a tarde apenas se encontra aqui um funcionário – jovem adulto, vestido de modo informal e seguindo as modas alternativas, ecléticas e revivalistas (veste uma *t-shirt* gasta e alusiva ao *heavy metal* de outros tempos, em que se imprime “Festival de metal de 1987”).

Alguns dos clientes são habituais e mantêm uma relação de proximidade com o funcionário. Os restantes são abordados de modo simpático e atencioso, mas não se verificam grandes interações.

Este é um local de trocas culturais acentuadas pelo convívio e discussão de ideias entre os utilizadores – os temas recorrentes são a cultura, as artes, a música, ou o empreendedorismo: um casal fala de um negócio que estão prestes a lançar, e uma rapariga encontra-se com grupo de pessoas mais velhas e fala-lhes sobre a vida cultural e de lazer do Porto, “mais desenvolvido a nível de cafés, bares, espaços de lazer, mas ainda não muito desenvolvido culturalmente”.

A música ambiente não passa despercebida e enquadra-se no ambiente cultural do espaço – ouve-se “Songs for Silverman” de Ben Folds, por exemplo, enquadrado num género indie-alternativo, bem como temas/êxitos de outros tempos, já esquecidos e que agora se tornam novamente de culto. Além de espaço de troca de ideias, é também, para alguns, espaço de trabalho, de estudo, de leitura ou de escrita (um jovem sentado a uma mesa repleta de livros e cadernos lê e escreve).

Os grupos maiores ocupam as mesas internas, enquanto os mais pequenos – dois a dois ou desacompanhados, preferem as que estão junto às janelas. Junto ao balcão concentram-se, ora de pé ora sentados nos bancos altos, os mais conhecidos do funcionário, e outros que entretanto vão chegando e não encontram lugar nas mesas. A partir das 19:00h o espaço tende a preencher-se cada vez mais. A esplanada também se preenche de gente. Consome-se vinho, cerveja ou gin tónico, ao fim da tarde.

## RADIO BAR

**Localização:** Rua de Ceuta

**Horário:** noite/noite

**Funcionamento privilegiado:** noite

**Tempo da observação:** 23:30h – quinta-feira / 1:00h – sábado

**Tipo de serviço:** bar

**Info web:** <http://radio167.blogspot.pt/>



57

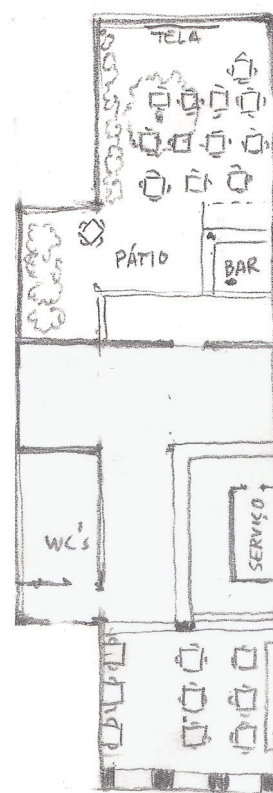
Espaço de planta rectangular, perpendicular à rua, de grandes dimensões.

Três portas altas, de caixilharia e portadas (abertas) de madeira pintada de negro, compõem a fachada de pedra. Este muro é espesso (mais de 1m de espessura), criando pequenas antecâmaras entre o exterior e o espaço interno, que se separa destas por duas folhas de vidro. A entrada é feita pela porta esquerda, cujas portas de vidro estão permanentemente abertas. Surge, em seguida, um primeiro espaço, quadrangular. Aqui, encostam-se mesas à parede esquerda, em continuidade com a entrada, e que se estende quase até ao fundo, intercalada a meio por uma abertura que dá acesso à área das casas-de-banho. Esta parede reveste-se, em todo o seu comprimento, de placas onduladas de fibrocimento (colocadas no sentido vertical).

À direita surge a área principal de mesas: duas filas de três, no sentido longitudinal – uma encostada à parede, deste lado revestida de discos de vinil (negros e com rótulos coloridos, agrupados cuidadosamente pelos tons), e ladeada de sofás forrados a cabedal, e uma outra ao centro, no qual se encontra também um pilar de ferro. Os elementos móveis, mesas, cadeiras e sofás são de linhas minimalistas e de tons branco, vermelho e negro.

O pé-direito é baixo em relação à dimensão do espaço. Do tecto pende um grande candeeiro de design contemporâneo, de forma triangular e em acrílico branco, iluminado por luz alaranjada, tenuemente. Junto à parede esquerda está a restante iluminação, através de uma série de focos de luz (laranja e vermelho) também muito débil. O pavimento é em cimento afagado.

Após o primeiro espaço, centrado, surge alinhado com a entrada um corredor de circulação que ladeia um longo **balcão** que se estende longitudinalmente a partir dali



164. RÁDIO BAR





58



59

e se dobra em ambos os topos. A separação entre o primeiro espaço e o circulatório é feita por dois arcos de pedra (originais do espaço), cujas extremidades que se unem pousam, a meio, numa coluna robusta, engolida pelo balcão. No outro extremo do corredor, e onde o balcão termina, o espaço volta a alargar-se para albergar uma pista de dança.

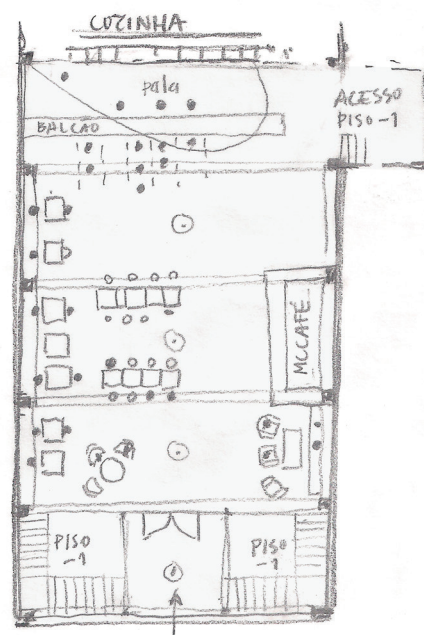
Na passagem de um espaço para o outro há um desnível ligeiro, compensado através de uma rampa curta de largura correspondente com o espaço entre a parede e o balcão. Este elemento é negro e ilumina-se, na sua superfície vertical, por uma linha horizontal de luz alaranjada. O seu topo voltado para o espaço dianteiro acaba por ser mais alto que o seu lado longitudinal, onde a cota do piso é mais elevada. Por detrás deste é saliente uma parede falsa, também negra, em que estão prateleiras que expõem bebidas alcoólicas, e atrás da qual se esconde uma área de serviço e armários. Sobre o balcão, um tecto falso de gesso cartonado perfurado (cinza) rebaixa-se do tecto geral escondendo condutas de ar. Dele pendem pequenos candeeiros esféricos, de iluminação ténue.

No espaço destinado à dança, traseiro, surgem colunas em inox e do tecto, que aqui se pinta de negro (é branco nos espaços anteriores) pende uma bola de espelhos. As paredes são aqui revestidas por um ripado vertical de madeiras coloridas

(verde, rosa, amarelo, azul, lilás). Uma passagem dá acesso a um espaço exterior – um grande jardim com esplanada onde, num dos tempos da observação, decorre uma mostra de cinema. Um documentário sobre música (“Cure for Pain – a história de Mark Sandman”, ex-vocalista dos Morphine) é projectado numa tela presa a um dos muros que conforma o pátio, e todos os frequentadores do bar se encontram na assistência, esvaziando o interior que se preenche apenas de música (de género semelhante à que se trata no documentário). No intervalo é sorteado um DVD alusivo ao tema. O público é jovem e conotado com uma cultura alternativa/erudita, ligada ao culto do cinema e da música.

Em noites de fim-de-semana, não são eventos culturais deste género que marcam o espaço e o ambiente. É antes uma grande afluência de gente, de ligações culturais mais díspares e envolventes. O espaço interior torna-se sobrelotado de jovens que pedem bebidas ao balcão, se sentam nas mesas dianteiras, ou se movimentam no espaço traseiro ao som da música que impera, então mais forte e menos calma, conotada com géneros derivados do rock (actual ou de outros tempos) e do indie.

A relação com o exterior é de movimento: há um constante vaivém de gentes que alternam a permanência na rua, também sobrelotada, com a passagem pelos vários espaços do interior.



73. MCDONALDS  
ex-IMPERIAL



“Mc Café – Expresso sem pressa”

“Capuccino e uma conversa à toa – Croissant e um assunto sério – Tartes, cupcakes, piadas e risadas – Uma revista e um expresso – Um livro e um chá Friends de Facebook e bolos de chocolate – Amizades coloridas e macarrons – Nenhuma receita do Mc Café fica completa sem a sua vida a acompanhar. Por isso, sente-se e fique à vontade para provar estes momentos que criámos em conjunto”. Lê-se nos toalhetes dos tabuleiros do serviço *self-service*.

# MC DONALDS

**Localização:** Avenida dos Aliados

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** café Imperial fundado em 1936. Funciona como McDonald's desde 1995.

**Funcionamento privilegiado:** tarde

**Tempo da observação:** 19:00h - 4ª feira

**Tipo de serviço:** snack-bar, cafetaria.

**Arquitectos intervenientes:**

Ernesto Korrodi e Ernesto Camilo.



## Das origens do espaço:

O McDonald's funciona no espaço do original Café Imperial, aberto em 1936. Ao longo da segunda metade do século XX terá sido um dos mais luxuosos cafés da baixa portuense, frequentado por personalidades ilustres. Nos inícios da década de 90 fora palco de espectáculos musicais, até que entre 1990 e 1995, altura em que reabre como McDonald's, permanece encerrado para obras de reabilitação e adaptação ao novo estabelecimento.

Deram-se algumas alterações significativas, ainda que permaneçam muitos traços do café original, como na fachada, que possuía uma escultura em bronze de Henrique Moreira e uma porta giratória, e noutros aspectos do interior. Ainda assim, este preserva os vitrais Art Déco de Ricardo Leone, alusivos ao cultivo, transformação e consumo do café. No piso inferior funcionara outrora um salão de bilhares, como noutros cafés da época, adaptado agora às novas funções de restauração rápida. (Fontes: FERREIRA MENDES, Nuno Fernando (2012) – *Cafés Históricos do Porto – Na demanda de um Opulento Património Ignoto*. 2º C. Estudos de História da Arte Portuguesa. Orientação de: Professor Doutor Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro. Porto, FLUP).

## Da materialidade espacial:

Espaço de planta ligeiramente rectangular perpendicular à rua.

A fachada apresenta um arco rebatido por toda a sua extensão, envidraçado. Ao nível da entrada (até 3m de altura) contém um plano de vidro. Acima, uma grelha de ferro, reticulada, é preenchida por vidros foscos e texturados. Transpondo-se o primeiro pano transparente da fachada, surge ao centro um cubo de vidro que conforma um espaço de transição. Ladeiam-no, no interior, dois vãos que se abrem para o piso abaixo, onde outro se encontravam os bilhares. Ao lado esquerdo, umas escadas dão-lhe acesso.

O espaço interior é amplo e de pé-direito muito alto. No lado contrário à entrada posiciona-se um balcão paralelo à fachada, ocupando toda a extensão deste lado. Este elemento não pertence ao espaço original do café - é alusivo ao Mc'Donalds, modernizado, em chapa texturada de inox e com o ícone M da marca. É encimado

por uma pala semi-circular, não simétrica, e com lâmpadas embutidas. Por detrás encontram-se reclames dos produtos McDonalds, máquinas, estantes - comuns a todos os estabelecimentos da marca de franquia - e o acesso à cozinha/zona de preparação. Sobre a pala, posiciona-se ainda o grande vitral de Leone, subdividido em dois desenhos. No lado esquerdo, um casal de consumidores de café é emoldurado por flores e por motivos geométricos/estilizados. Para a direita o vitral ocupa a maior parte do plano vertical superior e o motivo é outro: trata-se da colheita, produção, armazenagem do café e o seu carregamento nos portos de mar por trabalhadores masculinos negros. Predominam as cores vivas e tropicais: verde, amarelo e azul.

Os planos laterais têm um tratamento distinto dos paralelos à rua. Cada parede é subdivida em cinco partes por pilastras, que se compõem de um lambrim até cerca de 1.50m de altura (de madeira exótica escura), e de uma composição de espelhos quadrangulares, até à altura de dois terços da totalidade da parede. Sobre estes percorre um friso de madeira trabalhada, sem fugir à geometria racional que caracteriza todo o espaço. Por fim, até ao tecto, cada subdivisão da parede contém uma gravura em alto-relevo, representativa de uma figura feminina. Do tecto, geometrizado, branco e recortado por rectângulos cinza, pendem quatro enormes lustres, numa linha central.

O pavimento é revestido a quadrados de marmorite (amarelos, bege e bordeaux).

Apesar das alterações em função dos novos requisitos do *franchising*, o espaço mantém traços da Arte Nova e da linha geometrizante da Art Déco, e ainda uma amplitude espacial que lembra os pavilhões da arquitectura do ferro e do vidro, à qual o arco da entrada faz também alusão.

A iluminação é amena, quente e confortável.

Os elementos móveis são variados. Pequenas mesas rectangulares estendem-se ao longo da parede esquerda, à qual se encostam sequências de sofás geométricos e almofadados. Ao centro estão mesas e bancos altos para um consumo rápido e pendular. Junto à parede direita, além de um pequeno balcão do McCafé (destinado apenas ao serviço de café) posicionam-se mesas baixas, ladeadas de sofás, para um consumo mais descontraído e demorado. Entre as mesas e o balcão McCafé, um

grande painel anuncia as bebidas para consumo e faz a separação entre os dois conjuntos de elementos.

Apesar do constante fora e dentro, este espaço acaba por não se relacionar muito com o exterior. A presença dos vãos que ligam ao piso inferior, junto à fachada, cortam fisicamente a relação entre a interioridade e o exterior. Visualmente, a ligação mantém-se, ainda que seja recortada, em parte, pelo cubo que faz a transição entre a rua e o interior.

Os elementos semi-fixos estão conotados com a linguagem e os signos próprios ao McDonalds, de estética contemporânea, de tons negro, cinza e bordeaux.

## Do ambiente humanizado:

O serviço é feito exclusivamente ao balcão, e as relações entre empregados e clientes é extremamente taylorizada, distante, impessoal. O consumo efectua-se nas mesas espalhadas pelo espaço, por clientes que vêm sobretudo em grupo, e pontualmente desacompanhados. Os tempos e modos de permanência são variados - vão desde os mais rápidos, que se prendem exclusivamente ao consumo, aos mais prolongados. Alguns clientes demoram-se bastante tempo nos sofás, e mesmo nas mesas, permanecendo muito para lá dos tempos necessários às refeições. Apropriam-se do espaço para o descanso - para uma pausa na vida cidadina. O McDonald's constitui-se como uma espécie de sala de estar urbana, como que um espaço público, mas fechado, interior, com o mesmo conforto ou mais que o espaço doméstico, no meio movimentado da cidade. A impessoalidade dos funcionários permite este à vontade na apropriação do espaço como se se estivesse em casa, como que pertencente aos utilizadores, igualmente resultante da familiaridade do público com os espaços da rede McDonald's, pertencente ao quotidiano das pessoas em qualquer parte do mundo. Como em qualquer McDonald's, também aqui o público é extremamente múltiplo: há jovens, médios e até idosos, de níveis culturais, ocupações profissionais e condições financeiras bastante variadas. Ainda assim, pela pertença a esta marca de franquia, este espaço é bastante frequentado por utilizadores mais jovens - muitos adolescentes ocupam o espaço entre a saída da escola e o regresso a casa, aproveitando para conviver com os colegas.



# PLANO B

**Localização:** Rua Cândido dos Reis

**Horário:** noite/noite

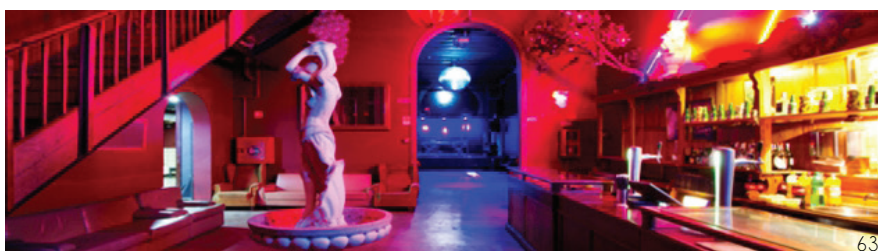
**Fundação:** 2007

**Funcionamento privilegiado:** noite (fim-de-semana e datas de eventos)

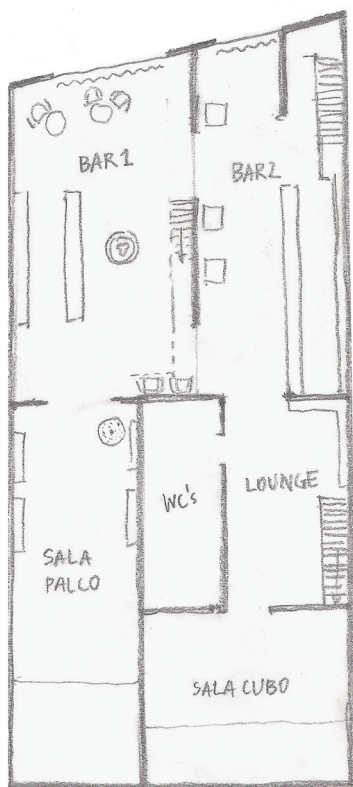
**Tempo da observação:** 1.30h - 4ª-feira, 2.00h - sábado (noite de evento).

**Tipo de serviço:** café, galeria, bar, club.

**Info eb:** <http://www.planobporto.net/>



63



173. PLANO B  
PISO -1



173. PLANO B  
PISO 0



64



65

## Piso superior

### Espaço 1 - entrada/galeria:

Espaço de planta rectangular, perpendicular à rua.

A fachada, envidraçada de alto a baixo e com caixilharia de ferro, insere-se na lógica do edifício envolvente (o Bairro das Carmelitas).

À entrada encontra-se um funcionário que controla as entradas do público e, imediatamente após esta, situa-se um pequeno balcão destinado à cobrança dos valores de ingresso. Esta ante-entrada é separada do espaço que se segue – o lounge, uma nave de planta rectangular - por largo e alto reposteiro, correspondente ao muito alto pé-direito do espaço.

O tecto, com frisos subtis, é rebocado e pintado de branco. O pavimento, tal como noutros espaços desta zona urbana, compõe-se de tábuas irregulares de madeira tosca e gasta.

As paredes são lisas e brancas e, sobre estas, a cerca de 50cm do tecto, corre uma

faixa horizontal pintada de azul petróleo.

Ao longo da parede do lado esquerdo, estende-se uma fila de mesas redondas com quatro cadeiras cada. Ao centro encontram-se duas áreas de sofás, em couro e camurça castanhos, com mesas de centro antigas, de base em ferro trabalhado dourado e com tampo de mármore. Outros elementos estão espalhados - candeeiros de pé antigos, vasos com plantas (japoneiras), uma grande bola de espelhos pendente do tecto, dois candelabros de design contemporâneo. Além disto, pelas paredes laterais percorre um elemento que serve de expositor (neste momento há aqui uma exposição de desenho), e ainda um pequeno balcão com material de mistura de som, e duas colunas sonoras correspondentes. Este espaço, muito tenuemente iluminado (apenas pelos candeeiros de pé e lâmpadas de luz vermelha), encontra-se, no momento, praticamente desabitado. Serve principalmente como transição para um outro espaço, mais recôndito e com características distintas, que se encontra para lá de uma

passagem encimada por um arco, paralela à fachada.

### Espaço 2 – café:

Este segundo espaço é de planta mais centrada, mas com o mesmo pé-direito do primeiro. Logo após a passagem em arco, à esquerda, situa-se uma pequena casa-de-banho unissexo, com lavabo à vista. O invólucro é constituído por uma parede falsa pintada a verde-escuro, que vai até cerca de 50cm do tecto, em que se penduram grandes espelhos antigos, com molduras douradas, e pelo plano vertical do fundo, rasgado por um par de grandes janelas que vão quase de alto a baixo, em caixilharia quadriculada de madeira branca. Deste espaço parte uma escada que desce para o piso inferior, com uma guarda simples de madeira. No lado contrário há um balcão, de madeira, e por detrás encosta-se um armário antigo, pesado, de linguagem barroquista, no qual pousam garrafas de bebidas alcoólicas e uma máquina de café. Uma empregada alterna o serviço ao bal-



ção com o serviço às mesas que aqui se encontram. Ao centro há duas áreas de sofás, em cabedal, ora beije ora bordeaux, com mesas de centro diferentes uma da outra e ao gosto da moda *vintage*. No perímetro espacial encostam-se mais algumas mesas, pequenas. Do tecto pendem três grandes candelabros (um de linguagem próxima da Arte Nova e dois de aspecto *kitsch*, com materiais de imitação de cristais). A iluminação é igualmente ténue, mas um pouco mais intensa que no espaço anterior. Um casal jovem encontra-se aqui sentado – ambos de visual cuidado e identificável com os gostos mais alternativos. Pode-se fumar.

#### Piso inferior

O piso inferior está conotado com o carácter de *Club*. De grandes dimensões, ocupa a área de duas parcelas do edifício (apenas uma é ocupada no piso superior) e compõe-se de cinco espaços. Dois deles são reservados a espectáculos – sala palco e sala cubo, destinados a concertos e *sets* de música electrónica, respectivamente –

um corresponde ao bar principal, e outro a um bar secundário ao qual se junta uma zona de estar (entre este bar e a sala cubo). A área correspondente com a do piso superior e os espaços que a compõem (bar principal e sala palco) têm um pé-direito muito alto, enquanto na outra este é menor.

#### Bar 1

Uma escada de tiro extraordinariamente longa desemboca aqui desde o piso superior. Aqui encontra-se um balcão antigo, em madeira negra, com uma pequena vitrina repleta de objectos antigos. Por detrás está um grande armário com o mesmo comprimento do balcão, até metade da altura da parede (6m) semelhante ao do bar do piso superior. Uma imagem religiosa, objectos antigos e garrafas de bebidas alcoólicas preenchem-no. As paredes pintam-se de bordeaux, excepto uma, voltada para a Rua Conde de Vizela para a qual abre janelas que se encerram com grandes cortinados (da dimensão da parede, alta, de 6m).

Ao centro está uma fonte em pedra, de aspecto barroco, com uma figura feminina esculpida. Três outras estatuetas femininas se posicionam sobre o grande armário, segurando cada uma delas lâmpadas de néon – de luz vermelha, negra e azul ciano. Daqui (e da pouca iluminação escondida no armário) provém toda a iluminação do espaço – muito ténue e multicolor. A área reservada aos clientes, além da fonte, é desimpedida de obstáculos. Estes posicionam-se na sua periferia: às paredes livres encostam-se sofás com mesas adjacentes, com bastante ocupação pelos utilizadores cansados e pelos que pretendem conversar. Este espaço faz a ligação com os restantes, unindo-os e estabelecendo-se como ponto de reabastecimento de bebidas e de certo descanso da agitação vivida nas outras salas. Une-se directamente à sala palco e ao Bar 2.

#### Sala Palco - espaço de concertos:

Neste espaço o invólucro reveste-se de negro. Apenas o pavimento é em betonilha industrial. A dois metros do tecto, as paredes têm um revestimento de controlo acústico e o tecto é de placas de gesso cartonado perfurado. No lado contrário ao acesso situa-se um pequeno palco a uma cota mais alta destinado aos concertos, e quando não os há, um DJ mantém a sala plena de música. Nas paredes laterais encostam-se três bancos compridos, em mau estado de conservação, e o restante espaço é desimpedido de obstáculos. Uma grande bola de espelhos pende do tecto, iluminado-se e reflectindo, num movimento giratório, pontos luminosos sobre os planos negros que encerram o espaço, dando um efeito dinâmico. Aqui concentram-se em massa os utilizadores do estabelecimento, de menor afluência em noites semanais, mas

completamente lotado aos fins-de-semana e sobretudo em noites de espectáculos.

#### Bar 2

O pé-direito aqui é baixo – metade do espaço do bar e sala palco – e tal como esta pinta-se de negro (balcão, paredes, tecto, excepto o pavimento, em betonilha). A iluminação – muito ténue – é feita por duas lâmpadas de néon que se prendem ao tecto (de azul eléctrico e vermelho) e por elementos de publicidade luminosos (um de luz verde e outro de luz vermelha).

Acede-se a este espaço por duas passagens, uma delas sob um arco. Por detrás do balcão expõem-se as bebidas alcoólicas e, à sua frente, ao longo de uma parede contrária, encostam-se três mesas de ferro brancas com as respectivas cadeiras, e em que se prendem fotografias emolduradas em vidro, de grande escala, com figuras femininas a preto a branco. Durante a semana o bar não funciona e o espaço está vazio. Nos tempos de maior afluência de público, todos os espaços, invariavelmente, se encontram lotados.

#### Lounge:

Em sequência do bar 2 surge uma pequena zona de estar, na passagem para a sala cubo, muito escurecida – apenas há a presença de uma lâmpada de LED's, que varia de cor ao longo do tempo, azul, vermelho e verde. O negro predomina, em continuidade com o espaço anterior. Este é desimpedido, encontrando-se apenas nos cantos alguns sofás presos nas paredes, com respectivas mesas. Encontram-se aqui condutas de ar à vista, duas pequenas bolas de espelhos, dois pianos antigos lacados a negro e grandes retratos de pessoas (do princípio do séc. XX) que decoram este espaço que dá acesso às casas-de-banho e à Sala Cubo.

#### Sala Cubo:

O ambiente desta sala é semelhante ao do espaço de concertos (Sala Palco). Predomina o negro nas superfícies das paredes (exceptuando a que encerra o espaço por detrás do pequeno palco – com pedra à vista, onde pendem armações metálicas de suporte de iluminação).

#### Do ambiente humanizado:

Durante as noites da semana, a afluência de públicos ao espaço é escassa e os modos de estar são pausados (impõe-se o carácter de café-galeria). Já nas noites de fim-de-semana e sobretudo de eventos, o público multiplica-se e o espaço preenche-se de um ambiente festivo, alvoroçado, de sobrelocação de gente e de intensificação sonora – a música impõe-se. Há ainda, neste tempo de funcionamento, distintas apropriações dos distintos espaços que compõem o Plano B – entre as áreas de bar e lounge e as salas de espectáculo.



# IL CAFFÉ DI ROMA

**Localização:** Rua Sá da Bandeira / Rua de Bonjardim

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** Espaço original do café “A Brasileira”: 1903. Café actual desde 2003.

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

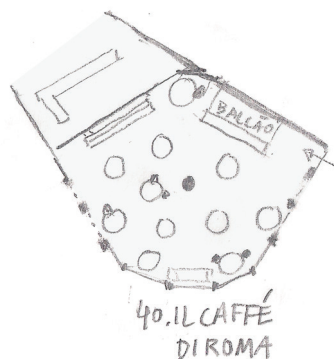
**Tempo da observação:** 17:30h – dia útil

**Tipo de serviço:** cafetaria.



## Das origens do café:

Fundado em 1903, começa por ser um pequeno estabelecimento. A partir de 1916, pelo sucesso e lucro até aí alcançados, é sujeito a obras de remodelação e ampliação, pelo arquitecto Francisco de Oliveira, adquirindo a estética da Arte Nova, e passando a funcionar em dois espaços do gaveto entre as ruas Sá da Bandeira e Bonjardim. Em 1930 volta a ser profundamente remodelado, reabrindo apenas em 1938. Passa então a ser um café de requinte e local escolhido por intelectuais: escritores, artistas, políticos, jornalistas e boémios. A parte onde funciona actualmente o Il Caffé Di Roma corresponde à antigamen-



te denominada de “Brasileira Grande”. Entre os anos 50 e 90, os vários espaços da Brasileira foram sendo alterados e adquirindo várias funcionalidades – entre o café, o restaurante e o snack-bar – entrando em fase de decadência nesta última década. Em 2003 reabre subdividido em três unidades: um restaurante e uma cafetaria, que entretanto encerraram (recentemente) e o Il Caffé di Roma (pertencente a uma multinacional) – o único espaço activo actualmente, e o que conserva ainda a decoração interior resultante das remodelações de 1916. (Fontes: FERREIRA MENDES, Nuno Fernando (2012) – *Cafés Históricos do Porto – Na demanda de um Opulento Património Ignoto*. 2º Ciclo de Estudos de História da Arte Portuguesa. Orientação de: Professor Doutor Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro. Porto, FLUP).

## Da materialidade espacial:

A sua planta aproxima-se de um triângulo, arredondado no vértice do gaveto entre as ruas Sá da Bandeira e Bonjardim. O espaço, único, é de grande amplitude proporcionada pelo pé-direito alto.

A entrada é feita (na rua Sá da Bandeira) pelo lado próximo ao espaço central da “Brasileira” em que se encontrava até há pouco tempo o restaurante com o mesmo nome. Toda a fachada do café é aberta por grandes envidraçados. No entanto, as aberturas não são sempre tratadas da mesma forma. Na entrada estas são feitas em grandes painéis de vidro rectangulares, do chão ao tecto. Em simetria, isto acontece do lado oposto, em face da Rua do Bonjardim (pela qual se faria também a entrada. Contudo a porta está encerrada). Ao centro (no vértice arredondado do gaveto) encontram-se três aberturas rectangulares, encimadas por arcos de volta perfeita.

Todos estes rasgos de vidro conferem uma grande iluminação natural ao interior do espaço, quase como se estivéssemos no exterior. Contrariamente à fachada envidraçada surge um plano bipartido (em simetria) que encerra este espaço unitário. Numa das paredes abre-se uma passagem, encimada por um arco rebatido, que dá acesso ao balcão e à zona de preparação destinada aos empregados. Encontram-se aí dois – um atrás do balcão e outro que vai servindo às mesas. Simetricamente, na outra parede, em vez de uma abertura encontra-se um grande espelho, com a mesma configuração. A meio, uma outra pequena passagem (também encimada por arco,



mas de volta perfeita) dá acesso à área das casas de banho. Por entre estes três elementos intercalam-se espelhos emoldurados. Ao centro uma coluna bordeaux (em pedra) com capitel coríntio, faz a sustentação de vigas cruzadas ortogonalmente (em pouca conformidade com a forma espacial, triangular). Todos os elementos têm uma ornamentação organicista, de motivos vegetais, e clássica. Os tons predominantes são o branco, o verde água e o dourado, pontualmente. As caixilharias da fachada são pintadas de verde-escuro. O pavimento é em mosaico de pequenos hexágonos brancos, intercalados pontualmente por figuras florais.

As mesas encontram-se distribuídas por todo o espaço de modo pouco ordenado. São de forma hexagonal, de tampo de em mármore branco e base de ferro negro, e as respectivas cadeiras são de madeira e couro castanho. Algumas das mesas, poucas, encostam-se às janelas e portas que se encontram, em grande parte, abertas permanentemente.

O espaço resulta requintado e muito iluminado. A relação com o exterior é de grande abertura e a visibilidade entre o espaço interno e o público, em ambos os sentidos, é muito directa.

#### Do ambiente humanizado:

O serviço é feito exclusivamente às mesas, por um empregado. Um outro encontra-se atrás do balcão, preparando os produtos de consumo – bebidas derivadas de café, e outras de frutos, elaboradas com grande cuidado, por norma da marca de *franchising*. A relação do empregado com os clientes que serve, apesar da atenciosidade, é um pouco distante – não há inter-conhecimento.

As actividades paralelas ao consumo prendem-se principalmente com o estudo, a leitura/escrita e o trabalho ao computador. Os modos de permanência dos clientes são de um certo individualismo. Poucos clientes se encontram aqui em grupo, e nesses casos, em grupos pequenos (de dois). O espaço não se encontra, aliás, muito ocupado, e as mesas preferenciais são as mais periféricas, junto às janelas, em que se encontram clientes maioritariamente jovens/médios e isolados, dedicadas ao estudo/trabalho e à leitura/escrita. Nas do centro apenas está um casal de meia-idade. Os tempos de permanência são prolongados – como se denota pelas actividades secundárias que aqui se desenvolvem.

## CHAVE D'OURO

**Localização:** Praça da Batalha

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** 1920

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 18:30h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, snack-bar, cervejaria.

#### Das origens do espaço:

Originalmente, o café Chave d'Ouro, aberto em 1920, era constituído por dois pisos amplos: um destinado ao café, ao nível da rua, e outro, acima, em que funcionava um salão de bilhares. Hoje o café encontra-se bastante adulterado, adquirindo o carácter de café popular/snack-bar.

#### Da materialidade espacial:

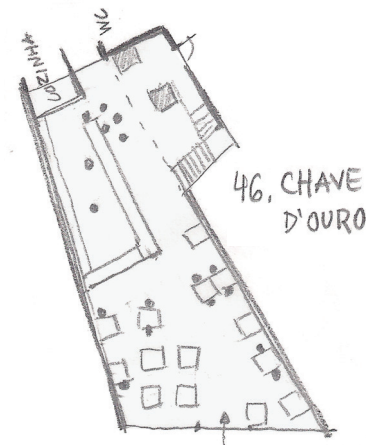
Possui uma planta irregular, em forma de trapézio, ligeiramente longitudinal e perpendicular à rua. O pé-direito é muito alto. A fachada, larga, é totalmente envidraçada, sem caixilharia, em que se afixam papéis A4 com impressões das ementas de snacks, pratos combinados e sopa do dia.

A entrada é feita a meio da fachada, por uma porta também de vidro, para o interior mais alargado nesta parte dianteira, que se vai depois afunilando. Aí, no espaço mais apertado e distante da entrada, surge um balcão em L, cujo lado menor, em montra de vidro com sumos e bolos se vira para a fachada. A parte mais comprida prolonga-se até ao fundo do espaço. Este troço do balcão é alto, e a ele se encostam bancos elevados onde se sentam dois homens a beber cerveja, de meia-idade, provavelmente habitantes locais e clientes habituais.

A área dianteira, mais ampla e de forma mais centrada, é preenchida por mesas quadradas, deixando espaço apenas a uma passagem estreita para o fundo, até ao balcão. As paredes mais próximas da entrada contêm três planos lisos que se separam entre si por pilastras trabalhadas em pedra de vários tons (beije, amarelo, cinza, negro). Os próprios planos são simples, lisos, pintados a amarelo, e neles se imprimem imagens publicitárias de uma marca de café. O tecto, branco, apresenta um friso ao longo do perímetro, com um ligeiro rebaixamento sobre o balcão, que seguindo uma forma curva parece ter correspondido à forma do balcão original.

No espaço traseiro, surge uma reentrância espacial, do lado direito, em que se localizam as escadas para o piso superior (ao qual não se tem acesso), e preenche-se com máquinas frigoríficas de bebidas. Ao fundo, no lado contrário à entrada, uma outra pequena reentrância dá acesso às casas de banho e, no seguimento do balcão, está o espaço de uma pequena cozinha.

Nas transformações do espaço novos materiais foram introduzidos: o pavimento é revestido de azulejo em imitação de



granito, o balcão é forrado a granito negro polido, e a parede do fundo é revestida a azulejos em imitação de mármore. O ambiente geral é popularizante. A iluminação é forte, pela natural que entra pela fachada envidraçada, e desconfortável, pela luz branca de lâmpadas fluorescentes.

#### Relação com o exterior.

A relação visual do interior com o exterior, e vice-versa, é aberta. O espaço é convidativo à entrada e, quem está dentro, e porque a maior parte dos utilizadores está no espaço dianteiro reservado às mesas, centrado e próximo da fachada, sente a vida do exterior.

#### Do ambiente humanizado:

O serviço é assegurado por dois empregados. Um serve permanentemente ao balcão e o outro vai alternando funções entre a preparação e o serviço às mesas. Ambos são jovens, locais e de visual *guna* (vestuário desportivo, geralmente de marca e acessórios caros).

Com os clientes mantêm dois tipos de relação. Com os clientes habituais, habitantes locais, há uma proximidade. Com eles conversam e conhecem os seus hábitos de consumo. De entre estes há os de meia-idade e idosos/reformados, tanto homens como mulheres, e ainda jovens conhecidos dos empregados. Três raparigas, locais, sentam-se ao balcão, ao fundo, concentrando-se em torno de um computador portátil, às quais se juntam eventualmente os empregados. Com os clientes esporádicos a relação é estritamente profissional e um pouco distante. Estes clientes vêm sobretudo pelo consumo, maioritariamente de snacks e refeições ligeiras, alheando-se das interações entre os clientes habituais e os da casa. Alguns são turistas e outros trabalhadores nesta área urbana.

O ambiente é, além da familiaridade e do convívio entre os funcionários e os conhecidos, marcado pela presença da televisão, primeiro sintonizada num canal de música (*pop*) e depois num canal desportivo. “Vai dar a Champions... Paris Saint-Germain e não sei quem...” adverte um dos funcionários ao mudar de estação. Para os comentários televisivos que antecipam o evento desportivo, os jovens empregados passam a desviar a sua atenção.



# BATALHA

**Localização:** Praça da Batalha

**Horário:** dia/dia

**Fundação:** 2012

**Funcionamento privilegiado:** manhã/tarde

**Tempo da observação:** 18:00h - quinta-feira

**Tipo de serviço:** cafetaria, pastelaria, bar.

## Da materialidade espacial:

Espaço de pequena dimensão, de planta rectangular, perpendicular à rua. A entrada é feita a meio da fachada por uma porta envidraçada, ladeada por duas grandes janelas, de caixilharia de madeira trabalhada.

Após a entrada, do lado esquerdo, encontra-se um balcão que se prolonga longitudinalmente para o fundo. Este sobrepõe-se ligeiramente no espaço central contínuo à entrada, reservado à circulação. A primeira parte do balcão, ligeiramente diagonal, é em vitrina, com exposição de produtos de pastelaria. A parte seguinte, mais longa, encerrada e alta, serve para consumo ocasional. Este elemento sintetiza linguagens revivalistas e contemporâneas.

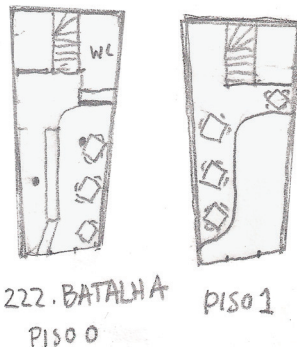
No lado direito encostam-se à parede três pequenas mesas quadradas, com quatro cadeiras cada, dispostas na diagonal, e na mesma linguagem do balcão, entre o antigo e o contemporâneo. Esta parede reveste-se de papel texturado com riscas verticais, de tom branco, e nela se pendura um espelho com moldura antiga de madeira. Ao fundo, uma estante embutida, de linhas simples e fundo espelhado, expõe garrafas de vinho. Também espelhada é a parede por detrás do balcão, de que saem prateleiras com garrafas expostas. O espaço de estar prolonga-se para o exterior, pela porta aberta permanentemente, para uma esplanada com poucas mesas também, mas que participa da vida da praça da Batalha.

No interior, o pé-direito, muito alto, é recortado por uma mezzanine que surge sobre o balcão, descolada da fachada e da parede direita, e desenhando-se sob uma forma orgânica (em S). Mais ao fundo vai encimar toda a largura do espaço, conferindo-lhe um pé-direito apertado, e dando abertura a um pequeno vão com escadas que lhe dão acesso. A guarda da mezzanine é em vidro e rematada por um corrimão em inox, leve, não cortando visualmente os dois espaços, superior e inferior, que se mantêm mais ou menos unidos.

O pavimento reveste-se de lajes quadradas com tons de xisto e cobre.

A iluminação natural é forte. Penetra por todo o espaço pela sua reduzida dimensão e pelas aberturas que acompanham os dois pisos. Apesar da luz abundante, do tecto pende um lustre redondo com cristais e luz amarela e, no tecto criado pela mezzanine, uma série de lâmpadas pequenas incrustadas com luz no mesmo tom ameno, iluminam o espaço do balcão.

Em todo espaço se procura uma estética entre a tradição e a modernidade, cruzando



elementos contemporâneos com um gosto *vintage* e *chic* (de inspiração Art Déco).

## Relação com o exterior:

A relação do espaço do piso térreo com o exterior é muito forte. De dimensão reduzida todo ele se coloca junto ao limite com o exterior. A porta permanentemente aberta prolonga ainda este espaço interno para a esplanada, contígua também à entrada, integrando o café no espaço urbano da Batalha. O piso superior funciona mais como observatório da praça, a uma cota mais elevada e privilegiando a visibilidade sobre a praça.

## Do ambiente humanizado:

O atendimento é feito às mesas – tanto na esplanada, como nas três mesas interiores, assim como na mezzanine. Algum consumo (pouco) faz-se também ao balcão – sobretudo o consumo rápido de café. Dois empregados, jovens, estão ao serviço: um atrás do balcão e outro no atendimento às mesas. Vestem uma indumentária própria: pólo e avental negro, com nome do café, enquadrados na estética do espaço. O relacionamento com os clientes é estritamente profissional - não há interações nem proximidades.

O interior é marcado por música ambiente vinda de uma estação de rádio com *hits* da música *pop* e que passa também para fora, para a esplanada.

As mesas interiores do piso térreo são preferidas por clientes isolados e em trabalho/estudo ou navegação na internet (em dois tempos distintos de observação – diferentes dias, mesma hora - estas mesas ocupam-se, numa ocasião, por uma rapariga jovem, e noutra por um jovem adulto, ambos operando um computador). Em cima, a mezzanine é frequentada por grupos – de duas ou mais pessoas - num consumo mais prolongado, acompanhado de convívio. Ao balcão o serviço é quase inexistente, apenas para café e para pagamentos.

A esplanada é a área que mais constantemente se mantém preenchida de utilizadores. Aqui, dois turistas bebem vinho, duas senhoras de alguma idade lancham, duas raparigas conversam e um turista jovem, sozinho, bebe licor enquanto observa a praça e opera um telemóvel.

Entre os três espaços o pequeno café vai sendo preenchido por clientes variados (com maior afluência de jovens e turistas) ainda que nunca esteja totalmente lotado. Apesar de os consumos serem mais ou menos demorados, a clientela vai sendo rotativa.

# MUSEU D'AVÓ

**Localização:** Travessa de Cedofeita

**Horário:** noite/noite (das 20:00h às 4:00h)

**Funcionamento privilegiado:** noite

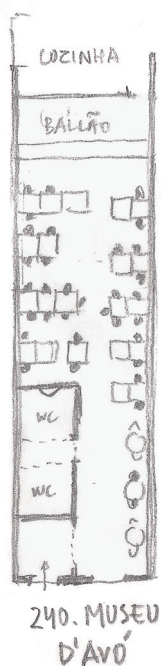
**Tempo da observação:** 23:30h – quarta-feira

**Tipo de serviço:** bar, petisqueira.

**Info web:** <https://www.facebook.com/museudavo>







#### Da materialidade espacial:

Espaço de planta rectangular, perpendicular à rua. A entrada faz-se pelo lado esquerdo na fachada, mais ou menos encerrada (possui uma porta, fechada, e uma pequena janela).

O espaço interno divide-se em três momentos: o primeiro, logo após a entrada, surge como antecâmara, de transição entre a rua e o interior. Segue-se um estreitamento resultante do posicionamento das casas-de-banho, à esquerda, em frente à entrada e após a antecâmara. Aqui distribuem-se algumas mesas e cadeiras altas, encostadas à parede do lado direito. No terceiro espaço, o maior e unitário, encontra-se o maior número de mesas, de tampos de granito e/ou madeira e, algumas, com bases de máquinas de costura. Todo este espaço é preenchido por estes elementos, em grande quantidade, distribuídos junto às paredes e ao centro, e é aqui que se encontra a maioria dos clientes.

Ao fundo, paralelamente à rua, situa-se o balcão, ocupando toda a largura transversal.

O pé-direito é alto, desde o princípio, resultando o

tecto de uma cobertura em telhado de duas águas, em que são visíveis as vigas estruturais e uma série de três asnas (de madeira tosca e pintada de negro). Para lá do balcão, uma parede encerra uma zona de cozinhas e de preparação de comidas ligeiras e petiscos.

As paredes laterais mantêm a pedra estrutural à vista, envernizada. Até à altura de um metro são ainda revestidas de azulejos tradicionais brancos com desenhos florais azuis, do mesmo modo que a parede por detrás do balcão, onde se pendura também um grande quadro de lousa em que está escrito "Museu d'Avó", juntamente com a imagem de uma senhora idosa.

De todas as superfícies verticais e da cobertura pendem quinquilharias: objectos antigos, tradicionais, *vintage*. Volantes de automóveis, jarros, bidões de latão, cafeteiras, lamparinas, penicos, bicicletas, alforjes, rodas de carroça.

Algumas estantes, antiquadas, vão-se também posicionando pelas paredes com objectos menores: máquinas de café, carros de brincar, rádios, cafeteiras, relógios antigos.

O ambiente é escuro e intimista. A iluminação é feita exclusivamente por três candelabros antigos e diferentes, de luz muito ténue, e através de velas colocadas nas mesas.

#### Relação com o exterior.

Não há relação entre o interior e o exterior. Um e outro são mundos distintos e a sua separação é acentuada pelo resguardo da porta (uma antecâmara vestibular). A vivência do espaço é voltada para o interior, adquirindo um certo ambiente de taberna, de refúgio do mundo externo, acentuado na área mais remota e resguardada, perto do balcão.

#### Do ambiente humanizado:

O serviço é feito às mesas: uma rapariga jovem, de visual alternativo, assume a função, que vai desempenhando com algum distanciamento do público servido.

Aqui convive-se, maioritariamente, enquanto se bebe e petisca.

O espaço preenche-se de música, num nível elevado, ainda que tranquila (vários temas de jazz e música francesa de outras décadas - Edith Piaf).

O bar encontra-se quase completamente lotado. A maioria dos ocupantes encontra-se, como referido, na área maior, ainda que alguns se vão distribuindo também pela área estreita após a entrada. Este é um espaço de convívio acentuado em que, sobretudo jovens, permanecem durante tempo prolongado e em grupos de conversa animada, enquanto bebem (vinho, cerveja e outras bebidas) e petiscam pratos tradicionais que o estabelecimento serve pela noite dentro.



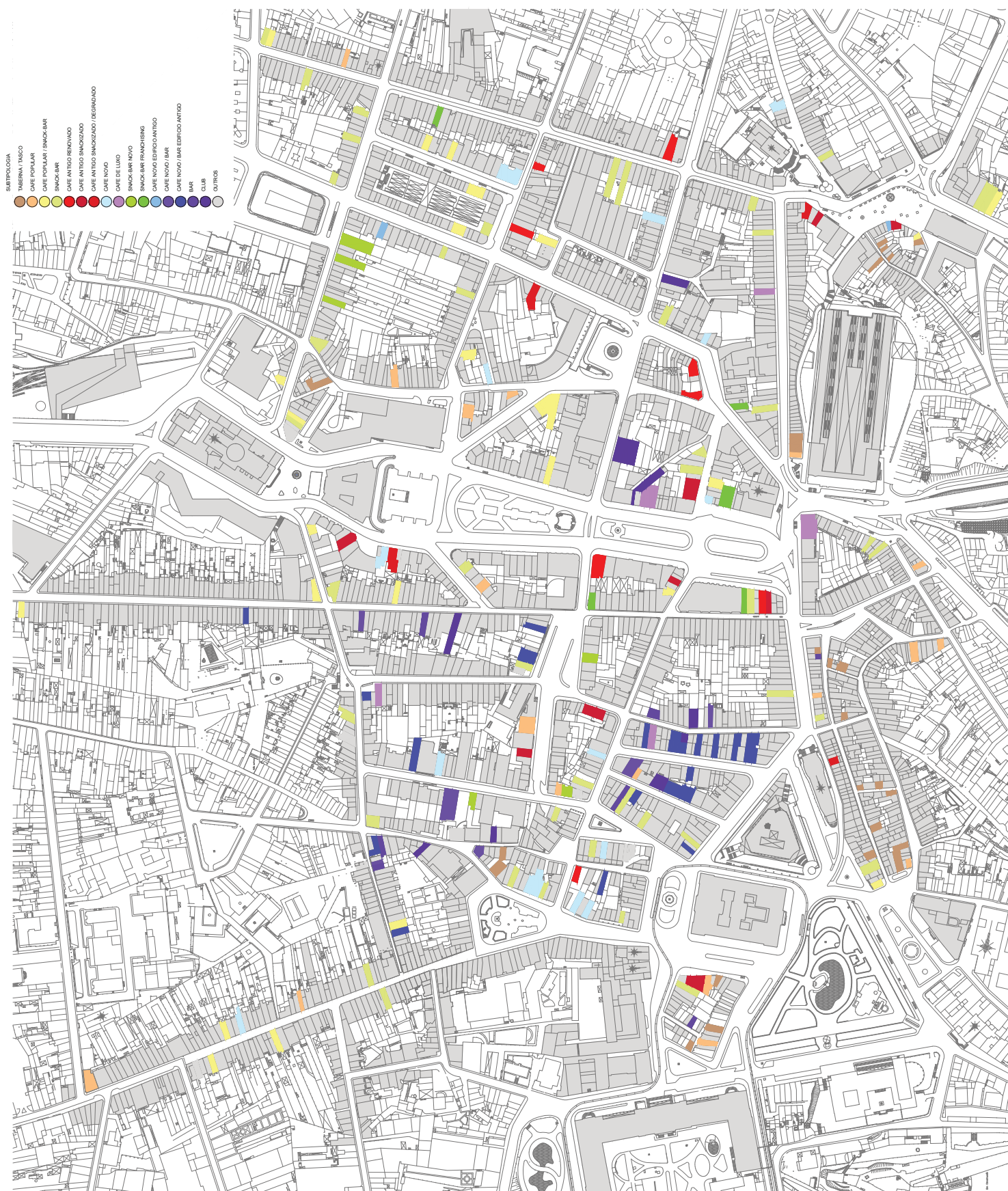


## 2. PLANTAS

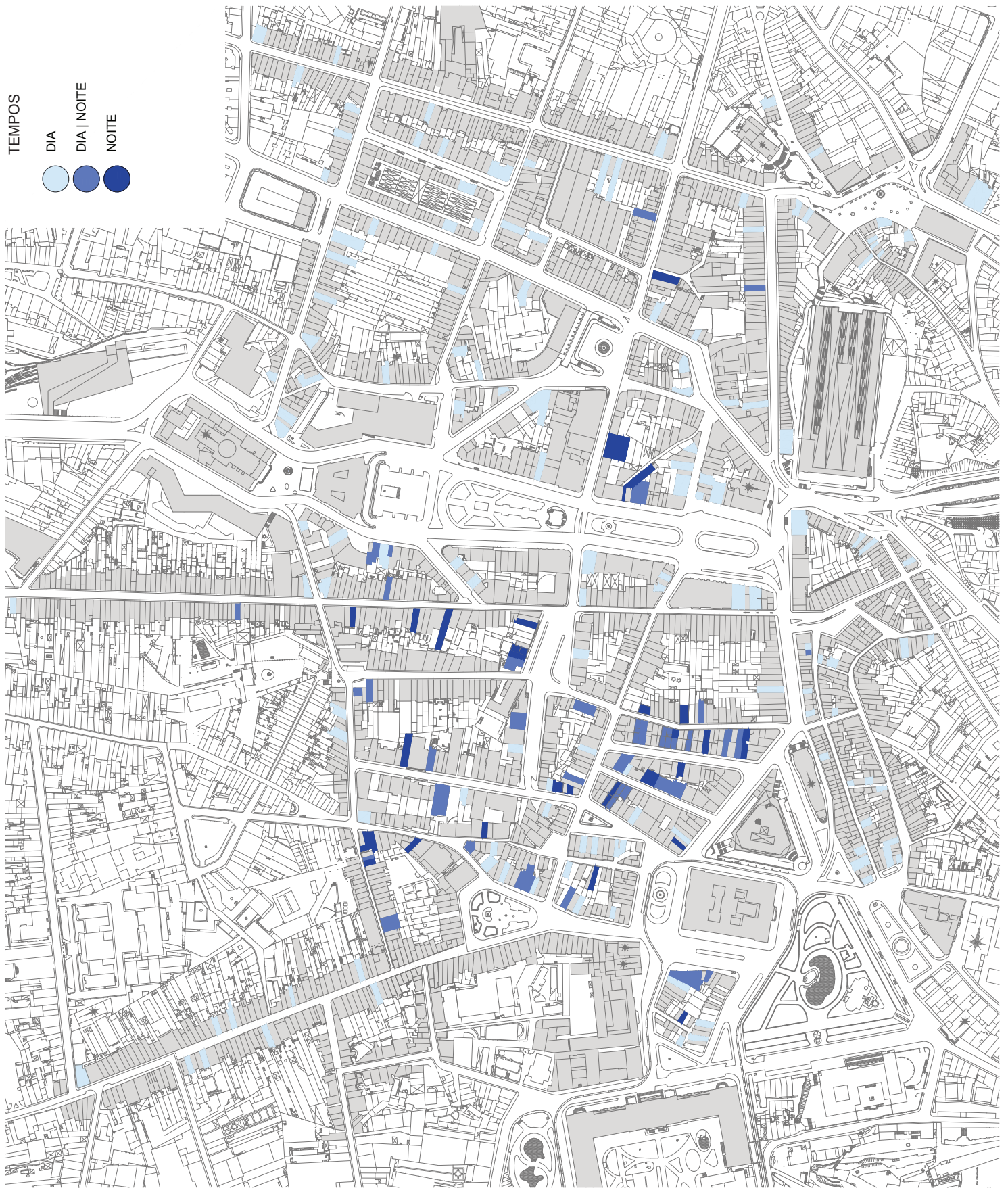
OS CAFÉS. CARACTERÍSTICAS











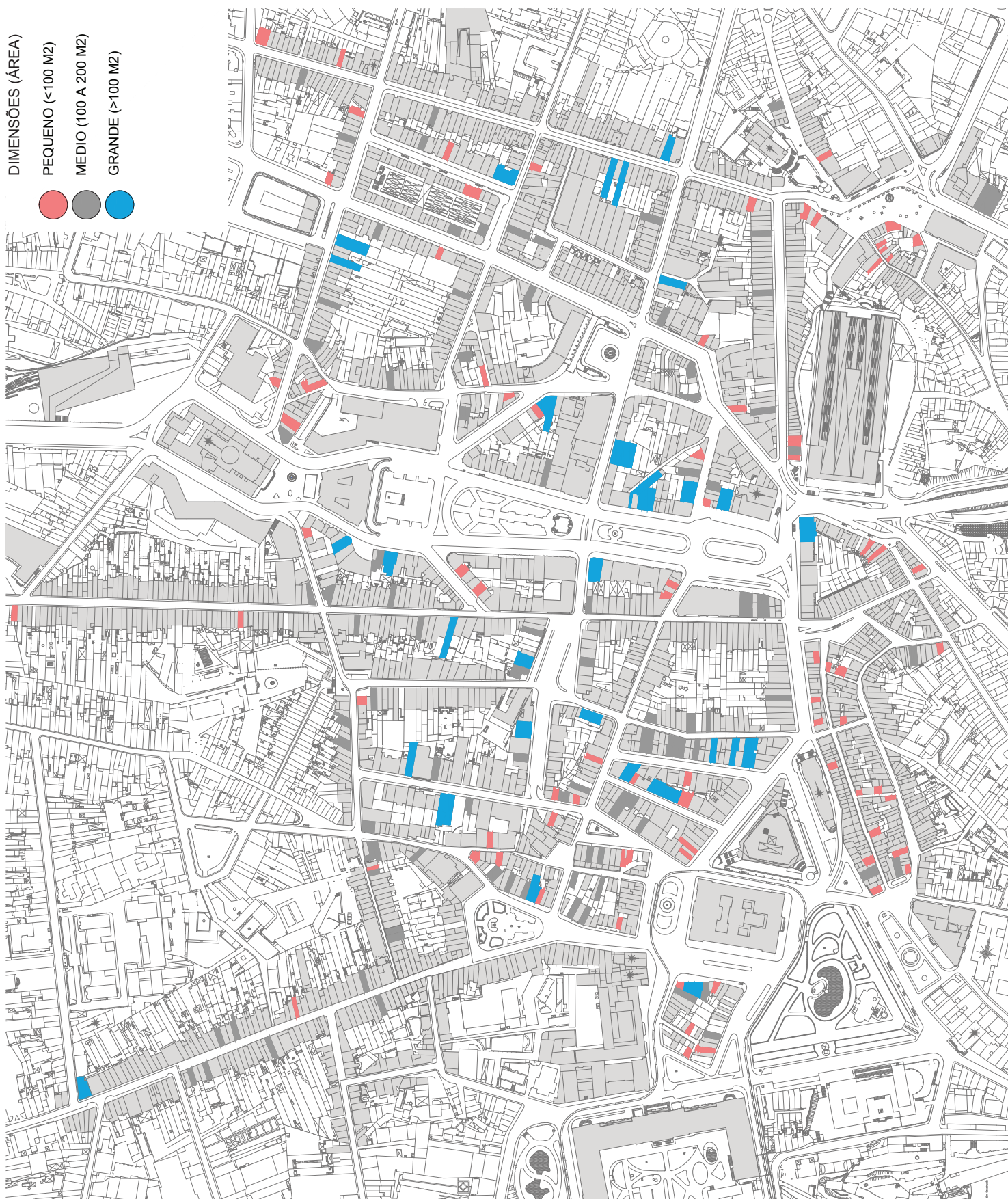


DIMENSÕES (ÁREA)

PEQUENO (<100 M2)

MEDIO (100 A 200 M2)

GRANDE (>100 M2)







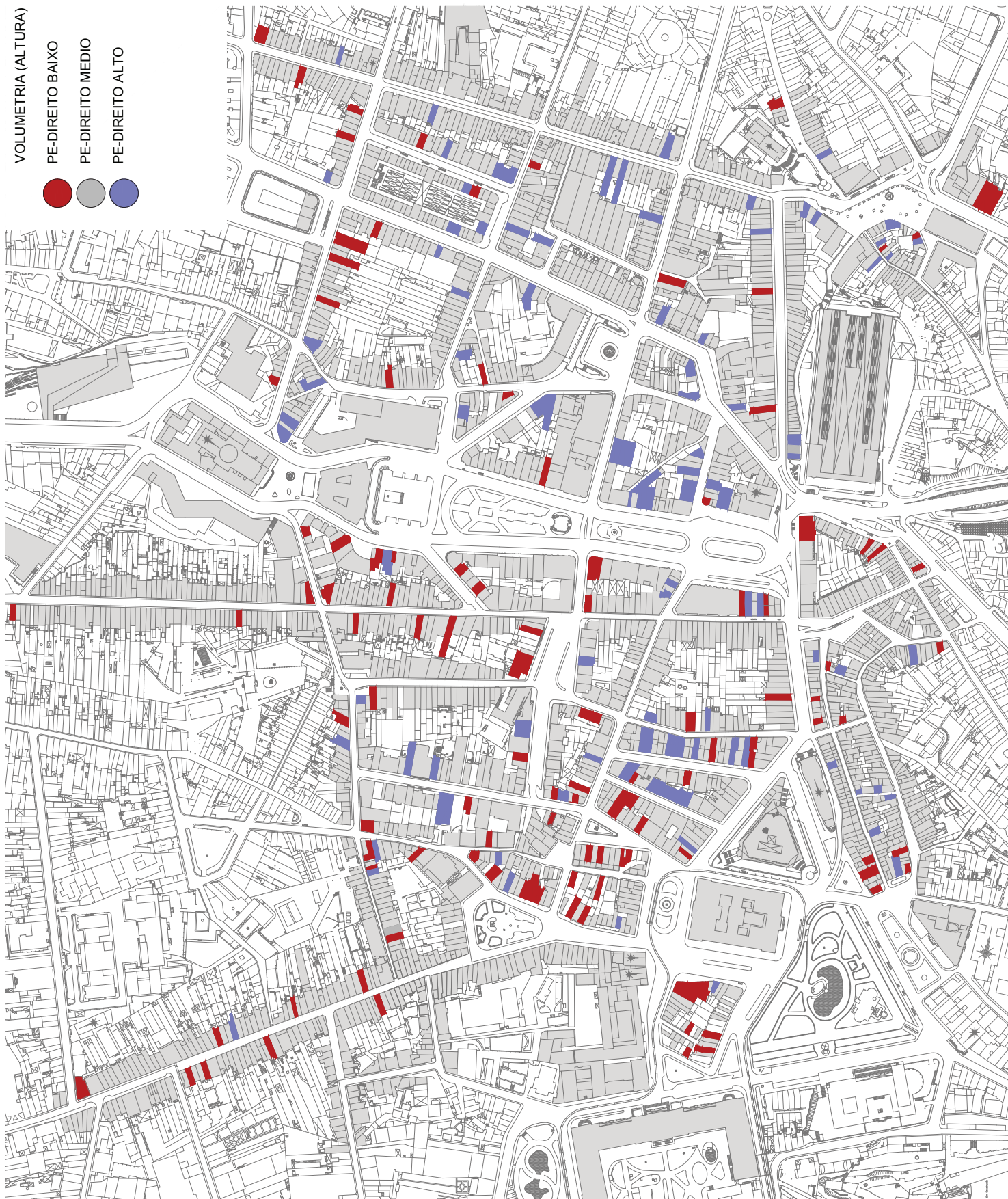


VOLUMETRIA (ALTURA)

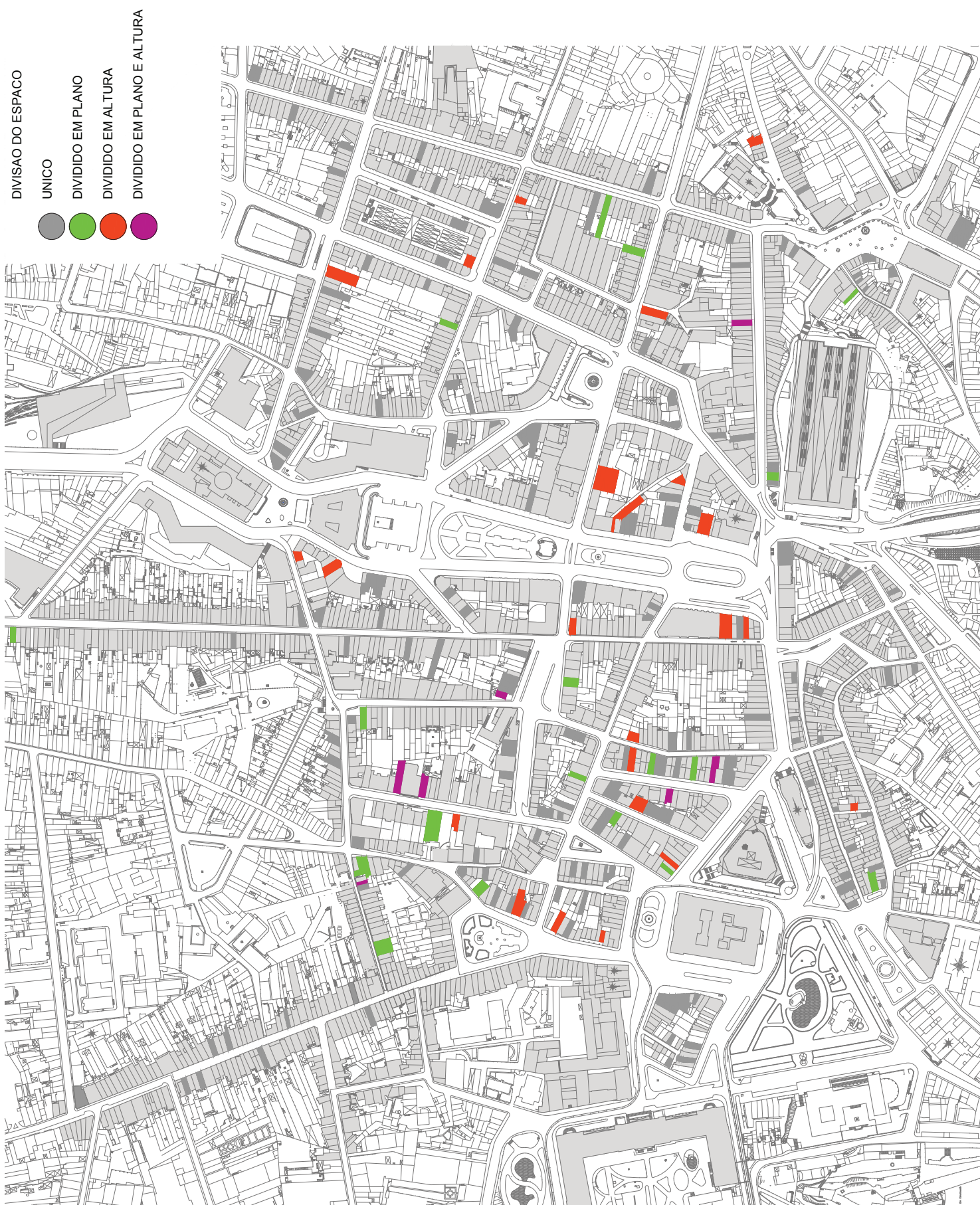
PE-DIREITO BAIXO

PE-DIREITO MEDIO

PE-DIREITO ALTO





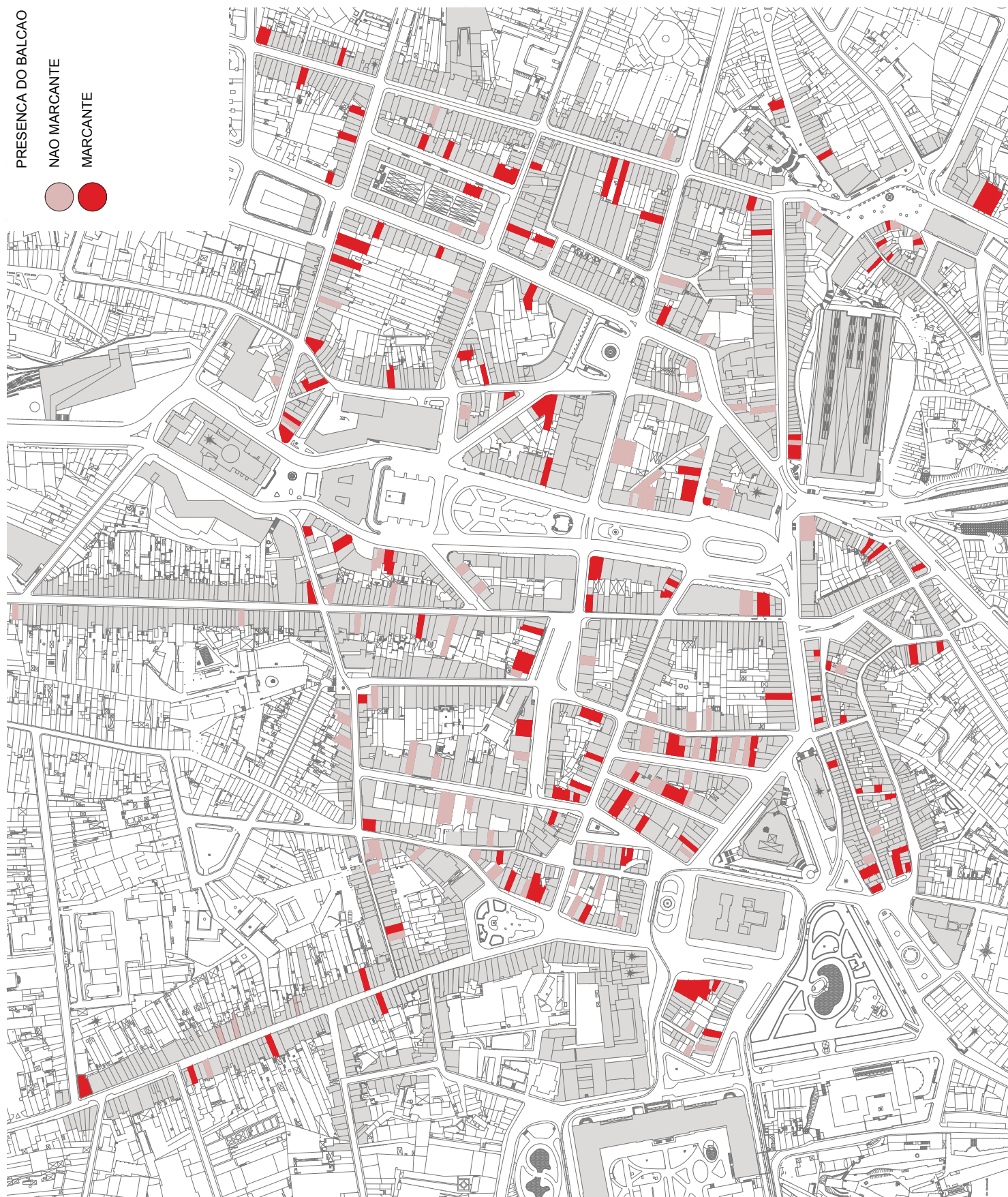
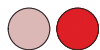




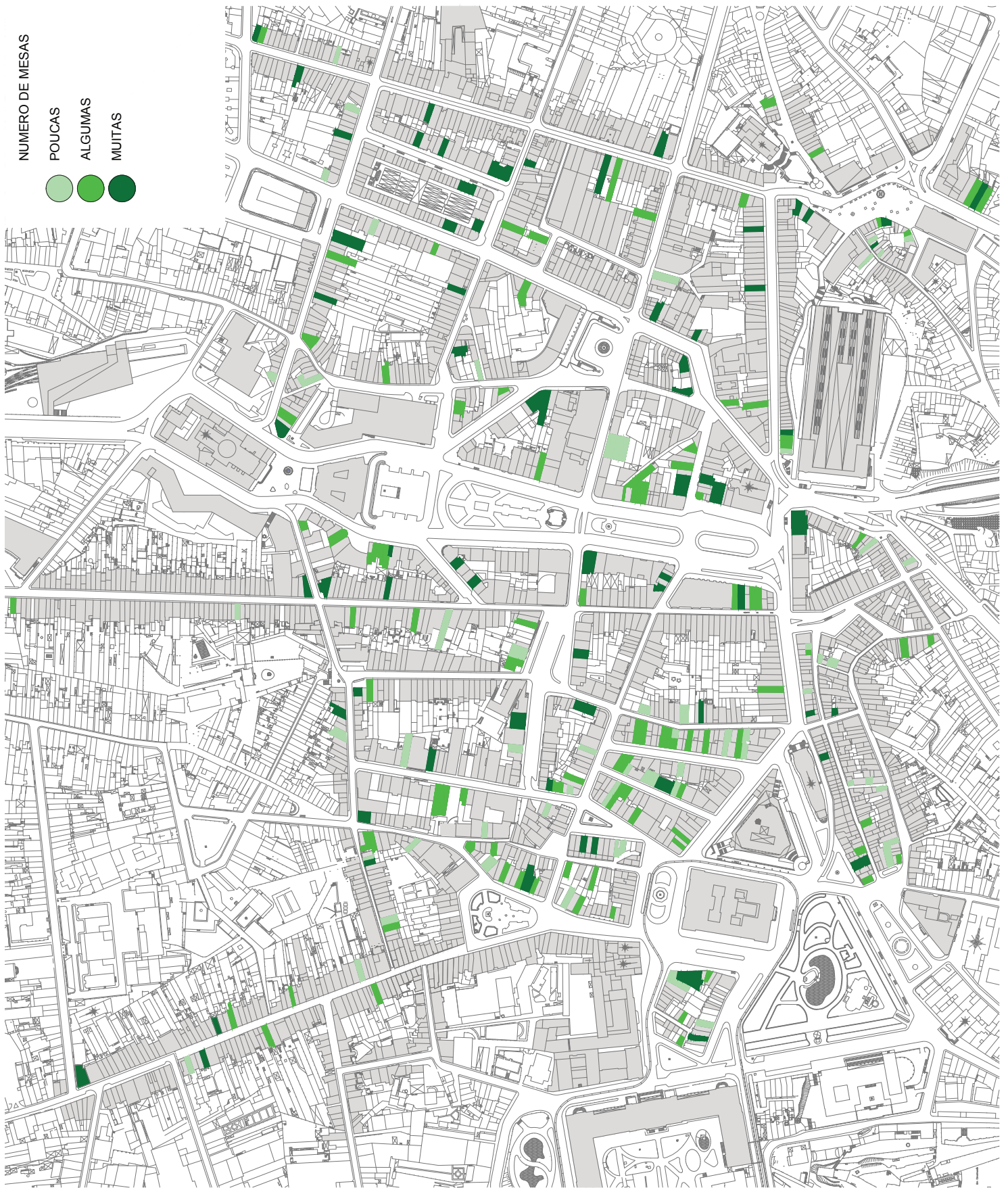
PRESENCIA DO BALCAO

NAO MARCANTE

MARCANTE







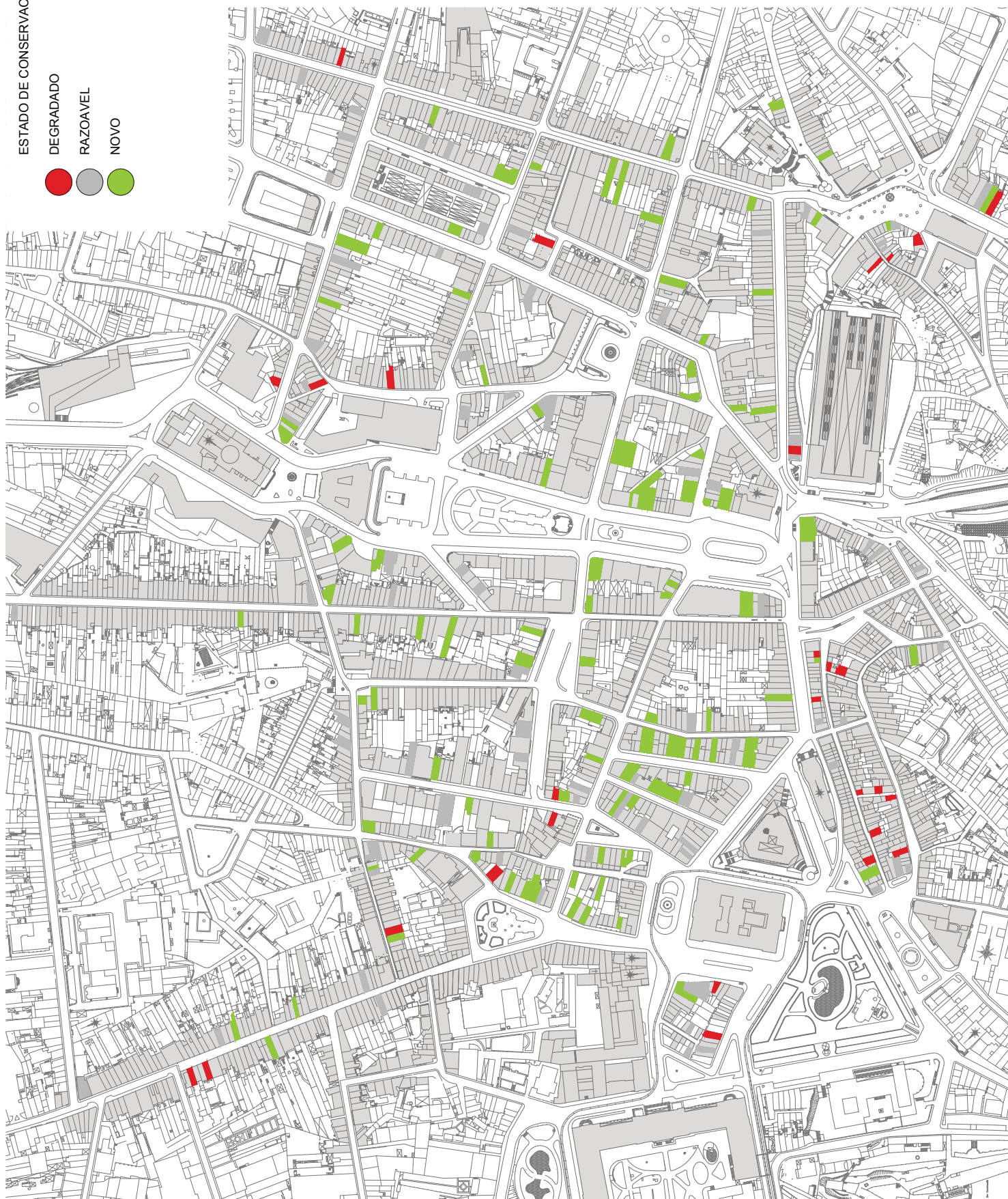


ESTADO DE CONSERVAÇÃO

DEGRADADO

RAZOAVEL

NOVO

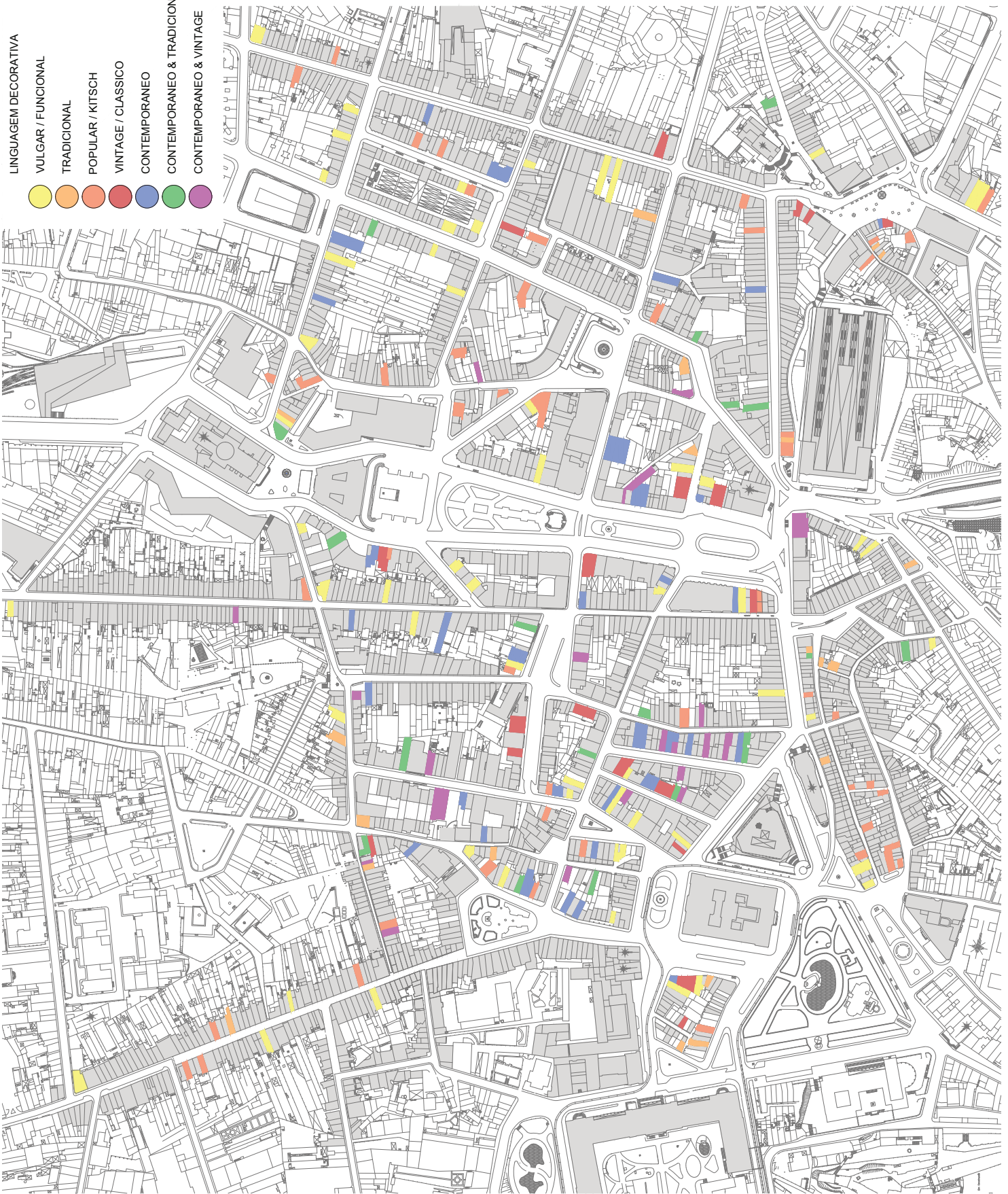




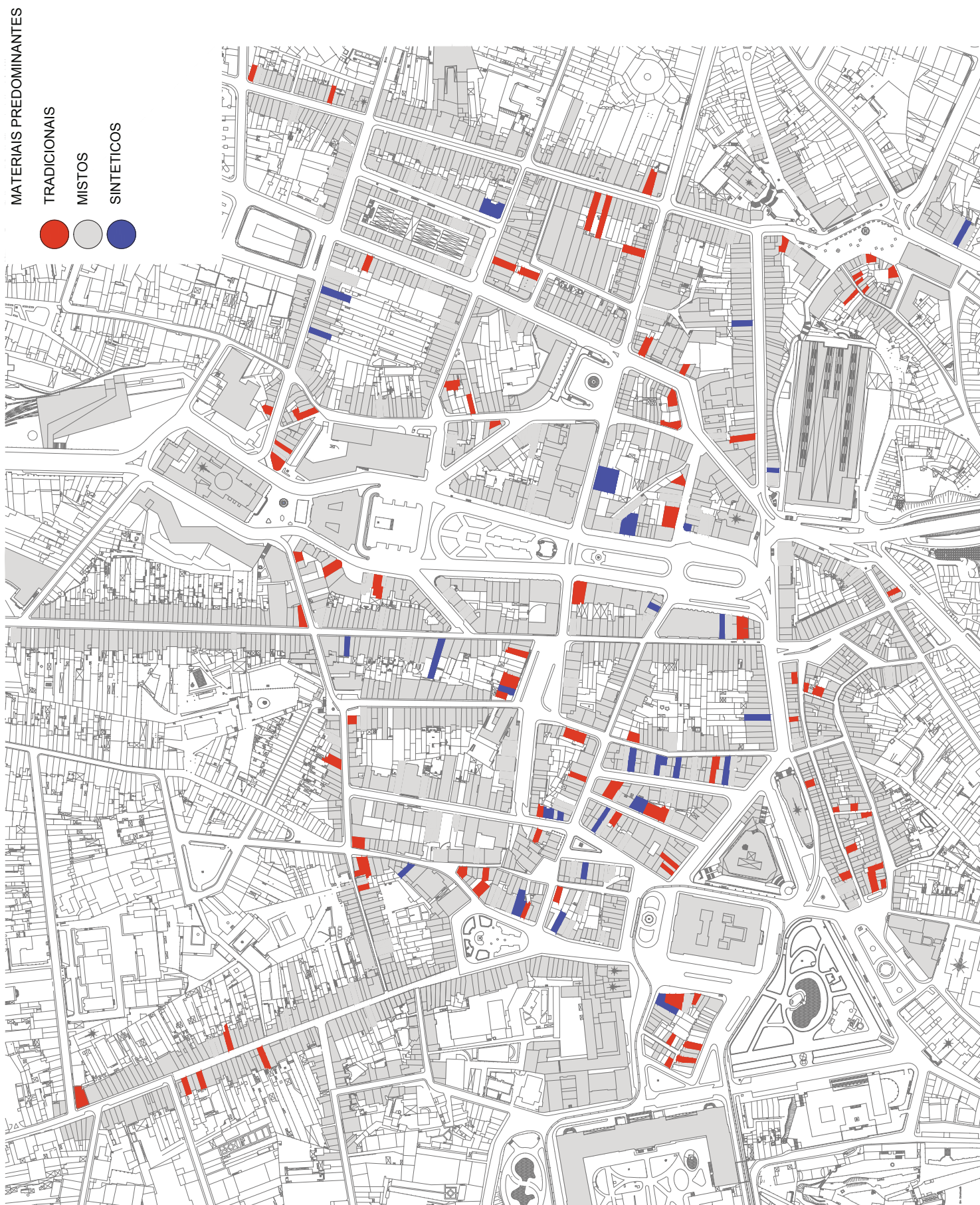




LINGUAGEM DECORATIVA  
 VULGAR / FUNCIONAL  
 TRADICIONAL  
 POPULAR / KITSCH  
 VINTAGE / CLASSICO  
 CONTEMPORANEO  
 CONTEMPORANEO & TRADICIONAL  
 CONTEMPORANEO & VINTAGE







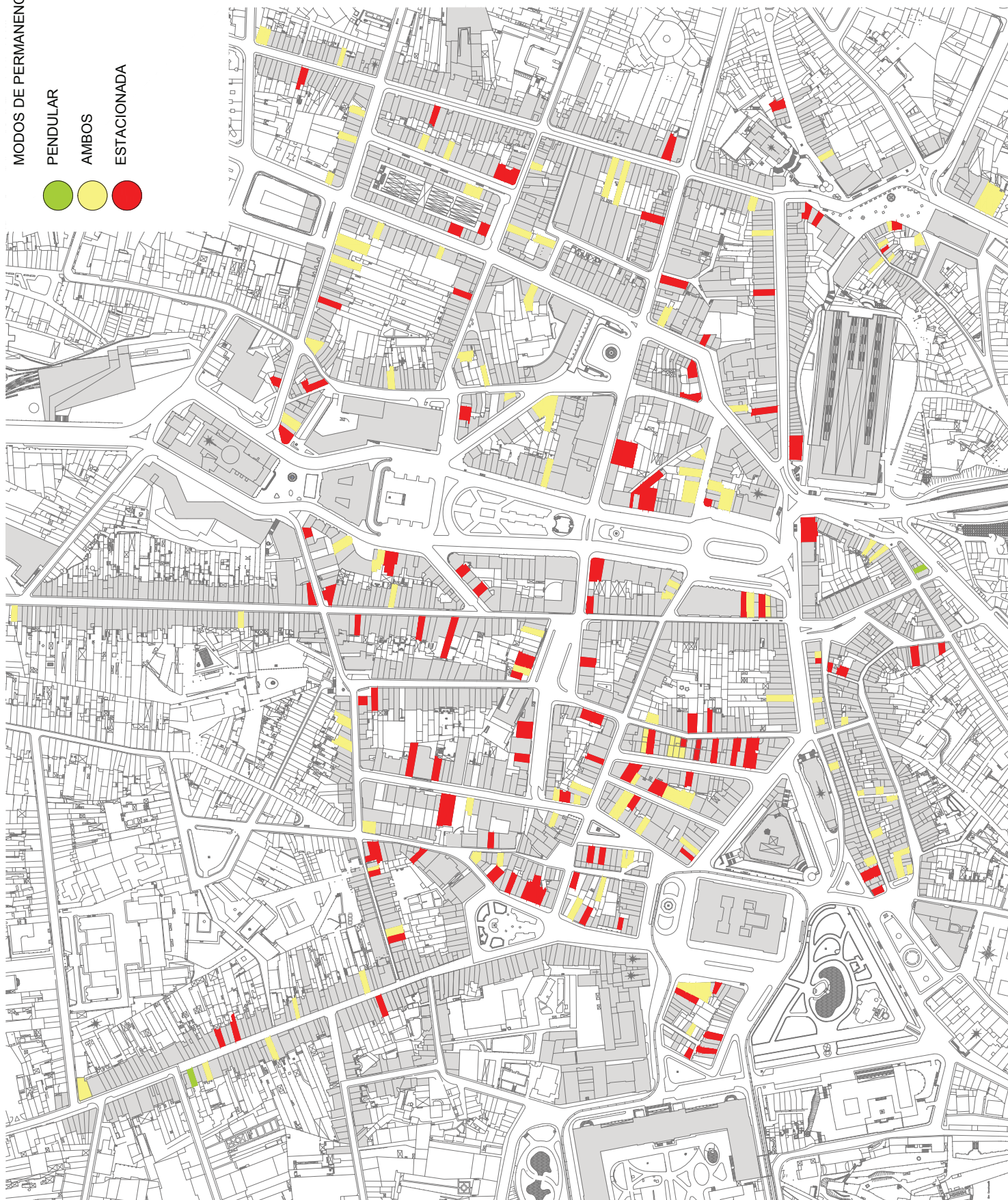


MODOS DE PERMANENCIA

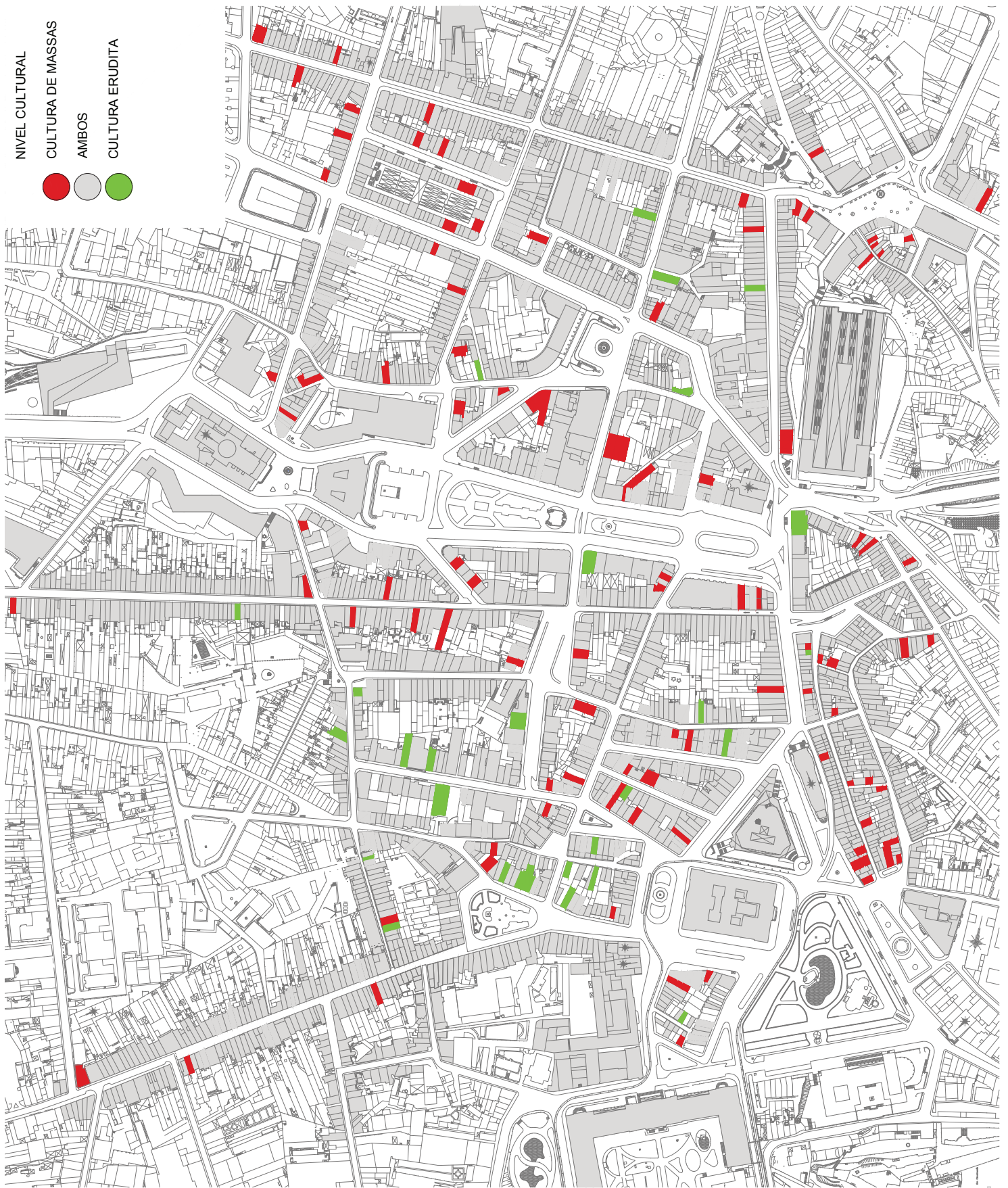
PENDULAR

AMBOS

ESTACIONADA









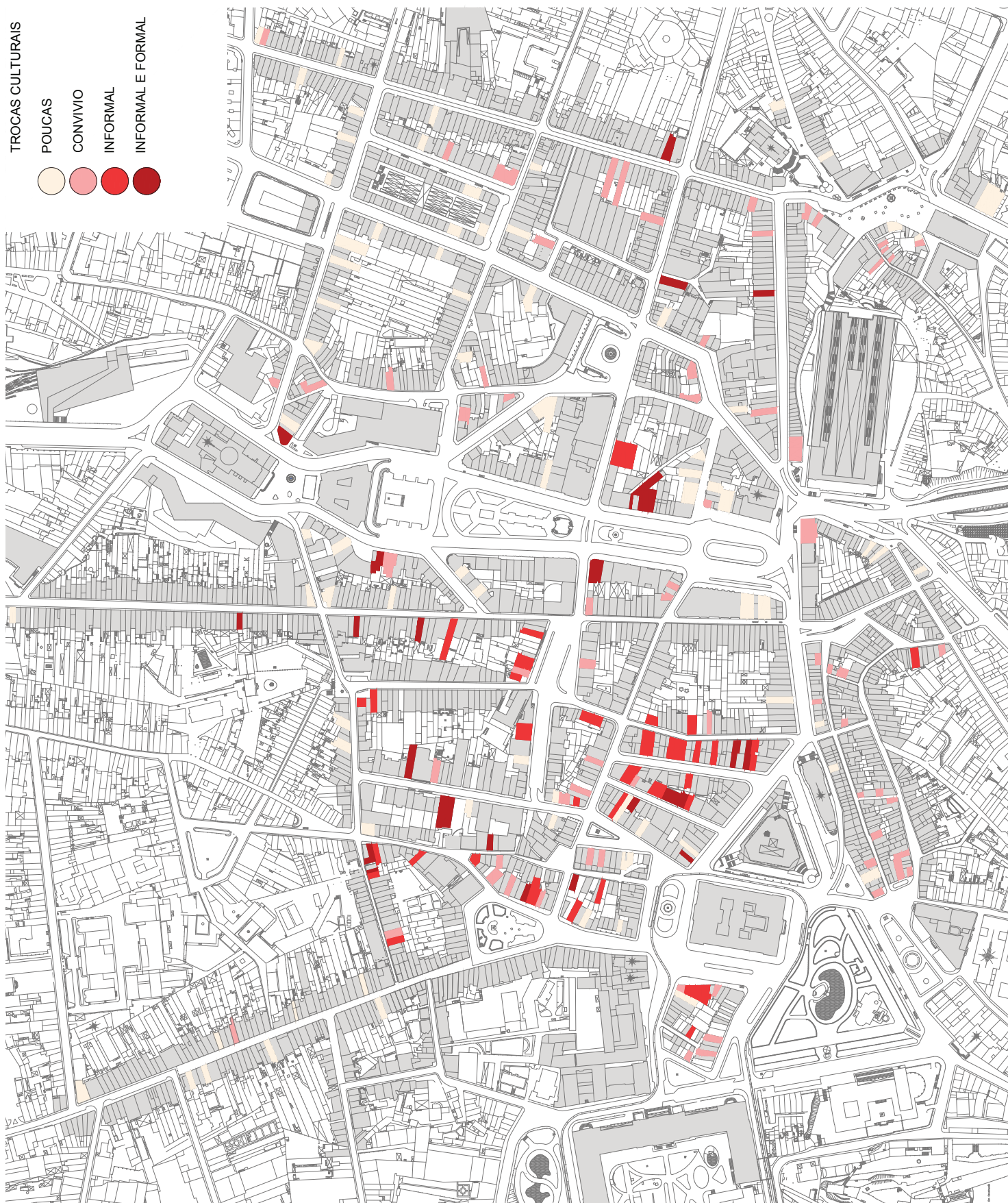
TROCAS CULTURAIS

POUCAS

CONVIVIO

INFORMAL

INFORMAL E FORMAL



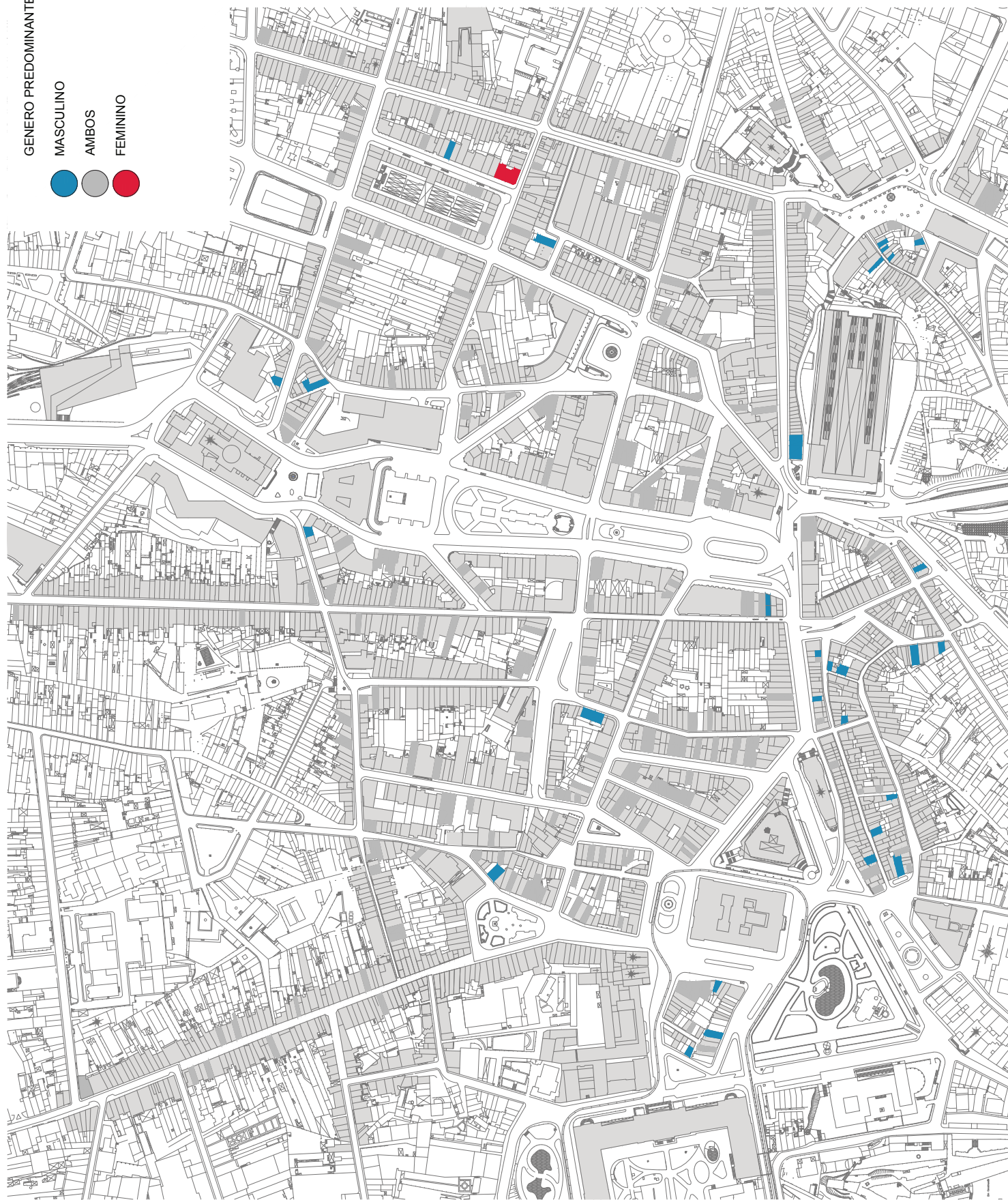


GENERO PREDOMINANTE

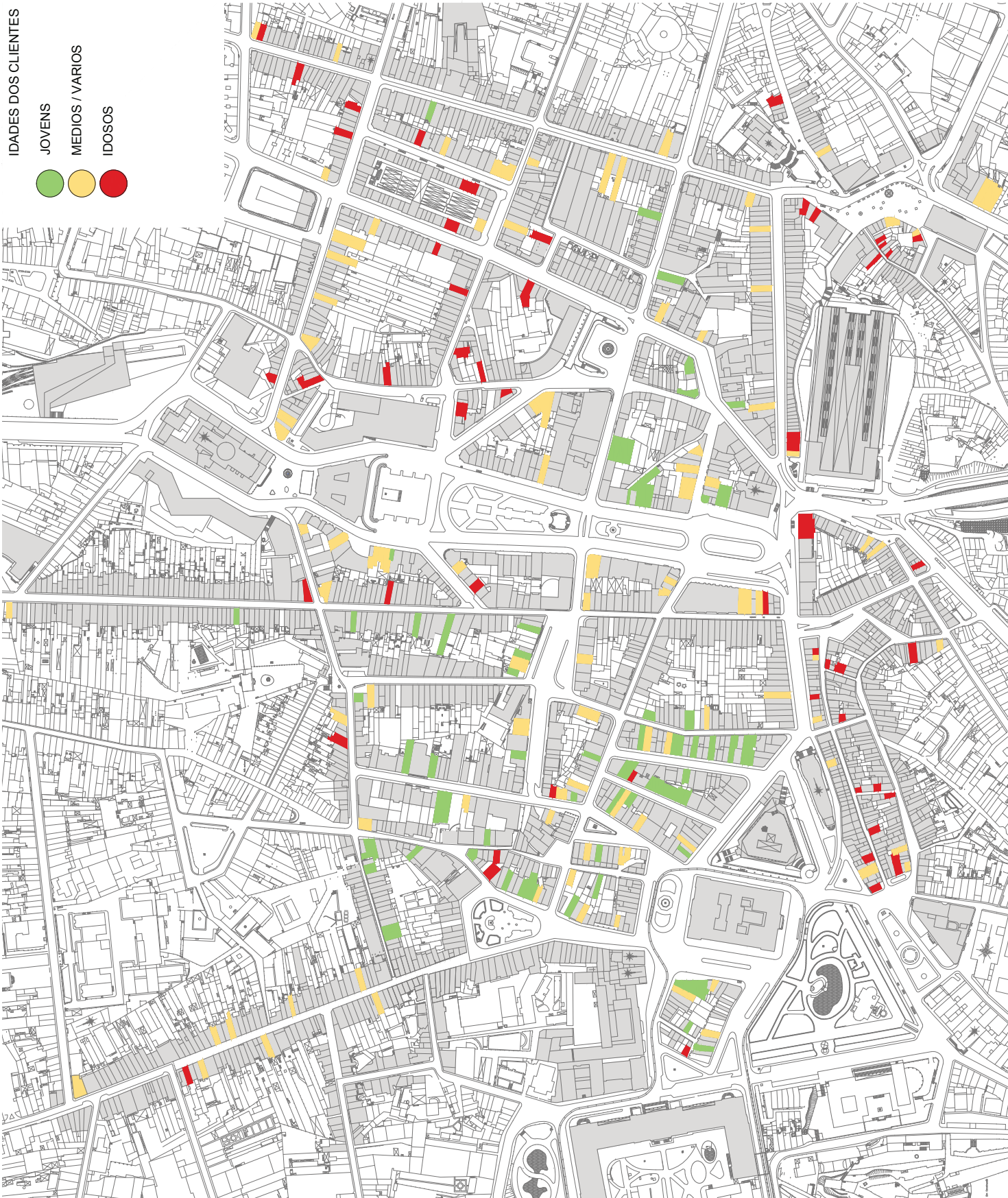
MASCULINO

AMBOS

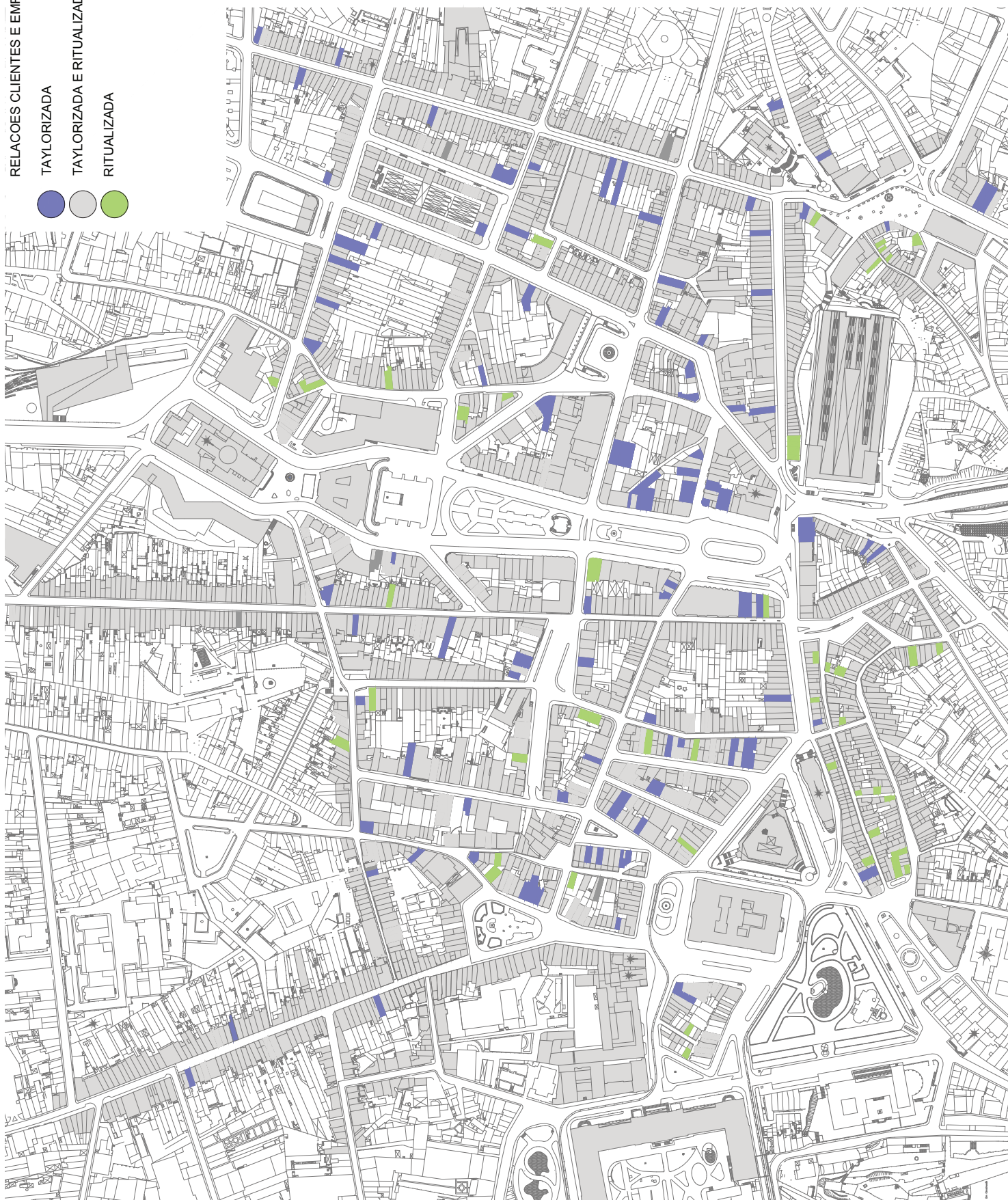
FEMININO





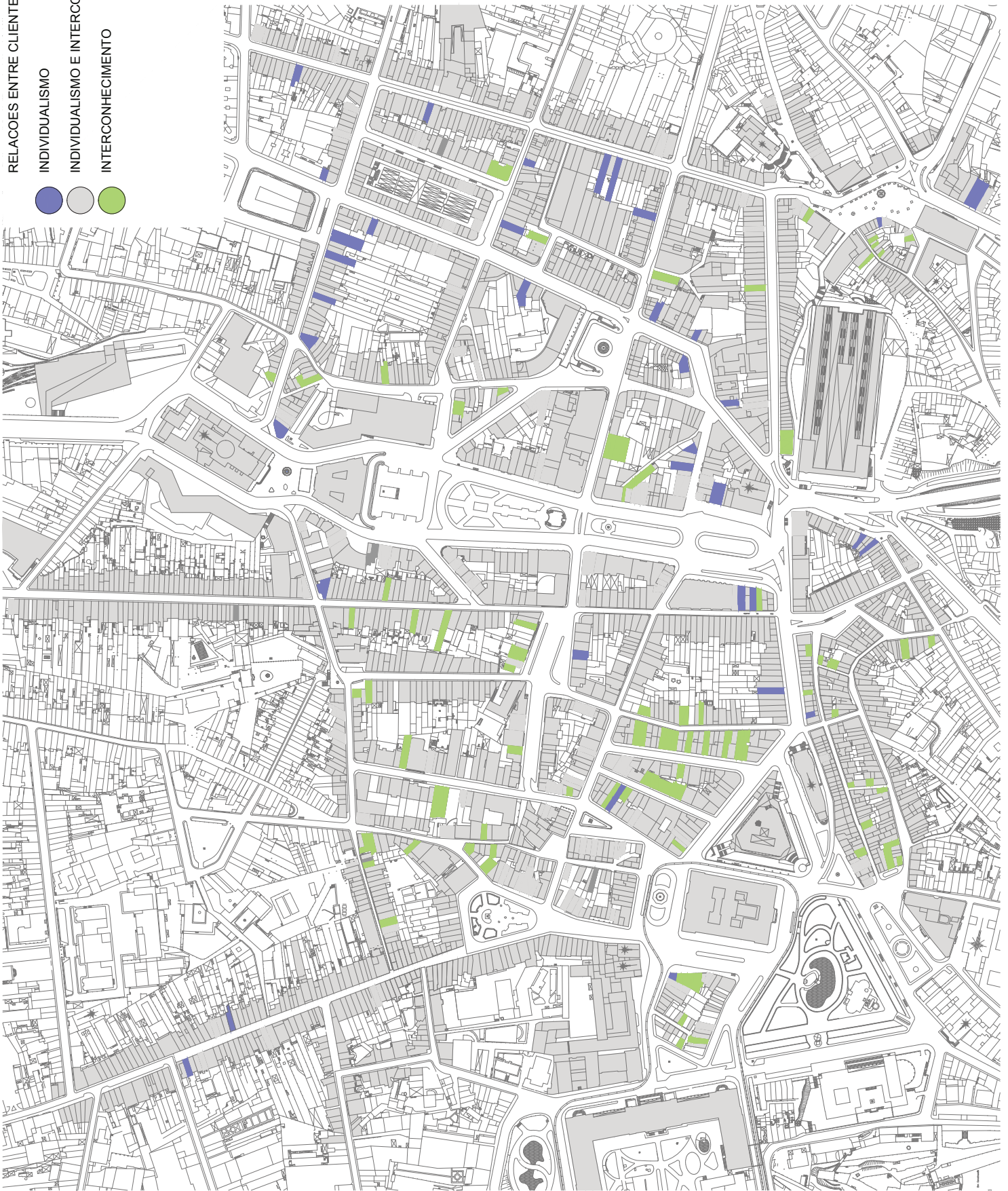
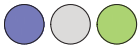








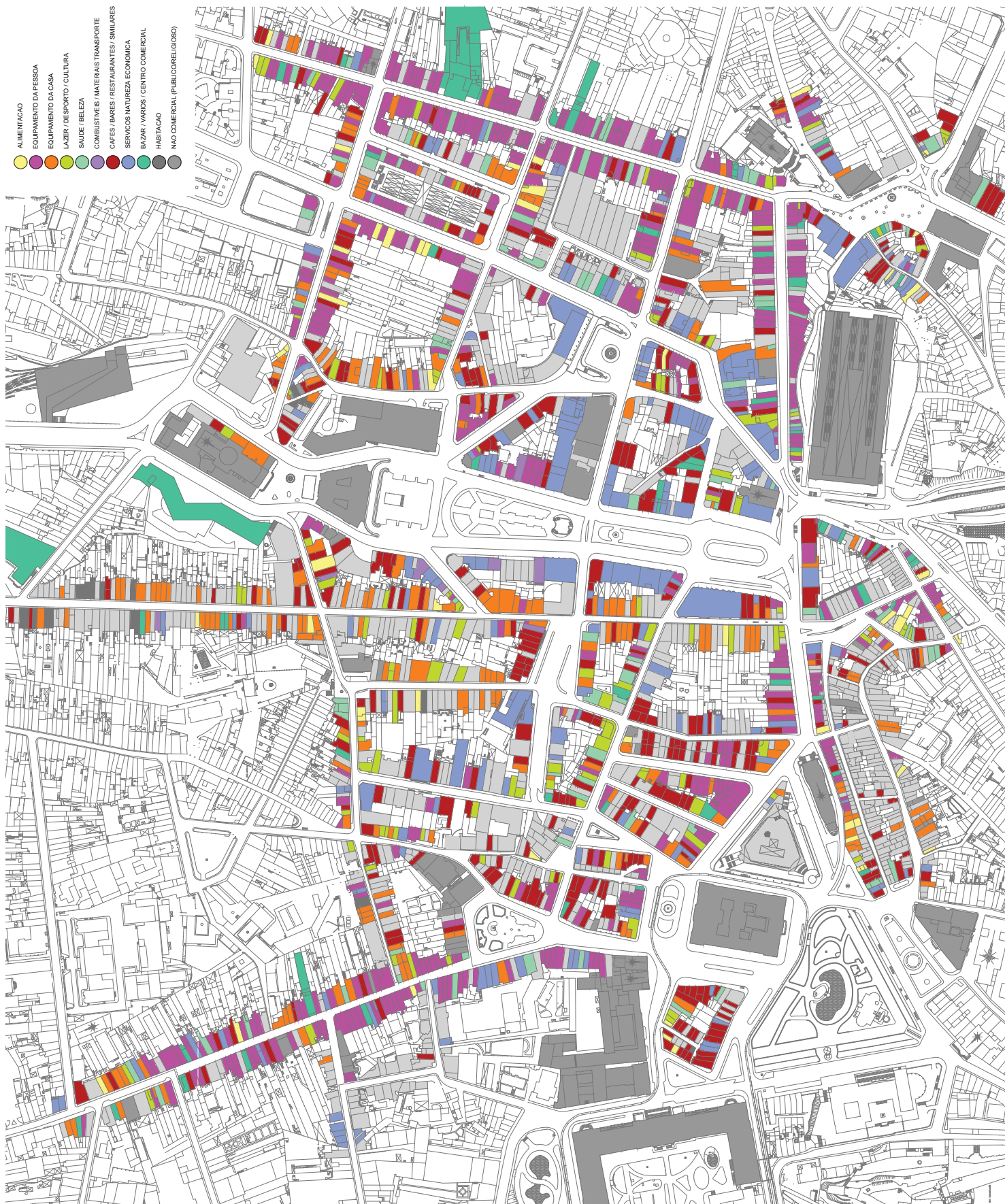
RELACOES ENTRE CLIENTES  
INDIVIDUALISMO  
INDIVIDUALISMO E INTERCONHEC  
INTERCONHECIMENTO



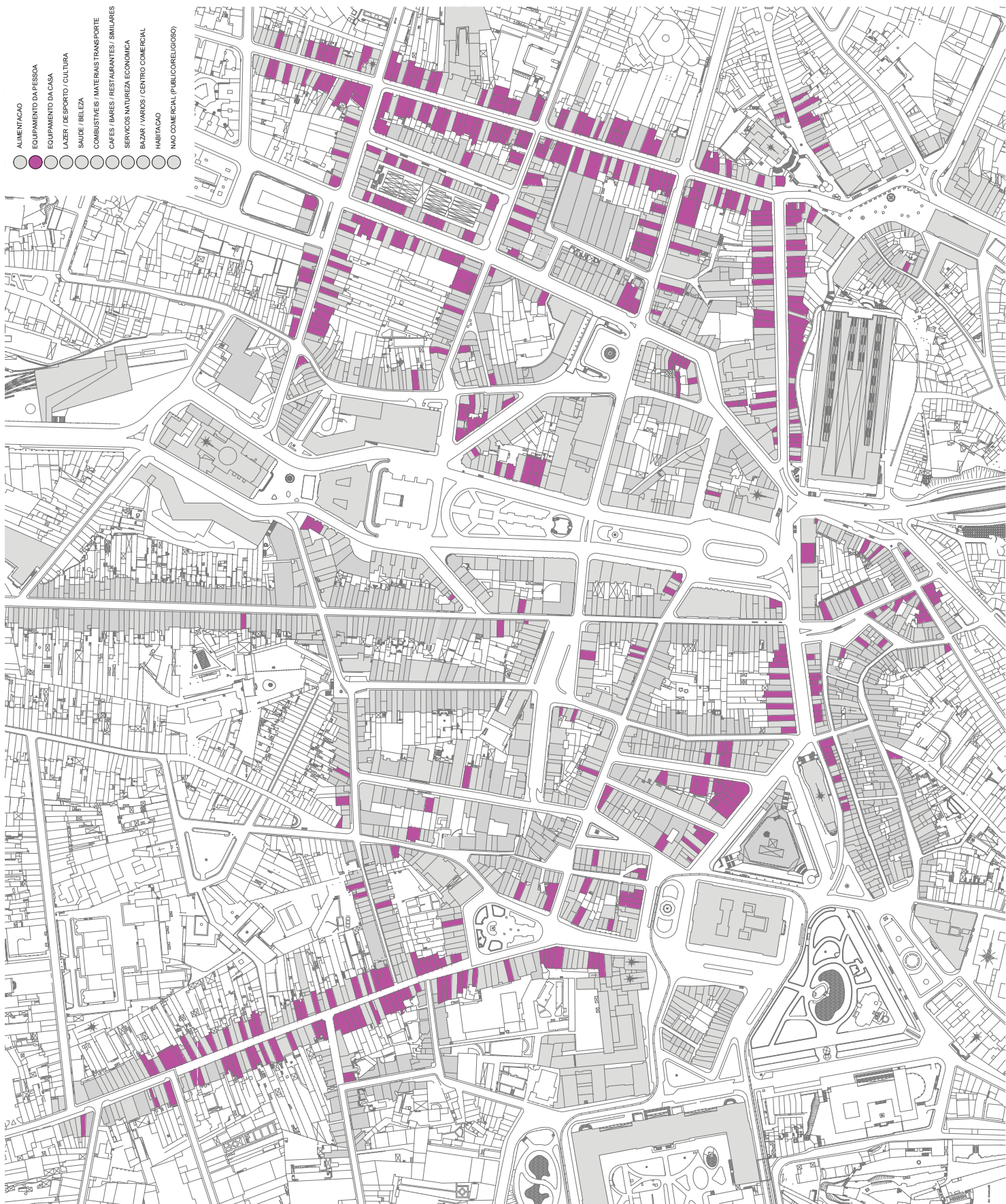
# 3. PLANTAS

LEVANTAMENTO FUNCIONAL

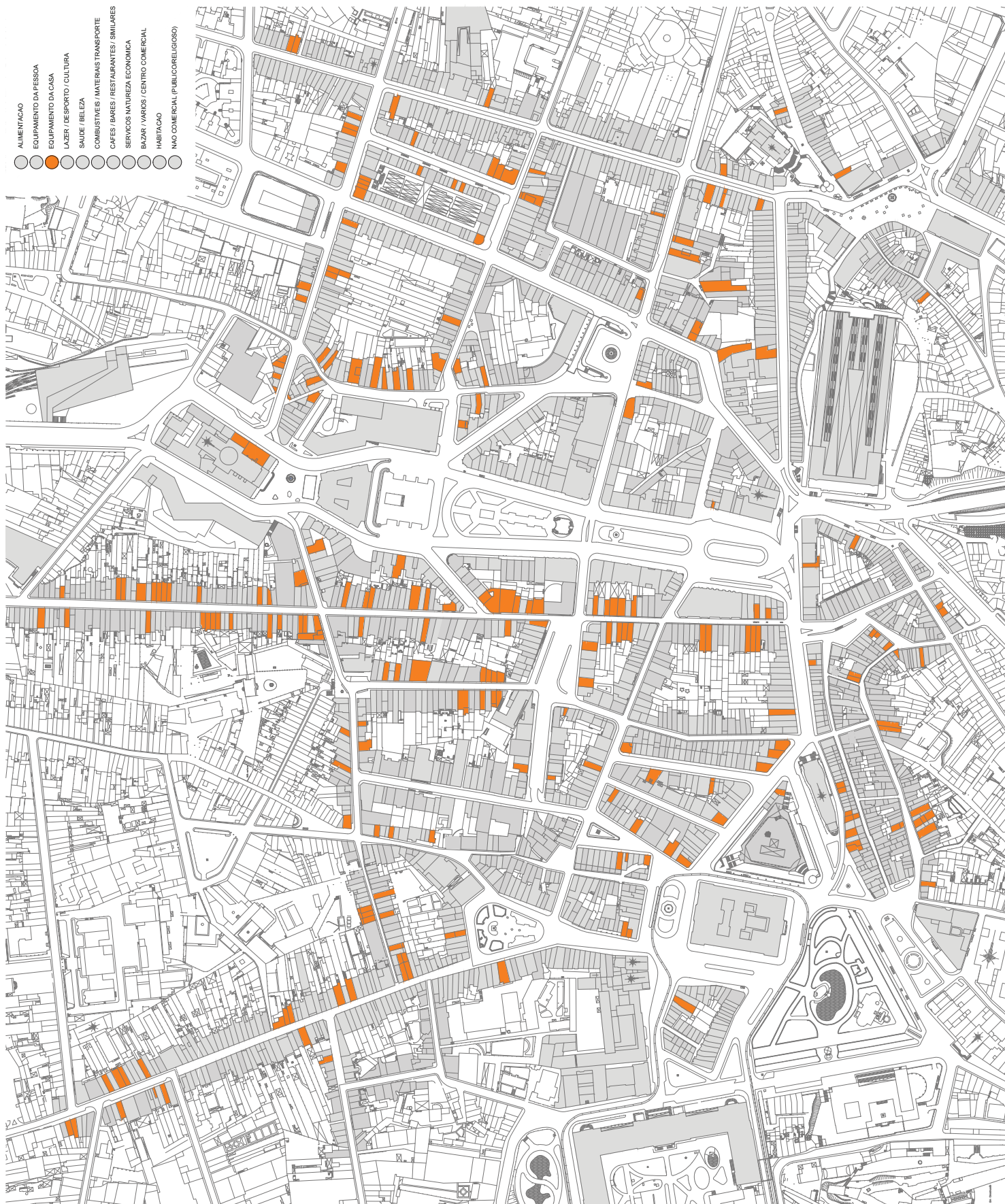








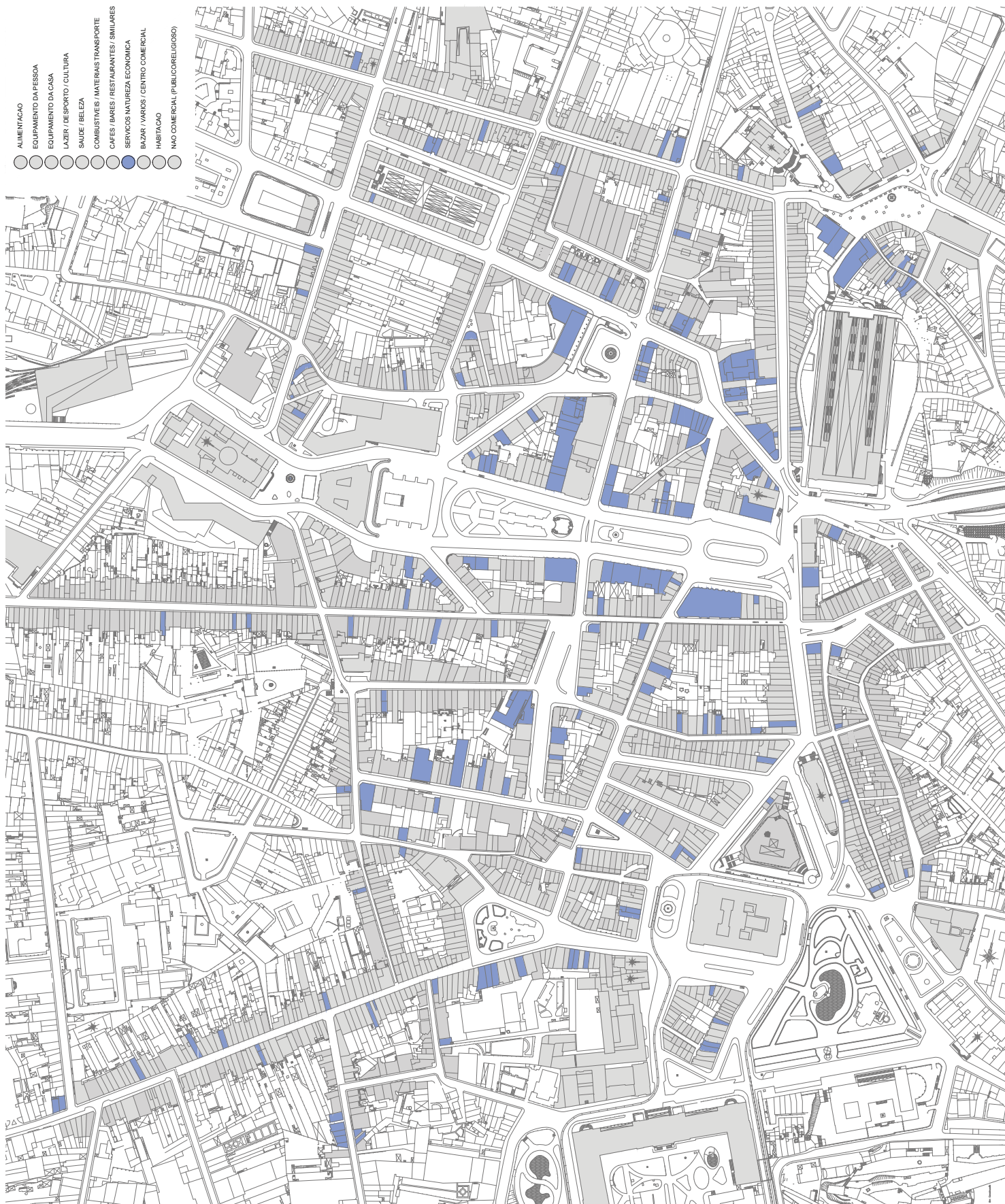




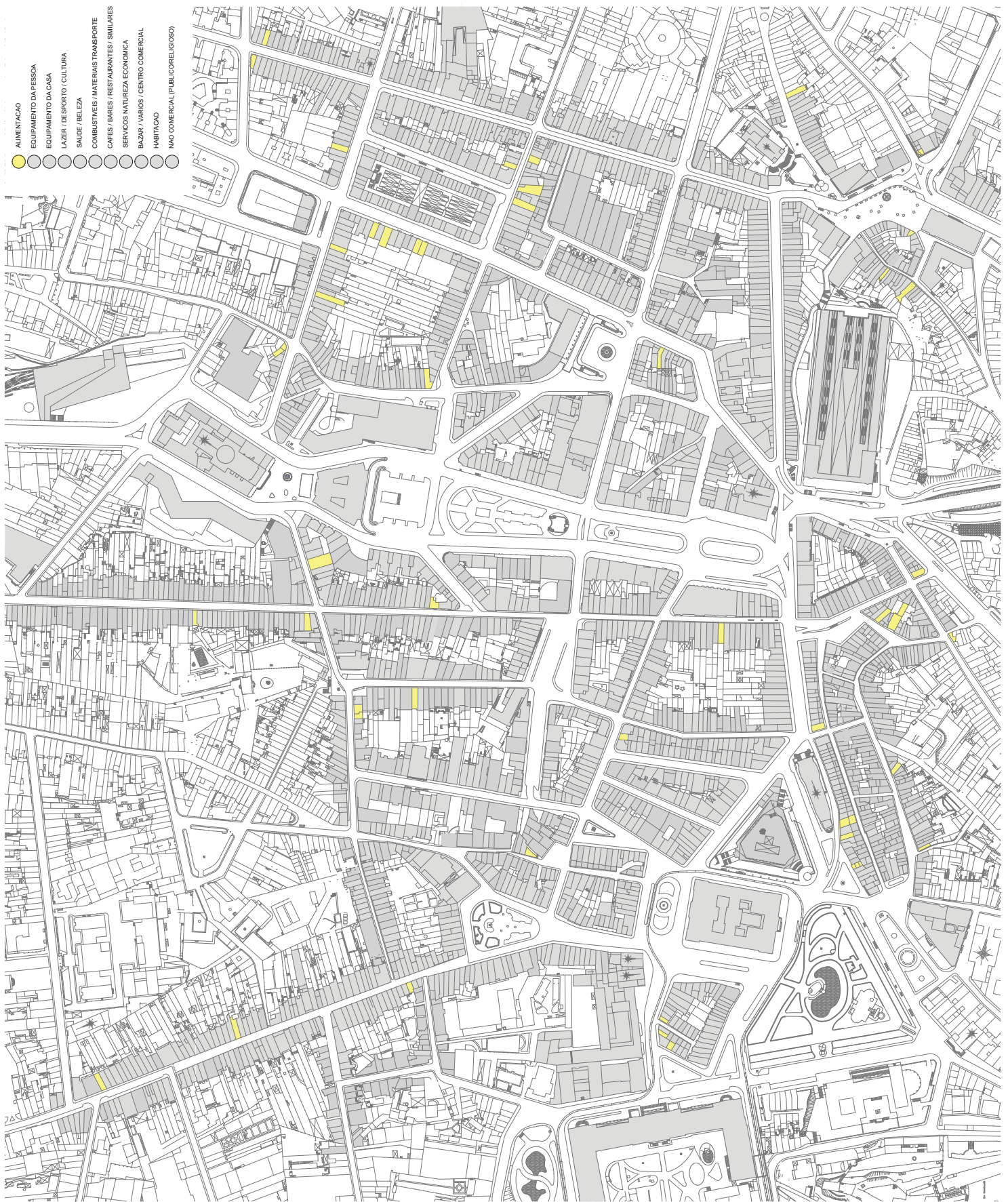




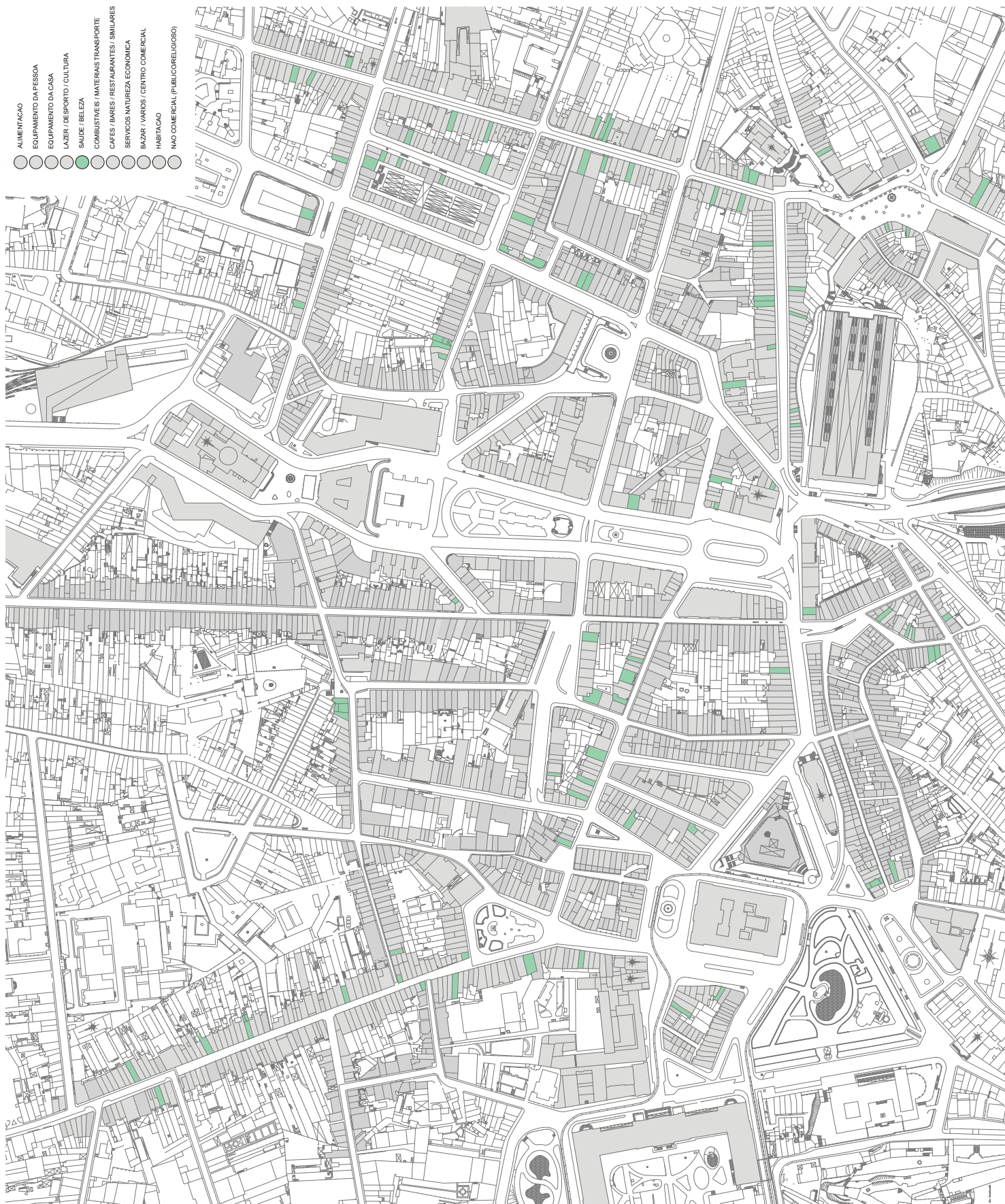








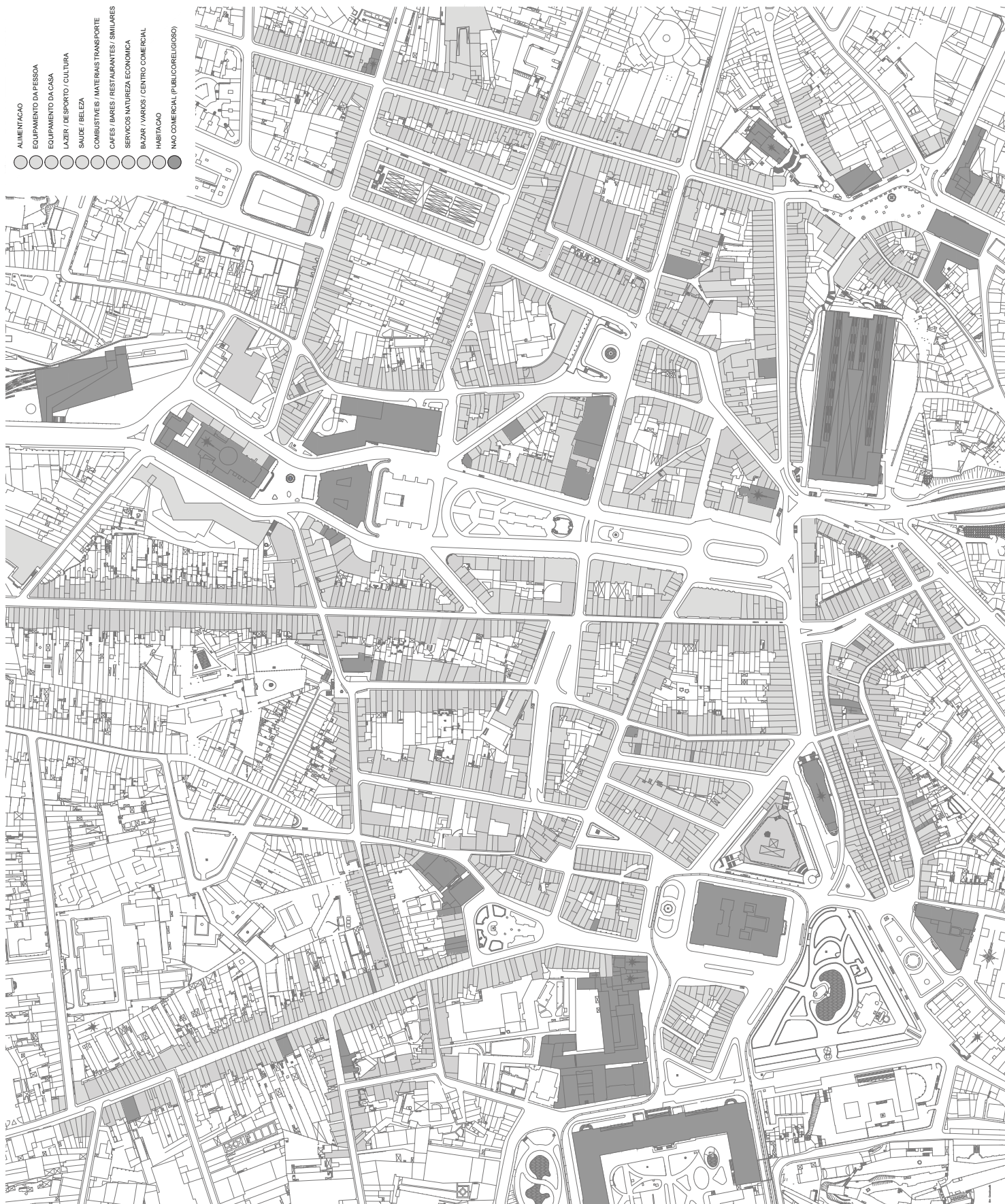


















## 4. NUMERAÇÃO DOS CAFÉS

LATINO	1	CEDOFEITA
MAR AZUL	2	CEDOFEITA
VERA CRUZ	3	CEDOFEITA
PORTO D'OURO	4	CEDOFEITA
BUFETE EXPRESSO	5	CEDOFEITA
CASA DE LÓ	7	CEDOFEITA
GARRAF. A. M. SANTOS	9	JOSÉ FALCÃO/MOMP
ALMADA	10	ALMADA
METRO DA TRINDADE	11	TRINDADE
TERRACE	12	TRINDADE
CHAFARIZ DA TRINDADE	13	TRINDADE
PONTUAL	14	ALMADA
LOW-COST.COME	15	ALIADOS
OURO NEGRO	16	TRINDADE
SANTOS	17	STA. CATARINA
LUA NOVA	18	BOLHÃO
TURISTA	19	BOLHÃO
CANCELA VELHA	20	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
SAFARI	21	ALIADOS
APOLO	22	ALIADOS
CEUTA	23	CEUTA
GAIVOTA	24	CARLOS ALBERTO
CAFÉ DO CARMO	25	CARLOS ALBERTO
PROGRESSO	26	CARLOS ALBERTO
PINGO DE CIMBALINO	27	GALERIAS
LEITARIA QUINTA DO PAÇO	28	GALERIAS
DIPLOMATA	29	GALERIAS
PORTINHO	30	GALERIAS
CASA DA BAIXA	31	GALERIAS
AVIZ	32	CEUTA
GUARANY	33	ALIADOS
GARÇA-REAL	34	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
RETIRO DO JARDIM	35	LEÕES/CORDOARIA
(sem nome)	36	LEÕES/CORDOARIA
BAIXA CAFÉ	37	ALIADOS
ALIADOS	38	ALIADOS
CASAL CAFFÉ LOUNGE	39	ALIADOS
IL CAFÉ DI ROMA	40	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
A BRASILEIRA	41	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
ARMAZÉM DO CAFÉ	42	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
VÍCIO DO CAFÉ	43	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
MAJESTIC	44	STA. CATARINA
MARBELLA	45	STA. CATARINA
CHAVE D'OURO	46	BATALHA
ASTORIA	47	ALIADOS
BUFETE PORTO ANTIGO	48	CLÉRIGOS
PORTAS DO OLIVAL	49	CLÉRIGOS
AS SOGRAS	50	CLÉRIGOS
TUGA	52	CLÉRIGOS
GAROTA DA BAIXA	53	SÃO BENTO
JAVA	54	BATALHA
SAGRES	55	BATALHA
BATALHA	56	BATALHA
LAMEIRAS 2	59	CEDOFEITA
ESPAÇO 77	60	CEDOFEITA
BUFETE DA TRINDADE	61	TRINDADE

CELESTE	62	TRINDADE
BEM BOM	63	BOLHÃO
Cª DAS SANDES	64	STA. CATARINA
BOM GOSTO I	65	BOLHÃO
BEM-ME-QUER	66	BOLHÃO
COMODORO	67	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
BELANA	68	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
DOGTOWN PORTO	69	GALERIAS
SABOR EXPRESSO	71	ALIADOS
CELESTE	72	ALIADOS
MC DONALDS	73	ALIADOS
EMBAIXADOR	74	ALIADOS
SUBWAY	75	SÁ DA BANDEIRA
TROPICAL	77	BATALHA
FLOR DE S.BENTO	78	SÃO BENTO
7 SEVEN	79	SÃO BENTO
FAVI	80	ALMADA
NACIONAL	81	CEDOFEITA
RIAN	82	CEDOFEITA
ALIANÇA	83	CEDOFEITA
PADOURO	84	CEDOFEITA
SCALA	85	JOSÉ FALCÃO/MOMP
RICARDO JORGE	86	ALMADA
CAPRI	88	TRINDADE
PORTO LIGHT	89	BOLHÃO
CRISTO REI	90	BOLHÃO
IMPÉRIO	91	BOLHÃO
DEU LA DEU I	92	BOLHÃO
BELO MUNDO	93	STA. CATARINA
AQUARELA	94	STA. CATARINA
BICO DOCE	95	STA. CATARINA
PRINCESA DO BOLHÃO	96	BOLHÃO
NATA	97	BOLHÃO
SANTARÉM	98	BOLHÃO
DEU LA DEU 4	100	BOLHÃO
COSTA MOREIRA	101	BOLHÃO
BAPTISTA	102	BOLHÃO
CONFEITARIA DO BOLHÃO	103	BOLHÃO
SPRING	104	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
NERITA	105	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
SUBLIME	106	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
ALIANÇA	107	ALIADOS
TAMISA	108	CEUTA
(sem nome)	109	CEUTA
D. MIGUEL	110	GALERIAS
DOCELÂNDIA	111	CARLOS ALBERTO
CENTRAL	112	CARLOS ALBERTO
RIBEIRO	113	GALERIAS
ITAIPIU	114	GALERIAS
SOLAR DO PÃO QUENTE	115	GALERIAS
BELA TORRE	116	LEÕES/CORDOARIA
BRIMAR	117	LEÕES/CORDOARIA
MURALHAS DO OLIVAL	118	CLÉRIGOS
CONFEITARIA CLÉRIGOS	119	CLÉRIGOS
(sem nome)	120	CLÉRIGOS
O FORNO DOS CLÉRIGOS	121	CLÉRIGOS

ATENEIA	122	ALIADOS
BELA DOCE	123	SÃO BENTO
ACEPIPE	124	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
BELLA ROMA	125	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
FAVO	126	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
CERVA	127	31 DE JANEIRO
TUPI	129	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
MENGOS	130	STA. CATARINA
IMPÉRIO	131	STA. CATARINA
BARBARELA	132	31 DE JANEIRO
PAULA	133	BATALHA
BOCAGE	134	BATALHA
PAULISTA	136	BATALHA
CREMOSI	137	LEÕES/CORDOARIA
SINCELO	138	CEUTA
FARGGI	139	ALMADA
Mª VAI COM AS OUTRAS	140	ALMADA
CANHOTO	141	CEDOFEITA
CANDELABRO	142	JOSÉ FALCÃO/MOMP
ONWEB	143	ALIADOS
LUSITANO	144	JOSÉ FALCÃO/MOMP
SANGRIAS E SUSHI	146	CEUTA
TAPAS BAR	148	LEÕES/CORDOARIA
CAFÉ D'OURO / PIOLHO	149	LEÕES/CORDOARIA
UNIVERSIDADE	150	LEÕES/CORDOARIA
AS GALERIAS DE PARIS	151	GALERIAS
CAFÉ AU LAIT	152	GALERIAS
LA BOHÈME	153	GALERIAS
TRÊS C'S	154	GALERIAS
TWIN'S BAIXA	155	GALERIAS
PHERRUGEM	157	CEDOFEITA
PIPA VELHA	158	CEDOFEITA
TENDINHA INDISCRETA	159	CEDOFEITA
ARMAZÉM DO CHÁ	160	JOSÉ FALCÃO/MOMP
BUTIK'IN	161	ALMADA
LOCK – ROCK RENDEZ VOUS	163	CARLOS ALBERTO
RADIO	164	CEUTA
GARRAFEIRA "À GARRAFA"	165	GALERIAS
CASA DO LIVRO	166	GALERIAS
MORE	167	GALERIAS
ERA UMA VEZ NO PORTO	168	LEÕES/CORDOARIA
RENDEZ VOUS	169	GALERIAS
TENDINHA DOS CLÉRIGOS	170	GALERIAS
BAIXA	171	GALERIAS
MAX	172	GALERIAS
PLANO B	173	GALERIAS
VILA PORTO	174	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
PITCH	175	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
CAPITÓLIO	176	ALIADOS
SÁ REIS	177	ALIADOS
TRÁSCA	178	CLÉRIGOS
GAZELA	179	BATALHA
TENDINHA DA TRINDADE	180	TRINDADE
CANTINHO BOMJARDIM	181	TRINDADE
(Sem nome)	184	CLÉRIGOS
VSC - PORTO	185	CLÉRIGOS

(Sem nome)	186	CLÉRIGOS
(Sem nome)	187	CLÉRIGOS
(Sem nome)	188	CLÉRIGOS
CASA BRAGANÇA	189	CLÉRIGOS
RETIRO DOS CARVALHOS	190	CLÉRIGOS
CASA MARLINDO	191	CLÉRIGOS
C. LEANDRO/FUNDANENSE	192	CLÉRIGOS
CASA MEIA LUA	193	BATALHA
CASA PEREIRA	194	BATALHA
PORTO ANTIGO	195	BATALHA
CASA LOURO	196	BATALHA
PORTO GINGINHA	197	BATALHA
VIA GARRETT	199	ALIADOS
MÁXIMO	200	JOSÉ FALCÃO/MOMP
CASA EXPRESSO	201	CARLOS ALBERTO
NO FEMININO.COM	202	CARLOS ALBERTO
LUSO CAFFÉ	203	CARLOS ALBERTO
BUFETE SANTO ANTÓNIO	204	LEÕES/CORDOARIA
CONLELAS	205	LEÕES/CORDOARIA
BRASIL	206	CLÉRIGOS
ARCO DOS LÓIOS	207	SÃO BENTO
TRIBECA	208	31 DE JANEIRO
VITÓRIA CAFÉ	209	JOSÉ FALCÃO/MOMP
DIVAN	210	CEUTA
CAFFÉ IN	212	ALMADA
MOUSTACHE	213	CARLOS ALBERTO
TÚNEL	214	ALMADA
CAIPICOMPANY	216	GALERIAS
SEGAFREDO	217	ALIADOS
BOULEVARD	218	ALIADOS
OPORTO	219	CARLOS ALBERTO
CASA CHRISTINA	220	BOLHÃO
BRASIL	221	SÃO BENTO
BATALHA	222	BATALHA
WISEU NO PORTO	223	SÃO BENTO
CASA ALEGRIA	224	SÃO BENTO
ADEGA QUIM	225	SÃO BENTO
É PRÁ PONCHA	226	GALERIAS
ERA UMA VEZ EM PARIS	227	GALERIAS
OLIVAL	228	GALERIAS
O GOLFINHO	229	CARLOS ALBERTO
INNAMORATTI	230	SÁ BANDEIR/D.JOÃO
DELTA Q	231	BOLHÃO
W DO WILSON	232	GALERIAS
PORTOTÓNICO	233	GALERIAS
THE WALL	234	GALERIAS
MAO MARIA	235	GALERIAS
THE GIN CLUB	236	GALERIAS
BAR 117	237	GALERIAS
BUBBLES VANITY	238	GALERIAS
CHAMPANHERIA DA BAIXA	239	JOSÉ FALCÃO/MOMP
MUSEU D'AVÓ	240	CEDOFEITA
ADUELA	241	CARLOS ALBERTO





# 5. TABELAS

CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS

DESIGNAÇÃO	Nº	LOCALIZAÇÃO	HOR. SEMANA	HOR. SABADO	TIPO DE ESPAÇO	DIMENSÃO	FORMA PLANTA
			DIA	DIA	SNACK-BARES	MÉDIOS	
BATALHA (SNACK-BAR)	56	BATALHA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
O FORNO DOS CLÉRIGOS	121	CLÉRIGOS	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
BRIMAR	117	LEÕES/CORDOARIA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
MURALHAS DO OLIVAL	118	CLÉRIGOS	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	CENTRADA
RICARDO JORGE	86	ALMADA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	CENTRADA/IRREGULAR
GAIVOTA	24	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
PADOURO	84	CEDOFEITA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	CENTRADA
						PEQUENOS	
RIBEIRO	113	GALERIAS	DIA	DIA	PASTELARIA	PEQUENO	IRREGULAR
COSTA MOREIRA	101	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
CAPRI	88	TRINDADE	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
PAULA	133	BATALHA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
CENTRAL	112	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
MARBELLA	45	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
FAVO	126	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA/IRREG
						GRANDES	
PAULISTA	136	BATALHA	DIA	DIA	SNACK-BAR	GRANDE	LONGITUDINAL
MENGOS	130	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR	GRANDE	LONGITUDINAL
						MÉDIOS	
DEU LA DEU 4	100	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	CENTRADA
CELESTE	62	TRINDADE	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	CENTRADA
CELESTE	72	ALIADOS	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
BEM BOM	63	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
SOLAR DO PÃO QUENTE	115	GALERIAS	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
BELLA ROMA	125	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
BARBARELA	132	31 DE JANEIRO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
BICO DOCE	95	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
PINGO DE CIMBALINO	27	GALERIAS	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
TUPI	129	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
IMPÉRIO	131	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
ALIANÇA	83	CEDOFEITA	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
						PEQUENOS	
DEU LA DEU I	92	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
CONFEITARIA CLÉRIGOS	119	CLÉRIGOS	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
SCALA	85	JOSÉ FALCÃO/MOMP	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
BELA DOCE	123	SÃO BENTO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BUFETE EXPRESSO	5	CEDOFEITA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BELA TORRE	116	LEÕES/CORDOARIA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BELO MUNDO	93	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BEM-ME-QUER	66	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
PRINCESA DO BOLHÃO	96	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
FLOR DE S.BENTO	78	SÃO BENTO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL/IRREG
DOCELÂNDIA	111	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
SAFARI	21	ALIADOS	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
FAVI	80	ALMADA	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
						PEQUENOS	
D. MIGUEL	110	GALERIAS	DIA	DIA	SNACK-BAR	PEQUENO	IRREGULAR
NACIONAL	81	CEDOFEITA	DIA	DIA	PADARIA	PEQUENO	LONGITUDINAL



EST. CONSERV	DECO. CUID.	MATERIAIS	ESTILO	DATA ULT TRSF	GRUPO ETÁRIO	CLASSE	SEXO
NOVOS							
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/RENOVADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	POPULAR/KITSCH/RENOVADO	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/CUIDADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEIS							
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR/VULGAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	POPULAR/VULGAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	KITSCH	80-90	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/KITSCH	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR/ TRADICIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR/VULGAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/VULGAR	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/POPULAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	POPULAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/CUIDADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	VULGAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	VULGAR/POPULAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	RENOVADO/POPULAR/VULGAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	RENOVADO/POPULAR/VULGAR	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR/RENOVADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/VULGAR	00-10	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADOS							
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	MUITO POPULAR	1990	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS

NÍVEL CULTURAL	CONSUMO	PÉ-DIREITO	UNIDADE	MEZZANINE	BALCÃO	FORMA	MESAS	COR
----------------	---------	------------	---------	-----------	--------	-------	-------	-----

--	--	--	--	--	--	--	--	--

MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO

MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA T.	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO

MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO

MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	SIM	MARCANTE	VÁRIOS IRR	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO

MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA irr	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE		POUCAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	DIVIDIDO (alt)	SIM	MARCANTE	LINHA T.	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO

MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO

LUZ				DIALOGO RUA				FACHADA				ESPLANADA				PERMAN.				REL. CLIENTES				REL. C-EMP.				TROC. CULT.				DESIGNAÇÃO	
																				DIA / DIA													
																				SNACK-BARES													
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									BATALHA	56			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA									O FORNO DOS CLÉRIGOS	121			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									BRIMAR	117			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									MURALHAS DO OLIVAL	118			
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM														ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									RICARDO JORGE	86			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO									GAIVOTA	24			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									PADOURO	84			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									RIBEIRO	113			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									COSTA MOREIRA	101			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									CAPRI	88			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									PAULA	133			
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									CENTRAL	112			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									MARBELLA	45			
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									FAVO	126			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									PAULISTA	136			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									MENGOS	130			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									DEU LA DEU 4	100			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									CELESTE	62			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									CELESTE	72			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									BEM BOM	63			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	NENHUMA									SOLAR DO PÃO QUENTE	115			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									BELLA ROMA	125			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									BARBARELA	132			
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM														ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA									BICO DOCE	95			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									PINGO DE CIMBALINO	27			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									TUPI	129			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									IMPÉRIO	131			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									ALIANÇA	83			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA									DEU LA DEU I	92			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									CONFEITARIA CLÉRIGOS	119			
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									SCALA	85			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									BELA DOCE	123			
CLARO	FECHADO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									BUFETE EXPRESSO	5			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.									BELA TORRE	116			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									BELO MUNDO	93			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									BEM-ME-QUER	66			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									PRINCESA DO BOLHÃO	96			
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.									FLOR DE S.BENTO	78			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO									DOCELÂNDIA	111			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM														ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									SAFARI	21			
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									FAVI	80			
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM														PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.									D. MIGUEL	110			
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO														PENDULAR	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA									NACIONAL	81			



DESIGNAÇÃO	Nº	LOCALIZAÇÃO	HOR. SEMANA	HOR. SABADO	TIPO DE ESPAÇO	DIMENSÃO	FORMA PLANTA
CAFÉS POPULARES/SNACK-BARES							
TURISTA	19	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIOS	CENTRADA
	107	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
	82	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
						PEQUENOS	
BAIXA CAFÉ	37	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
SUBLIME	106	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
						GRANDES	
GARÇA-REAL	34	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR/ SNACK-BAR / RESTAURANTE	GRANDE	IRREGULAR
						MÉDIOS	
NATA	97	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
COMODORO	67	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	IRREGULAR
ALMADA	10	ALMADA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
MAR AZUL	2	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
						PEQUENOS	
ACEPIPE	124	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
PORTAS DO OLIVAL	49	CLÉRIGOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
AQUARELA	94	STA. CATARINA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BOM GOSTO I	65	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
SANTARÉM	98	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
LUA NOVA	18	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
CHAFARIZ DA TRINDADE	13	TRINDADE	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
METRO DA TRINDADE	11	TRINDADE	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
						MÉDIOS	
SAGRES	55	BATALHA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
SPRING	104	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
						PEQUENOS	
LAMEIRAS 2	59	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BUFETE DA TRINDADE	61	TRINDADE	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	PEQUENO	CENTRADA
CAFÉS POPULARES							
LATINO	1	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	GRANDE	CENTRADA
						MÉDIO	LONGITUDINAL
ARCO DOS LÓIOS	207	SÃO BENTO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
OURO NEGRO	16	TRINDADE	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
						PEQUENO	LONGITUDINAL
PORTO D'OURO	4	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
7 SEVEN	79	SÃO BENTO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BRASIL	221	SÃO BENTO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
CANCELA VELHA	20	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
PORTINHO	30	GALERIAS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
BELANA	68	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
GAROTA DA BAIXA	53	SÃO BENTO	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
APOLO	22	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
AS SOGRAS	50	CLÉRIGOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
RETIRO DO JARDIM	35	LEÕES/CORDOARIA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
(sem nome)	120	CLÉRIGOS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
DIPLOMATA	29	GALERIAS	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
SANTOS	17	STA. CATARINA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL

EST. CONSERV	DECO. CUID.	MATERIAIS	ESTILO	DATA ULT TRSF	GRUPO ETÁRIO	CLASSE	SEXO
NOVOS							
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	RENOVADO/POPULAR/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/POPULAR/VULGAR	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/POPULAR/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEIS							
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/KITSCH	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR/KITSCH	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	POPULAR/CUIDADO	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/POPULAR/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	VULGAR/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	VULGAR	90-00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/KITSCH	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/KITSCH	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/TRADICIONAL	90-00	MÉDIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADOS							
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	80-90	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	MUITO POPULAR	1990	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/TRADICIONAL	70-80	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/FUNCIONAL	90-00	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	POPULAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/TRADICIONAL/RENOVADO	90-00	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	RENOVADO/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/POPULAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL	80-90	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	1990	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	70-80-90	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS

NÍVEL CULTURAL	CONSUMO	PÉ-DIREITO	UNIDADE	MEZZANINE	BALCÃO	FORMA	MESAS	COR
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	SIM	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA irr	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	SIM	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	U	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO



LUZ	DIALOGO RUA	FACHADA	ESPLANADA	PERMAN.	REL. CLIENTES	REL. C-EMP.	TROC. CULT.	DESIGNAÇÃO	
								CAFÉS POPULARES/SNACK-BARES	
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	TURISTA	19
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	ALIANÇA	107
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	RIAN	82
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL(?)	BAIXA CAFÉ	37
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	SUBLIME	106
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	GARÇA-REAL	34
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	NATA	97
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	COMODORO	67
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	ALMADA	10
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	MAR AZUL	2
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	ACEPIPE	124
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONV+TV	PORTAS DO OLIVAL	49
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONV+TV	AQUARELA	94
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	NENHUMA	BOM GOSTO I	65
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	SANTARÉM	98
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO				CONV+TV	LUA NOVA	18
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	CHAFARIZ DA TRINDADE	13
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	METRO DA TRINDADE	11
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	SAGRES	55
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	SPRING	104
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	LAMEIRAS 2	59
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	BUFETE DA TRINDADE	61
								CAFÉS POPULARES	
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	LATINO	1
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	INFORMAL	ARCO DOS LÓIOS	207
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	OURO NEGRO	16
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	PORTO D'OURO	4
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	7 SEVEN	79
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.	BRASIL	221
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CANCELA VELHA	20
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	PORTINHO	30
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	BELANA	68
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PENDULAR	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	GAROTA DA BAIXA	53
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	APOLO	22
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	AS SOGRAS	50
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	RETIRO DO JARDIM	35
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	(sem nome)	120
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	DIPLOMATA	29
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	SANTOS	17

DESIGNAÇÃO	Nº	LOCALIZAÇÃO	HOR. SEMANA	HOR. SABADO	TIPO DE ESPAÇO	DIMENSÃO	FORMA PLANTA
					TABERNAS/TASCOS		
BRASIL	206	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
ADEGA QUIM	225	SÃO BENTO	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	MÉDIO	CENTRADA
CASA EXPRESSO	201	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	MÉDIO	CENTRADA/IRREG
CONLELAS	205	LEÕES/CORDOARIA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
PORTO ANTIGO	195	BATALHA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
TENDINHA DA TRINDADE	180	TRINDADE	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
WISEU NO PORTO	223	SÃO BENTO	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CASA BRAGANÇA	189	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
CASA LOURO	196	BATALHA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CASA ALEGRIA	224	SÃO BENTO	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
O GOLFINHO	229	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
BUFETE SANTO ANTÓNIO	204	LEÕES/CORDOARIA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	PEQUENO	CENTRADA
CASA MARLINDO	191	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL T
CASA PEREIRA	194	BATALHA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
(Sem nome)	188	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL T
CASA MEIA LUA	193	BATALHA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CANTINHO BOMJARDIM	181	TRINDADE	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	LONGITUDINAL
C. LEANDRO/FUNDANENSE	192	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
PORTO GINGINHA	197	BATALHA	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
RETIRO DOS CARVALHOS	190	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
(Sem nome)	184	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
Casa do Vitória do Porto	185	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
(Sem nome)	186	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
(Sem nome)	187	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO	PEQUENO	CENTRADA
TUGA	52	CLÉRIGOS	DIA	DIA	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL/IRREG
GAZELA	179	BATALHA	DIA	DIA	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR/TASCO	PEQUENO	CENTRADA
					CAFÉS ANTIGOS		
VIA GARRETT	199	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO SNACKIZADO/RENOVADO	GRANDE	LONGITUDINAL
MAJESTIC	44	STA. CATARINA	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	GRANDE	LONGITUDINAL
EMBAIXADOR	74	ALIADOS	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO SNACKIZADO	GRANDE	CENTRADA
GUARANY	33	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	GRANDE	CENTRADA
A BRASILEIRA	41	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	GRANDE	CENTRADA
CAPITÓLIO	176	ALIADOS	DIA	DIA	C. POPULAR / ANT DEGRAD / SNACKIZ	GRANDE	LONGITUDINAL
PROGRESSO	26	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO SNACKIZADO/RENOVADO	MÉDIO	LONGITUDINAL
ATENEIA	122	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	MÉDIO	LONGITUDINAL
CONFEITARIA DO BOLHÃO	103	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	MÉDIO	LONGITUDINAL
SINCELO	138	CEUTA	DIA	DIA	GELATARIA/CAFÉ POPULAR/ANT. SNACKIZ	MÉDIO	IRREGULAR
NERITA	105	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO DEGRAD- SNACK	MÉDIO	LONGITUDINAL
SÁ REIS	177	ALIADOS	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO SNACKIZADO	MÉDIO	LONGITUDINAL
ALIADOS	38	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO SNACKIZADO / SNACK-BAR	PEQUENO	LONGITUDINAL
TROPICAL	77	BATALHA	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO SNACKIZADO	PEQUENO	LONGITUDINAL
BAPTISTA	102	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CHAVE D'OURO	46	BATALHA	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO DEGRAD- SNACK	PEQUENO	LONGITUDINAL
JAVA	54	BATALHA	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO SNACKIZADO	PEQUENO	CENTRADA
BUFETE PORTO ANTIGO	48	CLÉRIGOS	DIA	DIA	C. POPULAR / ANTIGO DEGRAD- SNACK	PEQUENO	CENTRADA

EST. CONSERV	DECO. CUID.	MATERIAIS	ESTILO	DATA ULT TRSF	GRUPO ETÁRIO	CLASSE	SEXO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	90...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	JOVENS(ext)/ENV(int)	VÁRIOS-ESTUDANTES	MASCULINO
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/TABERNA/CUIDADO	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/NÃO TRADICIONAL	90...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/ TRADICIONAL	90-00	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL	80-90	MÉD-ENVELH	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/POPULAR/TABERNA	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	70-80	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/NÃO CUIDADO	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/TABERNA	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/TABERNA	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/REFORM	MASCULINO
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	80...	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	MUITO POPULAR	80-90	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/RESTAURADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	ARTE NOVA/CAFÉ BURGUEÍS	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	ANOS 50 / POPULAR	80-90	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	ANOS 30 / BRASIL	90-00	VÁRIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/CUIDADO	00-10	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	ORIGINAL ANOS 50	80-90	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO/ANOS 20	00-10	VÁRIOS	EST/TRAB/BURG/REF	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	CLÁSSICO VINTAGE	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	CLÁSSICO	90-00	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	ANOS 80 / POPULAR	80-90	VÁRIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	POPULAR/KITSCH/CUIDADO	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	POPULAR	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	ANOS 50 COLONIAL/POPULAR	70-80	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	ANOS 20	80-90	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	ANOS 50	80-90	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/TRADICIONAL	90-00	MÉDIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS



NÍVEL CULTURAL	CONSUMO	PÉ-DIREITO	UNIDADE	MEZZANINE	BALCÃO	FORMA	MESAS	COR
MASSAS	CAFÉ. REFEIÇÕES. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO/BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS/MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	SIM	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	SIM	MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	VÁRIOS	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	SIM	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	VÁRIOS	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	SIM	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA T.	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO

LUZ	DIALOGO RUA	FACHADA	ESPLANADA	PERMAN.	REL. CLIENTES	REL. C-EMP.	TROC. CULT.	DESIGNAÇÃO	
								TABERNAS/TASCOS	
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	BRASIL	206
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	ADEGA QUIM	225
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CASA EXPRESSO	201
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	CONELAS	205
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	PORTO ANTIGO	195
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	TENDINHA DA TRINDADE	180
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	WISEU NO PORTO	223
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	CASA BRAGANÇA	189
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	CASA LOURO	196
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CASA ALEGRIA	224
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	O GOLFINHO	229
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	BUFETE SANTO ANTÓNIO	204
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	CASA MARLINDO	191
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CASA PEREIRA	194
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	(Sem nome)	188
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CASA MEIA LUA	193
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	CANTINHO BOMJARDIM	181
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	C. LEANDRO/FUNDANENSE	192
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	PORTO GINGINHA	197
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	RETIRO DOS CARVALHOS	190
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	(Sem nome)	184
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	VSC - PORTO	185
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	(Sem nome)	186
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	(Sem nome)	187
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONV+TV	TUGA	52
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	GAZELA	179
								CAFÉS ANTIGOS	
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	VIA GARRETT	199
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	MAJESTIC	44
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	EMBAIXADOR	74
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	INF+FORMAL	GUARANY	33
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	A BRASILEIRA	41
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	CAPÍTÓLIO	176
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	INF+FORMAL	PROGRESSO	26
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	ATENEIA	122
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA	CONFEITARIA DO BOLHÃO	103
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.	SINCELO	138
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO	PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	NERITA	105
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.	SÁ REIS	177
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	ALIADOS	38
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	TROPICAL	77
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO	PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	BAPTISTA	102
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	CHAVE D'OURO	46
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	JAVA	54
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.	BUFETE PORTO ANTIGO	48

DESIGNAÇÃO	Nº	LOCALIZAÇÃO	HOR. SEMANA	HOR. SABADO	TIPO DE ESPAÇO	DIMENSÃO	FORMA PLANTA
------------	----	-------------	-------------	-------------	----------------	----------	--------------

IMPÉRIO	91	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	GRANDE	CENTRADA
MC DONALDS	73	ALIADOS	DIA	DIA	C. ANTIGO SNACKIZADO/SNACK-BAR NOVO	GRANDE	CENTRADA
CRISTO REI	90	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	GRANDE	LONGITUDINAL
LOW-COST.COME	15	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ NOVO / BAR / RESTAURANTE	GRANDE	IRREGULAR

SABOR EXPRESSO	71	ALIADOS	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
PORTO LIGHT	89	BOLHÃO	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
(sem nome)	109	CEUTA	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO / CAFÉ NOVO	MÉDIO	CENTRADA
Cª DAS SANDES	64	STA. CATARINA	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
SUBWAY	75	SÁ DA BANDEIRA	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	PEQUENO	LONGITUDINAL

DELTA Q	231	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	GRANDE	CENTRADA
ASTORIA	47	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ LUXO / CAFÉ NOVO	GRANDE	CENTRADA

LEITARIA QUINTA DO PAÇO	28	GALERIAS	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO / CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
MOUSTACHE	213	CARLOS ALBERTO	DIA (NOITE?)	DIA (NOITE?)	CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
MÁXIMO	200	JOSÉ FALCÃO/MOMP	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
FARGGI	139	ALMADA	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO / CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
CAFÉ DO CARMO	25	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA	CAFÉ NOVO/SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
BOCAGE	134	BATALHA	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	MÉDIO	CENTRADA/IRREG
IL CAFÉ DI ROMA	40	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ ANTIGO RENOVADO / CAFÉ LUXO	MÉDIO	IRREGULAR
VERA CRUZ	3	CEDOFEITA	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL

SEGAFREDO	217	ALIADOS	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	PEQUENO	CENTRADA
BATALHA	222	BATALHA	DIA	DIA	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CASA CHRISTINA	220	BOLHÃO	DIA	DIA	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO	PEQUENO	LONGITUDINAL
ARMAZÉM DO CAFÉ	42	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	PEQUENO	LONGITUDINAL
INNAMORATTI	230	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA	CAFÉ NOVO	PEQUENO	LONGITUDINAL
CASA DA BAIXA	31	GALERIAS	DIA	DIA	SNACK-BAR NOVO / CAFÉ NOVO	PEQUENO	LONGITUDINAL

CERVA	127	31 DE JANEIRO	DIA	DIA	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
TERRACE	12	TRINDADE	DIA	DIA	SNACK-BAR ? CAFÉ NOVO/SNACK-BAR NOVO	MÉDIO	CENTRADA
GARRAF. A. M. SANTOS	9	JOSÉ FALCÃO/MOMP	DIA	DIA	GARRAFEIRA	MÉDIO	LONGITUDINAL

AVIZ	32	CEUTA	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ ANTIGO SNACKIZADO	GRANDE	LONGITUDINAL
CASAL CAFFÉ LOUNGE	39	ALIADOS	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ LUXO / CAFÉ NOVO / BAR	GRANDE	CENTRADA
TRIBECA	208	31 DE JANEIRO	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ DE LUXO/CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
VITÓRIA CAFÉ	209	JOSÉ FALCÃO/MOMP	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO/RESTAURANTE	MÉDIO	LONGITUDINAL
NO FEMININO.COM	202	CARLOS ALBERTO	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
VÍCIO DO CAFÉ	43	SÁ BANDEIR/D.JOÃO	DIA	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO	MÉDIO	LONGITUDINAL
ITAIPU	114	GALERIAS	DIA	DIA/NOITE ?	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL

CEUTA	23	CEUTA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ POPULAR/CAFÉ ANTIGO	GRANDE	CENTRADA
UNIVERSIDADE	150	LEÕES/CORDOARIA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ POPULAR	GRANDE	IRREGULAR
ÂNCORA D'OURO / PIOLHO	149	LEÕES/CORDOARIA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ POPULAR / ANTIGO SNACKIZADO	GRANDE	CENTRADA
ONWEB	143	ALIADOS	DIA/NOITE	DIA/NOITE	WEB CAFÉ	GRANDE	LONGITUDINAL

TAMISA	108	CEUTA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
OLIVAL	228	GALERIAS	DIA/NOITE	DIA/NOITE	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
PONTUAL	14	ALMADA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ POPULAR / SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
DIVAN	210	CEUTA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
ESPAÇO 77	60	CEDOFEITA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ POPULAR/SNACK-BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL
(sem nome)	36	LEÕES/CORDOARIA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	TABERNA-TASCO / CAFÉ POPULAR	PEQUENO	LONGITUDINAL



EST. CONSERV	DECO. CUID.	MATERIAIS	ESTILO	DATA ULT TRSF	GRUPO ETÁRIO	CLASSE	SEXO
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CLÁSSICO	00-10	JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	SINTÉTICOS	VULGAR/FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMP FUNCIONAL	2012	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/REVIVALISTA	00-10	VÁRIOS	ESTUDANTES/TRAB/REF	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMP FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2010	VÁRIOS	BURG / REF / OUTROS	FEMININO
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CLÁSSICO & CONTEMPORÂNEO	2010	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	BURG / REF / OUTROS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2010	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2011...	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO	00-10	MÉDIOS	TRAB. DIVERSAS ÁREAS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO	2010	VÁRIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMP. FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	BARROCO NOVO	00-10	JOVENS-MÉDIOS	ESTUD/TRAB/BURG	AMBOS
NOVO	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/RENOVADO	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2012	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2010	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	2010	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/EXÓTICO/ REVIVALISTA	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	BARROCO NOVO	2012	MÉD-ENVELH	BURG / REF / OUTROS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	2012	JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	TRAB/BURG/REF	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	ANOS 50	1990	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	MASCULINO
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	2010	JOVENS-MÉDIOS	ESTUD/TRAB/BURG	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMP/MINIM/CHIC	00-10	VÁRIOS	ESTUD/TRAB/BURG/REF	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMP+CLÁSSIC RENV	2010	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	ITALIANO TRADICIONAL	00-10	JOVENS-MÉDIOS	ESTUD/TRAB/BURG	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	FUNCIONAL	00-10	VÁRIOS-JOVENS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	ANOS 50	00-10	VÁRIOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	MISTOS	POPULAR/VULGAR/FUNCIONAL	90-00	JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	ANOS 50	80-90	JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/LÚDICO	00-10	JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	SINTÉTICOS	RENOVADO/VULGAR	00-10	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	2012	VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR/FUNCIONAL	00-10	MÉDIOS-ENVELHECIDOS	POP/TRAB/REFORM	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	POPULAR/TURCO	90-00	JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	90-00	JOVENS	ESTUDANTES	AMBOS
DEGRADADO	NÃO CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/POPULAR	1980	VÁRIOS	VÁRIOS	MASCULINO

NÍVEL CULTURAL	CONSUMO	PÉ-DIREITO	UNIDADE	MEZZANINE	BALCÃO	FORMA	MESAS	COR
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA T.	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO+CROM
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	SIM	MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	SIM	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	IRREGULAR	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	SIM	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE	VÁRIOS	MUITAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA T.	ALGUMAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS.REFEIÇÕES	BAIXO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO E BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO

LUZ	DIALOGO RUA	FACHADA	ESPLANADA	PERMAN.	REL. CLIENTES	REL. C-EMP.	TROC. CULT.	DESIGNAÇÃO		
SNACK-BARES NOVOS										
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	IMPÉRIO	91
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	MC DONALDS	73
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA	CRISTO REI	90
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	LOW-COST.COME	15
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	SABOR EXPRESSO	71
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	PORTO LIGHT	89
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	(sem nome)	109
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA	Cª DAS SANDES	64
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA	SUBWAY	75
CAFÉS NOVOS										
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	DELTA Q	231
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	ASTORIA	47
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	LEITARIA QUINTA DO PAÇO	28
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	MOUSTACHE	213
ESCURO	FECHADO	SOBRESSALIENTE	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	MÁXIMO	200
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	FARGGI	139
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	POUCA+CONV.	CAFÉ DO CARMO	25
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	BOCAGE	134
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	IL CAFÉ DI ROMA	40
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONV+NET	VERA CRUZ	3
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	SEGAFREDO	217
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	BATALHA	222
CLARO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	POUCA+CONV.	CASA CHRISTINA	220
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	ARMAZÉM DO CAFFÉ	42
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	INNAMORATTI	230
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	CASA DA BAIXA	31
OUTROS										
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	CERVA	127
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	TERRACE	12
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	NENHUMA	GARRAF. A. M. SANTOS	9
DIA/ DIA-NOITE										
VÁRIOS										
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	RITUALIZADA	CONV+JOGOS	AVIZ	32
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	CASAL CAFFÉ LOUNGE	39
ESCURO	FECHADO	SOBRESSALIENTE	NÃO		ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	TRIBECA	208
CLARO	FECHADO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	VITÓRIA CAFÉ	209
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	NO FEMININO.COM	202
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	VÍCIO DO CAFÉ	43
CLARO	FECHADO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	NENHUMA	ITAIPU	114
DIA/NOITE										
CAFÉS POPULARES/SNACK-BARES/TASCOS										
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONV+JOGOS	CEUTA	23
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	UNIVERSIDADE	150
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM		PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	CAFÉ D'OURO / PIOLHO	149
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INFORM/NET	ONWEB	143
CLARO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONV+TV	TAMISA	108
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	OLIVAL	228
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO		PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	POUCA+CONV.	PONTUAL	14
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	DIVAN	210
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM		PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	CONV+JOGOS	ESPAÇO 77	60
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO		ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	(sem nome)	36



DESIGNAÇÃO		Nº	LOCALIZAÇÃO	HOR. SEMANA	HOR. SABADO	TIPO DE ESPAÇO	DIMENSÃO	FORMA PLANTA
						CAFÉS NOVOS		
TRÊS C'S	154	GALERIAS GALERIAS CARLOS ALBERTO GALERIAS JOSÉ FALCÃO/MOMP	TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR / CLUB	GRANDE	LONGITUDINAL	
AS GALERIAS DE PARIS	151		DIA/NOITE	DIA/NOITE	C NOVO ED ANT/SNACK-BAR NOVO/BAR	GRANDE	CENTRADA	
LUSO CAFFÉ	203		DIA/NOITE	DIA/NOITE	SNACK-BAR NOVO/CAFÉ NOVO	GRANDE	LONGITUDINAL	
ERA UMA VEZ EM PARIS	227		DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	GRANDE	CENTRADA	
LUSITANO	144		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO / BAR	GRANDE	CENTRADA	
CASA DE LÓ	7	CEDOFEITA	DIA/NOITE	DIA/NOITE	C.ANTIGO RENOVADO / C. NOVO / BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
W DO WILSON	232	GALERIAS GALERIAS GALERIAS GALERIAS GALERIAS GALERIAS GALERIAS GALERIAS JOSÉ FALCÃO/MOMP	DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
CASA DO LIVRO	166		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
PORTOTÓNICO	233		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
THE WALL	234		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
MAO MARIA	235		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
THE GIN CLUB	236		TARDE/NOITE	TARDE/NOITE	CAFÉ NOVO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
BUBBLES VANITY	238		DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO/CAFÉ DE LUXO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	
CHAMPANHERIA DA BAIXA	239		DIA/NOITE	DIA/NOITE	CAFÉ NOVO/CAFÉ DE LUXO/BAR	MÉDIO	LONGITUDINAL	

LA BOHÈME	153
CAFÉ AU LAIT	152
CREMOSI	137
MAX	172
Mª VAI COM AS OUTRAS	140
CANHOTO	141
CANDELABRO	142
ADUELA	241

GALERIAS
GALERIAS
LEÕES/CORDOARIA
GALERIAS
ALMADA
CEDOFEITA
JOSÉ FALCÃO/MOMP
CARLOS ALBERTO

DIA/NOITE	DIA/NOITE
DIA/NOITE	TARDE/NOITE
DIA/NOITE	DIA/NOITE
DIA/NOITE	DIA/NOITE
TARDE/NOITE	TARDE/NOITE
TARDE/NOITE	TARDE/NOITE
DIA/NOITE	DIA/NOITE
DIA/NOITE	DIA/NOITE

CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
SNACK-BAR NOVO / CAFÉ NOVO
RESTAURANTE / CAFÉ NOVO / BAR
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
CAFÉ NOVO / BAR
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO
BAR

PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	CENTRADA
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	CENTRADA
PEQUENO	CENTRADA/GAVETO

RADIO	164
TWIN'S BAIXA	155
BAIXA	171
ARMAZÉM DO CHÁ	160
PLANO B	173

CEUTA
GALERIAS
GALERIAS
JOSÉ FALCÃO/MOMP
GALERIAS

NOITE	NOITE	CAFÉS / BARES		
NOITE	NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR	GRANDE	CENTRADA
NOITE	NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / CLUB	GRANDE	LONGITUDINAL
NOITE	NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR	GRANDE	LONGITUDINAL
NOITE	NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR / CLUB	GRANDE	LONGITUDINAL
NOITE	NOITE	CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR / CLUB	GRANDE	LONGITUDINAL

CAFFÉ IN	212
BUTIK'IN	161
DOGTOWN PORTO	69
CAIPICOMPANY	216
SANGRIAS E SUSHI	146
MUSEU D'AVÓ	240
PIPA VELHA	158
PHERRUGEM	157
TENDINHA DOS CLÉRIGOS	170
OPORTO	219
É PRÁ PONCHA	226

ALMADA
ALMADA
GALERIAS
GALERIAS
CEUTA
CEDOFEITA
CEDOFEITA
CEDOFEITA
GALERIAS
CARLOS ALBERTO
GALERIAS

NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE

CAFÉ NOVO/BAR
CAFÉ NOVO / BAR / CLUB
SNACK-BAR NOVO
BAR
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
BAR/TABERNA
BAR
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
BAR / CLUB
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
BAR

MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	CENTRADA
MÉDIO	CENTRADA
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	IRREGULAR
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL

TENDINHA INDISCRETA	159
LOCK – ROCK RENDEZ VOUS	163
RENDEZ VOUS	169
ERA UMA VEZ NO PORTO	168
GARRAFEIRA "À GARRAFA"	165
TAPAS BAR	148
TRÁSÇA	178

CEDOFEITA
CARLOS ALBERTO
GALERIAS
LEÕES/CORDOARIA
GALERIAS
LEÕES/CORDOARIA
CLÉRIGOS

NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
DIA/NOITE	DIA/NOITE

BAR / CLUB
BAR / CLUB
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR / CLUB
CAFÉ NOVO ED. ANTIGO / BAR
VENDA BEBIDAS
BAR
TASCO NOVO / BAR

PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	CENTRADA
PEQUENO	LONGITUDINAL
PEQUENO	CENTRADA

TÚNEL	214
BOULEVARD	218
BAR 117	237
MORE	167
VILA PORTO	174
PITCH	175

ALMADA
ALIADOS
GALERIAS
GALERIAS
SÁ BANDEIR/D.JOÃO
SÁ BANDEIR/D.JOÃO

NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
NOITE	NOITE
FECHADO	NOITE
FECHADO	NOITE

CLUBS
CLUB
CLUB
BAR / CLUB
CLUB
CLUB
CLUB

GRANDE	LONGITUDINAL
GRANDE	LONGITUDINAL
MÉDIO	LONGITUDINAL
MÉDIO	CENTRADA
GRANDE	CENTRADA
GRANDE	LONGITUDINAL

EST. CONSERV	DECO. CUID.	MATERIAIS	ESTILO	DATA ULT TRSF		GRUPO ETÁRIO	CLASSE	SEX
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/CONSERVADORA	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	VINTAGE	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	VINTAGE/BOÉMIO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	ANOS 50 / VINTAGE	90-00		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CLÁSSICO VINTAGE RENOVADO	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CLÁSSICO VINTAGE RENOVADO	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VINTAGE & CONTEMPORÂNEO	2012		VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VINTAGE & CONTEMPORÂNEO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/CHIC	2012		JOVENS-MÉD	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/CHIC	2012		MÉDIOS	TRAB/BURG	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/CHIC	2012		MÉDIOS	TRAB/BURG	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO/VINTAGE/MINIM	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL&CONTEMP/MINIMAL	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/RETRO	2011				AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VINTAGE	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VINTAGE & CONTEMPORÂNEO	2010		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	VINTAGE & CONTEMPORÂNEO	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	RENOVADO/VULGAR	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2010		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	2009		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RETRO/BOÉMIO&CONTEMPORÂNEO	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	MISTOS	TRADICIONAL&CONTEMP/MINIMAL	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	RETRO/ECLÉTICO/CONTEMPORÂNEO	2007		JOVENS	ESTUDANTES	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2011...		JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	RENOVADO/VULGAR	00-10		JOVENS-MÉDIOS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/BOÉMIO	2010		VÁRIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRAD/PRAIA	2010		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL/TABERNA/CUIDADO	1989		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRAD. RÚSTICO / BOÉMIO / RETRO	1981		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRADICIONAL RENOVADO	00-10		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	MISTOS	POPULAR	2005		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO & TRADICIONAL	2012		JOVENS-MÉDIOS		AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	00-10		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/BLACK CHIC	00-10		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	ARTE NOVA/RENOVADO	00-10		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	RAZOÁVEL	TRADICIONAIS	VINTAGE	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	NÃO CUIDADA	SINTÉTICOS	VULGAR	2010		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
RAZOÁVEL	CUIDADA	TRADICIONAIS	VINTAGE/BOÉMIO	2011		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	TRADICIONAIS	TRAD. RÚSTICO & CONTEMPORÂNEO	2011		VÁRIOS	VÁRIOS	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/MINIMAL	2012		JOVENS	POP/ESTUD/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	VINTAGE, CONTEMP & TRADICIONAL	2012		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO	2012		JOVENS-MÉD	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	ECLÉTICO/EXUBERANTE/CONTEMP	2010		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	SINTÉTICOS	CONTEMPORÂNEO/ECLÉTICO/CHIC	00-10		JOVENS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS
NOVO	CUIDADA	MISTOS	CONTEMPORÂNEO/BOÉMIO	2006		JOVENS-MÉDIOS	ESTUDANTES/TRAB	AMBOS

NÍVEL CULTURAL	CONSUMO	PÉ-DIREITO	UNIDADE	MEZZANINE	BALCÃO	FORMA	MESAS	COR
MASS+ERUDITA	CAFÉ. REFEIÇÕES. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO+CROM
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	QUADR	ALGUMAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	DIVIDIDO (alt)	SIM	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	U	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	SIM	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE	SEMI-CIRC	POUCAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	POUCAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	MARCANTE	U	ALGUMAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE	VÁRIOS	POUCAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE	VÁRIOS	POUCAS	CROMÁTICO
MASSAS	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	SIM	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ.PETISCOS.REFEIÇÕES.BEB.ALCOOL	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	MUITAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	POUCAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	CAFÉ. REFEIÇÕES. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	L	ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	NENHUMAS	SÓBRIO+CROM
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (a+p)	NÃO	NÃO MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO
MASS+ERUDITA	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (plan)	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	CROMÁTICO
MASS+ERUDITA	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	MARCANTE	LINHA	POUCAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		ALGUMAS	SÓBRIO
ERUDITA/ALTERN	PETISCOS. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE	LINHA	ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	CAFÉ. BEB. ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE		POUCAS/ALGUMAS	SÓBRIO
MASSAS	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	ÚNICO	NÃO	NÃO MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO
MASSAS	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	VÁRIOS	POUCAS	CROMÁTICO
MASSAS	BEBIDAS ALCOÓLICAS	ALTO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE	CENTRAL O	POUCAS	CROMÁTICO
ERUDITA/ALTERN	BEBIDAS ALCOÓLICAS	BAIXO	DIVIDIDO (alt)	NÃO	NÃO MARCANTE		POUCAS	SÓBRIO



LUZ	DIALOGO RUA	FACHADA	ESPLANADA	PERMAN.	REL. CLIENTES	REL. C-EMP.	TROC. CULT.	DESIGNAÇÃO	
								CAFÉS NOVOS	
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	TRÊS C'S	154
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	AS GALERIAS DE PARIS	151
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	INFORMAL	LUSO CAFFÉ	203
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	ERA UMA VEZ EM PARIS	227
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	LUSITANO	144
CLARO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLOR/RITUAL	CONV+MUSICA	CASA DE LÓ	7
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	W DO WILSON	232
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	CASA DO LIVRO	166
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	PORTOTÓNICO	233
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	THE WALL	234
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	MAO MARIA	235
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	INFORMAL	THE GIN CLUB	236
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	INFORMAL	BUBBLES VANITY	238
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	INFORMAL	CHAMPANHERIA DA BAIXA	239
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	LA BOHÈME	153
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	CAFÉ AU LAIT	152
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INDIVIDUALISM	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	CREMOSI	137
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	CONVÍVIO	MAX	172
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO				INF+FORMAL	Mª VAI COM AS OUTRAS	140
ESCURO	ABERTO	SOBRESSALIENTE	NÃO				INF+FORMAL	CANHOTO	141
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	CANDELABRO	142
CLARO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	ADUELA	241
								NOITE / NOITE	
								CAFÉS / BARES	
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	RADIO	164
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	TWIN'S BAIXA	155
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	BAIXA	171
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	ARMAZÉM DO CHÁ	160
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	PLANO B	173
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	CAFFÉ IN	212
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	BUTIK'IN	161
CLARO	ABERTO	INSERIDA	SIM	ESTACIONADA	INDIV/INTERC	TAYLORIZADA	CONVÍVIO	DOGTOWN PORTO	69
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	CAIPICOMPANY	216
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	SIM	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	SANGRIAS E SUSHI	146
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	MUSEU D'AVÓ	240
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	PIPA VELHA	158
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	PHERRUGEM	157
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	TENDINHA DOS CLÉRIGOS	170
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	SIM				INFORMAL	OPORTO	219
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	É PRÁ PONCHA	226
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	TENDINHA INDISCRETA	159
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	LOCK – ROCK RENDEZ VOUS	163
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	RENDEZ VOUS	169
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INF+FORMAL	ERA UMA VEZ NO PORTO	168
ESCURO	ABERTO	DESPERCEBIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	TAYLOR/RITUAL	INFORMAL	GARRAFEIRA "À GARRAFA"	165
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	PEND-ESTACION	INTERCONHEC	RITUALIZADA	INFORMAL	TAPAS BAR	148
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	RITUALIZADA	CONVÍVIO	TRÁSCA	178
								CLUBS	
ESCURO	ABERTO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	TÚNEL	214
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	BOULEVARD	218
ESCURO	FECHADO	INSERIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	BAR 117	237
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	MORE	167
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INFORMAL	VILA PORTO	174
ESCURO	FECHADO	DESPERCEBIDA	NÃO	ESTACIONADA	INTERCONHEC	TAYLORIZADA	INF+FORMAL	PITCH	175



## 6. OUTROS





# GUIÃO PARA A OBSERVAÇÃO DIRECTA DOS ESPAÇOS-TEMPOS

NOME DO ESTABELECIMENTO:  
LOCALIZAÇÃO:  
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:  
FUNDAÇÃO:  
PROPRIETÁRIOS:

## ANÁLISE GERAL

ORIGENS/TRANSFORMAÇÕES/PROPÓSITOS DO ESPAÇO  
ARQUITECTOS/ARTISTAS ENVOLVIDOS:

ESPAÇO ORIGINAL ENQUANTO “CAFÉ”

ESPAÇO SUCESSIVAMENTE TRANSFORMADO ENQUANTO “CAFÉ” > QUAIS AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES (Formais/decorativas)

ESPAÇO ANTERIOR DE OUTRA TIPOLOGIA TRANSFORMADO EM CAFÉ > QUAL QUAIS AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES

PROPÓSITOS/PRETENSÕES SOBRE A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL/LINGUAGEM/AMBIENTE GERAL

CONFIGURAÇÃO ESPACIAL NA ACTUALIDADE

ESTRUTURA FORMAL DO ESPAÇO + ELEMENTOS COMPONENTES FIXOS:

LINGUAGEM DECORATIVA:

ELEMENTOS SEMI-FIXOS E SUA DISPOSIÇÃO:

AMBIENTE GERAL CONSEGUIDO:

RELAÇÕES INTERIOR/EXTERIOR:

## ANÁLISE POR TEMPOS

(PRINCIPAIS) TEMPOS DE FUNCIONAMENTO: MANHÃ | TARDE | NOITE | MADRUGADA  
TEMPO DA ANÁLISE:

FUNCIONAMENTO DO ESPAÇO

TIPO DE SERVIÇO:

OFERTA DE CONSUMO:

CONSUMO PROCURADO:

MODOS DE SERVIÇO (Atendimento ao cliente – balcão, mesas, esplanada, self-service... ) | OBSERVAÇÕES:

RELAÇÃO EMPREGADO-CLIENTE:

AMBIENTE CULTURAL/OFFERTA CULTURAL

CONVÍVIO | TELEVISÃO | INTERNET | MÚSICA | CONCERTOS | EXPOSIÇÕES | LEITURAS | OUTROS (Quais?)

DESCRIÇÃO DESSA OFERTA CULTURAL (Que música, que leituras...)

AMBIENTE SOCIAL

DISPOSIÇÃO DOS CLIENTES PELO ESPAÇO (Balcão, mesas, esplanada, dispersos...)

CONCENTRAÇÃO/NÚMERO DE UTILIZADORES DO ESPAÇO

RELAÇÕES ENTRE OS UTILIZADORES DO ESPAÇOS: (interconhecimento/individualismo/modos de agrupamento)

MODOS DE ESTAR: (actividades extra-consumo desenvolvidas – conversa, leitura, estudo/trabalho, dança)

CARACTERÍSTICAS DOS UTILIZADORES DO ESPAÇO:

(observação directa e opiniosa: idades, sexos, níveis de escolaridade, profissões, ocupações, grupos socioculturais (tribos urbanas), orientações sexuais, condições financeiras, gostos, vestuário...)

O ESPAÇO-TEMPO E O CONTEXTO URBANO, SOCIOCULTURAL

CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO PARA A DINAMIZAÇÃO DA VIDA URBANA/INSERÇÃO DO ESPAÇO NA VIDA URBANA

CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO PARA A (RE)ORGANIZAÇÃO URBANA (condicionante ou não da existência de outros estabelecimentos do mesmo ou de outros tipos)

O ESPAÇO COMO NÚCLEO DE PRODUÇÃO/DINAMIZAÇÃO CULTURAL:

## COMPLEMENTOS

# GRELHA DE CLASSIFICAÇÃO DO COMÉRCIO RETALHISTA NA CIDADE DO PORTO, de José Alberto Rio Fernandes (1997: anexo 1)

ALIMENTAÇÃO	Alimentação geral	Pão, peixe, carnes	Diversos
	Mercearia, Mini-mercado, Supermercado, Hipermercado, Frutaria, Congelados, Chá e Café, Legumes, Lacticínios.	Padaria, Peixaria, Talho, Charcutaria/Salsicharia, Fressuras, Tripa seca.	Vinhos e Bebidas, Alimentação dietética, Cereais, Farinhas, Azeite, Frutas secas e especiarias, Ovos, Vinagres, Doces, Conservas, Azeitonas, Massas alimentícias, Aves, Batatas, Aguardentes, Bolachas, Cebolas, Leite, Manteiga, Queijo, Sebos.

EQUIPAMENTO DA PESSOA	Roupa	Têxteis e peles	Calçado	Acessórios
	Pronto-a-vestir (homem e senhora), Pronto-a-vestir (homem e senhora, Pronto-a-vestir criança, Pré-mamã, Casamento, Baptizado, Trabalho, Camisaria, Roupa Interior, Meias, Gravatas, Gabardines, Lenços, Vêus e Mantilhas, Uniformes.	Lãs, Tecidos, Peles, Couros, Linhos.	Sapataria.	Marroquinaria, Guarda-chuvas, Chapelaria, Bijuteria, Brinquedos, Relojoaria, Ourivesaria, Malas, Luvaria, Armas de Fogo, Malhas e Miudezas, Forros, Cabeleiras, Fivelas, Bengalas, Passamanarias, Cintas, Cintos, Linhas, Fitas.

EQUIPAMENTOS DA CASA	Móveis	Grande decoração	Electricidade e maquinaria	Ferramentas e utensílios	Equipamento profissional	Decoração	Diversos
	Móveis (geral), Móveis cozinha, Móveis jardim, Móveis antigos, Estofos, Vergas.	Papel parede, Decoração, Têxteis para casa, Bordados, Estores, Tapetes e Alcatifas.	Electrodomésticos, Art. Electricidade, Candeeiros, Hi-fi, Tv, Rádio, Video, Antenas, Máq. Costura e tricotar, Ar condicionado, Aparelhos de aquecimento, Fogões, Pilhas, Refrigeração, Sist. Intercomunicação, Electrodomésticos (acessórios), Equipamento de segurança.	Bricolage, Quinquilharias, Ferragens, Drogaria, Vidraria, Colas, Cutelaria, Art. Jardinagem, Ferramentas diversas, Peneiras e Crivos, Tintas e Vernizes, Escovas e Vassouras, Fechaduras, Moinhos de café, Adubos e Fertilizantes.	Máquinas e Artigos de escritório, Máquinas agrícolas, Máquinas de pesar, Instrumentos médicos, Cofres, Instrumentos de medição, Canetas, Computadores.	Antiguidades, Porcelanas, Louça, Quadros, Galeria de arte, Artigos regionais, Artigos metálicos, Minerais-Fósseis, Florista, Vidros e Cristais, Molduras, Estatuário, Espelhos, Art. Cortiça, Flores artificiais.	Material construção e Acessórios, Cordoaria, Chaves, Art. Plásticos, Colchoaria, Art. Religiosos, Art. Funerários, Equipamento para piscinas, Pára-raios, Velas, Marmorista, Louzeiro, Art. Borracha, Sabão, Art. para aquários, Artigos criança

LAZER, DESPORTO, CULTURA	Desporto	Lazer - cultura
	Desporto (geral), Pesca, Caça, Campismo.	Livraria, Papelaria, Tabacaria, Selos e Moedas, Cassetes de video, Artigo fotografia, Discos, Animais, Alimentos para animais, Instrumentos musicais, Quiosque, Guarda-sóis, Bandeiras, Alfarrabista, Moedas/Numismática, Arte/Design.

SAÚDE, BELEZA	Saúde	Beleza
	Farmácia, Oculista, Aparelhos acústicos, Artigos de ortopedia, Ervanário, Sanguessugas, Cadeiras e Camas para doentes.	Perfumaria, Produtos de Beleza.

COMBUSTÍVEIS E MATERIAL DE TRANSPORTE	Combustíveis	Material de transporte
	Carvoaria, Madeira, Gás, Combustíveis auto, Petróleo.	Barcos, Motorizadas, Pneus, Acessórios auto, Automóveis, Caravanas, Bicicletas, Acessórios bicicletas, Camiões, Óleos lubrificantes, Tapetes auto.

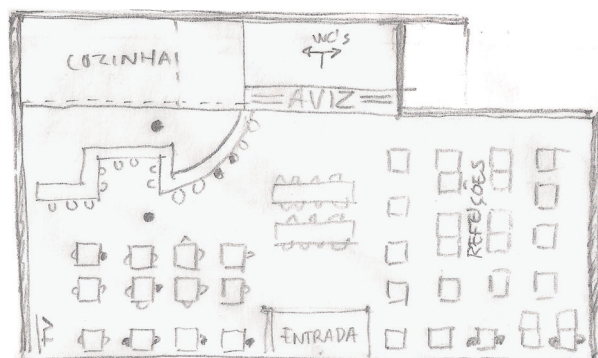


<b>SERVIÇOS DE NATUREZA ECONÓMICA / HOTÉIS E SIMILARES</b>	<b>Pessoais e domésticos</b>	<b>Lazer</b>	<b>Profissões liberais</b>	<b>Bancos e seguros</b>	<b>Hotéis e similares</b>
	<i>Roupa</i> – Lavandaria, Tinturaria, Aluguer de roupa, Engomadeira, <i>Beleza</i> – Cabeleireiro senhoras, cabeleireiro homens, Instituto de beleza, Manicure/Pedicure, Calista, Massagista, Tratamento capilar, <i>Reparações</i> – Calçado, Cerzideira, Electrodomésticos, Rádios, Artigos eléctricos, Automóveis, Estação de serviço, Relojoeiro, Pianos e outros instrumentos musicais, Amolador, Limpa-chaminés, Máq. costura, Móveis e Antiguidades, Engraxador, Bicicletas, Máq. de escrever e de escritório, Motos, Encerador, Malas, Envernizador, Máquinas fotográficas e Instrumentos de precisão, Canetas de tinta, Pneus, Limpeza, Cons. Jardins, <i>Diversos</i> – Fotografia, Fotocópia, Serv. de informática, <i>Outros</i> – Agente de criados, Armador, Estab. de banhos, Agência de leilões, Agência de documentação, Agência de emprego, Aluguer instr. musicais, Mudanças.	<i>Viagem</i> – Agência de viagens, Aluguer de automóveis, Aluguer de bicicletas, Aluguer de motorizadas, <i>Espectáculos</i> – Cinema, Teatro, Agência artística, agência de bilhetes para espectáculos, <i>Jogo</i> – Casino, Bingo, Flippers, Bilhares, Apostas mútuas.	<i>Saúde</i> – Médico clínica geral, Médico Especialista, Dentista, Médico-cirurgião, Veterinário, Enfermeiro/ Parteira, Centro de enfermagem, Análises, Policlínica, Psicólogo, Clínica dentária, Acupunctura, Fisioterapia, <i>Justiça e Fiscalidade</i> – Advogado, Agência de contribuintes, Solicitador, Serviços judiciais, <i>Finanças e Economia</i> – Economista, Contabilista, Consultor financeiro, Informações comerciais, Agência de cobranças, Corrector, Guarda-livros, Organização de empresas, Auditoria, <i>Construção civil</i> – Arquitecto, Engenheiro, Desenhador, Topógrafo, Gabinete de projectos, Agente técnico, <i>Outras</i> – Calígrafo, Escultor, Engenheiro químico, Engenheiro electrotécnico, Pintor, Engenheiro mecânico, Engenheiro agrónomo, Engenheiro de minas, Tradutor/Intérprete.	<i>Bancos e Similares</i> - Banco, Leasing, Penhor, Corrector, Câmbios, <i>Seguros</i> – Seguros e Resseguros, <i>Agências imobiliárias</i> – Agência imobiliária, Administração de propriedades, Agência de aluguer de habitações, Agência de trespasses.	Hotel, Pensão, Estalagem, Hospedaria, Residencial, Parques de campismo, “Dormidas”, Albergaria.

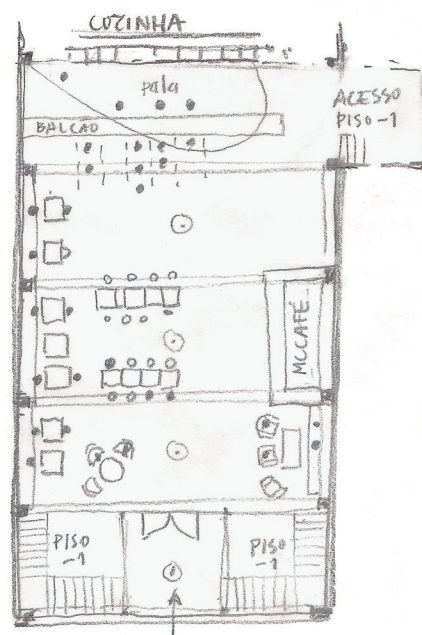
<b>BAZAR / VÁRIOS</b>	<b>Bazar/ Vários</b>
-----------------------	----------------------

<b>CAFÉS, BARES, RESTAURANTES E SIMILARES</b>	<b>Cafés, bares, restaurantes e similares</b> Café, Bar, Salão de chá, Cervejaria, Confeitaria, Snack-bar, Restaurante, Taberna, Casa de pasto, Leitaria, Gelataria.
---	---

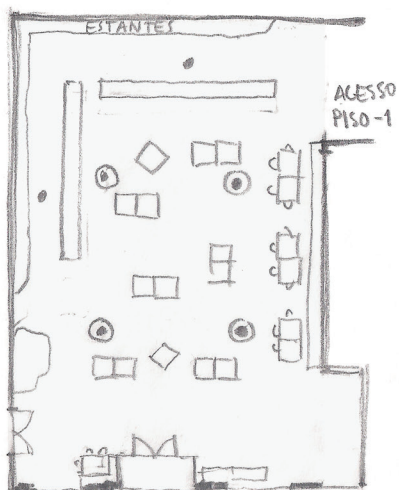
# DESENHOS ESQUEMÁTICOS DAS PLANTAS DOS CAFÉS



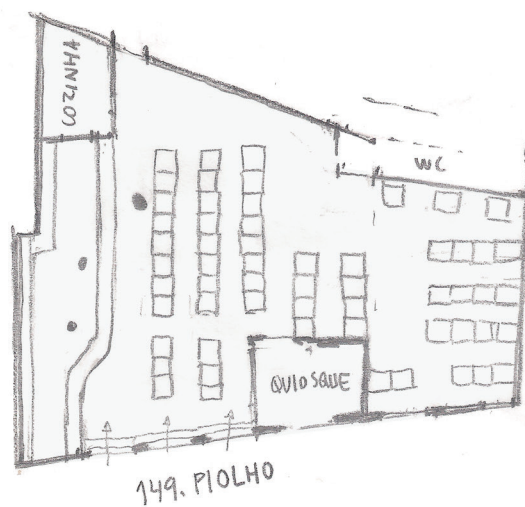
32. AVIZ



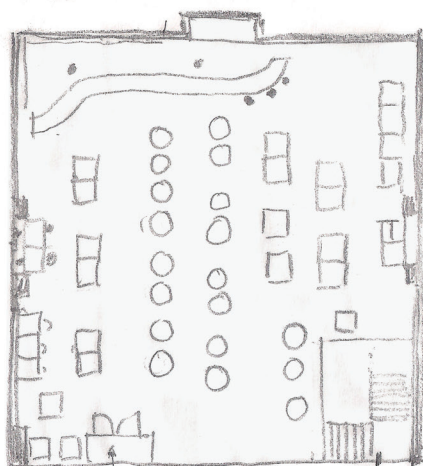
73. MCDONALDS  
ex-IMPERIAL



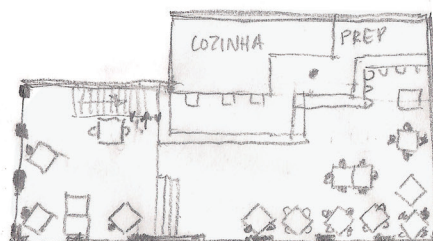
151. GALERIAS DE PARIS



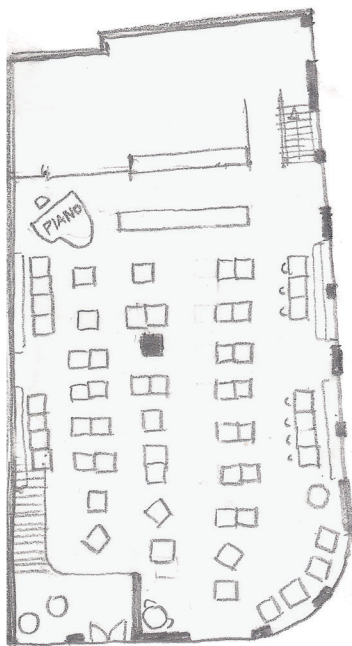
149. PIOLHO



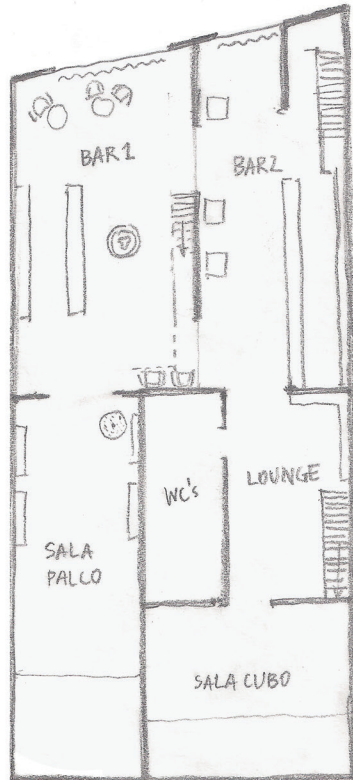
23. CEUTA



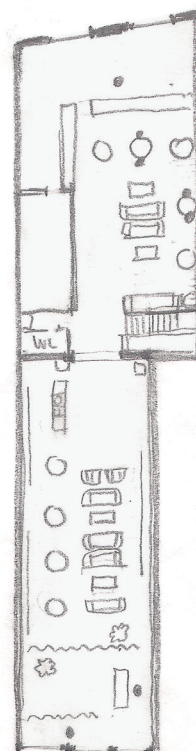
26. PROGRESSO



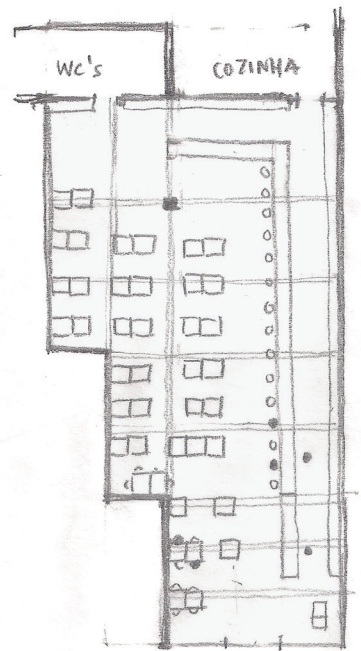
33. GUARANY



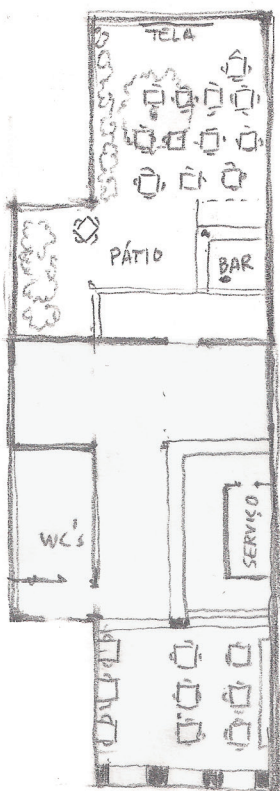
173. PLANO B  
PISO -1



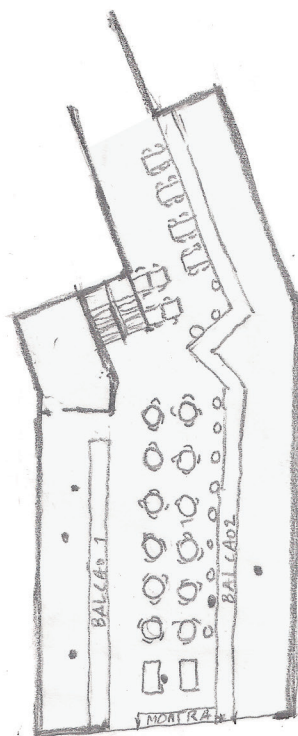
173. PLANO B  
PISO 0



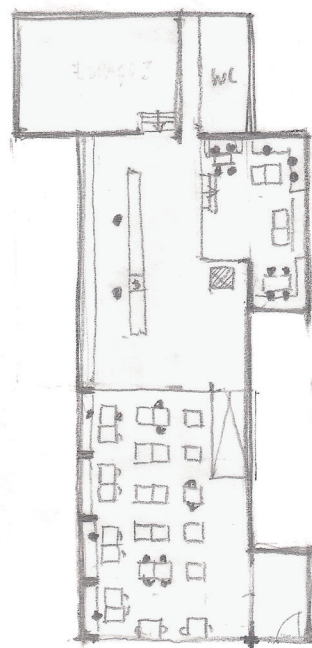
176. CAPITÓLIO



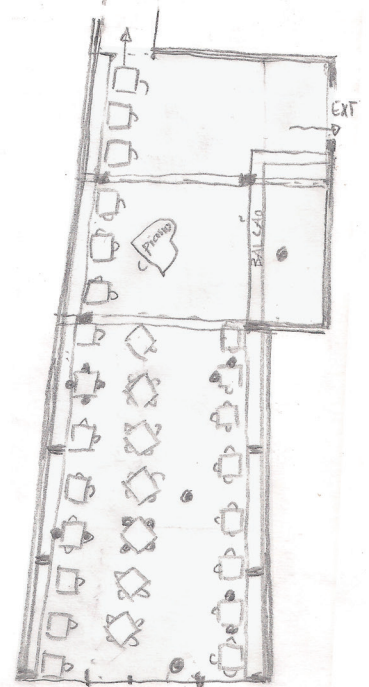
164. RÁDIO BAR



91. IMPÉRIO

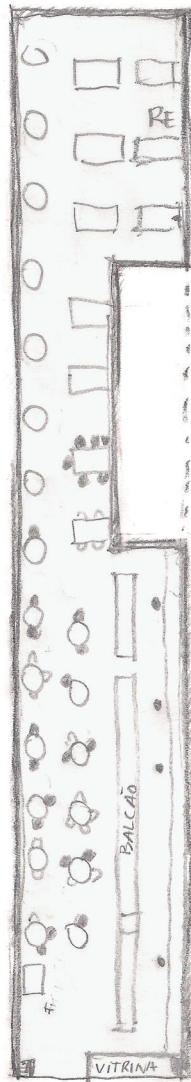


15. LOW-COST.COME

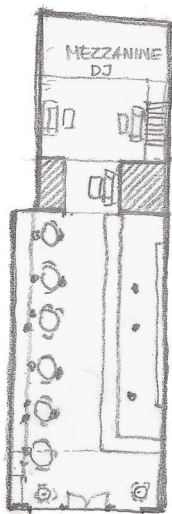


44. MAJESTIC

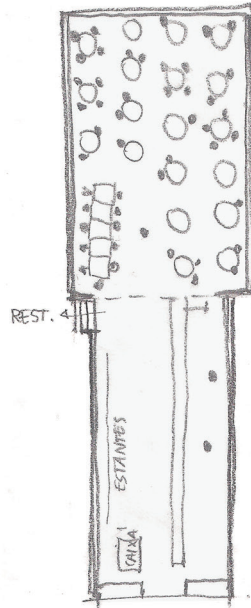




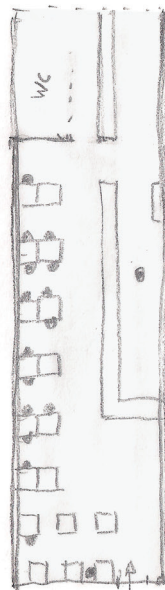
130. MENGOS



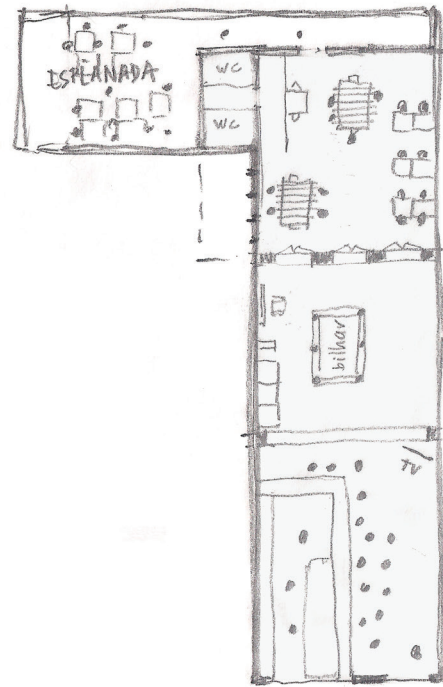
233. PORTO TÓNICO



103. CONFEITARIA DO BOLHÃO



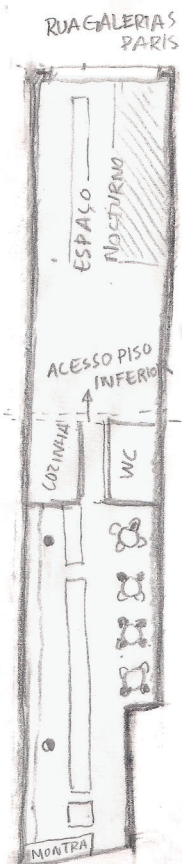
28. LEITARIA DA QUINTA DO PAÇO



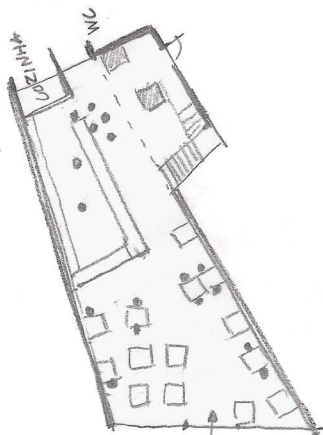
60. ESPAÇO 77



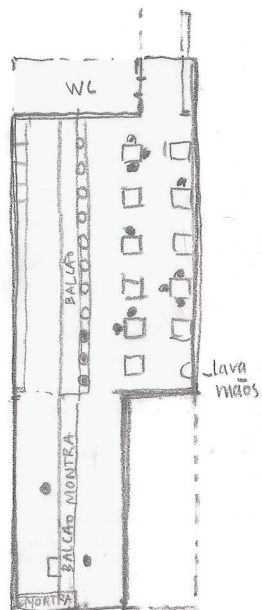
240. MUSEU D'AVÓ



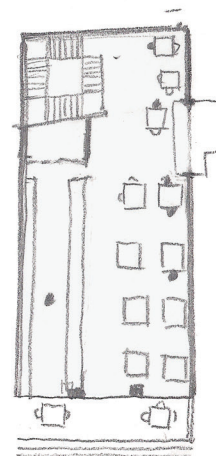
114. ITAIPU



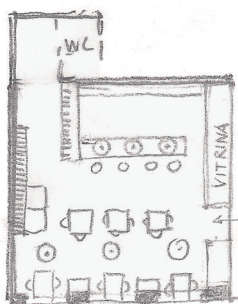
46. CHAVE  
D'OURO



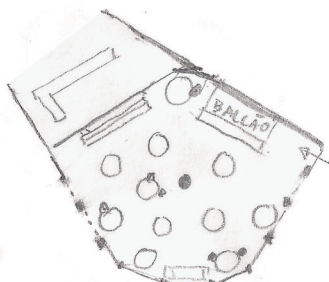
129. TUPI



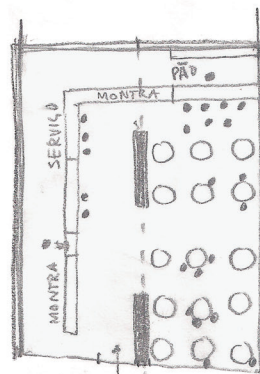
49. PORTAS DO OLIVAL



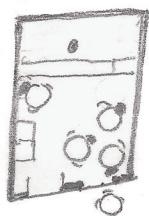
142. CANDELABRO



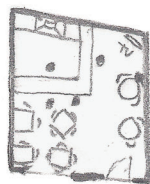
40. IL CAFFÈ  
DI ROMA



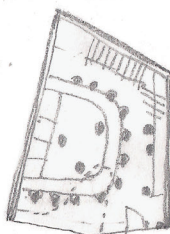
118. MURALHAS DO  
OLIVAL



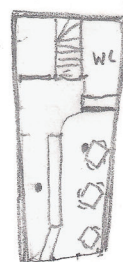
50. AS  
SOGRAS



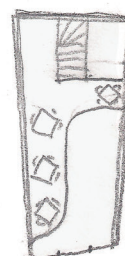
185. CASA DO  
VITÓRIA



179. GAZELA



222. BATALHA  
PISO 0



PISO 1

## FONTES DE IMAGENS:

- 1 [www.mengos.pt](http://www.mengos.pt)
- 2 [www.mengos.pt](http://www.mengos.pt)
- 3 [vilavicosaarouca.blogspot.com](http://vilavicosaarouca.blogspot.com)
- 4 <http://www.cafemajestic.com>
- 5 <http://www.cafemajestic.com>
- 6 <http://www.emmashouseinportugal.com/tag/leitaria-da-quinta-do-paco/>
- 7 [umseisum.wordpress.com](http://umseisum.wordpress.com)
- 8 [www.tripadvisor.com](http://www.tripadvisor.com)
- 9 <https://www.facebook.com/barRadio>
- 10 [myguide.iol.pt](http://myguide.iol.pt)
- 11 [www.jensschwarz.com](http://www.jensschwarz.com)
- 12 [www.globalblue.com](http://www.globalblue.com)
- 13 [jpn.c2com.up.pt](http://jpn.c2com.up.pt)
- 14 [bando-do-café-progresso.blogspot.com](http://bando-do-café-progresso.blogspot.com)
- 15 [oportoaminhaescal.blogspot.com](http://oportoaminhaescal.blogspot.com)
- 16 <https://www.facebook.com/planobclub/>
- 17 <https://www.facebook.com/planobclub/>
- 18 <https://www.facebook.com/planobclub/>
- 19 [www.the-yeatman-hotel.com](http://www.the-yeatman-hotel.com)
- 20 [www.engenhariaeconstrucao.com](http://www.engenhariaeconstrucao.com)
- 21 [www.engenhariaeconstrucao.com](http://www.engenhariaeconstrucao.com)
- 22 [www.engenhariaeconstrucao.com](http://www.engenhariaeconstrucao.com)
- 23 [diasdeumfotografo.blogspot.com](http://diasdeumfotografo.blogspot.com)
- 24 [ruisilva.com](http://ruisilva.com)
- 25 <http://talent.adweek.com/gallery/PROJECTO-VITRINA-Caf-Aviz/9371191>
- 26 <http://talent.adweek.com/gallery/PROJECTO-VITRINA-Caf-Aviz/9371191>
- 27 [acoffeeinoporto.blogspot.com](http://acoffeeinoporto.blogspot.com)
- 28 [talent.adweek.com](http://talent.adweek.com)
- 29 [apps.browserbox.pt](http://apps.browserbox.pt)
- 30 [pastelariatupi.wordpress.com](http://pastelariatupi.wordpress.com)
- 31 <https://www.facebook.com/pages/Confeitaria-Imp%C3%A9rio-III/442019392487664>
- 32 <http://outrospostos.com/guide/cidade-fisica/saborear/cafes-e-poesia-portuguesa/>
- 33 [www.oportomeencanta.com](http://www.oportomeencanta.com)
- 34 [quioske.blogspot.com](http://quioske.blogspot.com)
- 35 [www.engenhariaeconstrucao.com](http://www.engenhariaeconstrucao.com)
- 36 [www.engenhariaeconstrucao.com](http://www.engenhariaeconstrucao.com)
- 37 <http://talent.adweek.com/gallery/PROJECTO-VITRINA-Caf-Aviz/9371191>
- 38 [acoffeeinoporto.blogspot.com](http://acoffeeinoporto.blogspot.com)
- 39 <http://talent.adweek.com/gallery/PROJECTO-VITRINA-Caf-Aviz/9371191>
- 40 [batchgeo.com](http://batchgeo.com)
- 41 [jpn.c2com.up.pt](http://jpn.c2com.up.pt)
- 42 [linhasincomuns.blogspot.com](http://linhasincomuns.blogspot.com)
- 43 [www.globalblue.com](http://www.globalblue.com)
- 44 [bando-do-café-progresso.blogspot.com](http://bando-do-café-progresso.blogspot.com)
- 45 <http://tripleddesign.wordpress.com>
- 46 [ofsplendourinthegrass.wordpress.com](http://ofsplendourinthegrass.wordpress.com)
- 47 <http://www.cafemajestic.com>
- 48 <http://www.cafemajestic.com>
- 49 <http://www.cafemajestic.com>
- 50 [www.tripadvisor.com](http://www.tripadvisor.com)
- 51 <http://www.emmashouseinportugal.com>
- 52 [www.jn.pt](http://www.jn.pt)
- 53 [www.porto.tafnet](http://www.porto.tafnet)
- 54 [oportoaminhaescal.blogspot.com](http://oportoaminhaescal.blogspot.com)
- 55 <https://www.facebook.com/pastelaria.itaipunoporto>
- 56 [www.jensschwarz.com](http://www.jensschwarz.com)
- 57 <https://www.facebook.com/barRadio>
- 58 <https://www.facebook.com/barRadio>
- 59 <https://www.facebook.com/barRadio>
- 60 <http://designandoporto.wordpress.com/2011/10/21/mcdonalds-imperial/>
- 61 <http://designandoporto.wordpress.com/2011/10/21/mcdonalds-imperial/>
- 62 <http://designandoporto.wordpress.com/2011/10/21/mcdonalds-imperial/>
- 63 [www.the-yeatman-hotel.com](http://www.the-yeatman-hotel.com)
- 64 <https://www.facebook.com/planobclub/>
- 65 <https://www.facebook.com/planobclub/>
- 66 [pontoalternativo.com](http://pontoalternativo.com)
- 67 [oportoando.com](http://oportoando.com)



# BIBLIOGRAFIA

RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane – *Cidade: rumo a uma nova definição?*. Porto, Afrontamento, 2004.

SAVAGE, Mike, WARDE, Alan – *Sociologia urbana, capitalismo e modernidade*. Oeiras, Celta, 2002.

MUMFORD, Lewis – *The culture of cities*. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1970.

RAPOPORT, Amos - *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona, Gustavo Gili, 1978.

TEIXEIRA LOPES, João – *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto, Afrontamento, 2000.

PINSON, Daniel – *Usage et Architecture*. Paris, Harmattan, 2002.

TÁVORA, Fernando – *Da Organização do Espaço*. Porto, FAUP Publicações, 2004.

MARQUES, Hélder, RIO FERNANDES, José Alberto, MARTINS, Luís Paulo - *Porto – Percursos nos espaços e memórias*. Porto. Afrontamento, 1990.

RIO FERNANDES, José Alberto V. – *Porto – Cidade e Comércio*. Porto. C. M. (Documentos e Memórias para a História do Porto), 1997.

FERNANDES, José Manuel – *Arquitectura Modernista em Portugal, 1890-1940*. Lisboa, Grávida, 1993.

ANDRADE, Monteiro de – *Plantas antigas da cidade do Porto: século XVIII e primeira metade do século XIX*. Porto C. M., 1943.

DIAS, Marina Tavares, MARQUES, Mário Morais – *Porto Desaparecido*. Lisboa, Quimera, 2002.

GOMES, José Bandeira – *Rivoli Teatro Municipal. 80 anos de espectáculos*. Porto. C. M., 1993.

MESQUITA, João Mário, SARMENTO, Inês, TAVARES, Domingos – *Marques da Silva. O aluno, o professor, o arquitecto*. Porto, IMS – Catálogo de uma exposição, 2006.

CARDOSO, António – *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*. 2ª ed.- Porto: Faup Publicações, 1997.

ALVES, Joaquim Jaime Barros Ferreira – *O Porto na época dos Almadás. 1757 1804. Arquitectura*. Obras Públicas. Volume I e II. Porto, Centro de História da U. P, 1987.

FERRÃO, José Bernardo – *Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almas*. 1758-1813. Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. Porto, FAUP, 1997.

TAVARES, Rui – *A Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892 – Uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal*. Centro de estudos da arquitectura e urbanismo. Faculdade de Arquitectura da U. P. Porto, 1992.

BRANCO, Luís Aguiar – *Lojas do Porto* – Vol. 2. Porto, Edições Afrontamento, 2009.

BARATA, Francisco, PINTO, Rui – *Porto 1901 – 2001: guia de arquitectura moderna* – fascículo 8 – Rua de Ceuta. Porto, 2001.

MENDES, Manuel – *Porto 2001 – Regresso à Baixa*. Porto, FAUP Publicações, 2000.

SARMENTO E CUNHA, Paulo - *Porto 2001- Regresso à Baixa – Apresentação*. Coordenação de Manuel Mendes. Porto, FAUP Publicações, 2000.

FERREIRA MENDES, Nuno Fernando – *Cafés Históricos do Porto – Na demanda de um Opulento Património Ignoto*. 2º Ciclo de Estudos de História da Arte Portuguesa. Orientação de: Professor Doutor Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro. Porto, FLUP, 2012.

ELEB, Monique, DEPAULE, Jean-Charles – *Paris Société de Cafés*. Paris: Les éditions de l'imprimeur, 2005.

BORGES PEREIRA, Virgílio – *Café com quê?! Uma análise sobre práticas semi-públicas de sociabilidade em espaços/tempos “intermediários” da Baixa portuense*. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, 1ª série, vol. V, p.151-176, 1995.

## WEB:

<http://fims.up.pt/index.php>

[www.jn.pt](http://www.jn.pt)

<http://www.portoturismo.pt>.

<http://planobporto.net>.

<http://trocaseporarte.blogspot.pt/>

<http://esmae-ipp.pt/>

[http://indexnewspaper.info/event\\_001.html](http://indexnewspaper.info/event_001.html)

<http://www.cm-porto.pt/>

<http://www.lifecooler.com/>

<http://oportocool.wordpress.com/>

<http://artistascuradores.tumblr.com/porto>

[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_subcultures](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_subcultures)

<http://www.urbandictionary.com>)

<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/UsefulNotes/Subcultures>

<http://subcultureslist.com/subculture-theory/>

<http://www.behance.net/gallery/PROJECTO-VITRINA-Poster/9504949>

<http://www.igespar.pt/>

<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>





